D. JOÃO DE CASTRO

JORNADAS NO MINHO

Impressões, aventuras e travessuras de dois excursionistas meridionaes

LISBOA
FERREIRA & OLIVEIRA, L.da — EDITORES
132, Rua Aurea, 138

1906

JORNADAS NO MINHO

JORNADAS NO MINHO

OBRAS DO AUCTOR

POESIA

Alvoradas de Abril
Livro Branco
Alma Posthuma
O Morgadinho
Jesus
Via-Dolorosa

PROSA

Os Malditos
Morte de homem
Redempção
Jornadas no Minho
A Deshonra (a publicar)

D. JOÃO DE CASTRO

Jornadas no Minho

Impressões, aventuras e travessuras de dois excursionistas meridionaes

LISBOA
FERREIRA & OLIVEIRA, L.DA — EDITORES
132, Rua Aurea, 138

1906

a J. de Menezes, Sr., 2822 Myrtle Street
Oakland, California

AO MEU AMIGO

JULIO BRANDÃO

PROLOGO

Quando outrora me contavam histórias de princezas longos annos encantadas em alguma misteriosa alcáçova de alabastros mágicos, ficava sempre no meu espirito de creança o desejo impaciente de realizar alguma maravilha, de entrar nessa atmosphera de Sobrenatural como um paladino de damas sacrificadas, correndo inexplorados paizes — a toledana armando o braço generoso, um grande ideal florindo o coração altivo.

E promettia a mim mesmo, iniciar-me, « quando fosse homem », no segredo d'aquellas proezas, usar vestuários d'um colorido ardente, mosqueados de pedrarias, em cujas sedas o espadim de côrte de meu bisavô rutilaria com a elegancia heroica d'uma lámina temperada em remotas aventuragens de ballada.

Percorreria velhos castellos; á minha voz des-

ceriam as pontes levadiças, e as castellãs inclausuradas saudar-me-hiam — libertador invencivel! — do alto da torre de menagem com os sendaes pesados das lagrimas enxugadas.

Admirava Robinson; invejava o principe Diamante; applaudia as manhas de Ali-Baba e a coragem de Morgiana; temia o Barba Azul e festejava sempre com enthusiasmo aquelle cavalleiro heroico que atravessou com um alfange o peito do verdugo; e nunca pensava de olhos enxutos nas desditas de certa menina que a madrasta enterrou viva por deixar comer pelas folosas os figos d'uma alta figueira...

Com os meus dez annos, apagaram-se aquellas ingénuas fantasias movidas a varinha de condão, e em vez da velha aia que m'as contava, destrinçando meádas numa dobadoira que rangia, começou o padre capellão a descrever, com o seu colorido empastado e clássico, certas lendas históricas da pátria portugueza, nomeadamente aquellas que se prendiam mais ou menos com remotas tradições de familia.

Por estas práticas, que o padre declamava sermonalmente deante de alguns quadros allusivos aos episódios, logrei conhecer as façanhas dos

Monizes, de Gaesto Ansor e de outros; as desventuras de Ignez e Maria Telles; e a vingança bárbara de Rodrigo Pereira que, por certo delicto da esposa, pôz fogo ao seu castello de Lanhoso e nelle fez morrer a bella dona, seus creados, cavallos, cães e gatos. Para que a minha innocencia não perigasse, o capellão affirmava-me sempre que o delicto d'essa castellã, tão infernalmente victimada, consistira apenas em ter comido uma deleitavel pêra de sete-cotovêlos, que o marido vedára á sua gula...— Vejam quanto pode a tradição botánica da Biblia no espirito d'um padre bem intencionado! Como elle soube procurar com engenho o symbolo correspondente ao pomo que desgraçou a Humanidade numa rósea manhã do Paraizo!...— E com tanta prudencia conduzia a narrativa que nunca incluiu em nenhuma das quatro variedades de animaes que compôem o rol das victimas de Rodrigo Pereira, como devia á fidelidade histórica, o nome do fidalgo tonsurado a quem coube o papel de serpente naquella infausta reedição do drama paradisial.

A mesma louvavel astucia usava o padre capellão para poder narrar-me a historia galante do Conde de Ourem, João Fernandes de Andeiro.

Nessa, para honestar a cordeal intimidade do Conde com a rainha D. Leonor, lançou mão d'um expediente já em descrédito pelo abuso que d'elle tem feito a Mentira social: — fêl-os primos. Eram primos — tudo estava explicado: até a morte violenta de Andeiro sôb o punhal do Mestre de Aviz, até a amizade que os unia, porque emfim, conforme a velha sentença, são os primos e os pombos que sujam a casa.

Estas narrativas, que o padre localizava sempre nas veigas minhotas, para o scenário me ser mais familiar, foram germinando em mim um desejo nostálgico de percorrer todos esses recantos da Aventura antiga, interrogando velhos granitos e arvores immemoriaes de tronco carcomido. — E um dia, aproveitando a camaradagem do Alexandre Coutinho, que viéra do Porto, transido de amores, em busca d'umas aguas medicinaes, arrastei-o commigo através d'esta provincia de frescas sombras, promettendo-lhe os olhos negros d'uma prima e um tonel de agua milagrosa para afogar a dispepsia.

Comtudo, não venho servir nas páginas despreoccupadas d'este memorial bohémio os sabo-

rosos descriptivos que ainda agora sensibilizam tantos paladares abstémios de provincia, nem tampouco excavar eruditamente os veios geológicos onde ha citáneas inhumadas.

Não. Nesta jornada pisei a terra de leve, para não amedrontar raizes sensitivas nem despertar civilizações cesáreas. Limitei-me apenas a enfeixar aqui, desordenadamente, algumas impressões pessoaes, diluindo as linhas objectivas em architecturas de suggestão, e cravando-lhes ás vezes no alto, como em uma cidadella conquistada, a bandeira polychroma da fantasia.

O leitor que goste de dissertações substanciosas descanse aqui com a sua curiosidade, porque as minhas *Jornadas* não passam d'um ligeiro bater de azas através d'uma região quasi toda ennevoada pelo chimérico pó que as azas levantam...

O «jardim de Portugal» não encontrará em mim sábios desvelos de jardineiro — e é com mágua que o notifico, porque não desconheço a glória que me traria a camaradagem de tantos bachareis bucólicos que ha dezenas de annos varrem, ao longo das veigas minhotas, éclogas e malmequeres, folhas verdes e extasiados descriptivos.

Na minha travessia pelo jardim, apenas aspi-

*

rei o perfume de algumas flôres; e se ás vezes cravei os dentes num ou noutro fructo prohibido, foi sómente para refrescar a garganta e para ter o lamentavel deleite de peccar numa terra onde os missionários têm arrancado, de mistura com as arvores synderéticas, quasi todos os saudaveis regozijos do povo.

Ha muito já que a Religião e o Capital — a primeira falsificada pelo zelo de mal mascarados conventos e o segundo rebocado com mais ou menos remorsos dos sertões da America — se uniram num forte cumpliciato para estragarem a província primogenita de Portugal, comprimindo-lhe a alegria e as várzeas dentro de espessos vallos de pedra e cal; portanto que o leitor se não admire quando me vir jornadear alguma vez no rasto das liteiras avoengas, como heroe evadido das novellas de Camillo. Foi roteiro que tracei e resolução que adoptei para evitar irritações de sensibilidade — coisa feia em um paiz onde toda a gente culta estuda ao espelho o sorriso com que illude os outros.

Tão escoteiro e por tão intransitados caminhos, o peór que me pode succeder é encontrar algum loquaz ex-mercieiro do Pará monologando sobre

a «baixa de os fundos» num salão gothico com cadeiras de palhinha.

Ora isto, por trivial, apenas dará que fazer á dispepsia do meu amigo Alexandre Coutinho — e á minha, que a taes espectáculos resurge quasi sempre, não das cinzas, como a Fénix, mas de uma garrafa de águas de Vidago, coisa sem cinzas e nada mythológica.

I

O Dr. Regaleira e a sua therapeutica. — PÓVOA DE VARZIM: *seus encantos, virtudes e vicios.* — *O morgado do Carvalhal e sua filha Mimi.* — *Um coração entre as paginas d'um livro.* — *Elogio do carro americano.* — VILLA DO CONDE *e os seus monumentos.* — *Artilharia moderna e saphiras antigas.* — *A festa dos anneis, em* AZURÁRA. — *Chegada do Alexandre Coutinho.* — *É resolvida a exploração do Minho, e revelados os altos intuitos d'ella.*

No verão de 1893, depois d'uma lastimosa época de anemia e melancolia, o meu medico, o famoso dr. Regaleira, aconselhou-me, com a despótica imponencia do seu profundo saber, o uso quotidiano de banhos do mar. E accrescentou com finura que, dentro do pátrio Minho, a praia naturalmente indicada era a da Póvoa de Varzim — porque, para me curar da anemia, tinha aguas bem

tónicas e salinas, e para me curar da melancolia, tinha ruído, multidão, cafés cantantes e banhistas de coração accessivel.

— O meu amigo toma o seu banho de manhã, almoça um succulento bife, passeia, namora, joga o cróqué, janta fartamente, toma o seu café, torna a namorar, applaude os artistas dos concertos, arrisca dez tostões na rolêta, toma uma chicara de chá, come uma torrada, e recolhe ao leito para dormir, d'um somno só, até ao dia seguinte.

Tal era o programma que me impunha o sábio. Eu observei que devia sêr monótona tal vida, mas que amparado por três ou quatro livros interessantes, sempre poderia resistir um escasso mez.

O grande homem porém insurgiu-se.

— Nada de livros! — berrou elle. — Ar, ar, é do que precisa o seu cerebro! Leve só uma mala de mão com a roupa indispensavel. Não leia nada: nem o *Janeiro!* Mande bugiar o intellecto e cuide do physico, que está arrazadote. Se assim não fizer, está perdido!

Aterrado, parti nos principios de julho para a Póvoa de Varzim — e hospedei-me melancolicamente no Hotel Universal. O meu quarto, escolhido depois de estéreis hesitações, tinha duas janellas para uma rua estreita e tumultuária que me disseram ser a da Junqueira. O pôsto era excellente para tentar o programma do dr. Regaleira: na frente havia um café onde todas as noites se

garganteavam aperitivas musicas hespanholas; por baixo, no proprio prédio do hotel, um outro botequim onde um piano, uma rabeca, uma flauta e um violoncello celebravam, até ás duas horas da manhã, solemnes e somnolentos trechos de óperas.

Cada vez mais triste, comecei a banhar-me todas as manhãs no oceano, amortalhado em um fato de casimira azul que comprára, pelo dobro do preço legal, a um negociante da praça de Almáda. E os dias começaram a deslizar vagarosos e bocejados, segundo o abstersivo programma do dr. Regaleira.

Depois do banho almoçava, sem appetite, á mesa redonda do hotel; passeava, sem forças para andar seguidamente um kilómetro; e namorava sem geito nenhum para me fazer amar... Ao caír da tarde jantava murchamente entre exuberantes capitalistas e insaciaveis proprietarios; depois lá ia beber uma honesta chavena de café no *Chinez* ou no *Luso-Brazileiro*, com os olhos cravados no tablado onde havia uma dama vêsga que todas as noites cantava, com nostálgicos desfallecimentos, um adeus ás distantes terras da pátria:

> Siérras de Graná-á-á-á-áda!
> Montes de Aragó-ó-ó-ó-ón!
> Tiérras de mi pátria
> Para siempre adiós!

Quando me parecia sufficiente a provisão d'aquelles gorgeios analépticos, ia discretamente até á salinha escusa onde, sob uma atmosphera quasi irrespiravel, de fumo de tabaco, se jogava a rolêta, — e arriscava therapeuticamente as duas placas prescriptas pelo médico.

Comtudo, ao cabo de quinze dias, esta difficil submissão não tinha ainda dado um só dos resultados promettidos; ao contrario, o ruido, a alegria tumultuosa dos outros, como que isolavam mais o meu coração triste — e quando todas as manhãs, na praia, recolhia á minha barraca de lôna com o fato encharcado, vinha derreado e vacillante como se trouxesse sobre os hombros todo esse vasto e impetuoso mar.

Eis a razão por que um dia, já fatigado de esperar debalde, deliberei experimentar os resultados da Desobediencia, e logo, para começar, fui ao Porto fazer uma ampla provisão de livros.

Durante uma semana li com gula na praia, na mesa, na cama e ao longo das estradas arrabaldinas. A minha vida nunca mais teve ordem: banhava-me, comia, passeava e deitava-me com uma irregularidade bravia de servo revoltado.

Um dia, uma menina que estava hospedada no hotel, a Mimi Bandeira, herdeira afamada do celebre morgado do Carvalhal, pediu-me um romance emprestado e acceitou, entre as páginas suggestivas da *Chartreuse de Parme*, uma carta em

que eu lhe confessava arrebatadamente a terrivel chamma de amor que os seus olhos azeitonados tinham ateado no meu coração.

Comecei então a reviver. Em companhia da Mimi e do pae, que já me chamava affavelmente «primo Vasco de Montarroyo», visitei, com a auctoridade d'um millionário philantrópo, a casa da camara, obra famosa de Francisco de Almada, com o seu rodapé de arcaria e o monstruoso aleijão de pedra que na sua cimalha ostenta as armas portuguezas; admirei a architectura toscana da matriz e a fortaleza que defende a enseada com o apparato béllico dos seus quatro baluartes desartilhados; o hospital, o quartel dos bombeiros e outras estações onde véla o diligente progresso da villa.

Depois as nossas excursões ampliaram-se. Modestamente, conhecendo, como lidimos minhotos, os beneficios da economia, começamos a emprehender extensos passeios a pé através das povoações limitrophes; mas volvidos alguns dias de saciedade e fadiga, ponderamos que era breve e falho de gozos o caminho da existencia, e abalançando-nos á despeza d'um pataco por cabeça, fômos a Villa do Conde no carro americano que liga as duas villas vizinhas.

Este carro é sympathico. A constancia com que ha dezenas de annos affirma a sua utilidade, tem qualquer coisa de heroico e memoravel. No

inverno quando, sob as chuvas chicoteantes da beira-mar, cumpre impassivelmente a sua obrigação, ao chouto das mulas nostalgicas, sem um unico passageiro que o procure, lembra um d'estes velhos philósophos que através de desprezos e apupos vão prégando sem desfallecimento o seu alto ideal.

Em Villa do Conde a poesia popular, impressionada, já lhe abriu um lugar de honra no seu interessante cancioneiro. Em romarias ou bailados campestres, o *Carro Americano* canta-se e dansa-se a par da *Canninha Verde,* do *Regadinho* e do *Malhão,* acompanhado pelo estralar das palmas no expressivo retornello:

Oh ai! oh ai!
Oh ai, meu bem!
O carro americano
Vae p'r'a Póvoa sem ninguem!

No verão, porém, é admiravel a sua desforra. As carreiras multiplicam-se; ás vezes os preços elevam-se; e sempre — premidos nas bancadas interiores ou nas plataformas — os passageiros enxameiam como moscas em torno d'um prato de doce.

Nessa amoravel tarde de agosto quando abanquei, com o Bandeira e a Mimi, no ultimo assento d'um «fumista» (como lá chamam aos carros abertos) apenas um grosso ecclesiastico dormita-

va a um canto, e uma professora franceza tagarellava com três creanças rebeldes aos «voyons!» e «soyez sages!» com que procurava domál-as.

Os três kilometros da estrada que liga a Póvoa a Villa do Conde, estão já guarnecidos, em quasi toda a sua extensão, por novas edificações; a travessia dá pois a impressão d'um passeio por uma longa e alegre rua urbana. Apenas ao poente, algumas campinas, ainda virgens de construcções modernas, deixam livre o panorama da costa aonde o mar tece, sobre a areia loira de pequenas dunas, uma renda subtil e chimérica. O ambiente, sempre lavado por uma saudavel aragem salina, completa a doçura d'essa jornada de quinze minutos.

Em Villa do Conde descemos no Campo da Feira, uma vasta praça sobranceira ao Ave, perto das rampas que dão accesso á feia e forte ponte metallica que abre passagem para Azurára.

O Bandeira gostou d'esta ponte. Elogiou, a propósito d'ella, a indústria nacional, e recordou os tempos ominosos em que a travessia do Ave era feita por uma ponte de madeira que a corrente do rio, na época das marés vivas, fazia oscillar como barca mal ancorada.

Mas a Mimi, desinteressada, volvêra os olhos para um enorme edificio que no ponto mais elevado da villa ergue para o céu as suas vetustas paredes senhoriaes.

Era o convento de Santa Clara.

Ao vêl-o tem-se a impressão de que uma estranha geração de gigantes precedeu as nossas derradeiras gerações. É monumental. As suas três ordens de janellas gradeadas parecem feitas para receber dos largos céus as maióres visões da fé ou as maióres illusões da liberdade.

Ao centro, sobre um frontão em cujo tympano se percebem as linhas confusas d'um baixo relevo, uma Santa Clara collossal, montada num collossal elephante, parece abençoar, com a enorme cruz que tem na mão alçada, tudo que a cérca — desde o mar rumuroso e distante até aos ninhos de verdura e tectos humildes que se abrigam á sombra do seu esplendido palácio. D'aquella altura, em dias claros, avista-se o santuário do Bom Jesus do Monte, segundo o testemunho auctorizado do Bandeira. Perto da Santa, completando a guarnição da espessa platibanda de granito, ha grupos de enormes vasos que se repetem nos angulos do edificio, separados por grandes topes de pedra, vagamente triangulares, com um castello insculpido no centro. Ha annos, numa noite de temporal, um d'esses gigantes da archictetura avoenga, desequilibrando-se, tombou para o interior da casa e, arrombando velhos soálhos e vigas centenárias, foi esmagar no seu leito de entrevada a ultima abbadessa.

Emquanto o morgado do Carvalhal me narra-

va estes successos memoraveis, eu deixava errar a vista pelo lindo aspecto da paizagem ribeirinha.

Para lá das águas do rio, que uma túrgida maré encapellava, estendiam-se, subindo unidamente para o sul, campos de trigo loiro e milho verde, mal pendoado ainda. E esse amoroso sorrir de terra fértil e trabalhada, ia dissolver-se á direita na névoa azul em que ronronava o mar, e á esquerda no sinuoso espinhaço de casas que forma a villa de Azurára. Sobre as areias cálidas da margem opposta havia grandes rumas de madeira, complicadas armações de estaleiro, — e dezenas de operarios moviam-se como formigas em turno do cavername enorme d'um hiate.

O Bandeira então fallou com saudade do tempo em que d'alli sahiam, embandeiradas como bergantins reaes, airosas embarcações mercantes tripuladas por moços a quem o misterio do mar seduzia. Uma fervorosa actividade animava nessa época as duas margens — e não raro em Villa do Conde e Azurára se aprestavam ao mesmo tempo quatro a seis navios que iam levar ao novo mundo a fama dos seus estaleiros.

— Tudo acaba! — ponderou o circumspecto morgado, com a solemnidade de quem grava uma inscripção para os pósteros.

— E aquella capellinha, alem?... — perguntou a Mimi.

Era tambem na outra margem, a montante da

ponte. No cume d'um desmoutado outeiro marginal, uma ermida caiada erguia solitariamente o seu perfil humilde, á sombra d'uma grande árvore.

— É a capella de Santa Anna — explicou o Bandeira.—Tem uma linda vista.

Devia ter. E assim humilde, com as suas paredes mal caiadas, a portaria em arco apenas defendida por uma tosca grade de madeira, pareceu-me infinitamente mais espiritual, mais religiosa, mais visinha de Deus, que esse monstruoso e ostentoso convento em cujas grossas paredes ha não sei que tyrannia senhorial, que revolta.

Lentamente, guiados pelo Bandeira, seguimos a linha irregular do caes, em direcção á barra. Em baixo, nas lingoêtas, lavadeiras cantavam batendo a roupa ensaboada. No rio, cheio por um forte preamar, deslizavam pequenos barcos veleiros. Num escalér branco, com uma vaga prôa de gôndola, algumas senhoras de cabellos á brisa faziam chapinhar na água, entre risos argentinos, os recurvos e flexiveis rêmos de faia.

Adeante, em pleno estaleiro, onde se construia uma chalupa, admiramos o pelourinho. A Mimi Bandeira, aterrada pela espada de ferro que uma mão de ferro empunha no alto da columna, perguntou a tremêr «se aquillo era a fôrca»...

Tranquillizámol-a, explicando com bastante fantasia o papel quasi sempre pacifico que o pe-

lourinho, padrão de autonomia concelhia, representava no tempo dos nossos avós.

E assim, morosamente, na companhia da água, chegamos á ermida da Senhora da Guia, especie de fortim construido sobre os rochedos da barra.

O Bandeira disse-nos a antiguidade d'esse templo, primitivo oratório dos fundadores affonsinos do convento de Santa Clara. É uma capellinha interessante em cujo tecto apainelado, que dizem ser obra de D. Duarte, ha ainda vivas, nas suas côres centenárias, algumas curiosas pinturas.

Ao lado, dominando a embocadura do porto, ergue-se um farol. Visitando-o, e mirando as rochas negras e rendadas onde, ao fundo, um mar languido batia, o pae da Mimi, sempre instructivo, explicou-nos que aquella plataforma fortificada, em que nos achavamos, paredes meias com a Senhora da Guia, era o unico posto de defeza da barra antes da construcção do castello que perto de alli espapaça ao sol as velhas muralhas, inuteis e musgosas, guarnecidas de grossos troncos de pinheiro torneados em forma de peças de artilharia e decorosamente pintados a rôxo-rei.

De longe vimos as bocarras negras d'esses temerosos engenhos de guerra. Coitados! pareciam bocejar no lento apodrecer d'aquella comédia béllica!

Quando regressavamos á villa, o Bandeira,

absorto, não cessava de esgaravatar a areia com o seu sisudo guarda-sol de canna. A attenção que elle fixava naquelle exercicio, impressionou-me — e solicitamente inquiri se o meu cicerone e companheiro tinha perdido alguma coisa.

— Nada; não senhor. É que, segundo conta o padre Carvalho, aqui d'antes appareciam safiras de grande valor e...

Oh poder da cubiça! Ainda o facundo homem não tinha concluido, já a Mimi e eu, agachados, esgaravatavamos tambem, como gallináceos famintos, as areias doiradas.

Mas d'essa inglória busca nem mesmo um misérrimo seixo assafirado logramos recolher; apenas a Mimi, para colorir o desaire, guardou um pequenino búsio côr de rosa — que mais tarde me offereceu a occultas do penetrante olho paternal.

Depois d'essa fatigante caminhada, como a Mimi se queixasse, abancamos repousadamente em volta d'uma mesa do café da Avenida, esponjando copiosos refrescos, — e já a tarde declinava quando alvoroçadamente corremos a epilogar as nossas escrupulosas investigações de turistas.

Acompanhando a custo o passo militar do Bandeira, atravessamos a villa, demandando a egreja matriz que o facundo homem nos gabára como um dos mais notaveis exemplares de architectura manuelina da provincia.

— Pelo menos é a opinião dos entendidos —

condicionou elle, sem rodeios. — Cá por mim não sei se é manuelina, se é affonsina. Velha é que ella é!

Sim, velha. Velha e interessante. A sua frontaria, profusamente ornamentada, tem grandeza bastante para servir de máscara ao bello e vasto templo que, transpôsto o guardavento subjacente ao côro, se descobre.

Com três naves separadas por altas e elegantes arcarias, a sua capella-mór de collegiada, aonde se alinham ainda as estadélas dos beneficiados, as suas velhas talhas, os seus velhos granitos e o grande numero dos seus altares, essa egreja tem o vago aspecto d'uma cathedral saudosa de remotas pompas litúrgicas.

Deixando-a, insinuámo-nos entre as arvores da praça de S. João, subimos a calçada de S. Francisco — e ainda não tinhamos attingido bem a pequena esplanada onde ella desemboca, quando o Bandeira clamou:

— Ahi está o famoso aqueducto!

Famoso, de certo — e justamente. O seu grosso espinhaço de granito, já nós o conheciamos dos nossos passeios pelos arrabaldes da Póvoa. Com os seus 999 arcos perfilados numa linha de 5 kilometros, este aqueducto monumental, que as freiras de Santa Clara conceberam e mandaram fazer ao italiano Filippe Terzio, merece bem a fama que o emparelha com o das Aguas Livres.

Admirando de perto o monstro, penetramos na egreja do convento. A luz agonisante d'aquelle fim da tarde estival a custo nos deixou vêr algumas das preciosas alfaias que ainda nesse templo se conservam. Comtudo, pudémos ainda apreciar as valiosas talhas que vestem as paredes; o pulpito de pau santo; a capella manuelina onde D. Affonso Sanches e sua mulher, fundadores do convento, assistem, encarcerados nos seus pomposos mausoléos, ao fim d'uma obra que elles julgavam eterna; e descobrimos mesmo, através das grades doiradas do côro inferior, esse outro mausoléo onde D. Brites, filha de Nunalvares, parece exilar-se voluntariamente d'um mundo que, longe de invocar as virtudes de seu pae para exemplo e estimulo, apenas as relembra entre inexpressivas fórmulas officiaes, para documentar uma bula de canonização!

Á saída, como um forte e sanguineo crepúsculo affogueava ainda o céu e o mar, o Bandeira lembrou que talvez houvesse tempo de ir á capellinha do Soccorro — não para vêr o templo, que não merecia as honras d'uma visita especial — mas para admirar o largo panorama que se descobre da plataforma que o circuita. De longe, mostrou-nos esse afamado miradouro. Vimos num ponto elevado, sobranceiro ao caes, comprimida entre humildes casas, uma pequena construcção abarracada, cujo zimborio, hemisphérico e branco,

nos deu a impressão d'um ôvo collossal alli deixado por alguma fabulosa ave antediluviana. Desanimamos — e logo a Mimi e eu procuramos contrariar maciamente os designios do aventuroso morgado. Ella lembrou-se de que necessitava ainda de comprar algumas peças das afamadas rendas da villa; eu evoquei os conselhos do dr. Regaleira e pretextei fadiga. Vencêmos. Pouco depois, acantoádos novamente no americano, recolhemos á Póvoa.

Com estas audácias de turismo, arrijou-se-me o corpo e desanuviou-se-me a alma. Infelizmente nos primeiros dias de agosto o prestantissimo Bandeira fallou em regressar com a linda Mimi ao seu solar do Carvalhal. O meu pezar foi grande. Como porem a admiravel rapariga manifestasse o desejo de assistir á festividade de Nossa Senhora das Neves, em Azurára, «a festa dos anneis» — assim chamada pelo poético costume tradicional de nella trocarem anneis as pessôas que se estimam — ainda gozei, durante oito dias mais, essa deleitosa camaradagem.

E num domingo de sol canicular, lá fui com o pae e a filha ao arraial da Senhora das Neves, onde comprei, para presentear a Mimi, um delgado aro de oiro com a inscripção: — *Amor firme só o meu* — na face interior, e para ornar o grosso fura-bolos do Bandeira, uma larga cinta de prata com um primoroso *B* góthico gravado na testeira. Em pa-

ga de tão finas lembranças recebi tambem: do pae, um annel de plaqué com uma lyra engrinaldada de loiros, e da filha uma joia inestimavel, que ella fingiu comprar no arraial mas que em verdade tinha sido fabricada secretamente num ourives da Póvoa. Era uma grossa, possante argola de oiro, simulando uma cobra enroscada em cuja bocca se engastava, com primoroso artificio, um d'esses búsios minusculos que o mar deixa nas praias, conhecidos vulgarmente pelo nome de «beijinhos». Na face interior d'esse forte élo d'oiro, que era polida e brilhante, achei discretamente dissimulada a seguinte inscripção: «Que este annel lhe dê o que eu por ora lhe não posso dar.»

Um beijo! A Mimi, a pudica Mimi, mandava-me um beijo! Empedrei, attonito — e se não fiquei de todo contente e lisonjeado foi porque aquelle «por ora» me pareceu de máu agoiro, matrimonialmente fallando. — Que teia de chimeras estaria urdindo a cubiçada herdeira do Carvalhal sobre o nosso innocente galanteio aquático?...

Aquelle «por ora» deu-me que pensar. E só me convenci bem da inutilidade d'esse annel, d'essa concha symbólica e d'essa phrase oracular, quando, volvidos alguns annos, soube que a romanesca rapariga tinha casado opulentamente com o Visconde de S. José Lopes Junior.

A partida do Bandeira para o alto Minho rea-

vivou em mim um antigo e nunca satisfeito desejo. — E se eu, desobedecendo mais uma vez ao dr. Regaleira, tentasse uma jornada preguiçosa e voluptuosa através d'esse Minho cantado pelos vates, enaltecido pelos agricultores e procurado por todos os que necessitam da alegria da natureza como d'um tónico moral?...

Nisto meditava ainda, oito dias depois, divagando soturnamente pelo Passeio Alegre, quando o meu amigo Alexandre Coutinho, velho e querido camarada, appareceu de súbito deante de mim, a barba fulva e mefistofélica rutilando mais sobre as flanellas claras do seu fato vernal.

Eu só encontrei um superlativo para desabafar a alegria que me invadiu:

— Oh, Alexandrissimo!

E alli, perante a Praia janota, que digeria e namorava, abraçamo-nos como dois emigrados que se reencontram em paiz hospitaleiro e livre.

— Mas que fazes?! A que vens? Que bom vento te trouxe a estas paragens?!...

O Alexandre então explicou-se. Estava dyspéptico e viéra á Póvoa procurar o celebre dr. Formosinho, que lhe haviam indicado como um chavão em males relacionados com o apparelho digestivo... Chegára no dia anterior e já fallára com o famoso homem — que lhe tinha receitado certas aguas milagrosas, largos passeios, movimento, distracção...

Já adquirira as águas, já mesmo iniciára caudalosas libações; faltava-lhe só um pretexto para caminhar, jornadear fóra da vulgaridade snóbica das praias e das thermas... Um pretexto e um amigo!...

Eu abri os braços, effusivo:

— Amigo, aqui o tens! Pretexto, facil é arranjál-o. Vamos explorar o Minho!

Mas o Alexandre não participou do meu enthusiasmo.

— A bôas horas te lembras d'isso! — exclamou. — O Minho está explorado, no moral e no physico. No moral, pelo Missionario; no physico, pelo Brasileiro. O primeiro tem-lhe contrafeito a alma; o segundo, o corpo. E uma natureza que começa a comprar bula para poder nutrir-se de adubos fortes e a aprender arithmetica para comprehender a transcendencia das operações cambiaes... Prefiro Traz-os-Montes, com as suas collinas bárbaras e penitentes, a simplicidade pastoril dos seus costumes rústicos, a sua natureza sem sacrificios nem hypocrisias!...

Eu condescendi logo, enfiado:

— Está claro. Traz-os-Montes tem outra grandeza. É severo. Lembra o Herculano. Mas, para uma curta digressão de prazer, o nosso Minho serve á maravilha. É amavel, acolhedor. Um pouco peralvilho, é certo... Procurando bem,

entretanto, ainda encontraremos bellas e suggestivas coisas.

— Sim, para passeio de ociosos, serve! — rosnou o meu intransigente amigo.

— Pois bem: sejamos ociosos! Sejamos mesmo peralvilhos, sensuaes... É bom experimentar um pouco de tudo, especialmente quando se nasceu sôb o bello sol d'um paiz meridional!

E como o Alexandre, insensivel á minha peroração, não respondia, tornei:

— Está combinado, hein?

— Pois sim. Talvez tenhas razão! Já varias vezes tenho pensado em que a estupidez deve ser deliciosa! Façamos pois uma jornada hilariante, material, gostosa...

— Assim seja! — applaudi, exultante. — E partimos amanhã?

— Amanhã, não; mas por toda esta semana, com certeza. E, para socego da nossa consciencia, creio que devemos começar por Braga.

— Está claro! É dever civico e religioso. O Minho sem Braga seria como um ôvo sem gemma. É por lá que devemos começar!

— E lá nos inspiraremos para a escolha do itenerário.

— Amen!

E para festejar este saboroso pacto, fômos cervejar com abundancia e antimedicinalmente ao café Chinez.

II

Braga.—*Ninette: seu apparecimento e história. — Virtudes do parentesco e do pão-de-ló coberto. — Visita á Sé. — As alfaias e os sapatos do arcebispo D. Rodrigo de Moura. — O jardim de Santa Anna. — Innocencio Aranha, o «gato-bravo». — Peregrinação a lugares e monumentos notaveis. — Um almoço campestre. — O Quinques. — Prado. — Um mortório. — Banquete original. — A oração do garfo. — Devaneios ao luar. — O suicidio do Alexandre e o seu salvamento. — Um desejo de Ninette. — Algumas considerações substanciosas sobre o pitoresco do Bom Jesus do Monte.*

Oito dias depois abalamos para Braga.

A cidade, tão familiar aos nossos olhos, dormitava sob o mais lindo dia de sol d'esse verão. Nos sinos da Sé, havia um badalar solemne, que o ar macio e a pureza do céu tornavam quasi festival.

Padre Barrosas, um velho conhecido que encontráramos no comboio e nos acompanhára á ci-

dadella dos arcebispos para concluir certos negocios na Relação Ecclesiastica, traduziu-nos a linguagem do bronze, explicando não sei que memoração da Egreja; e dentro do seu dever de padre e de cicerone, accrescentou:

— Logo, se quizerem, podemos ir á Sé. Tem muito que vêr: muita riqueza e muita religião. E' coisa grande.

Já o Alexandre, tomando a sério o seu papel de turista, affirmava que não deixaria de ir espiritualizar os olhos profanos nas sumptuosidades hereditarias dos Primazes, quando a meio do Campo da Vinha, esbarramos com uma galante rapariga, loira e leve, uma graça de andorinha no esvoaçante vestido vernal, que apenas fixou em nós os seus curiosos olhos azues, teve uma espontanea exclamação de alegria:

— Ah! Vive Dieu!...

E com um sorriso quasi tão fresco como o ramo de cravos que trazia na cintura, pousou, ao mesmo tempo, nos nossos hombros, as suas mãos transparentemente enluvadas em seda branca.

— A Ninette! — exclamamos nós. — Que diabo fazes tu em Braga, Ninette?...

O Alexandre abria os braços, expansivo, sem attentar no padre Barrosas, que desembolsára o seu lenço de ramagens vermelhas, e escondia nelle a face indignada.

A Ninette, florsinha galante de Bordeaux, que

outrora déra o perfume da sua graça feminina a um pequeno cenaculo de poetas, ao qual ambos nós tinhamos presos dois annos de enthusiasmo, explicou-nos a sua apparição na cidade austera onde as rosas sensuaes só desabrocham a estimulo de algum pituitoso «vinagrinho» sacerdotal. Viera bucolisar para o Bom Jesus. Solitariamente, sem amante, já se arrependera porque, passados os primeiros momentos de imprevisto, tinha absurdos tédios durante o dia; e como estava só, faziam-lhe mal os poentes nostalgicos, na sombra sentimental das carvalheiras, onde o silencio era perturbado por chorosos ruidos de agua...

— Foi uma felicidade encontrar-vos — rematou ella, infantilmente. — Já vos não deixo!

— Mas, menina, — atalhei eu, em voz baixa, — nós temos cousas graves a tratar... Umas visitas... Bem vês quem nos acompanha...

O meu olhar designou furtivamente o padre Barrosas, que se afastára de nós, e parecia mirar, com absorvente preoccupação, uma garrida vidraça de confeiteiro.

— Oh, diabo! Já me esquecia o padre!... — bradou o Alexandre. — Estamos perdidos!

A Ninette comprehendeu a situação, e elevando a voz de modo que o clérigo pudesse ouvil-a, exclamou, com uma seriedade que fazia cócegas na nossa surpreza:

— Oh, primo Alexandre! Então já quer dei-

xar-me? Nem sequer me promette uma visita?...

O resultado do ardil foi rapido: Barrosas, o concentrado Barrosas que parecia meditar os segredos transcendentes do pão-de-ló coberto, ergueu irreprimivelmente os olhos do mostrador, e fixou-os em nós com crasso espanto, apenas ouviu a phrase da rapariga. O Alexandre, então, para nos reintregar na veneração do padre, rematou o colloquio, apresentando-lhe sua prima Eugenia Ninette... — E o pobre homem, atarantadissimo, apertou entre as suas mãos catholicas, a peccadora e radiante luva da commensal dos nossos antigos festins bohémios, dobrando galhardamente o joelho, numa mesura de velho ceremonial.

Mais tarde, quando nos achamos sós, á mesa d'um hotel, em frente dos bifes do almoço, Barrosas, com insoffrida curiosidade, perguntou ao Alexandre:

— Ouça lá, senhor Coutinho... Aquillo de Ninette é mesmo nome da senhora sua prima, ou é coisa de brincadeira?...

— Eu lhe digo... — gaguejou o Alexandre. — Ninette, vem a ser... vem a ser um nome de familia... Porque esta minha prima tem costella franceza, pelo pae... Chamava-se Charles... Charles Ninette... Homem celebre... Morreu almirante...

— Então o seu parentesco vem a ser pelo lado da mãe...

— Exactamente! A mãe d'ella era minha tia, a tia Felisbella... Santa senhora! Morreu de parto.

— De modo que está a senhora sua prima só no mundo.

— Só? Está muito bem acompanhada!... Tem uma parentela numerosissima. Muitos primos... E é já viuva de dois maridos, ali onde a vê!...

— Cáspitè! Ninguem dirá!

— Pois é verdade. E se não fosse o receio, que tenho, de me succeder outro tanto, o terceiro marido d'ella seria eu!

— Sim, senhor. Muito me conta. E pelos modos é senhora de muitos têres...?

— Muitos. Quasi tudo papel. Tem perdido bastante nos bancos.

— Ah! não ha como os bens de raiz!...

— Pois os d'ella, são todos de estaca.

— De estaca?!...

— Sim... Quero dizer: bens fluctuantes, que não ganham raiz...

— Ah!

Na tarde d'esse dia, fomos á Sé, onde um mellifero servo de samarra escura, á voz auctorizada do nosso companheiro de acaso, desengavetou, sôb os nossos olhos curiosos, todo o bric-à-

brac que a Cathedral, tantas vezes viuva dos seus primazes, conserva como árras honorificas d'essas immoderadas núpcias.

Durante os momentos em que assistimos á exhumação de velhas preciosidades, Barrosas não cessava de nos indicar, com ufanos louvores, os sapatos de certo arcebispo, — obra maravilhosa que elle filiava na habilidade dos bemaventurados Chrispim e Chrispiniano, sapateiros que, pelo visto, continuam a sua industria no céu, sentados á mão direita de Deus-Padre. — Ah! mas quando os sapatos prelaticios surgiram d'um gavetão de velhos paramentos, conheci a insidia! Chrispim e Chrispiniano nada tinham que vêr com aquella obra de amaneirado chinezismo; aquillo era uma poesia de Fernando Caldeira!

Vates parnasianos do meu paiz, que cantaes os pés das baronezas, desgastados em proveito dos joanetes dos barões; — janotas da redondilha, que tendes feito de beijos lyricos os tapetes das alcovas onde se perdem os pés nús das vossas amantes; — vós todos, os que tendes recortado, em boas rimas, algumas meias solas de Ideal: — se alguma vez fordes a Braga, compatriotas meus, não falteis a admirar o Adão e a Eva do vosso Éden espiritual, sôb a forma do sapato e da sapata com que o arcebispo D. Rodrigo de Moura celebrava as suas missas solemnes.

Á volta da Sé, com os olhos já empoeirados por essa viagem através d'uma região entristecida pela cinza vaidosa de dezenas de arcebispos, viemos encontrar o jardim de Santa Anna hilariado pelas damas da cidade, que ali se reuniam e arrulhavam, emquanto a banda do 8 espalhava no ambiente, em volutas insidiosas, a serpentina valsa do *Fausto*.

Em frente da Arcada, o Alexandre estendeu a mão ao capellão:

— Adeus, padre Barrosas, rese por mim, que vou perder-me...

— Como?!

— Ouve aquella música?.. É a história de um pacto que fiz com Mefistofeles, meu irmão mais velho. Adeus. Vou conquistar Margarida!...

E emquanto Barrosas, sôb a Arcada, ficou a meditar os complicados garfos collateraes da linhagem do Alexandre (primo de Ninettes, irmão de Mefistofeles!...) nós, com um elegante pó de turistas na farpella, penetramos no jardim.

A primeira coisa que notamos, com perdoavel desvanecimento, foi que os olhos das damas nos fixavam com curiosidade. As barbichas do Alexandre, sobre tudo, doiradas pelas luz estival daquella tarde, levantavam nos grupos femininos um cochichado e alvoroçado rumôr de vozes. Por um momento, julguei que Braga, o macisso es-

teio da fé lusitana, nos ia expulsar ignominiosamente do seu jardim, crendo que Satanaz, na figura do Alexandre, corrêra á invocação musical da banda do 8, que continuava a espremer, pela bôcca dos seus figles, a espumante, insidiosa valsa do *Fausto*.

Mas não! Braga era nossa, o seu cochichar era um vicio; o seu alvoroço, um prazer; a sua desconfiança, um principio! Estranhava-nos, defendia-se. Para o braguez, como outrora para o habitante de Jerusalem, o forasteiro é uma especie de animal damninho, aleitado, não pelo seio de Eva peccadora e arrependida, mas pela cauda da serpente que a illudiu. A sua hospitalidade, que é affavel, nunca deixa de ser, portanto, reservada e cautelosa.

Naquella tarde a velha cidade archiepiscopal deu-nos um imprevisto testemunho da sua superioridade: sorriu! A Ironia, arma fina e subtil do Saber moderno, assim passeada no jardim de Santa Anna ao som dos clarinetes regimentaes e do carrilhão de Santa Cruz, que naquelle momento tocava a *Maria Cachucha*, pareceu-nos coisa miraculosa. Porque — forçoso é confessal-o — os sorrisos que á nossa passagem floriam os lábios das senhoras eram tácitos epigrammas ao desalinho democrático dos nossos fatos e ás barbas fulvas do Alexandre que em certa occasião arranharam o nariz bocageano d'uma dama miope que se

curvára a observal-as num donairoso tregeito de *lorgnon*. — De *lorgnon*, sim! A óptica elegante, na cidade dos arcebispos, já transpôz as barreiras dos óculos ecclesiásticos; saiba-o a Europa! E esse phenómeno ethnográphico merece tanto mais a immortalidade d'estas páginas quanto é certo que a dona do audacioso *lorgnon* anda de qualquer modo nimbada pelo esplendor d'uma das corôas nobiliárias que — vá de passagem — ameaçam progressivamente extinguir, d'uma vez para sempre, a afamada indústria da chapelaria bracarense.

Foi ahi, alguns minutos mais tarde, quando os clarinetes do 8, já livres das insidias do *Fausto*, saboreavam uma rapsódia de musicas populares, que encontramos, de cravo na lapella, a namorar lyricamente, o meu amigo Innocencio Aranha.

O bello rapaz, de chapeu de palha e monóculo, ao ver-nos, hesitou um instante entre nós e a sua dama que tambem usava chapeu de palha e *lorgnon*. Por fim, como eu parasse em frente d'elle, de braços abertos, chamando-lhe ternamente «gato bravo», (que era a sua alcunha no collegio de S. Paulo) ergueu-se, córou virginalmente e disse ao premir-me contra a larga táboa do seu thorax:

— Não me chames assim deante d'esta gente!

Obedeci. E assim devia ser. Innocencio já não

tinha em verdade o ralo e hirsuto bigode de moço pungibarba que outrora fazia jus ao cognome felino do collegio de S. Paulo. Bem penteada, bem encerada, bem frisada, a pellugem labial do meu antigo condiscipulo era digna de figurino — e de barbeiro.

Innocencio pasmou ruidosamente da nossa jornada a Braga. Como tinhamos nós ousado affrontar a Meca lusitana fora da semana santa, do S. João e do Espirito Santo? Braga estava monótona! Braga estava somnolenta! Braga estava mortífera!...

O admiravel rapaz declamava estas coisas com um gesto de advogado concelhío, sôb o *lorgnon* faiscante e lisongeado da sua dama... E ella estava deliciada, de certo, de ouvir aquelle espirito gentil desprender-se assim, com tão bellas phrases e tão expressivos gestos, das amarras materiaes que o prendiam á cidade dos arcebispos...

Succintamente explicamos-lhe o fim trivial da nossa visita: vêr Braga.

— E já viram alguma coisa? Quando chegaram?

Descrevemos a nossa visita á Sé, a riqueza dos paramentos, os sapatinhos do arcebispo D. Rodrigo...

— Só isso? — exclamou Innocencio, com um sorriso superior e compadecido. — Pouco viram,

então! Se querem conhecer Braga, eu lhes mostrarei Braga! Eu!

Elle, Innocencio! Que mais poderiamos desejar?

E tão súbito foi o ardor do meu reconhecimento, que uma phrase imprudente saíu outra vez da minha bôcca:

— Bravo, carissimo Gato-bravo! Aqui nos tens! Toma conta de nós! Mostra-nos todas essas maravilhas!

Elle baixou a voz, ainda córado:

— Mas que mania, essa de me chamares Gato-bravo!

— Desculpa: foi o enthusiasmo!

— Deve desculpar, senhor Innocencio — secundou o Alexandre com marmórea seriedade. — Foi o enthusiasmo!

— Está claro que desculpo! — concordou o outro. — Sei muito bem o que são essas coisas. Mas, com franqueza... Acham que tenho cara de gato-bravo?...

Assim fallando, ergueu a fronte com essa nobre e sorridente arrogancia que os photographos tanto aconselham ao destapar da objectiva...

Nós precipitamo-nos logo a declarar, com convicção e calor, que não havia naquelle rosto moreno e vivaz um só traço, um só pêllo de gato-bravo! Nem mesmo de gato-manso! Innocencio Aranha era mais anti-felino que um rato!

Elle exultou — e desde essa hora tivémos um cicerone precioso, conhecedor e commentador da Braga archiepiscopal.

Em dois escassos dias percorremos a cidade e uma parte dos arrabaldes.

Admiramos outra vez a Sé com os seus sete córos; as suas seis múmias sagradas; os seus túmulos históricos aonde dormem o conde D. Henrique e a bella D. Thereza, sua mulher, o infante D. Affonso e a infanta D. Isabel, mãe de Carlos *o Temerario;* o dédalo indecifravel da sua architectura e as inscripções archaicas que illustram as suas pedras; a capella vetusta do arcebispo D. Gonçalo Pereira, pae de Nunalvares, que todas as manhãs escuta, do seu famoso mausoléo, o tradicional «coro dos morcêgos»; as talhas preciosas que ennobrecem retábulos e altares; as guélas potentissimas dos seus órgãcs — e outras saborosas antiguidades.

Depois visitamos a capella dos Coimbras, curioso exemplar da architectura gothica florida, recentemente restituida á sua graça primitiva; paramos um instante em frente das paredes incaracteristicas do paço archiepiscopal; repousamo-nos consoladamente nas Carvalheiras, entre velhas arvores e velhos marcos milliares; vimos o panorama da cidade do alto de Guadelupe — e saudamos de longe o viso do monte da Falperra,

calvário de tanto viajante incauto e dinheiroso de antigas eras.

Nos escassos intervallos de liberdade que estas visitas nos deixaram, prestamos homenagem a outras celebridades: — tomamos café na Arcada, lêmos a *Correspondencia do Norte*, carambolamos nos bilhares da Assembleia, e fortalecemos as cordas vocaes, já lassas e roucas das interjeições do nosso pasmo, com fregideiras do Igo e «viuvinhas» dos Remedios.

Innocencio Aranha, diligente, tudo provia e previa. Por último, com desculpavel vaidade de proprietário, quiz que admirassemos a sua quinta de Merelim, na margem do Cávado, e offereceu-nos um almoço campestre que nos reteve até á hora crepuscular longe da cidade.

A casa do Innocencio, remoçada para abrigar as suas primeiras felicidades nupciaes, era fresca, appetitosa, alegre. Tinha na sua frente um jardim com um alto parapeito sobre a margem esquerda do Cavado.

Foi ahi, á sombra de três grandes mimosas entrelaçadas, que nós saboreamos o bizarro almoço do meu antigo camarada.

O céu tinha o azul translucido de certas pedras preciosas — e o rio, que o reflectia, rasgado a meio por grandes areiaes d'um tom róseo e aloirado, era como uma tunica dilacerada que deixa vêr uma nudez voluptuosa. Longe, entre casas

e verduras, a ponte do Prado passava, com os seus pesados arcos de pedra, rasgando as aguas que um açude mais próximo fazia cachoar. Na margem fronteira, o terreno estendia-se ajardinado de culturas; e, entre o verde uniforme das arvores e dos prados, sobresaíam já milharaes tostados, telhados rubros de habitações humildes, grimpas de campanários, dorsos indecisos de serranias distantes.

Trinchando com amor o peito carnudo d'uma perdiz assada, Innocencio confidenciou-nos que talvez em breves dias ali estivesse mais uma vez a saborear outro almoço mais delicado e suggestivo, ao lado d'aquella que o seu coração elegera e os seus braços desejavam... E affavelmente pretendeu saber se a casa nos parecia bastante edénica para abrigar a idade d'oiro d'um casamento de amor...

Clamamos alvoraçadamente que sim! Sôb aquelle céu, entre aquella paizagem, até Jupiter e Danae se amariam com regosijo!

— Es o homem mais feliz de Braga, Innocencio amigo! — bradei eu.

— Mas olhe que o merece, senhor Vasquinho! — accentuou uma voz ao meu lado.

Vasquinho! Quem, nos dominios de Innocencio, me dava tão paternal tratamento?

Olhei. Era o creado que nos servia. E pela primeira vez divisei linhas familiares nesse rosto

barbeado de velho servo, tão rugoso e encarquilhado que só pelo luzir dos seus olhinhos pardos percebi o sorriso com que elle respondeu ao meu olhar surprehendido. E logo, lembrando-me, exclamei:

— Pois é vossê, Quinques ?!

Era. Depois de servir quarenta annos a nossa casa, saíra um dia para casar com uma bella moça da vizinhança. Casado, tinha sido successivamente jornaleiro, estalajadeiro, conductor de malas postaes e enxota-cães da Sé de Braga. Depois, um bello dia, a mulher fugira-lhe para o Brasil com um negociante de torna-viagem, e Innocencio Aranha, condoído, nomeára-o jardineiro e creado de confiança da sua quinta de Merelim. Ali estava, havia já 6 annos...

Elle mesmo, encorajado pelo amo, nos contou as suas desditas, sem notavel tristeza. Os annos, segundo elle dizia, tinham-lhe ensinado a acolher sem lucta, com resignação fatalista, todas as contrariedades da vida. E accrescentou:

— Neste mundo tudo tem remédio, menos a morte. Um homem que partiu uma perna, arranja outra de páu, e lá vae!...

Desconfiei da resignação e do fallar imagético do Quinques — e apenas elle se afastou perguntei curiosamente ao Innocencio qual era a perna de páu d'aquelle marido sem mulher...

O meu amigo riu e respondeu:

—Talvez não acreditem... E' a mais bella rapariga da aldêa!

—Com taes compensações, quem não ha de ser fatalista!—commentou o Alexandre.

Quando o calor da tarde affrouxou, fomos pela margem do rio visitar Prado, povoação célebre pelas suas olarias, pelos seus condes e pelo caracter bellicoso da sua população rural. A meio da ponte, d'um belvedere a que os transeuntes não dão muito aceado uso, entre o escudo das quinas e o brasão esquartelado dos Sousas, contemplamos ainda um instante a serenidade elysia da paizagem, que o Cavado cortava, azul e brilhante como uma lámina acabada de temperar. Do outro lado, a montante da ponte, os aspectos repetiam-se, alongados por um ligeiro accidente do terreno, e a meio do rio, nos alicerces sobreviventes de antigas azenhas, um rancho de lavadeiras cantavam e batiam alegremente a roupa ensaboada.

Não visitamos as olarias, que ficam na raia da freguezia, por falta do tempo. Para contentar Innocencio, membro laureado da Sociedade dos Archeologos, fomos saudar, a uma estreita rua, o pelourinho da villa, onde as armas dos Sousas se repetem sôb uma esphera armillar. Está cravado num tosco muro rural, e o seu longo espigão de ferro perde-se entre os ramos entrelaçados de duas arvores avidadas.

Á volta deixámos a estrada e seguimos o

nosso guia por umas quelhas, sob a promessa de vêrmos a menina Mariquinhas, moleirinha de rara belleza e hospitaleiro coração... Encontrámol-a a encher o seu cantaro vermelho na bica d'uma antiga fonte de pedra d'onde a água cahia lentamente, num preguiçoso e melodioso arrulho.

Bella e forte, de cabellos negros e face morena, assim á beira da fonte, lembrou-nos Rachel — e logo biblicamente lhe pedimos de beber. Como não levávamos camellos a tarefa foi facil — e, com a agua que ella nos deu, creio que bebemos tambem uma parte do seu sorriso e do seu olhar, porque nem os vinhos preciosos do almoço do Innocencio, nos souberam melhor que esse trago de água bebido sem sêde...

Mas o crepúsculo desmaiára e forçoso era não nos deixarmos surprehender pela noite em tão complicados caminhos.

Deixamos pois a menina Mariquinhas — e, contundidos os pés pelos pedregulhos soltos das calçadas e arranhada a face pelas silvas que defendiam os campos, já nos insurgiamos contra o nosso amphitryão e guia, quando de súbito um pequeno largo aldeão, especie de prado baldio apertado por um muro em semicirculo, surgiu aos nossos olhos contristados.

Arrimados á humbreira d'um largo portal de granja, dois vultos conversavam. E o Innocencio, que apurára a vista, exclamou:

— Oh, Quinques!...

Era elle em verdade; mas de tal modo transformado pelo lustroso fato de panno preto, que me custou reconhecêl-o. O Quinques veio logo, numa corridinha de velho ainda ágil. E perfilando-se:

— Prompto, meu amo!

— Vossê que faz aqui, Quinques? — perguntamos. — Esse coração, ainda prisioneiro do 7.º sacramento, dar-se-ha o caso de andar a tolejar, a estas horas, por estes sitios?...

O Quinques abriu os braços, desolado:

— Oh, meninos!... — E depois, compondo o aspeito: — Vim ao mortório do meu compadre José Branco!

Só então reparamos no largo panno preto que debruava o portal da granja. Dos caminhos circumvizinhos a todo o momento surgiam novos vultos enfarpellados de escuro — e do interior da habitação vinha já um confuso e marulhoso vozear...

— Oiça lá, Quinques. Que é que vossês fazem nos mortórios?

O velho ergueu para nós os olhos surprehendidos. Depois, convencido da sinceridade da nossa curiosidade, respondeu:

— A gente chega, diz aos doridos que o defuncto está no céu; que foi vontade do Senhor que elle morresse; que todos havemos de ir...

Depois, bota-se água benta no corpo, olha-se p'ra elle, resa-se-lhe pela alma, querendo, e arruma-se a gente para um canto. Depois vem um, conversa; vem outro, conversa; até que chega a hora da ceia...

— Ah! Ha paparoca!...

— Pois então?! E diz' que da fina!... A viuva do José Branco é briosa, e diz que quer apresentar ahi uma ceia que nem a d'um brasileiro!...

— Bravo! Então traz-se esse appetite bem preparado, hein?...

— Nem jantei! — affirmou o Quinques com enthusiasmo. Depois, recolhidamente, accrescentou:

— E agora dêem-me licença de ir até lá; não é de cortezia a gente chegar só na hora do comer...

Foi — e um momento, seguindo com os olhos distrahidos o seu incerto caminhar de velho, hesitamos.

— Não me desagradava — irrompeu por fim o Alexandre, — assistir d'um cantinho áquella ceia. Deve ser um repasto homérico!

Communicando-nos que o fallecido José Branco era foreiro da sua casa, Innocencio logo nos declarou com discreta ufania que ia ser satisfeito o nosso desejo.

Com effeito, momentos depois, já o meu pres-

tante amigo nos havia conduzido á eira de barro da granja enluctada, em frente da qual, debaixo d'um vasto alpendre, se estendia, comprida e estreita, sôb grossas e encordoadas toalhas de linho, a meza do banquete.

— Vejam, vejam — segredou-nos o Innocencio, com gôso. — É o Quinques quem preside.

Era. No topo da mesa dominando as duas filas de convivas que se apertavam ao longo d'ella, o velho Quinques alizava a sua barba de passapiolho com a gravidade d'um general prompto a impôr disciplina ao seu exercito. A ceia ia chegar — e ao menor ruído que vinha de fóra todos voltavam alvoroçadamente as cabeças, na ancia de vêrem as famosas iguarias com que mais uma vez se affirmaria o brio da viuva do José Branco.

O cansaço da espectativa já transparecia em algumas attitudes e palavras discretas. Por fim, umas após outras, seis mocetonas entraram com enormes pratos acogulados d'um arroz pintalgado e fumegante. Com um «ah!» de satisfação, que o Quinques logo reprimiu com um «schiu» imperioso, todos os assistentes empunharam bellicamente os grossos garfos de ferro.

Ao nosso lado, um appetite atávico fizera tambem luzir os olhos de Innocencio:

— Deve estar delicioso, aquelle arrôz de frango! — exclamou elle, irreprimivelmente.

Na mesa comia-se com fervor. Segundo o velho uso minhoto, nenhum dos convivas tinha prato próprio: comiam em communidade, aos grupos de quatro, das enormes travessas alinhadas no centro da mesa, no espaço vasio das borôas de pão de milho.

Duas serventes, com um copo e uma infusa, serviam o vinho verde com prudente parcimónia.

Innocencio explicou-nos então que este serviço era conhecido entre os aldeãos, nas suas festas banqueateadoras, por *rodas de vinho*. Para evitar excessos, o sumo da uva nunca era dado sem limite; e o numero de *rodas de vinho* que havia num jantar aldeão era a mais segura indicação do seu fausto.

— Nesta ceia, verão, não haverá menos de quatro rodas de vinho. A viuva é pimpona.

Apesar da sua prática, Innocencio enganou-se, porque só três vezes — a última depois do marulhoso guisado de carne que epilogou a ceia — foi servido o vinho rôxo do José Branco.

Vendo a festa terminada, já esboçávamos alguns passos para a porta, quando Innocencio nos deteve:

— Esperem. Falta o melhor! — disse elle.

Olhamos. O Quinques tinha-se levantado; e, entalando entre as mãos postas o seu garfo de ferro, que ficou com os quatro dentes perfilados

para o ar, exclamou, entre o recolhido silencio que se fez:

— Por alma d'este nosso irmão, que o Senhor levou, padre-nosso, ave-maria...

O Quinques recitou a primeira parte das orações; e todos os assistentes responderam surdamente, com o murmurio d'uma corrente agua que se escôa pela garganta d'um dique.

Logo que o silencio se restabeleceu, o Quinques, tomando o garfo, passou-o ao seu vizinho da direita que por sua vez se levantou, segurando entre erguidas as mãos o precioso instrumento e annunciando as orações. Finda a ceremonia passou, como o Quinques, o garfo ao vizinho, que por sua vez reproduziu os gestos, posturas e palavras dos dois homens.

— Todos elles têm de fazer aquillo? — perguntei ao Innocencio.

— Todos! — respondeu o nosso amphitryão. — E' um costume curioso, não é verdade?

— Curiosissimo!

Mas era tarde; nós tinhamos de ir ainda para Braga — e a scena, comquanto interessante, seria d'uma atroz monotonia tantas vezes repetida... Arrisquei:

— Parece-me melhor irmos... Isto está visto.

Mas Innocencio não se mexeu.

— Ágora está!... — replicou elle. — Ainda falta o final. O final é de primeirissima ordem.

Com esse engodo, esperamos com a mais exemplar paciencia que o rolar das orações se desvanecesse... Trinta e duas vezes vimos erguer-se entre grossas mãos postas o garfo de ferro do Quinques; trinta e duas vezes ouvimos recitar o padre-nosso e a ave-maria...

Mas quando o trigésimo-segundo, tendo terminado, depôz outra vez o garfo nas mãos presidenciaes do Quinques, o velho servo ergueu-se de novo, o seu rosto encarquilhado contrahiu-se ainda mais, um movimento trémulo agitou o seu corpo – e, abrindo largamente os braços, abateu-se sobre a mesa, de borco, bradando com angustiada voz:

— Ai, Jesus Senhor, que lá morreu o José Branco!

Aquella exclamação foi o signal de começar a «berregaria». Por toda a mesa, repetiu-se o mesmo esbracejar de desamparo, o mesmo grito de dôr — e um chorar tumultuoso e falso, feito de attitudes estudadas e gritos imitados, cortou funebremente o silencio da noite luminosa e estiva.

— Eis o final—explicou Innocencio.—A «berregaria» é que termina sempre estas ceremónias. D'aqui a pouco já ahi não está ninguem.

— E nós podemos ir tambem.

— De certo — assentiu Innocencio. E com um gesto digno da música de Leoncavallo, disse: — La comedia é finita!

Já a caminho de Braga, na caleche do Morgado, Innocencio quiz conhecer as nossas impressões...

— Eu lhe digo, meu caro senhor Aranha, — respondeu o Alexandre — a minha é o mais desoladora possivel... Tirou-me uma das minhas ultimas illusões: a crença na sinceridade da dôr popular...

E como Innocencio ia impugnar, affirmei:

— Eu tambem venho scéptico de todo. Lá as orações, com o garfo entre as mãos postas, ainda se explicam: querem talvez significar que encommendam a Deus o morto que lhes deu de comer... Mas esse chôro de bebedos, sem pinta de lágrimas, é simplesmente indecoroso!

Então, perante as nossas palavras enérgicas, Innocencio intupiu — e já nos achávamos perto de S. Jeronimo de Real quando elle, depois d'um longo, laborioso silencio, descobriu na ceremonia tradicional dos mortórios minhotos muito lixo esquecido pela vassoura do progresso que varria uma vez por semana as ruas de Braga e desaranhava quasi todos os dias os cráneos e os corações da mocidade masculina, feminina e neutra da mesma cidade.

A caleche do Morgado deixou-nos na Arcada, em frente do Café Vianna — e ali, dentro d'aquella auricula direita do coração de Braga, dissolvemos

em profundos copos de cerveja as impressões fortes d'esse proveitoso dia.

Innocencio, logo que nos restituira á civilisação, tinha desapparecido afadigadamente para ir (segundo nos disse) encerrar uma discussão que ha três semanas trazia com a sua noiva ácêrca do nome e do destino que devia ter o primeiro filho do seu amor legitimo... Ella, romantica, queria que se chamasse Edmundo e fosse general; elle, Innocencio, pretendia que o seu successor tivessse o nome do avô, José Gil, e fosse bacharel e deputado. Para abreviar a questão já sacrificára ao desejo da noiva o sobrenome de Gil e a qualidade de bacharel; do resto porém não desistiria: seu filho chamar-se-hia José e seria deputado.

Ainda discorriamos profusamente sobre a estranha previdencia d'estes dois namorados, quando o silencio da Arcada nos lembrou a conveniencia de recolhermos ao hotel. Era quasi meia noite. Mas ao sairmos de sôb os arcos, vimos tão estrellado o céu e tão claro o luar, que invencivelmente fomos caminhando por uma das ruas que ladeiam o jardim de Santa Anna. A cidade dormia. Nas lages das ruas desertas os nossos passos echoavam como se caminhássemos numa claustra. Sôb as arvores da Alameda, um agente de policia seguiu-nos um instante com a desconfiança d'uma auctoridade lida em Gaboriau e nos telegrammas da Havas. Mas pouco depois, quando

chegamos ao largo da Senhora-a-Branca e divisamos ao longe, numa esfumada claridade lunar, as caliças e o arvoredo do Bom Jesus do Monte, ambos nós soltamos esta exclamação:

— E a Ninette?!

Com as surprezas e as diversões d'aquelle dia excepcional, nenhum de nós se lembrára de ir ao alto do célebre santuário, como tinhamos promettido, florir a lapella com os cravos que a alegre rapariga estivera decerto enramando para nós...

Quem mais se impressionou com este acontecimento foi o Alexandre que, minutos depois, quando recolhiamos ao hotel, cantava em maguada surdina as confidencias d'um fado melancólico:

> A luz que sae dos teus olhos
> E' uma semente de amor;
> Em mim, apenas me olhaste,
> Logo a semente deu flor.

E mais tarde, já deitado, murmurava elle:

— Afinal, o Amor é o segundo pão-nosso de cada dia... A vida, sem elle, é terra secca, é areia movediça e sempre estéril... Ah, mas quando uns olhos de mulher a régam de luz, tudo são flores, vegetações cambiantes, — e cada grão de areia é a crysálida d'um sonho!... Que dizes tu?

— Eu? Só se te dissér que a gradação foi muito rápida. Quem salta do amor universal para uns olhos de mulher, é capaz de quebrar todos os de-

gráus da escada de Jacob e estacar, com os fragmentos d'elles, algumas ephémeras dáhlias de jardim...

— Então não posso ter a visão do mundo, em uns olhos que eu ame?

— Uma visão falsa e fugidia, decerto que pódes. Ah, meu amigo, os olhos das mulheres são como aquellas flores do teu jardim que, estando todo o dia abertas e radiosas, se fecham apenas a melancolia do crepúsculo começa a tornar-lhes a côr indecisa..

— A symbólica é crua.

— E verdadeira.

— A verdade, em amor, é sempre negativa.

— Pois não será o Amor a suprema verdade, a verdade de todas as coisas?

— Ahi vens tu, com a sabbatina philosóphica. Oh menino, pelo amor de Deus, fallêmos como quem está em Braga e namorou duas donzellas bracarenses ao som do aperitivo Offenback! Fallêmos de amor com *a* minúsculo!

— Bem. Já sei aonde queres chegar. A Ninette electrisou-te. Queres fallar d'ella. Fallêmos. Que está bonita, fresca, elegante, vimos nós... Que queres que discutamos: a origem da frescura ou a origem dos vestidos?

— Vae á fava com a ironia! — rugiu o Alexandre, indignado. — Olhem agora o menino scéptico que já se não lembra dos madrigaes em

que desbaratou o coração!... Pois olha, com homens de ideal avinagrado, não converso. Bôa noite!

E apagou a véla que tinha á cabeceira, accrescentando ainda, na escuridão:

— O que eu te desejo, é trinta mil fólios fradescos sobre o somno.

— E eu, um serralho inteiro de Ninettes nos teus sonhos!

— Bôa noite, pois, homem de mármore!

— Bôa noite, jarra de vidro!

— Até ámanhã, heróe!

— Até ámanhã, mártyr!

Ah! mas na manhã seguinte, quando acordei, o meu fiel companheiro tinha desapparecido!

Mal humorado, fazia já mil conjecturas sobre esta inesperada deserção, quando na pedra do toucador do nosso quarto commum, vi uma larga folha de papel, onde a letra nervosa do Alexandre escrevêra estas palavras trágicas:

«Amigo: — A vida sem amor é uma crucificação. Andava com os braços abertos, á procura de alguem para abraçar, e o mundo pharisaico pregou-m'os numa cruz. Vou-me suicidar. Adeus. Chora-me. — Alexandre.»

Alleluia! Já sabia, emfim, onde encontrar o meu inflammavel amigo! Morto ou vivo? Mistério! O que adivinhava, era que elle, naquella hora, tinha encontrado uma cruz, onde propriamente a

morte devia ser deliciosa. — E, apenas rilhado o implacavel bife do almoço, puz-me a caminho para o Bom Jesus, onde decerto alguma velha carvalheira me saberia dizer qual o madeiro em que se fazem as crucificações dos idealistas, neste século em que todas as árvores são frágeis e têm o cérne roído...

O elevador, que nos annos da minha infancia pôz terrores de bruxaria em todo o Minho, levou-me são e salvo até junto do Longinhos; — e como a lembrança do suicidio do Alexandre me deixava insensivel ao amplo e bello panorama que do alto do monte se descobre, segui logo para o hotel onde a Ninette, o lirio fulvo dos nossos velhos festins bohémios, se deixava melancolizar sósinha, com sorrisos de flor mal aberta... — Eu ia resolvido a interrogál-a sobre o infausto caso da morte do Alexandre, e a pedir-lhe rosas e lágrimas, para a sepultura romántica do meu amigo. — A Ninette devia saber! A Ninette devia ser cumplice, naquelle mistério!... Porque, embora a sua carne alva e luminosa de rapariga loira me não parecesse propriamente um engenho de supplicio, eu tinha razões para suppôr que fôra nella que o Alexandre procurára a cruz do seu annunciado suicídio.

Meditava estas coisas, a caminho do hotel, quando, por de traz de mim, um grazinar de risinhos mal soffocados, me feriu a attenção. Voltei-

me. Milagre! O Alexandre, glorioso e salvo, com uma rosa escarlate na botoeira, ria perdidamente ao lado da Ninette, que lhe prendia o braço com uma linda timidez de noiva alvoroçada.

— Bom dia, alma penada! — bradei-lhe eu. — Ia procurar-te aos abysmos d'um quarto numerado do hotel. Reconheces-me, phantasma? Reconheces o homem com quem conversaste na ultima noite da tua vida?

— Reconheço, amigo médium. Podes fallar. Que queres saber? como morri?

— Tal qual!

— Ah, meu velho amigo, tive a peór das mortes! Morri enforcado nas linhas do meu parentesco com a Ninette... Tu lembras-te que a Ninette era minha prima... Que mais queres saber?

— Quanto tempo durará o teu fadário.

— Médium, médium! essas perguntas não se fazem! Não vês que ainda trago a corda na garganta?

— Não vejo. Sabes que eu não sou phantasma?

— Sei.

— E lembras-te da Braga que conheceste, quando vivo?

— Lembro.

— E sabes quanto tempo lá póde estar um homem que não nasceu no seu solo augusto?

— Um dia, havendo fregideiras frescas...

— Pois bem. Hoje é o terceiro dia em que eu respiro o ambiente dos primazes; é o terceiro dia, nota bem, e as fregideiras têm duas semanas de frescura. Alem d'isso, sonhei com todo o cabido da Sé e com quasi todos os convivas do mortório do José Branco; aturei-te, a ti; aturei o Barrosas e o Innocencio Aranha; aturei as polkas do Jardim de Santa Anna; soffri a tua ausencia; chorei a tua morte... Já vês que é de mais. E por isso te venho dar parte de que abalo hoje mesmo para as veigas do alto Minho. Ficas ou vens?

O Alexandre não respondeu logo, hesitante. E a Ninette, com um rubôrzinho na face, temendo ficar de novo só naquelle perturbante ambiente de bucólica, propôz associar, á nossa festiva romagem, a alegria dos seus sorrisos e as côres hilariantes do seu vestido de passeio.

O meu amigo, varado, abriu os braços:

— Tu onde diabo queres ir, Ninette?! Ao alto-Minho? Vêr as margens do Lima comnosco? Aspirar flôres campestres comnosco? Tu estás doida! Arrazavas-te de sentimentalismo! Estragavas a tua vida, menina! E depois o teu olhar destemperaria o nosso: todas as nossas suggestões ficariam, inevitavelmente, com o perfume que trazes nos teus lencinhos de renda!

Para não contrariar em tudo a Ninette, resol-

vemos partir sómente no dia immediato. Nessa tarde, vagueamos por entre longinquas carvalheiras, deixando á fina flôr dos veraneadores officiaes, os presumpçosos ajardinamentos com que a tradicional incompetencia burgueza estragou aquelle adoravel pedaço de montanha. E' realmente deploravel que a rotineira mecánica do partidarismo provinciano entregue ordinariamente a afamados agenciadòres eleitoraes, sem cultura nem senso, a conservação de certos thesouros que a Natureza escondeu neste montanhoso e benigno torrão portuguez.

Quem, ao invés do gosto moderno, jornadêa um pouco pela sua terra, a cada passo encontra irritantes vestigios d'este subversivo consulado esthético. Uma chata geometria algema a vegetação; ensina-se a terra, fecunda e forte, a lisongear os olhos dos snobs, e a agua impetuosa que mana das rochas a chorar, como Julieta, em castellinhos de pedra solta... Rusticidades de luxo, importadas do estrangeiro como os vestidos das senhoras, inspiram a construcção de fontes e pontilhões, grutas e parquezinhos, pavilhões e bancos: todo o lixo ornamental que faz parte da officina d'um photógrapho sertanejo.

Se alguma coisa ainda resta, intacta d'estas violações, pouco é: em qualquer das provincias de Portugal, os mais bellos trechos de natureza, que a admiração pública consagrou, são todos

eguaes, com as mesmas plantas, as mesmas ruazinhas amarellas, as mesmas fontezinhas artificiaes, as mesmas grutas, os mesmos châlés e os mesmos bancos de cortiça. De maneira que, extincto o caracter regional da vegetação, o imprevisto, que faz bellas ou, pelo menos, interessantes, todas as coisas naturaes, desapparece por completo, e os olhos cansam-se na repetição dos aspectos e na miudeza das linhas. A natureza, contrafeita, muda de physionomia, e não é rara, ao visitar estes locaes de «*season*» que o mundanismo admira, a sensação de que se está entre os bastidores de uma opera-bufa, — e quasi causa surpreza que os pintasilgos não tenham ainda aprendido a gargantear as valsas de Metra ou as tyrolezas de Madame Rollini.

Que eu, com franqueza, ainda creio que os «brasileiros» do Minho, colonizarão, algum dia, os seus amados sabiás nas carvalheiras seculares do Bom Jesus. Ou isto, ou coristas de carnadura aperitiva. Confiem no vaticínio.

III

Partida de Braga. — Um cicerone precioso e misterioso. — As pontes do Bico. — Um repasto homérico. — Aclara-se o misterio. — Mocidade e amores extra-canônicos do padre Jerónymo Rodrigues. — Uma fórmula philosóphica. — O romance d'uma carruagem. — O Alexandre vota pelo Amor; Jerónymo pela Politica. — Uma anecdota. — Casas antigas. — O grão de bico hespanhol. — Jerónymo Rodrigues soffre um romoque e ganha um pataco. — A caminho dos Arcos.

Deixamos Braga por uma linda madrugada de verão, na imperial d'uma diligencia decrépita, ao lado d'um gordo ecclesiastico que no simples mover das suas mãos cabelludas, revelava o hábito de manejar o varapáu eleitoral sobre a cabeça dos freguezes insurgidos. Desde que ousára examinar a sua physionomia picada e ainda affogueada por bexigas recentes, eu revolvia a minha memória e a minha vida passada, procurando a occasião e o sitio em que entrevira já esse grosso perfil de al-

deão, que ás vezes me olhava de soslaio, como contendo a effervescencia d'um antigo rancor. De certo, reconhecera-me tambem; mas eu nem pelo rouco «muito agradecido», com que elle regeitou os cigarros que o Alexandre lhe offerecera, pude descobrir uma pista segura.

Entretanto, a diligencia rodava, tilintante de guisos sôb a glória da manhã. Dos montes distantes, um nevoeiro branco baixava aladamente para os valles. Pela estrada, que desce rapidamente até ao valle do Bico, as casas de Palmeira, brancas entre as culturas fartas de agosto, tinham vagamente o aspecto d'um acampamento pagão que ali viesse resuscitar as alegrias creadoras d'uma geórgica helena. Á direita, num pequeno outeiro excavado por enxurros seculares, a igreja da freguezia branquejou um instante aos nossos olhos, humilde e pequenina, d'uma simples e christã espiritualidade. Depois o horizonte alargou-se, uma brisa sadia refrescou o ambiente, e a primeira ponte do Bico appareceu deante de nós com as suas linhas esbeltas, atravessando o Cávado com a graça d'uma linda mulher que vádêa um regato.

O gracioso aspecto da paizagem, a montante da ponte, attrahiu irresistivelmente os nossos olhos. Não é um largo e bello trecho panorámico cuja alma de sereia nossa alma enamorada procure; ao contrário, o seu pittoresco acanhado e regular quasi desperta em quem o vê a desconfian-

ça de que um artificio inopportuno corrigiu a obra da natureza. Com effeito essa nesga de água, semeada de ilhotas tão pequenas que todas ellas vivem sob a raiz d'alguma velha arvore isolada, tem uma tão estreita suggestão idyllica, que não ha por certo pintor mediocre em toda a vasta terra, que não tenha concebido um scenário análogo para enquadrar as confidencias de amor dos seus pastores académicos. . . . . . .

Nessa manhã estival, quando nós ali passamos, o Cávado, quasi todo sorvido pela terra abrazada das margens, corria tão delgado e transparente que não havia no seu leito um grão de areia invisivel; comtudo, para não perder a sua feição e o seu pittoresco, dividia-se, sobre a claridade loira das areias, em multiplas fitas de água, cingindo aqui um salgueiro melancólico, além um penhasco mosqueado de lichens, — até que, sem forças para galgar um arruinado açude de pedra solta, se sumia na garganta d'uma azenha onde um momento escachoava entre os dentes das rodas. . . . . . .

Emquanto nós notávamos com um olhar languido esse quadro de pastorela, de que a marcha da diligencia depressa nos afastou, o padre não cessava de rosnar louvores á solidez das pontes, esclarecendo miudamente o tempo que gastára a construcção e a copiosa sangria que ella tinha praticado no erário público. . . . . . .

— Coisa grande! Coisa grande! — repetia elle ponderadamente, conscio da importancia das suas revelações.

Assim, escutando a sua palavra insinadora, chegamos ao Pico de Regalados. Ali as diligencias páram em frente d'uma espelunca situada já fora de barreiras, taberna defumada e suja, com gabinetes no andar nobre para os passageiros mais exigentes. O padre, que conhecia o estabelecimento, offereceu-nos com liberal insistencia as provisões do seu farnel, e logo nos encaminhou por umas escadas talhadas quasi a pique num recanto escuro da loja. Subindo léstamente, como homem de músculos rijos e sangue experto, mimoseou com um familiar acêno de mão a dona da baiúca, que lhe correspondeu, dos abysmos do balcão, com um «viva o senhor abbade!» sorridente e acolhedor.

— Quem diabo será o abbade?! — murmurava eu, emquanto o seguia através das escadas, com a curiosidade cada vez mais irritada.

Entramos num quarto caiado que um pó avoengo empardecia já. Era uma saleta quadrada, quasi obstruida por um enorme leito de cerdeira, ao qual a colcha de malha branca, copiosamente franjada, e o enxovalhado rodapé de cambraia, davam não sei que estranho aspecto de móvel de sacristia. O travesseiro estava cavado e surrado da sésta d'algum cocheiro.

Além d'esta sumptuosa alfaia que ali, naquella sala destinada á satisfação de homéricas gulas, tinha por certo intuitos de sobremesa analéptica, havia tambem uma estreita mesa de pinho avinhada, um lavatório de madeira desconjuntado, e um velho caixilho doirado onde um pedaço de espelho dormia exilado sôb o pó.

O nosso ecclesiástico abancou logo á mesa, resolvido a aproveitar diligentemente o curto tempo da paragem, — e, abrindo uma larga sacca vermelha, expôz aos nossos olhos surprehendidos as maravilhas do seu alforge. Todas ellas honravam a velha tradição sacerdotal: um naco de presunto, uma gorda gallinha assada e um pedaço de marmelada fresca comprimida em uma antiga lata de conservas.

— Vamos a isto, que não ha tempo a perder, rosnou o padre, dispondo as provisões sobre a mesa.

A jornada e talvez a camaradagem d'essa amplissima moéla de frade, abriram nos nossos estómagos dyspépticos um appetite voraz. O Alexandre, escarlate, olhava-me com a triste resignação de quem esperava a morte no fim d'aquelle excesso... E o padre, com a bôcca cheia, não cessava de rosnar:

— Não ha tempo a perder! Não ha tempo a perder!

Meia hora consumimos nessa atroz tarefa de

canibaes. O nosso amphitryão, com a cara bexigosa ainda mais inflammada, olhava-me agora com mais rasgo e já com um vago sorriso de amizade. Conhecia-me, indubitavelmente; a minha memória porém permanecia muda, incapaz de auxiliar os esforços da impaciente curiosidade que me invadira.

Já nos preparávamos para saír quando o dono da baiúca, com o seu chapéu de cantoneiro nas mãos grossas, veio apresentar os seus respeitos ao nosso abbade. Eu apurei o ouvido, esperando surprehender, através da conversa, um nome que me revelasse a identidade do homem; mas nada consegui. O estalajadeiro chamava-lhe apenas «senhor abbade». Quando a quando, um e outro baixavam a voz; mas a surdina do padre tinha sibilos de enfado, que um movimento de hombros frequentemente accentuava. Assim se demoraram algum tempo, misteriosos, frente a frente. O cocheiro afinal chamou por nós, em altos brados. O padre enfiou de novo o guardapó de linho crú e afastou-se com tédio das confidencias do taberneiro.

— Mas, senhor abbade, vossenhoria bem sabe que ella tem máu génio... Que lhe hei de dizer?...

— Homem — exclamou o padre — que vá bugiar! E tenho dito! Cebolório p'ra as rhetóricas!

Cebolório p'ra as rhetóricas!... Quando ouvi esta

phrase, fez-se uma luz nova no meu cérebro. E bradei logo, estendendo os braços para o abbade, que já descia as escadas:

— Oh, Jerónymo Rodrigues!... Pois é vossê!...

O meu espanto era tão sincero, debordava tão tumultuosamente das minhas palavras, que o padre ficou boquiaberto.

— Então o snr. Montarroyo só agora me conhece?...

— Só agora, juro-lhe!

E descendo as escadas, atravessando a taberna infecta, trepando para a imperial da diligencia, recordamos o tempo passado.

— Mas como me conheceu só agora? — insistia elle.

— Não sei... Só agora, quando o ouvi fallar ao estalajadeiro, reconheci o meu antigo companheiro de casa!...

Porque esse ecclesiástico gordo e bexigoso, fôra outrora meu camarada na casa académica em que o Padre Barrosas e sua irmã D. Genoveva, tios de Jerónymo, cultivavam com egual cuidado a immortalidade dos nossos cérebros e a paciencia dos nossos estómagos.

Nesse tempo era elle um rapazote macisso, de fortes músculos, o rosto lunar ainda virgem de ferrugens variolosas... A sua alegria de pôtro montez enchia a triste casa onde viviamos como

uma d'essas violentas rajadas que trazem de longe todos os rumôres festivos d'uma romaria.

D. Genoveva apreciava com deleite os gracejos do sobrinho. Fazia-lhe piúgas de riscas vermelhas, bordava-lhe marcas de talagarça com *Recordação* em lettras góthicas, para amenizar a severidade dos compendios escolares; e apesar d'elle já então contar 16 annos, chamava-lhe sempre, maternalmente, «Jeromninho».

Padre Barrosas tratava-o com rudeza por «Jerónymo Calháu»; dizia-se arrependido de o ter emancipado da enxada paterna e desfeiteava-o em público com bravio azedume. Ás vezes, nas questões quotidianas entre o tio e o sobrinho, havia curiosos pedaços de diálogo. Jerónymo teimava sempre, a propósito de tudo, sem jamais se deixar convencer. Um dia, o tio, irritado já por tamanha obstinação, chamou-lhe jumento.

Era ao jantar. Jerónymo engoliu á pressa a garfada de versas que tinha na bôcca, e exclamou indignado:

— Isso lá, jemento é que não! — bradou, apoplético.

— *Jumento*, estupido! *Jumento!*

— *Jemento*, tio! *Jemento!*

— Tu queres corrigir-me, imbecil? — bramiu o padre. — *Jumento, jumento* é o que tu és!

— Pois serei. Mas como se diz é *jemento!*

— Idiota!

Jeronymo exasperou-se; mas contendo o seu rancôr, certo de ir esmagar toda a vaidosa sciencia do tio com uma só phrase, perguntou:

— Então, diga-me cá: eu sou Jerónymo ou Jurónymo?

O padre fitou-o um momento, interdicto. E o rapaz concluiu, com tranquillo, magnánimo desprezo:

— Pois ahi está; se eu dissesse jumento tinha de dizer Jurónymo!

Este moço, com a sua idade de bacharelando, frequentava commigo a aula de instrucção primária. Apesar de tão serôdio inicio, Jerónymo tinha obstinada confiança na grandeza do seu futuro ecclesiástico, já sonhando-se de capa de asperges sôb as abóbadas doiradas d'uma cathedral, já remirando a sua grossa perna de cavador em que se ajustaria bem a meia purpúrea d'uma conezia.

— Senhor cónego Jerónymo, fica um nome lindo, pois não fica? — perguntava-me elle, ás vezes.

Mas, ai! um dia, o futuro cónego entrou afflicto no meu quarto, e baixando a voz anciada perguntou-me «como era que se chamava a uma pessôa que... sim... a uma pessôa que não tem pena de outra...»

Evocando o D. Pedro I do meu compendio de Historia, propuz-lhe *cruel.* Jerónymo coçou o quei-

xo, meditativo, e afinal arrancou de si esta resposta:

—Não serve, porque a tal pessoa é mulher; e *cruéla* não é lindo.

— *Cruéla?* —repeti eu, sem comprehender.

—Então como é o feminino de cruel?

O meu riso impiedoso de creança, acolhido a principio com surpreza, acabou por encolerizal-o, e saiu do meu quarto grunhindo confusas ameaças. Comtudo no dia seguinte tornou a apparecer, e explicou-me então todo o seu segredo. Jerónymo estava apaixonado. O futuro cónego, crente nos progressos abstergentes da moderna tinturaria, começava já a macular o carmezim das suas meias ecclesiásticas. A dulcinéa era uma creada da vizinhança, que repellia desabridamente as suas ardidas expressões de amor. Via-a todos os dias, da janella da sua trapeira, a saltitar e a cantar no jardim vizinho, mas por mais que suspirasse e que acenasse com o mais florido dos seus lenços de assoar, a rapariga não dava cavaco! Queria portanto descobrir um epitheto que definisse bem a dureza de tal coração, para pôr em prática certo projecto que me não revelaria para a surpreza me maravilhar mais tarde... —E o futuro cónego sorria, como se já tivesse enganado a Egreja com o seu romanesco ardil.

Propuz-lhe então *ingrata*. Elle gostou. Folheou o Diccionário e, contente da significação exacta

do vocábulo, abalou do meu quarto cantando o Hymno da Carta.

Eu scismava, procurando decifrar os intuitos enigmáticos de Jerónymo, quando nessa tarde, vadiando pelo jardim, achei na janella da sua trapeira a explicação do misterio. Como o caixilho d'essa janella tinha os vidros pequenos do antigo modelo, Jerónymo collára interiormente em cada um d'elles uma folha de papel com uma letra enorme, laboriosamente desenhada a carvão, — e, dividida em duas ordens de vidros, lia-se a palavra mágica *ingrata*, prudentemente vigorizada com um ponto de exclamação. Onde haveria coração de mulher que não amollecesse perante aquelle grito de dôr collado na vidraça d'uma janella?!...

Infortunadamente, porém, Padre Barrosas, nessa tarde, tambem desceu ao jardim e viu com assombro o letreiro que ornamentava a janella do quarto do sobrinho. Um momento meditou, indeciso; por fim, crendo decerto ter achado a chave do enigma, reentrou em casa, muniu a dextra ensinadora d'um grosso bengalão de sovereiro, e subiu á tóca do Jerónymo.

Deante do perigo, o jovialissimo rapaz enfiou. Comtudo, esse sobresalto de pavor foi momentáneo. Como sobrinho, amante e futuro cónego, Jerónymo previra a catástrophe e estudára prudentemente o meio de a conjurar. Assím, quando o

tio, mal assombrado, lhe perguntou o que significava a fantasia alfabética da janella, elle teve esta saída machiavéllica:

— E' que ha um «exemplo» na Grammática que me não entra na cachimónia nem á mão de Deus-Padre... E' aquelle que vem nos complementos: — *Ingrata pátria, não possuirás meus ossos*...

— Mas agora lembraste-te! — mugiu o padre.

— Lembrei sim, senhor. Pois foi para me lembrar que eu puz estes papeis na janella...

— Com as letras viradas para fóra?

— E' que, como eu ás vezes vou estudar para o jardim...

Padre Barrosas não ergueu o sovereiro; vingou-se apenas com dois indulgentes cachações que fizeram marrar no vácuo a respeitavel cabeça de Jerónymo.

— Tire-me já aquillo d'ali, seu mariola!

Tal a maneira contundente que a Egreja, pelas mãos d'um dos seus ministros, usou para immunizar as quatro adiposas arrobas de Jerónymo Rodrigues da tyrannia da Carne e das perfidias da Mulher. Exemplo a padres que tenham bons músculos e sobrinhos azevieiros.

Jerónymo hoje goza amplamente as rendas d'uma excellente abbadia, e supponho que já não colla nas vidraças das janellas os gritos do seu coração impaciente; gordo e feliz tambem deve estar, porque lhe sobravam qualidades para sedu-

zir a Ariadna paradoxal que encaminha e propicía ás existencias de agora; — e creio bem que se os seus olhos alguma vez se poisarem nestas páginas recordativas, ainda terá, como unico commentário, a velha fórmula da sua indifferença:

— Cebolório p'ra as rhetóricas!

Quando a diligencia rodou novamente na estrada escalavrada e poenta, as minhas relações com Jerónymo Rodrigues tinham já uma parte da antiga cordialidade.

Soube então que o previdente ecclesiástico se encaminhava para a Ponte da Barca, onde devia esperál-o, bem pensada e arreada, a mula que o levaria á sua distante paróchia, entre montanhas raianas.

Liberta a lingua pelas libações da merenda, Jerónymo aboliu da sua grossa physionomia a catadura solemne e soturna que até então a empedrára. Do alto da imperial, vaidoso do seu saber, explicava solicitamente panoramas e palácios, trajes e usanças. Já penosamente subiamos as ladeiras da Portella do Vade, quando uma outra carruagem se aproximou e, num trote rápido e airoso, ultrapassou a nossa trôpega diligencia.

Era uma pequena berlinda, aceada e lustrosa, com as janellas das portinholas misteriosamente veladas por cortinas de sêda verde.

O Alexandre, imaginativo, começou a esboçar

uma aventura... As cortinas corridas, a velocidade que fazia espumar o suór das ancas dos cavallos, até a indifferença olimpica do cocheiro, — tudo indiciava um mistério de amor, romanticamente arrastado para os vergeis do alto Minho...

— Quem será, senhor padre Rodrigues? — inquiriu por fim, respeitando o saber do nosso cicerone.

O padre meditou durante alguns instantes, o beiço caído, os olhos perscrutadores na caixa reluzente da carruagem que se afastava.

— Quando Deus quer — opinou a final — é o governador civil que anda a pedir votos!

A hypóthese repugnou-nos, mas não a contraditamos — tão verosimil nos pareceu. A poesia d'uma carruagem fechada está, mais que nenhuma outra, sujeita a desagradaveis equivocos. E bemaventurados aquelles que, erguida a cortina misteriosa, encontram sómente um governador civil com as algibeiras cheias de listas eleitoraes!...

A propósito, desejamos saber qual era o partido que merecia o applauso e o auxilio parochial de Jerónymo Rodrigues.

Nenhum! Em politica, o meu antigo companheiro de casa era em primeiro lugar scéptico e em segundo lugar opportunista. Referiu-se acerbamente a alguns collegas que só tarde e mal ministravam os sacramentos da Egreja aos adver-

sários politicos da freguezia, e chasqueou, com transparente ciúme, de outros que se ufanavam de honrarias pérfidamente adquiridas á bôcca da urna...

— Aqui ha pouco tempo — exemplificou — deram honras de cónego ao parocho da freguezia de X..., em paga de elle virar a casaca. Os senhores sabem o que é uma bêsta?... E' o que elle é: uma bêsta quadrada! Pois fizéram-no cónego, monsenhor e prelado doméstico do papa! Se ha outra eleição renhida, fazem-no bispo! E ainda dizem que a gente deve acreditar nos politicos!... Cá p'ra mim, véem elles de carrinho. Cebolório p'ra as rhetóricas!...

E logo a seguir contou aziumadamente certas anecdotas picarescas d'esse maleavel sacerdote. No domingo immediato á publicação do despacho que lhe conferiu a dignidade de cónego, querendo fazer a nova bem conhecida dos seus parochianos, introduziu no meio da missa conventual uma prédica exortando o povo a observar com mais regularidade os preceitos da Egreja, e concluiu: — «Imaginae vós, meus irmãos, a minha afflicção quando no dia do juizo final Nosso Senhor me perguntar: — *Senhor cónego, que fez vossa excellencia para salvação das suas ovelhas?*»

Chegamos ao alto da Portella. O cocheiro, desencaminhado por um grupo de contratadores de gado, desamparou no meio da estrada passa-

geiros e cavallos, e foi emborcar profusamente, á porta d'uma taberna, os rôxos, famosos vinhos da região.

Depois descemos a outra vertente da montanha a toda a velocidade, pádejados no alto da imperial pelos procellosos solavancos do carro. Dos casaes próximos saíam creanças sujas e ferozes cães de fila que perseguiam a diligencia com um confuso alarido de risos e latidos.

Jerónymo, solicito, mostrou-nos os montes de Aboim e Nóbrega, de alto, resplandecente passado; as casas da Agrella e Paço-Vedro; a Torre de Quintella, desdentada e negra como baluarte mutilado por pelejas heroicas; a casa de Caldas, entre as altas verduras de S. Martinho de Crasto, onde o Abbade de Peruzello escreveu esses bojudos fólios de genealogia que hoje pejam a Bibliotheca Publica do Porto; — e sempre assim até ao centro da villa da Barca, aonde esse saudoso companheiro, depois de nos apertar effusivamente as mãos, ficou com a sua próvida sacca sacerdotal, um feixe de fitas de ferro para arcar toneis, e até dois enormes saccos de baga de sabugueiro nos quaes elle fizéra collar, com desculpavel malicia, este engenhoso letreiro — GRÃO DE BICO HESPANHOL.

Mas como a baga, contundida pelos violentos solavancos da jornada, espirrava já o seu sangue rôxo através das malhas da linhagem em que fôra

ensaccada, o cocheiro, finório, não poupou uma chalaça ao prudente ecclesiástico. Confiando a preciosa carga a um creado de Jerónymo, exclamou:

— Cautela com o grão de bico, moço, que vem em carne viva!

Mas Jerónymo, avisadamente, não deu ouvidos ao remoque; — apenas, com respeitavel desforço, restituiu ao seu bolso pondunoroso o pataco que destinava á gorgeta do cocheiro.

Deixámol-o ahi — talvez para nunca mais o vêrmos — esse deleitavel companheiro. Atravessando a villa, descendo a galope a estrada ladeirenta que conduz á ponte, ainda fizemos esvoaçar sôb o sol glorioso os nossos lenços. Jerónymo correspondeu, effusivo, entre os seus desmascarados saccos de baga, — e só deixamos de pensar nelle quando o cocheiro, tendo transposto o marco que divide a meio a ponte de pedra, exclamou:

— Já entramos no concelho dos Arcos!

IV

Arços de Val-de-Vez. — *Uma mulher de passo tardo e gesto prompto.— O hotel e o dono do hotel.—Judith lavando roupa. —Um caso de contrabando. — Visita a curiosidades e monumentos. —Um lindo trecho de paizagem.— O jantar do hotel.—A dama misteriosa. — Rasto de mulher. — Passeio nocturno. —A limonada de Judith. — A razão por que o chronista escapa á sorte de Holofernes. —Ninette reapparece e entra definitivamente na caravana.— Partida para* Ponte da Barca. — *Severino Taborda. —Apotheose e seus resultados. —Visita á villa da Barca. — Uma casa celebre. — Acham-se vestigios phisionómicos de D. Manuel de Portugal e de D. Isabel de Castella.— Pittoresco e celebridades barquenses.*

Soava meio dia nas torres de S. Paio, quando os rossins da diligencia, farejando a proximidade da sua cavallariça, nos levaram, num galope ancioso, através da ponte que desembóca no coração dos Arcos de Val-de-Vez.

— Cá estamos! — elucidou o cocheiro, dando uma chicotada de carinho no cavallo de mão.

O carro parára no Campo do Trasladário, sôb as primeiras árvores dos dois extensos renques que bordavam a linha do caes. Na nossa frente as casas da villa, suavemente encastelladas, tinham caliças e vidraças que faiscavam ao sol.

Apeadas as nossas malas entre o alvoroço da dispersão, demandamos com ancia o melhor hotel da terra. Alguns rapazotes esfarrapados hesitavam, em torno de nós, rosnando entre si palavras hostis. Percebemos então que tinhamos caído nas garras de dois partidos rivaes: um que exaltava os bifes e a barateza do hotel A, e outro que celebrava as canjas e o aceio do hotel B.

A nossa indecisão ia aquecendo a disputa; havia já gritos obscenos, punhos fechados, gestos insultantes — quando, d'entre um grupo de curiosos, uma grande e gorda mulher surgiu, a face rosada cheia de caracóes de cabello castanho, o traje ousado e garrido accusando a exuberancia das fórmas, o olhar malicioso e acariciador que tornou meritório o arrependimento de Margarida de Cortona...

— Os senhores querem hotel? — perguntou ella, aproximando-se.

Á nossa resposta affirmativa, a desenvolta creatura, dispersando a bofetão os garotos mais recalcitrantes que nos rodeavam, convidou-nos

seguil-a. O Alexandre, galantemente, confiou-lhe logo a nossa sorte e as nossas malas.

Na sua companhia, enfiamo-nos por uma rua estreita e cheia de sombra; e emquanto caminhávamos íamos escutando o elogio do hotel que nos estava destinado, o seu aceio, a sua tranquillidade, o primôr da sua freguezia... Ainda nessa mesma manhã chegára aos Arcos uma senhora linda como um astro, leve e brilhante como uma ave do paraizo, que fôra direitinha para aquella hospedaria...

Manquejava, com as malas na mão, contando estas coisas singulares. O Alexandre, curioso, perguntou-lhe se a sua perna fôra ferida por alguma suja frécha de Cupido... Ella riu, tregeiteou, e contou a vaga historia de um desastre.

No hotel fomos recebidos com alvoroço. O dono da casa, com eloquencia e ademanes tribunicios, annunciou logo que os nossos aposentos estavam preparados desde as onze horas.

— Preparados ?!— exclamamos nós.— Então o senhor esperava-nos?

O homem impertigou-se:

— Mas com certeza, cavalheiros! O aviso não veiu com muita antecipação, mas como tenho sempre a minha casa em ordem, os aposentos de vossas excellencias foram preparados em menos de uma hora.

— Mas nós não mandamos aviso algum! — bradou o Alexandre.

O hospedeiro sorriu com benevolencia; depois, discretamente, replicou:

— Em todo o caso, como não espero mais hóspedes e tenho todos os outros quartos tomados por uma partida de caçadores, darei a vossas excellencias os aposentos preparados.

— Optimo! Mas olhe que nós, depois de lá estarmos, não saírêmos, ainda que os outros appareçam!

— Os outros?!...

— Sim, os que mandaram o aviso.

— Não apparecem.

Novamente, o mesmo sorriso benevolente e discreto enrugou a face velhaca do hospedeiro.

— E' enigmático, este homem! — segredou-me o Alexandre. — Tem qualquer coisa de poësco, naquelle *fácies* de velho bruxo...

— Essa observação é escandalosa no Minho e sôb o sol glorioso d'este dia! — objectei eu.

Atravessada uma saleta de recepções, achamo-nos nos nossos aposentos. Eram dois quartos estreitos e longos, onde a cama de cerdeira, em forma de canapé, a mesa de casquinha envernizada, o lavatorio de ferro e duas cadeiras, se accumulavam, fazendo entre si viellas apenas transitáveis para homens de carnadura pouco adiposa como nós. Uma janellinha de cella fradesca dava

aos nossos olhos o recreio d'um quintal, onde bastas fileiras de couves pendiam, desfallecidas pelo calor, e ágeis, viçosos feijões trepavam ás mais delgadas hastes dos arejões de carvalho. Perto da casa, numa larga pia de pedra, onde caía a água d'uma bomba de madeira, uma rapariga batia roupa ensaboada, cantando. Parecia linda, pela escassa nesga de face que do alto das janellas lográvamos vêr; e as suas mãos, vestidas pela espuma do sabão, tinham a graça das mãos que sabem o segredo das caricias...

Insoffridamente um de nós, afinando as cordas vocaes, ainda enrouquecidas pelo pó da jornada, soltou do alto uma quadra de amores... Ella, estupefacta, ergueu os olhos.—Deus meu! Que linha de perfil! Que bôcca admiravel para sorrisos e beijos! Que olhos profundos e suaves!

Ambos nós, escandecidos, lhe offerecemos o coração num gesto arrebatado. Ella riu—os dentes brancos luzindo como pedacinhos de gelo na corólla ardente dos seus lábios! E ninguem poderia descrever a graça com que um movimento da sua cabeça nos despediù e o seu corpo airoso e frágil se dobrou novamente para o lavadoiro.

Quanto tempo ali estivemos debruçados na janella, presos ao seu encanto? Difficil seria dizêl-o. E apesar de toda a nossa diligencia, apenas conseguimos merecer-lhe o segredo do seu nome, Judith, e alguns doces, fugitivos sorrisos.

*

Entretanto, forçoso era cumprir o nosso dever de excursionistas. Lavados e escovados, descemos á rua — onde um mercador de sardinhas discutia com um guarda fiscal a procedencia d'um chale e d'um lenço de sêda, que tinham vindo fraudulentamente da Galliza, no meio das canastras do saboroso peixe.

— Isto cheira a contrabando! — rugia o beleguim do fisco.

— A contrabando!... — deplorava o mercador, offendido.— Cheira mas é á sardinha!

E cheirava — odiosamente!

Deixamos aos moradores da rua, já agglomerados em portas e janellas, o espectáculo d'aquella contenda, e subimos morosamente uma outra rua que se nos deparou em frente, comprida, estreita e curvilinea como uma lombriga. Era a rua Direita.

Antes porém de penetrarmos nesse estreito corredor público, detivémo-nos um instante no largo da Misericórdia, onde o templo d'aquella casa de caridade ergue as suas incaracteristicas paredes caiadas.

Fundada por esmolas no fim do seculo XVI e reedificada mais tarde, essa egreja pouco ou nada tem que interesse um curioso de arte. Na fachada, sóbriamente ornamentada, exhibe um nicho, d'onde Nossa Senhora da Porta despacha diligentemente a sua clientela de devotos, e um par

de sinos que logo nos afugentaram com o seu raivoso, aggressivo badalar.

— Parecem dois cães de fila! — exclamou o Alexandre, transido, refugiando-se na guéla da rua Direita.

Momentos depois achávamo-nos na praça Municipal, um largozinho acanhado e irregular, onde ao lado da frontaria pretenciosa do paço do concelho caretêa miseravelmente a cadêa pública. Numa reintrancia, que faz frente á egreja do Salvador, templo antigo para cuja construcção o incestuoso marido de Maria de Saboya concedeu os direitos do sal, ergue-se o pelourinho, uma interessante joia quinhentista que o municipio parece ter ali erigido definitivamente, depois de o haver passeado por quasi todos os largos da villa.

Discutindo, a propósito de certos emblemas insculpidos nesse curioso monumento, a hypóthese de ter sido a villa dos Arcos a pátria de Zarco, descobridor da Madeira, alcançamos num instante o largo do Espirito Santo — e logo esquecêmos o problema histórico em que vinhamos empenhados, ao deparar-se-nos o delicioso trecho da paisagem que borda, ao norte, todo o regaço do horizonte.

Alcandorado num outeiro, com deleitosas sombras de árvores, como belvedère offerecido a poetas e namorados, esse pequeno largo é, sem du-

vida, o mais bello miradouro d'aquella povoação tão cheia de pitorêsco. Telhados de velhas casas, entestando quasi com a base do seu parapeito de granito, vão descendo a encosta suave, apartados pela linha sinuósa das ruas, até um extenso valle onde, entre o jardim verde dos prados, milharáes e vides — correm, brancas e brilhantes como regatos, ondeadas fitas d'estrada.

Uma trincheira de montanhas, começando no alcantilado bairro de S. Bento e distanciando-se numa vaga ondulação semicircular, cinge a paizagem, aproxima e offerece mais o seu encanto aos olhos que a percorrem. E através de todo esse incomparavel milagre de vegetação, o Vez desliza tão manso e submisso que nem mesmo escachôa contra a linha dentada das poldras que perto da villa o vádêam. As suas águas, sôb o diáfano azul d'aquella tarde de agôsto, reflectiam sem uma deformidade as casas e o arvoredo das margens. E eram tão sentimentaes esses aspectos, tão impressiva a sua tinta idyllica, que ambos nós deixamos aquelle lugar em silencio — penetrados por essa inexplicavel saudade que dentro do coração despertam ás vezes certos espectáculos da natureza.

Quando no fim da tarde, exhaustos, chegamos ao hotel, já os famosos caçadores, de que nos fallára o hospedeiro, se alastravam pela sala de jantar, trocando tumultuosamente as impressões

da sua aguerrida expedição. Eram cinco; vinham de bater as lombas de Suajo e Cabreira, á caça de javalis; e todos elles eram fortes e montezes como os pastores de Viriato!

Como o hospedeiro, solicito, nos communicou que aguardava a nossa chegada para servir o jantar, logo affrontamos com temeridade a presença dos heróes.

A nossa chegada, coincidindo com a dos pratos d'uma olorosa sôpa de nabo, apenas foi notada pelo mais barbudo dos nembrods — no qual reconheci, surpreso, meu primo Garcia de Caldas, atirador emérito de Ponte do Lima, que logo me perguntou, emquanto eu limpava ao guardanapo a colhér de estanho que me tinham dado, se ainda possuía a afamada clavina de meu tio Berredo...

Confessei-lhe, com mágua, que nada sabia. O meu barbudo parente soltou um «oh!» de pura lástima — e, por desprezo de certo, não tornou a dirigir-me a palavra auctoritária durante a refeição.

Emquanto aquelles homens fragueiros celebravam a morte d'um cevado em cujo coiro dois d'elles haviam mettido certeiros pelouros, o Alexandre distrahia-se a observar as evoluções do creado de mesa que, antes de franquear ao nosso appetite os mimos da cosinha do hotel, os ia levar a um gabinete contiguo, onde algum hóspede soberbo e dinheiroso se fazia servir num isolamen-

to de principe. Algumas vezes mesmo a bella Judith, auxiliando o servo, entrára no quarto misterioso com especiaes pratos cobertos...

Um ciúme negro começava já a revolver as nossas entranhas. — Quem seria o bonifrate que se dava o gôzo de jantar em gabinete reservado, servido pela admiravel Judith?...

— E' escandaloso! — rosnava o Alexandre. — Eu vou protestar em nome da Litteratura e da Venatória espoliadas!

O creado, inquirido, declarou-nos porém que o objecto d'aquella singular distincção era uma madama...

— Um camafeu, hein?

O servo, deixando quasi entornar sobre nós uns mal amanhados bifes de cebolada, soltou este commentário expressivo e fogoso:

— Bôa como um raio!

Como um raio!... Ambos nós então, sem acreditarmos em demasia na bondade dos raios extra-geométricos, tentamos enfiar o olhar curioso pela escassa nesga da porta entreaberta... Depois, protegidos pelo vozear, cada vez mais vehemente, dos caçadores, ousamos até fazer signaes á Judith pedindo-lhe que deixasse escancarada a porta do gabinete; mas ella, logo que comprehendeu o nosso empenho, atirou-nos um claro riso de troça, e nunca mais se esqueceu de correr, com um gesto de desafio, o tilintante ferrolho.

Entretanto, quando nos erguêmos da mêsa, como o servo saía com uma ruma de pratos, pudémos vêr de costas, curvado sobre uma toalha de franjas vermelhas, um delgado busto de mulher aureolado por uns cabellos que pareciam um borrifo de agua doirada á luz avermelhada do fim da tarde.

— Quem será? Talvez alguma Virginia fugitiva... — conjecturou o Alexandre.

— Sem Paulo? — duvidei eu.

— Com vários Paulos, naturalmente. Esses caçadores parecem-me todos mais ou menos paulistas.

Reentramos nos nossos quartos — e, estirados academicamente nas respectivas camas, esperamos a noite para gozarmos o aspecto da villa á luz das estrellas e do petróleo municipal. Através da porta de communicação interior, palestramos diffusamente, commentando os episódios d'esse dia memoravel, desde o encontro de Jerónymo Rodrigues na imperial da diligencia, até á misteriosa mulher dos cabellos d'oiro, lobrigada no quarto contiguo á sala de jantar.

A noite caíra já quando o Alexandre, fumado o ultimo cigarro, reclamou, pondo-se de pé, a hygiene do passeio digestivo e o gôzo de certos charutos preciosos que comprára no botequim do snr. João do Campo... Mas, accêsa a véla, o meu pobre amigo soltou uma exclamação de espanto.

— Que é? — perguntei, alarmado, das obscuras profundas do meu quarto.

— Mulher! — respondeu elle, com a concisão e a solemnidade d'um oráculo antigo.

Ergui-me rápido, transpuz a porta, sondei vivamente os cantos do aposento do Alexandre... Ninguem! Apenas sobre o panno de cróché da mêsa jaziam os crystaes e metaes luzidios que engendram ou aperfeiçôam a belleza feminina. De quem seria aquillo?...

Aspiramos as essencias e as caixas de pó de arroz, inspeccionamos com desconfiança os boiões de creme, analysamos escovas e sabonetes, pentes e alfinetes, limas e ferros de frisar...

— Alguma hóspede que se enganou — rosnamos ao mesmo tempo.

— Talvez a mulher dos cabellos d'oiro que te busca! — accrescentei eu, rindo.

— Talvez! — riu tambem o Alexandre, esfregando as mãos.

Saímos — e depois d'uma curta excursão pelas ruas da villa, já meio adormecídas, descemos ao Trasladário, onde longamente passeamos sôb as árvores. O Vez, que corria ao lado, meandrado por frageis paredes de seixos, refrescava o ambiente ainda morno d'aquella noite estival. Um égoariço embriagado, perdido na massa confusa dos carros que jaziam perto da ponte, cantava desafortunados amores, imitando com habilidade

o acompanhamento d'uma rabeca desafinada. Em baixo, numa das rampas do caes, uma mulher lavava ainda roupa ao luar, como as fadas; — e claros mantos de fadas pareciam em verdade outras roupas que seccavam em cordas na ilhota que emerge a meio do rio, erriçada de arbustos. Mais longe, a mancha das casas alvejava frouxamente, á luz d'um pállido crescente de lua — e dir-se-hia que o silencio rolava, como massas de sombra, do alto das montanhas circumdantes.

Quando recolhêmos ao hotel, ainda no bilhar d'um club próximo se carambolava com estrépito. Judith, a bella serva de perfil hebraico como o nome, aguardava-nos na sala de entrada, pespontando um avental á luz vermelha d'um candieiro de petróleo.

— Ora graças! — exclamou ella, quando nos viu. — Por pouco deixava-os na rua!

O sorriso convidativo que lhe mostrava os dentes brancos, fazia d'aquella ameaça uma garridice de mulher cortejada. Apesar d'isso ambos nós levamos a dêxtra sobresaltada aos respectivos relógios:

— Dez horas e meia!

E ella, correndo sobre as couceiras da porta de castanho uns ferrolhos dignos das enxovias de Nero, accentuou:

— Já tudo dorme no hotel!

Já tudo dormia! Excellente occasião para

desvendar o mistério da dama dos cabellos d'oiro! — pensou o Alexandre. E de braços cruzados deante da porta do corredor, ameaçando a Judith de lhe vedar toda a noite o repouso do seu leito, exigiu a chave do enigma.

— Qual chave, nem meia chave! Ella que lh'a dê, se quizer!

O seu olhar negro coriscava; senti-a capaz de degolar dezenas de Holophernes feitos como nós de mal amassado barro... O Alexandre insistia. Inabalavel, Judith affirmava que não sabia quem era a creatura. E como eu, compadecido, exhortei o Alexandre a que lhe facultasse o caminho do repouso, a admiravel mulher lançou sobre mim um olhar de agrado e mel, que me deixou tonto.

Ai de mim! como contar o que se passou nessa noite memorável? Hoje, apenas me lembro que o Alexandre, vencido pelas minhas súpplicas, desistiu de aclarar o mistério da dama loira e se encaminhou desalentado para o seu quarto — e que eu, assaltado a meio do corredor por uma sêde devoradora, acompanhei a bella Judith á sala de jantar, onde ella me preparou condescendentemente uma saborosa limonada. Depois, não sei bem o que succedeu... Creio que os meus lábios, ainda húmidos da limonada, encontraram os de Judith; que a audácia do general de Nabuchodonosor me aqueceu o sangue — e

que se não appareci degolado na manhã seguinte, foi porque os lindos braços de Judith não tinham o gume afiádo dos alfanges assyrios...

Mas a minha fragilidade bem cedo foi castigada. Ante-manhã, dormitava eu no seio amoroso da linda rapariga, quando o estrépito d'uma porta aberta me despertou — e o Alexandre, parando em frente do meu leito peccador, á chamma d'um fósforo viu claramente o macio travesseiro em que eu encostava a cabeça, os abysmos de gôzo da minha culpada noite!...

De chinélas, com a longa camisa de dormir escorrendo dos hombros magros, o fósforo ardendo frouxamente entre os dedos pállidos, o meu querido amigo tinha o ar solemne d'um espectro despertado por uma dôr de barriga...

— Pois tu!... — exclamou elle, por fim. — Desmoralizares a Provincia assim, com esse descaro!...

Eu ergui-me com impeto, para explicar a aventura; a Judith, porém, desdado assim de improviso o nó com que os seus braços me prendiam, despertou sobresaltada... Felizmente o fósforo extinguira-se entre os dedos do Alexandre — e a minha pudica consoladora não soffreu o vexame d'aquella testemunha importuna.

— Logo fallamos! — clamei eu ainda, percebendo o vulto do meu amigo atravessar a porta

de communicação e fechar-se discretamente no seu quarto.

Então, com laboriosos enganos, tranquillizei a Judith, que queria escapar-se immediatamente dos meus braços; e quando afinal a deixei partir, despenteada e linda, já á claridade que entrava pelas fisgas da janella luzia bem o esmalte branco dos dentes que ella mostrava a sorrir.

Decidi logo, para me evadir á melancolia do quarto viuvo, ir explicar ao Alexandre a minha extraordinária aventura. O modo como elle se ausentára, depois de presencear a minha libertinagem, tinha o aprumo d'uma virtude offendida. O meu contricto companheiro estaria envergonhado da fragilidade vitrea da minha carne?...

Córando, como collegial arrependido, corri a linguêta que fechava a porta, entrei no quarto do meu amigo — e aproximei-me do leito para verificar se elle dormia ainda.

Mas então o que os meus olhos viram pareceu-me um sonho. Ao lado do Alexandre adormecido, inundando o travesseiro com os finos caracóes do seu cabello loiro, a Ninette dormia tambem com a suavidade d'um anjo cansado de voar.

— Ora esta! — rosnei eu, assombrado. — Como diabo veiu ella aqui parar?!...

Meditava ainda este problema transcendente, quando o Alexandre despertou com o alvoroço

de quem sacode um sonho afflicto. Então, emquanto elle me observava, reentrando a custo na realidade, vinguei-me:

— Ora tu, Alexandre!... Desmoralizares d'esse modo as enxergas castas d'uma hospedaria minhota!...

— Ai de mim! — gemeu elle. — Foram ellas, as enxergas, que me desmoralizaram!

— És um homem perdido!

— E tu, um seductor sem escrúpulos!

— Fica-te, misérrimo Adão.

— Vae-te, funestissimo Tenório!

Só mais tarde, quando esperávamos pelo almoço, contei ao poeta os episódios da minha imprevista aventura.

Elle escutou, maravilhado, gabou a minha audácia, e achou o ardil da limonada digno do espirito agudo de Machiavello...

— E que tal, essa Judith? — inquiriu.

Um fulgor estranho accendeu os meus olhos:

— Digna de Salomão, amigo! Digna do Cantico dos Canticos!

O Alexandre olhou-me com carinho, participando fraternalmente da minha ventura.

— Pois a Ninette... — começou elle, depois.

— E' verdade, conta!... De que diabólico alçapão surgiu ella?

— Tudo é simples, meu caro. A Ninette appareceu aqui, como nós poderiamos ter apparecido,

sem fazer pacto com o Diabo. Lembras-te da berlinda de cortinas verdes que passou adeante da nossa diligencia, quando subiamos as ladeiras da Portella do Vade?...

— Era a Ninette?... — inquiri com ancia.

— Era a Ninette! — confirmou o Alexandre com fleugma. Depois, dada margem ao meu assombro, continuou: — Lembras-te da misteriosa dama dos cabellos d'oiro, que se fez servir em gabinete reservado os bifes de cebolada do nosso jantar de hontem?...

— Pois era ella?!

— Era ella!

— A perseguir-nos?

— A perseguir-nos!

— E' espantoso!

— Á noite, como deves lembrar-te, quando tu fôste saborear a limonada da Judith, eu recolhi soturnamente ao meu quarto. Já perto da porta, reparei que m'o tinham illuminado, e agradeci mentalmente ao nosso hospedeiro aquella precaução que me livraria pelo menos de quebrar as canellas em alguma aresta dos móveis. Abri a porta — e eis que descubro logo, recostada no meu leito, lendo o *Janeiro,* uma admiravel mulher de cabellos loiros... Parei no limiar, estarrecido, crendo têr-me enganado no quarto... Eu não lhe via o rosto, porque o jornal aberto apenas lhe deixava descoberta a cabèça fulva e os bellos

braços côr de leite... Fui ridículo, confesso, naquella hesitação; e meditava não sei quê, quando a bella ínvasora do meu leito, afastando subitamente a gazeta, me desfechou uma longa, penetrante, carinhosa gargalhada. Era a Ninette!

— Bravo! E um romance!... E perdoaste-lhe, já se vê...?

O Alexandre despegou de si um denso suspiro:

— Perdoei!

— Concebe-se. E agora, que vamos nós fazer d'ella?

O meu amigo suspirou novamente:

— Levál-a comnôsco...

— Oh, diabo!

— Ou desistir da jornada! Ella não nos larga. Declarou-m'o resolutamente.

— Eu não desisto da jornada!

— Então levêmol-a!

— E a Moral? E os missionários? Tu esqueces-te de que estás no Minho, desgraçado, onde os evangelistas nos apontam céu e inferno para lhes deixarmos devolutas as nossas amantes?!

— E quem lhes vae dizer que a Ninette é minha amante?... Não poderiamos nós viajar com uma irmã ou uma prima?...

— Sim; talvez.

O Alexandre exultou:

— Façámol-a pois tua prima!

— Não — repliquei, esquivando-me; — antes tua irmã. O cabello d'ella tem affinidades de côr com a tua barba mefistofélica; já é alguma coisa para justificar parentesco. De resto, ella já se pendurou na tua arvore genealógica quando se apresentou como tua prima ao padre Barrosas, em Braga... Deves acceitál-a.

— Pois seja minha prima!

Este laborioso convénio foi pouco depois communicado á Ninette que prometteu ser digna da alta linhagem dos Coutinhos — e nessa mesma tarde deixamos com saudade a terra heroica de Val-de-Vez.

As côres violentas do crepúsculo estival ensanguentavam já as delgadas águas do Lima, quando a victória do Sem-Pescoço nos introduziu triumphantemente na villa de Ponte da Barca. Áquella hora pacifica, já a aragem das serras começava a refrescar o ambiente que o sol d'esse dia de agosto esquentára rudemente; e pelas ruas, pela ponte, senhoras em cabello, moços ajanotados, graves funccionários, gozavam entre lentos diálogos a suavidade d'aquelle ninho de natureza amoravel.

Como era natural, os cabellos loiros da Ninette e os nossos perfis desconhecidos alvorotaram um tanto a vizinhança que nos viu apear, com uma carga de malas, na Hospedaria Rio Lima. E mal tinhamos ainda poisado os pés em terra bar-

quense, quando dois longos braços prenderam o corpo magro do Alexandre num arrebatado amplexo. E logo dois brados se cruzaram no ar:

— Oh, Alexandre!

— Oh, Severino!

Era um moço trigueiro, meão, de longos bigodes retorcidos e brilhante luneta.

O Alexandre fez logo as apresentações:

— O meu amigo e antigo condiscipulo Severino Taborda... Minha prima Eugénia... O meu amigo Vasco de Montarroyo...

Effusivamente, o prestante moço apertou as nossas mãos. E á beira da carruagem, emquanto a Ninette e eu faziamos recolher as malas por uma suja creada do hotel, o Alexandre esgaravatou profusamente o espirito e os conhecimentos topográphicos e ethológicos do seu antigo camarada de escola.

E esse moço trigueiro, de encalamistrados bigodes, foi realmente o nosso anjo tutelar na villa pittoresca de Maria Lopes da Costa! Jornalista, presidente da Assemblêa, commandante dos bombeiros voluntários e administrador do concelho, — recommendou-nos, com a auctoridade de todos estes titulos, ao dono da hospedaria — que expulsou escandalosamente dois ourives de Braga para nos alojar como convinha.

Nessa noite, divagando em passeio digestivo pela estrada de Ponte do Lima, fixamos sem dis-

cussão o nosso programma. O dia immediato seria destinado a visitar, com o amigo Taborda, as reliquias monumentaes da Ponte da Barca. Em seguida a Ninette inventaria uma enxaqueca; e, emquanto ella ficaria a repousar no seu quarto de hotel, o Alexandre e eu iriamos visitar o primo Fafes, a Lavradas. Se aquelle meu estimavel parente quizesse prender-me a seu lado mais de dois dias, o Alexandre voltaria para os gozos urbanos da Barca e para os braços da Ninette. Depois, logo que eu chegasse, marchariamos, de novo juntos, para Ponte do Lima.

Tal o programma votado por unanimidade nessa suave noite de luar, entre milharaes tostados e altas arvores avidadas. A Ninette, porém, condicionou:

— Se é estratagema para me abandonardes, prometto-vos que Ponte da Barca levará para a Eternidade a lembrança do escandalo que farei!

Estendendo a bengala de canna, o Alexandre jurou sobre ella, como sobre uma toledana heroica, a sua lealdade de cavalleiro e galan.

— Alem d'isso, senhora — continuou, com saborosa emphase archaica — na pousada em que ora assistis ficarão nossas bagagens de refens. Mas cuidado, Rica-Dona! Durante a nossa ausencia preservae do Peccado e das tentações mundanas da babylónica Ponte da Barca, vosso corpo e vossa alma. Sêde fiel, Rica-Dona, sêde fiel!

Depois d'esta objurgatória, a Ninette, confiada no poder attractivo das bagagens, serenou.

No dia seguinte, quando descemos ao refeitório, para saborear o almoço, encontramos ao lado dos nossos pratos, presos e endereçados em largas cintas, três exemplares do *Progresso da Barca*, «semanário politico, noticioso e litterário», segundo a inscripção góthica do cabeçalho.

— Isto deve ser o jornal do Severino! — exclamou o Alexandre.

Era, com effeito. O seu nome negrejava, em normando, ao cabo das três columnas de prosa do artigo de fundo. Defendia assanhadamente o governo, o rei e a probidade eleitoral dos povos barquenses... Como pitéus litterários, servia o *Progresso* um folhetim de Zaccone e um soneto amostardado do sr. João Penha. E foi sómente na parte noticiosa da gazeta que achamos a explicação d'aquelle triplice brinde jornalistico com que o admiravel Severino quizéra amenizar o nosso almoço.

Era a noticia da nossa chegada a Ponte da Barca. Mas em que estylo!... Não quero privar a nossa glória d'este magnifico florão. Eil-o:

«Hospedes illustres. — A nossa formosa villa tem neste momento a honra de abrigar em seu seio uma das mais bellas e distinctas damas da sociedade portuense e dois dos mais brilhantes talentos da nova geração litterária. Tudo

quanto a nobre villa da Barca tem de illustre pelo sangue e pelo saber, deve ficar lisonjeado pela visita que nos faz a senhora D. Eugénia Coutinho, astro rutilante do firmamento portuense, que em companhia de seu primo, sr. Alexandre Coutinho, o scintillante poeta das *Chimeras*, e do sr. Vasco de Montarroyo, o festejado auctor das *Pedras Negras*, anda em viagem de recreio pela nossa ridentissima provincia. Dando as bôas vindas aos illustres excursionistas, a um dos quaes nos ligam velhos laços de amizade, desejamos que as impressões que levarem da nossa terra sejam de molde a corresponder á enorme sympathia com que são recebidos.»

— Eis-nos célebres para todo o sempre! — clamou o Alexandre, terminada a leitura d'estas coisas sublimes.

Rimos, saboreando, com uns péssimos ovos estrellados, o dadivoso incenso da Imprensa barquense.

A Ninette, especialmente, apreciou com gula aquella honesta designação de «D. Eugénia Coutinho».

—Lindo nome!—commentava ella.—De quem descendo eu? Que série de avós godos trabalhou para me pôr aqui ao vosso lado, a comer estes detestaveis ovos estrellados?...

O Alexandre, limpando os beiços a um faustoso guardanapo listado de vermelho, advertiu:

— Mais respeito pela linhagem augusta dos Coutinhos, senhora! Tenho cinco estrellas d'ouro nas armas, e não quero que uma só perca o brilho!

Eu então intervim:

— Ambos vós sereis satisfeitos: tranquillizae-vos. Tu, admirabilissima Eugénia, saberás os nomes godos de teus avós: desfial-os-hão, sem grande erro, os graves, heráldicos visitantes que a noticia do Severino vae trazer a esta casa...

— Como?! — atalhou o Alexandre, esgazeado. — Pois tu suppões...?

— Tenho a certeza de que, antes de findo o dia, seremos procurados por «tudo quanto a Barca tem de illustre pelo sangue e pelo saber». O Severino deu o grito de alarme. Agora é aguentar!

A Ninette ria, divertida pelo episódio. O Alexandre, contrariado, exclamou:

— E' de estarrecer!

— Meu amigo — considerei eu, resignado — a celebridade é um fructo de amarissimas pevides! O Severino immortalizou-nos, é certo; mas em compensação não saírêmos d'aqui sem duas duzias de primos venerandos.

— De primos?!...

— Sim; tu vaes vêr. Todos elles serão, mais ou menos remotamente, Coutinhos ou Montarroyos. Por isso dizia eu que a Ninette saberia em breve os nomes dos seus avós godos, e que tu

verias bem cedo resplandecer, como esfregadas a gesso-cré, as cinco estrellas do teu brazão heroico!

A chegada do Severino pôz termo á palestra e ao almoço. O Alexandre, ainda opprimido pela minha previsão, communicou-lhe o receio, que tinha, de vêr as notabilidades da Barca invadirem o hotel...

O facundo jornalista empertigou-se:

— E mal pareceria que não viéssem! Certamente, vae ahi caír tudo! Era o que faltava, serem tratados como feirantes!... A Barca é fidalga, meu amigo! Recebe cavalheiros como cavalheiros! Além d'isso vossê tem aqui parentes; vossê e o Montarroyo. Ainda hontem á noite, no Club, o Menezes de Villa Nova me disse que era seu primo por três linhas e do Montarroyo por cinco ou seis!...

O Alexandre, succumbido, nem replicou. Como seria esse parente preso á nossa estirpe por tão numerosas enxárcias?...

Emquanto o erudito jornalista nos edificava sobre este e outros assumptos de tão memorável opportunidade, fumando um charuto, bojudo e com rótulo como uma garrafa, a Ninette, anciosa de passear a sua belleza de ave exótica pelas ruas da villa, subira ao seu quarto — e dentro em pouco reappareceu junto de nós, poisado já sobre os cabellos d'oiro o seu leve chapéu de turista.

— Vamos lá? — propôz.

Nós subimos rapidamente em busca dos chapéus, confiando ao prócere barquense a nossa alegre companheira; depois, quando tornamos a descer, passeáveis, com vastas umbellas alvadias, tivémos o gosto de vêr Severino Taborda, provedor da Misericórdia, administrador do concelho, filantrópo e magistrado, offerecer galhardamente o seu braço á Ninette, para descer a desconjuntada escadaria do hotel.

A' porta, como hesitássemos na escolha do itenerário, o benemérito homem teve estas palavras tranquillizadoras:

— E' simples... A Barca é uma ilhazinha de casas... Para começar, podem admirar d'aqui o monte da Nóbrega, ancião célebre...

Seguindo o seu gesto, toparam nossos olhos um alto e escuro monte, em cuja crista se recortava o perfil irregular d'umas muralhas desmanteladas.

— Lá no alto ha umas ruinas... — observei eu.— Fortaleza?

A voz do Severino affrouxou, numa hesitação inconfessada:

— Sim... Um castello... Era lá que estavam outrora a camara e a cadêa...

Saudamos com respeito essa reliquia histórica e desandamos para a estrada de macadam que corta a meio a villa. Poucos passos andados, de

novo nos deteve a palavra reveladora do Severino:

— Aqui têm agora a nova casa da camara.

Era um edificio com seu andar nobre de janellas rasgadas assente numa galharda arcaria de granito. Ao lado, flanqueando as paredes gradeadas da cadêa, alinhavam-se os degráus d'uma larga escadaria de pedra. Um encarcerado jovial, que beliscava as cordas lassas d'uma viola junto ás rexas da sua janella, saudou galantemente a Ninette, num garganteio de cantador serrano:

> Senhora que vae passando
> Parece o sol quando nasce. ..

Por conselho do Severino, subimos a escadaria municipal e achámo-nos em uma bella esplanada onde os altos muros da egreja matriz e a folhagem trémula dos choupos espalhavam uma sombra acariciadora e amavel.

— Isto é a Alameda — esclareceu o Severino. —Agora, se querem, podemos visitar a egreja que tem antiguidade e coisas curiosas.

Fômos. Apesar dos cavalletes e operários com que a pejava uma grande obra de restauração interior, pudémos admirar o templo, que ainda conserva em talhas, inscripções, rendas de pedra e pormenores architectónicos, nitidos indicios de antiguidade. A rogo do Severino, foi tambem exhibido ante os nossos olhos profanos, um cé-

lebre crucifixo de prata que a Barca guarda e venera como dádiva authentica de el-rei D. Manuel.

Mas como a minha vista se insinuasse, de passagem, na penumbra d'uma capella particular e nella surprehendesse os nomes d'alguns remotos parentes da linhagem dos Costas, logo com ancia reclamei ao Severino a casa da fundadora da Ponte da Barca, Maria Lopes da Costa!

Eu descendo, como todo o bom fidalgo minhôto, d'essa emprehendedora matrona de quem os historiadores celebram os feitos, a longa vida, a casa sobradada e a exuberantissima prole. Sobravam-me pois motivos para, com impaciencia, desejar conhecer os muros legendários que a sua memória ainda hoje ampara, como uma hera forte de ruinas.

— Isso é um casebre, lá p'ra a beira do rio! — replicou o Severino.

Era com effeito numa rua estreita e suja que corre na vizinhança do Lima. Logo que da embocadura da ponte descêmos a rampa que dá ingresso nessa velha artéria da povoação, os meus olhos inquiétos ergueram-se á busca da frontaria nobre d'um palácio em ruinas...

Mas — decepção sem egual! — poucos passos andados, o Severino, apontando com o dedo inexoravel uma velha casa incaracteristica, que a mão d'algum ignaro caiador empolára de ridiculos bojos de cal, exclamou:

— Ahi tem a reliquia dos Costas!

Descórei — e mentalmente excommunguei o Costa irreverente que tinha de tal modo disfarçado o bolor centenário da casa de minha avó! Levantára-lhe um segundo andar, o bárbaro! Rebocára-o de insolentes caliças modernas, o sacrilego! Nem mesmo escapára ao seu atroz vandalismo a pedra com que el-rei D. Manuel de Portugal e sua mulher D. Izabel de Castella, haviam deixado memória da hospitalidade que naquella casa tinham recebido!

Como lançava todos estes anáthemas em clara e viva voz, Severino apontou-me, sorrindo, uma pedra escura que á altura do primeiro pavimento rasgava a caliça escodeada...

— E' um poial de parreira! — exclamei eu, observando o negro cabeço de granito. — Que quer dizer com isso?... Que minha avó comia uvas?... Muito obrigado pela novidade! Já Noé as comia, e até fazia vinho!

Mas Severino, impassivel, replicou:

— Não é um poial; repare bem.

Obedeci, interdicto. E o meu espanto foi grande ao distinguir, no topo d'esse grosso espigão de pedra, as linhas já meio apagadas de dois rostos... Ali estavam D. Manuel e D. Izabel!

— Vossê tem a certeza de que são estes, Severino? — interroguei ainda.

— Toda a certeza.

Então, perante esse padrão d'uma das minhas glórias familiares, só a Ninette teve um commentário opportuno:

— Com um tubo de chumbo em cada bôcca, arranjava-se uma linda fonte histórica...

Reganhando a ponte, cuja construcção o Severino attribuiu a D. João III, paramos um instante a revêr as bellas margèns que a montante e a juzante canalizam as águas do Lima. O seu taboleiro, macadamisado e alargado por uma obra recente que substituiu por grades de ferro as antigas guardas de granito, corre sobre essa pesada, grossa arcaria, commum aos velhos passadiços da época. A meio, ergue-se agora um padrão commemorativo de fundação e da restauração — que ao mesmo tempo signala o limite dos dois concelhos da Barca e dos Arcos.

O sol ardente da tarde como que aquecia também a fina aragem que vinha do norte, agitando folhas e arripiando águas. Em baixo, perto dos primeiros arcos da ponte, um grupo de homens construía laboriosamente uma jangada para transporte de madeiras ao porto de Vianna. Observamos durante alguns minutos esse serviço pesado e primitivo, o pensamento já somnambulamente perdido em não sei que reminiscencias ancestraes...

Mas o calor escaldava, ali onde só tinhamos

a defender-nos do sol a delgada teia das nossas umbellas de sêda crua. O Alexandre, abrasado, suffocava já temerosos espirros...

Recolhemos á sombra acolhedora das ruas da villa. Severino mostrou-nos ainda a Misericórdia, o hospital, curiosos prédios particulares, e outras notabilidades.

Nessa tarde, depois de jantar, esmagou-me com vehementes oratórias, para me convencer de que era a Barca e não Ponte do Lima, a pátria de Diogo Bernardes.

Debalde eu interrompi o meu prudente silencio para lhe lembrar que sempre, em todos os tempos, as povoações rivaes terçaram armas junto dos berços de santos e heróes... — Quem nos poderia garantir que na agonia do seculo XX, por exemplo, algum arcoense ávido de glórias não viésse contestar á villa da Barca a honra de ter ouvido os primeiros vagidos d'elle, Severino Taborda?!

O prestimoso jornalista confessou que a hypóthese era verosimil — especialmente pela circumstancia de sua mãe ser natural dos Arcos; — isso, porém, não impediu que elle dissertasse ainda uma hora mais sobre a naturalidade de Diogo Bernardes, sem se lembrar de que tinha, indiscutida, a honra de ser conterráneo de outro poeta do mesmo sangue, mas de bem maior alma — frei Agostinho da Cruz.

V

Uma jornada romantica. — O Pintarrôxo guia e commenta. — A torre de D. Rodrigo Taveira. — A casa do primo Fafes. — Um capellão compadecido. — O doutor Rosalino. — Questões, anecdotas e sátyras. — Dois sonetos d'um frade desbocado. — Uma ruina. — A janella de Dona Iria. — Um rimance. — A tia Dona Anna: suas obras e singularidades. — Extravagante sonho do Alexandre. — Momentos de pavor. — Um casamento aldeão. — Velhas usanças. — O padre Trindade engasgado por dois limões symbólicos. — O Alexandre desengasga-o com um jacto de eloquencia. — Regresso á Barca.

Só na tarde do dia immediato conseguimos partir para Lavradas.

Severino, conhecendo a nossa sêde de pittoresco, lembrou que em vez de galgarmos numa péssima traquitana os seis kilómetros que nos separavam da casa do primo Fafes, poderiamos devassar o mistério dos caminhos avoengos, heroicamente bifurcados sobre as mansissimas éguas do Pintarrôxo, arrieiro cortéz, folgazão e leal.

Acceitamos com alvoroço — mas forçoso foi retardarmos algumas horas a nossa abalada, afim de mandar chamar o homem, que residia fóra da villa.

Eram quasi cinco horas quando partimos. A Ninette, da janella do hotel, viu alegremente formar-se o préstito. As éguas do Pintarrôxo, arreadas com velhas sellas e rutilantes telizes, soffreram com estranha resignação o nosso desageitado cavalgar.

— Falta-vos só a armadura de S. Jorge! — bradou a Ninette quando nós, ovantes, já em cima dos rocins, a saudamos com clássica galanteria.

Faltava-nos, em verdade! O puído e anachrónico luxo dos arreios era incompativel com as flanellas claras do nosso fácil trajo de excursionistas. Nós mesmos sentimos isso, trotando pelos velhos caminhos como san-jorges mal atarraxados...

A travessia, com tanta curiosidade esperada, não teve afinal o encanto que nós fantasiávamos. Certo, havia trechos de paizagem interessantes; aqui e alem o pittoresco rústico detinha por vezes os nossos olhos; mas tudo isso era escassa recompensa para quem tão longas caminhadas era obrigado a fazer entre ribanceiras altas como muralhas de fortaleza, e pinhaes cerrados como ribanceiras .. Máus cavalleiros montados em pes-

simas cavalgaduras, através dos temerosos barrancos que a engenharia antiga nos deixou, o nosso corpo soffria tanto como os nossos olhos illudidos na sua confiante espectativa...

E ali mesmo, emquanto o Pintarrôxo nos mostrava as paredes denegridas da casa de D. Rodrigo Taveira — nós, insensiveis, juramos que jámais os nossos corpos, aleitados pelo sôro da Civilização actual, se arriscariam outra vez a jornadear por essas estradas — cumplices talvez ainda dos amores peccaminosos que fizeram d'esse remoto commendatário um dos mais estimados patriarchas da nobreza do Minho.

Quando paramos em frente da casa do primo Fafes, anoitecia — e a luz fugidia que adormentava a paizagem de campos com altas vinhas desgrenhadas, fizera entre nós um sentimental silencio. O Pintarrôxo, impressionado tambem, cantava os infortúnios d'uma engeitada, em melopêas lamentosas do velho cego. De casaes, que o arvoredo próximo occultava, vinham mugidos de gado, lentos, entre o gorgolejar de chocalhos de rebanho.

— Ora cá estamos, com a graça de Deus! — bradou o arrieiro. E martellou uma forte aldravada no espesso portão castanho antigo.

Um cão arremetteu, ladrando raivosamente. O arrieiro, confiando pouco nas formidaveis couceiras do portal, quasi espedregou o caminho, en-

chendo as algibeiras da véstia de calháus preventivos.

Mas o animal logo se arredou, ganindo; e um homemzinho esgaivotado, sem barba, o pescoço entalado num collarinho sacerdotal, espreitou-nos com dois manhosos olhos de gato, abrindo cautamente a porta falsa.

Eu conhecia-o. Era o Marcos, um velho escudeiro de maneiras untuosas e dúbias, que o primo Fafes herdára d'umas parentes de Braga, solteironas e devotas.

Já o Marcos, reconhecendo-me, repuxava a pelle sêcca do carão num sorriso de bôa-vinda, quando do outro lado do caminho, auxiliando o manquejar das suas pernas rheumáticas com um antigo bastão de ébano, appareceu o primo Fafes — bello, verdadeiramente bello, com o seu escapulário de barbas brancas.

Vinha com elle um padre, o Trindade, seu capellão, ampla figura de despenseiro, cara escabiosa e morena de tão infeliz irregularidade de linhas que quasi causavam dó os olhos azues, limpidos e infantis, que a sua alma contemplativa escolhera para janellas.

O primo Fafes recebeu-nos commovidissimo, de braços abertos. A sua melancolia de poeta solitário alvoroça-se sempre quando alguma visita de gente moça perturba os echos adormecidos do seu lar viúvo. Conforme elle diz, esquece a sua

velhice ou julga-a ainda útil, visto que nós, rapazes de idêas e palavras exaltadas, procuramos com interesse as suas palestras — que têm o encanto de certas flôres do campo cujo aroma e côr pouca gente conhece...

— Oh, primo Fafes! Então vem de bucolizar? — exclamei, correndo ao seu abraço.

— De certo! Uma bucólica excepcional! O immortalizador d'ella aqui está — e designava o padre. — Não é verdade, Trindade, que vossê ainda um dia ha de escrever as minhas rheumáticas Geórgicas?

Rimos. O padre, embaraçado, balbuciou:

— O que V. Ex.ª ordenar... Se tivesse o engenho do cysne mantuano, poderia... Lembro porém a V. Ex.ª que os illustres viajantes devem vir cheios de debilidade... Não... Quero dizer: vazíos... Não...

Protestamos com um gesto agradecido, fungando. E o primo Fafes, ridentissimo:

— Que lhes disse eu? Puro Publius Virgilius ... Trindade! Dê-me tambem um abraço, senhor Alexandre Coutinho — continuou, dirigindo-se ao meu amigo.— Ajude-me a acreditar que são dois filhos que véem vêr-me.

— Pelo coração sômol-o, sem duvida, e dos primogénitos!

Emquanto Marcos e o arrieiro recolhiam as cavalgaduras, ali mesmo, parados sobre as pedras

*

do caminho, contamos a nossa jornada através de campos e pinhaes, chapinhando atoleiros por onde o Pintarrôxo navegava com os seus tamancos blindados, cantando invariavelmente esta copla allusiva:

> Já passei um rio a nado,
> Um lago vou vádeando,
> Para ir ver o meu amor
> Que está por mim suspirando!

Interrompeu-nos a voz do padre Trindade:

— Mas os illustres viajantes, depois de tantos trabalhos e máus caminhos, devem estar a caír de...

— Debilidade — completou o primo Fafes, sorrindo. — Vamos lá para casa socegar esses escrúpulos, meu caro Trindade. Para facilitar, é melhor vossê ir adiante preparar as coisas com o Marcos...

Em vão affirmamos o silencio satisfeito dos nossos estómagos. O padre Trindade esgueirou-se para casa, com a bochecha illuminada. Ainda tentamos detêl-o; mas o primo Fafes contrariou-nos:

— Deixem-no ir, deixem-no ir... Tem sempre aquelle zelo... E todo o seu gosto é ser tambem «illustre viajante», dentro de casa, é claro!

Deliciosos foram os cinco breves dias que nos deu a hospitalidade d'esse velho encantador.

Das visitas que tivemos, todas d'um pittoresco assignalavel, nenhuma nos foi mais fiel e carinhosa que a do dr. Rosalino, magistrado aposentado, solteiro e ceremonioso, com quem o Alexandre se divertia immoderadamente. O dr. Rosalino era cathólico e miguelista; usava rabôna e collete fieis á moda da sua mocidade. As suas palavras escolhidas e meditadas, a sua dicção clássica, inimiga de artigos, e a torrente de anecdotas históricas que do seu saber inesgotavelmente manavam, faziam d'elle como que a alma penada d'um d'esses velhos jornaes litterários que ha sessenta annos deleitavam os serões provincianos.

O Alexandre esmiolava-o com as mais absurdas controvérsias; e como o dr. Rosalino só se interessava sinceramente por assumptos patrióticos ou religiosos, o meu camarada, divertindo-se com as irritações cómicas do magistrado, nunca cessava de procurar, na história pátria ou na Biblia, águas turvas onde pudesse arpoar algum tremendo paradoxo.

Um dia em que discutiam os beneficios do christianismo, sôb os ramos musgosos d'uma carvalheira centenária, o Alexandre teve a idéa extravagante de lhe affirmar que Jesus, se fosse portuguez e vivesse no século XIX, teria sido um dos sete mil e quinhentos bravos do Mindello.

O dr. Rosalino mudou de côr:

— O senhor é um atheu confesso! — bradou elle, familiar e aterrado.

E o Alexandre, saboreando o pavôr do magistrado:

— É o que lhe digo! Um dos sete mil e quinhentos do Mindello. Fique certo d'isso. E hoje, se o não mettessem na Penitenciária, impôr-lhe-hiam uma conferencia na Sociedade de Geographia ou no Atheneu Commercial e uma sumptuosa indigestão servida pelo Ferrari!

— Ui! O senhor corrompe os ares com taes heresias! Tenho de ir amanhã confessar-me, para que meus ouvidos fiquem purificados da audição de suas impiedades!

—Deixe-se d'isso, doutor. Para purificar ouvidos ha coisa mais antiga e melhor que a confissão.

—Mais antiga e melhor?! Que é, então?

—Agua!

Seguia-se nova questão. O excellente bacharel todos os dias se agastava e reconciliava com o meu amigo, dezenas de vezes.

Fóra das suas espinhosas controvérsias, narrava ás vezes casos interessantes, nos serões familiares do primo Fafes. Pela sua bôcca soubemos que a duqueza de Banck, italiana, depois de uma extra-humana gravidez de dois annos, deu alfim á luz um filho tão robusto e desenvolto que apenas nasceu começou a correr pelo quarto da

senhora sua mãe e a discutir com a parteira os mistérios da vida uterina.

Quando o nosso riso festejou esta fábula, o crédulo magistrado indignou-se — e no dia immediato appareceu com um veneravel alfarrábio onde o testemunho de Alberto Krantz authenticava o prodigio.

Como o fantasma histórico que mais avultava no seu ódio era o Marquez de Pombal, mostrou-nos tambem, um dia, dois sonetos, manuscriptos em calligraphia antiga sobre um papel amarellado e puïdo, que deviam ter-lhe dado voluptuosos prazeres de vingança, tal era o gôzo com que os declamava, apesar dos feios e sujos palavrões em que era forçoso esbarrar.

A titulo de curiosidade, reproduzo aqui esses dois padrões do espírito monástico no século XVIII. Creio-os inéditos; e, para não deslavar o engenho do poeta, apenas me permitti a liberdade de tornar intelligivel a orthographia do original que o amavel dr. Rosalino me cedeu. O segundo soneto tem, como já disse, ásperos plebeísmos; apesar da máscara de reticencias que levam, não será inopportuno recommendar, ao leitor de olhos delicados, que volte depressa a página.

SONETO

que fez Fr. Joaquim Forjaz, por ser desterrado para a Beira por ordem do Marquez, por ter feito um soneto contra uma creatura, cujo soneto principiava: « Trape, Zape ».

Um soneto eu fiz, tal e quejando,
Era do trape zape o tal soneto,
E por prémio da empresa em que me metto,
Quarenta léguas fui calcurriando.

Fui dar commigo á Beira, e eis senão quando,
Depois de estar já lá muito quiéto,
Dizem-me: — « O teu desterro está completo;
Podes ir o caminho desandando ».

Calço as botas e ponho-me a caminho,
Tão contente de haver forrado a pelle,
Que isso foi coisa grande, meu vizinho!

Olhe, quanto ao Marquez, tenho dó d'elle;
Mas, já que quer lhe faça meu vérsinho,
Trape zape, zuz truz, zabumba nelle!

SONETO

Fallo, escrevo, grito, rosno e ralho,
Sem hoje me temer de quem me escuta,
E proponho ao Marquez a vil conducta,
Que o medo perdi já d'êste espantalho.

Salto, jógo, brinco, danso e bailo
A' saúde do tal f....
Já que para saír da infernal gruta
Vi primeiro por terra este *carvalho.*

Eu me dou por vingado e satisfeito,
Pois hoje, por desforra do meu mal,
Lhe mijo na pessôa e no respeito.

E para o meu despique ser cabal,
De coc'ras me verão e posto a geito,
Protestando c... no seu Pombal.

É porco, bem vêem; mas é característico, como especimen da sátira portugueza do tempo.

O dr. Rosalino deu-me o seu precioso manuscripto com a condição de eu o fazer correr o mundo em letra redonda. Se a letra, por falta de rotundidade, não correr tanto como era seu desejo, que o digno magistrado me perdôe e fique esperando, commigo, a máchina que qualquer *yankee* inventará um dia para satisfação milagrosa de tão digno empenho. Ou isto, ou esperar que D. João V resuscite com todos os in-fólios dos seus frades. Escolha o dr. Rosalino.

Ha na quinta de Silvães uma grossa muralha cuja conservação o primo Fafes vigia com os receosos cuidados de quem ampara a velhice d'um avô muito querido. Levou-nos lá, dois dias depois da nossa chegada.

O sitio é agreste, d'uma amargurada desola-

ção. Num terreno áspero, rasgado de fragas, a vegetação, bravia e rasteira, parece ter sido queimada por um fogo de castigo. A paizagem esconde-se por detraz do verde luctuoso dos pinhaes; só ao nascente um longo panorama de culturas reanima o olhar.

A muralha, que é a ultima reliquia d'um antiquissimo edificio senhorial, torna-se notavel e evocadora por uma janella góthica — a janella de Dona Iria — que, com delicadissimos lavôres meio apagados pelo tempo e por verdes teias de hera, parece aberta pela nostalgia d'um desterrado para um sonhado mundo de heroísmos e amores. Um velho carvalho, com o tronco de collosso já carcomido e sem cerne, é a única árvore que ali se ergue; de longe estende os ramos sobre a parede mutilada, como associando-se devotamente á sua ruína.

Uma singularidade, que o primo Fafes nervosamente nos fez notar, foi que os braços com que o carvalho tolda a muralha, embora curvados como os d'um chorão, são os únicos que têm vida e folhagem; no lado contrário a seiva parece extincta: um álgido outomno desnudou para sempre esses ramos que agora se erguem para o céu como braços mutilados numa attitude de oração.

Esta arvore tem uma lenda; dizem que nasceu, sem a semeárem, da sepultura d'um caval-

leiro que morreu de amores pela mais bella das bellas damas de Silvães...

— Não é verdade que a árvore confirma a lenda?... — repetia o primo Fafes, com voz alterada.

Eu olhei-o. Transfigurára-se. Dir-se-hia que aquêlle sólo aonde tinham medrado as raizes da sua raça lhe communicára os segredos que os séculos misteriosos nelle tinham enterrado. Os seus olhos, em que uma estranha luz chammejava, não desfitavam o grupo da velha árvore e da velha parede, — e estou certo de que aquelles olhos viam ali alguma coisa que nós não podiamos vêr: talvez o sangue do cavalleiro da lenda circulando e palpitando nos membros do decrépito collosso.

Um profundo abatimento prostrou, em poucos momentos, o pobre velho.

— Vamos embora — murmurou elle, apoiando-se ao meu braço. — Nunca venho aqui que não fique doente. Isto, num velho como eu, é ridiculo, não é?...

Commovidos, nem o Alexandre nem eu lhe respondêmos. Elle olhou-nos — e decerto comprehendeu a nossa mudez porque o ouvi balbuciar:

— Quem me déra ter filhos!...

Nesse mesmo dia, depois do jantar, aproveitando um fio de palestra, pedi-lhe que nos contasse a história dos amores lendários de D. Iria.

Era noite. A lua nascente, ainda invisivel, dava ás montanhas de leste um nimbo de oiro e sangue: dir-se-hia que para lá d'aquelles cêrros um paiz maravilhoso e primitivo accendia fogueiras de victória sobre cadáveres palpitantes de vencidos. Do largo terraço onde estávamos, o nosso olhar perdia-se na indecisão da paizagem feita, como um céu nublado de tormenta, de diversos tons de sombra: e o silencio tinha a suavidade d'um somno de creança.

O primo Fafes principiou a contar a história da ruína. A sua voz fatigada, resuscitando ennevoados fantasmas de ballada na bruma da noite, onde se dispersavam todas as linhas de realidade, deu-me por instantes a illusão de ter recuado a um século de remotas maravilhas; no primo Fafes vi quasi um bravo do troço dos aventureiros de D. Sebastião, que, vencido e encanecido, nos narrasse os trabalhos do seu regresso de Alcácer, esmolando e rezando dentro d'um burel de peregrino, os pés queimados das areias de Africa.

Horas depois, sobre a capa d'um veneravel fólio, em que eu todas as noites, ao deitar-me, encontrava um doce estimulo de repouso, escrevi, recordando a narrativa do meu velho parente sentimental, este pállido rimance:

I

Vós sabeis o que foi feito
D'um Conde que tinha a fama
De se bater, peito a peito,
Com sete reis da Moirama?

Homem tão bravo e tão lindo
Não tornou á creação!
— Ai, pobre Dom Gundezindo,
Que de olhos te chorarão!. . .

Para montear as manhãs,
As tardes para os amores...
Diziam-no as castellãs
O melhor dos caçadores.

Quando salvava os barrancos,
Ellas, dos altos terraços,
Acenavam lenços brancos
Que eram almas em pedaços.

E assim clamavam, em pranto:
— *Coração de pedra ardida,*
Quando quebrarás o encanto
Que encanta esta minha vida?!

Que vale a guerra, a victória,
Se é doce o beijo das vôdas?... —
Mas o Conde, ébrio da glória,
Lá ia... e deixava-as todas.

II

Ora uma noite sombria
Montou elle o seu murzello.
Para onde caminharia
Ninguem podia dizêl-o.

Por montes, florestas fóra,
Quasi vôa, vae seguindo ..
Onde iria, áquella hora,
O Conde Dom Gundezindo?

Já são andadas três léguas.
E ao seu galope escoteiro
O Conde afinal dá tréguas
Junto a um castello roqueiro.

No silencio a água das fontes
Tem débeis vozes rezadas;
Paira a lua sobre os montes,
Branca, da côr das espadas...

Meia noite! e no castello
Gemeu uma gelosia.
— *Sois vós, Conde?* — disse, ao vêl-o,
Vóz que do céu parecia.

— *Sou, Senhora; é o vosso amante*
Que vem buscar vida aqui
Depois de penar distante...
— *Vencestes, Conde?*
— *Venci!*

Hostes, reis, em ancia louca,
Tudo por mim foi desfeito,
Com vosso nome na bócca
E vossa imagem no peito!

Trago nas minhas bagagens
Dez mantos reaes de arminho:
Com elles hão de meus pagens
Tapetar vosso caminho.

Trago um diadêma que, ao vêl-o,
O olhar como que se doira:
Ha-de cingir o cabello
Da vossa cabeça loira.

Adargas, lanças? sem conta!
Feridas? eis os signaes...
Mas tudo isso a que monta?...
O vosso olhar fere mais.

O meu voto foi cumprido,
Cumpri o vosso, Senhora:
Acolhei o foragido,
Abri-me as portas agora.

Que sôem breve as soalhas
A festejar o esposório,
Mandae pôr novas toalhas
No altar do vosso oratório.

Caiam as bençãos do céu
Sobre a vossa e a minha mão...
Mas a dama respondeu:
—*Inda não, Conde, inda não!*

Pelo Deus do céu e terra
Jurei de só desposar
Quem por meu voto, na guerra,
Três victórias alcançar.

Já duas vezes vencêstes;
Que outra vez vos guie o céu...
Adeus, Conde, voltae prestes
Que eu serei vossa e vós meu!

III

Sae o Conde, uma alvorada,
Da sua castellaria:
Á guerra, á guerra! (elle brada)
Por Christo e por Dona Iria!

A sua espada fulgura
Entre as lanças inimigas;
E pelejando murmura:
—*Ai, amor, ao que me obrigas!*

Seu forte braço bem cedo
Se tinge de sangue moiro;
Já todos fogem, com medo
Do guerreiro do elmo d'oiro.

Na campanha proseguindo,
Passa um sol, dez, vinte sóes...
E um dia D. Gundezindo
Ergue o grito dos heróes.

—*Victória!*— tal era o brado.
Mas, coisa estranha, par'cia
Que o céu estava amortalhado:
Nenhum écho respondia.

— *Victória!* — e no campo a Morte
Reza o rosário dos ais;..
Pobres vencidos da sorte,
É debalde que rezaes!

IV

Meia noite tange agora
Lá na campa da abbadia;
Chega o Conde áquella hora
Para vêr a Dona Iria.

Mas já se calou nos cêrros
O écho das badaladas,
E nem um ranger de ferros!...
E as gelosias cerradas!...

O Conde, ao pé do castello,
Geme como alanceado...
Poderia ella esquecêl-o?..
Não será já elle amado?..

Afinal vendo que á hora,
Outra mais se succedêra,
Bradou: — *Iria, senhora,*
Vosso amante vos espera!

Trago no corpo ferido
De outra victória o renome;
Venci tendo no sentido
Vosso olhar e vosso nome!

O meu voto foi cumprido,
Cumpri o vosso, senhora!
Acolhei o foragido,
Abri-me as portas agora!

Mas a mudez proseguia,
E o Conde bradou então:
—*Dona Iria, Dona Iria,*
Por quê, tamanha traição? —

Inda levado da aragem
Não era o brado inimigo,
Já na torre de menagem
Se abria escuro postigo.

Dom Cavalleiro! (exclamou
Quem abrira a negra pòrta)
Ninguem vos atraiçoou;
Dona Iria, ouvi! é morta!

Foi num caixãozinho estreito,
Fria, branca, como o gelo:
Levava as mãos sobre o peito,
Laranjeiras no cabello.—

—*Morta?! Morta?!*—disse o Conde
Com um grito desvairado —
— *Morta!* — do alto responde
A voz, como um écho alado.

Fugiu o Conde... Ia louco
Louco de mágua e de dor:
Desmaiava pouco a pouco
Seu coração, no estertor.

Numa lage tumular
Emfim os joelhos crava;
Agua viva de chorar
Seus olhos amortalhava...

—Iria, Iria, aqui estou
Tres victórias tenho ganhas;
Voltae vós, que já voltou
Vosso esposo das campanhas.

Abri-me as portas, Senhora,
As portas da vossa cova,
Que eu tenho medo da aurora
E já foge a lua nova.

Vós não podeis estar morta
Porque estaes viva em meu peito!...
E, morta ou viva, que importa,
Se a vida sem vós engeito!...

Acolhei o foragido
Se não morrestes traidora:
O meu voto foi cumprido,
Cumprí o vosso, Senhora! —

Então — milagre sem par! —
Ergue-se a lage sombria,
E, branca, á luz do luar,
Eis que se ergue Dona Iria!

E assim morta, o olhar ausente
No seu sonho derradeiro,
Acercando-se, tremente,
Do invencivel cavalleiro,

Estendeu-lhe—alvos pedaços
Da mortalha dos desejos—
Os braços virgens de abraços,
Os lábios virgens de beijos.

*

Elle cingiu-a ; mas quando
Num beijo o Amor os uniu,
Um par de abelhas, voando,
Das suas bôccas saiu.

Eram sonhos? eram sóes?...
Nunca ninguem conheceu...
Talvez as almas dos dois
Que iam casar-se no céu.

Pois logo que ellas voaram
Como corações alados,
Ambos os corpos tombáram
Na mesma cova, enlaçados.

E hoje, as veias onde ardeu
Esse amor, são a raiz
D'um tronco que estende ao céu
Lésos braços de infeliz,

Mas onde a seiva dorida,
Latejando, obscura e forte,
Parece affirmar a vida
Que o amor tem — mesmo na morte!

Na manhã seguinte, depois de ter atravessado em sonhos a antiguidade heroica das cruzadas, offereci a minha obra ao primo Fafes. Abraçou-me, sensibilizado pela lembrança—e numa sombra do jardim, emquanto esperávamos a hora do almoço, declamou os versos com carinho.

O padre Trindade, que estava presente, ouviu com recato, e commentou:

—Muito mimoso... A senhora D. Anna, que Deus haja, tambem escreveu uma novella, sobre esse caso.

— É verdade! — acudiu o primo Fafes. — Esquecia-me já de lhes mostrar as obras da tia D. Anna, uma irmã de meu pae... Três volumes manuscritos, interessantes por serem d'uma senhora d'aquelle bom tempo. São tratados de heráldica, notas genealógicas, velhas receitas, e velhas sentenças no saboroso latim dos Padres da Egreja. Coisas de que só podem tirar proveito os vaidosos e os gulotões da familia... Um dos volumes, porém, é realmente curioso, por historiar antigos usos, lendas, episódios tradicionaes que se relacionam com a nossa casa, etc. E neste onde véem descriptos os amores de D. Iria.

—Se suas excellencias não estivessem em jejum — disse o capellão — eu ainda ia ao Archivo buscar o caderninho em que a senhora D. Anna deixou tudo isso muito bem explicado... Mas a hora do almoço aproxima-se, e suas excellencias devem já estar com bastante debilidade...

Sorria, timido e affavel, sempre compadecido dos infortúnios do estómago.

—Não estamos, padre Trindade! Vá buscar; faça-nos esse favor.

O capellão abalou — descontente decerto com a nossa heroica temperança. E toda essa manhã o Alexandre e eu divagamos por um confuso paiz

de maravilhas épicas, guiados pelo espirito da tia D. Anna que, quando a quando, deixava caír nas sepulturas sentimentaes que encontrava no caminho nostálgico das suas páginas, alguma flôr recordativa e rôxa, orvalhada de mistério.

A tia D. Anna morrêra solteira, tendo repellido antipathicamente o coração de três morgados que se extasiavam deante das soberanas inflexões da sua voz didática. Era a letrada da casa — além do mano Bernardo, que limitára as suas raras vigilias de frade optimista a um in-fólio de receitas domésticas, macisso e amplo como o seu infatigavel estómago.

O primo Fafes contou-nos muitas anecdotas da vida d'ella, episódios originaes da sua vaidade e da sua bondade. Como era muito religiosa, tinha um oratório particular de que só ella cuidava. Neste oratório, uma rigorosa escala hierárchica determinava o lugar dos santos: reis, rainhas, principes, cavalleiros heroicos pela sua fé, mártyres obscuros — tudo escrupulosamente disposto e meditado. O ultimo lugar d'aquella côrte de bemaventurados pertencia a S. Benedicto, por ser preto. A alguns santos dava tratamentos familiares; nunca fallava do thaumaturgo lisboêta que não dissesse: «o primo Santo Antonio». E desventurado de quem lhe pedisse a explicação do parentesco!... Assistiria, sem remédio, á anatomia genealógica dos Taveiras e logo em seguida

á dos Azevedos, visto a mulher de Martim de Bulhões resplandecer do lustre d'estes dois appellidos. E, por Taveiras ou Azevedos, a tia D. Anna justificava o liame familiar, sem sensivel differença de gráu consanguineo.

De resto, uma adoravel vélhinha que dava fartamente conselhos e «soberanos» aos sobrinhos novos. Na mocidade, instada para ir servir, no fôro de Açafata, a mulher do senhor D. João VI, teve uma resposta sybillina: — «Nem que ella fosse Joaquina Carlota! Nem que ella se voltasse do avêsso!» — Tinha um desprezo sincero pelas realezas do seu tempo; e, á força de se exaltar no estudo de sua linhagem, olhava todos os potentados com a mais democrática sobranceria. Reis, para ella, só os havia no passado, nas duas primeiras dynastias... E quando adestrava na leitura os sobrinhos, em livros patrióticos da casa, se algum dos pequenos pronunciava ligeiramente o nome de qualquer remoto monarcha portuguez, a tia D. Anna advertia logo:

— Abaixe a cabeça, menino, que está a fallar d'um dos seus avós.

Quando ella morreu, com 90 annos, afflораram nas arvores os primeiros rebentos da primavera. Os pobres, que ella soccorria, pretendem que o seu corpo se acha incorrupto no carneiro onde foi depositado, e não perdôam ao primo Fafes o

desinteresse com que elle olha este caso de santidade doméstica.

Doce e amoravel vélhinha! A tua bôa alma, assim comprehendida pela alma d'esta gente rude, teve a mais lógica das homenagens que tu talvez desejaste. Muitos te crêram dura e orgulhosa, por te evadires a núpcias morgadas e por sacudires, nas tuas feminis controvérsias de Staël serrana, a poeira nostálgica dos teus pergaminhos familiares: só esta gente a quem tu apparecias tal qual eras, para a soccorreres e participares fraternalmente das suas dôres, soube comprehender a candura dos teus orgulhos — tão frágeis que uma lágrima humilde os dissipava. A tua morte devia ser como o adormecer d'uma creança a quem contaram uma linda história de fadas: e minutos antes de fechares para sempre os olhos, o teu espirito, socegado pelo bem que fizéra, talvez ainda discutisse a possibilidade de conquistar na côrte celeste o lugar honorifico que tinham no teu oratório as rainhas santificadas!...

No dia seguinte, ao despertar, o Alexandre, que toda a noite alarmára o silencio do nosso quarto commum com desconnexos brados somnambulos, exclamou:

— Menino! soou a hora de retirada! Esta noite sonhei terrificamente com a Ninette... É preciso regressarmos hoje á Barca!

Eu, crendo presentir naquellas palavras uma saudade impaciente, descantei finamente:

> Ai! muito custa uma ausencia
> A quem a sabe sentir!...

O Alexandre, entediado, murmurou sacudindo os hombros:

— Lamentos de fadista, critério de fadista!...

E como eu, agora por vingança, continuasse a encarecer, numa toadilha de fado gemente, as amarguras do exilio amoroso, elle, impaciente, continuou:

— Oh, infeliz! O que eu sonhei não foi nada que pudesse fazer-me sentir a falta da Ninette! Pelo contrário! Sonhei que ella appareceu desnalgada a dansar o cancan na capella-mór da egreja da Barca, perante o párocho congestionado e os fieis em fúria!... Ouvi-a clamar, do alto do púlpito, que não era Eugénia Coutinho, mas simplesmente a Ninette do Poço das Patas, cortezã letrada e bohémia... Vi o Severino Taborda, aquelle excellente Severino, suando de raiva, saír da egreja, á frente d'uma onda de povo, a clamar roucamente vingança! Toda essa gente, ululando, marchou para o hotel e arrancou-nos violentamente de entre os lençóes... Misérrimos, em camisa, fomos empurrados para a rua, onde a populaça impaciente ainda bramia... Iamos de-

certo ser esquartejados... Mas de repente, não sei como, a Ninette, vestida de gazas esvoaçantes, apparece acavallada nos hombros largos do Severino... O povoléu, incoherentemente, deu vivas, e nós, em camisa de dormir, achamo-nos tambem cavalgados em possantes, desconhecidos hombros... Não sei o remate da história porque acordei neste ponto... Mas toda essa fantástica farçada parece-me de máu agoiro!... A Ninette, para se vingar da nossa demora, é capaz de fazer um escandalo medonho na Barca! De mais a mais, eu prometti que iria fazer-lhe companhia, se tu fosses obrigado a ficar aqui mais de dois dias!...

— Com effeito, é preciso abalarmos! — assenti eu, arripiado.

— Hoje sem falta!

— Não ha de ser fácil. O primo Fafes, coitado, estima-nos tanto! ..

— Nós o convenceremos!

— Mas quando no fim do almoço, descascando uma pêra, eu soltei a primeira palavra, o primo Fafes, acudiu logo:

— Hoje não; tenham paciencia. Quero que assistam ao casamento da minha afilhada Angelina, que se realiza esta tarde. Vou ser segunda vez padrinho d'ella. Não perderão o tempo. Alem da noiva ser a mais linda rapariga d'estes sitios, o ceremonial profano dos casamentos populares é muito curioso aqui...

Ainda procuramos resistir á tentação, mas o primo Fafes venceu-nos facilmente com a lógica da sua amizade e da sua bondade. Ficamos — mas logo declaramos que ao alvorecer do dia immediato nos poriamos a caminho sem appellação nem aggravo.

Nessa tarde acompanhamos com effeito o meu velho parente á egreja parochial. Os noivos e o abbade esperavam-nos á porta, entre as indisciplinadas fileiras do povo curioso. Á nossa chegada os sinos repicaram — e a noiva, linda e fresca como uma margarida silvestre, adiantou-se, com um purpurejado sorriso, para beijar a mão de seu padrinho.

Quando, finda a ceremónia, saímos da egreja, os sinos repicavam ainda com immoderado júbilo. Em volta do primo Fafes, que distribuia largamente as moédas contidas na ampla caldeira de prata que um lacaio conduzia a seu lado, formigava uma ávida onda de creanças e mulheres. E entre essa multidão que o procurava e bemdizia, aquelle velho de sorriso bondoso e grandes barbas brancas, evocava uma d'essas remotas figuras da Biblia de cuja bençam dependia a felicidade dos povos...

Até então, a não ser essa singela scena de caridade fidalga, nada víramos que justificasse as promessas que o primo Fafes nos fizéra ácêrca da originalidade das ceremónias do casamento. O

padre Trindade, discretamente interrogado, deu-nos porém um esclarecimento precioso:

— Falta ainda o arco... O senhor D. Fafes acha muita graça a essa usança do nosso povo...

O capellão sorria com mal disfarçado desprezo, como quem não achava graça nenhuma á tal usança do seu povo... Nós, indecisos, esperamos.

Entretanto o cortejo tinha chegado a casa dos noivos. Á porta, alteando-se até á padieira caiada, exhibia-se um pequeno arco enfeitado de murtas, flôres e lenços garridos como bandeiras. No centro pendiam d'elle, desenhando-se no vácuo esfumado da porta aberta, um pequeno cêsto de vime, uma roca com seu fuso e estriga de linho, e dois grossos limões d'uma linda côr doirada.

Ali chegado, todo o cortejo parou. O noivo, mocetão espadaúdo e alegre, tendo-se certificado, por um rápido volver d'olhos, que todos os seus amigos estavam presentes, alçou o braço, arrancou o cesto de vime que pendia do arco e entregou-o á noiva. Vimos então que esse pequeno açafate continha uma camisa de creança, mal alinhavada, uma agulha, um novello, um dedal e uma tesoura. Ali mesmo, perante todos, a afilhada do primo Fafes cortou dois palmos de linha, enfiou a agulha, metteu o dedal no dedo e coseu déstramente uma baínha da camisa.

—Isto quer dizer — explicou a nosso lado o

padre Trindade — que a noiva está apta para cuidar como deve da limpeza e aceio de sua familia.

Iamos replicar — mas já o noivo, com o mesmo gesto seguro e confiante, arrancava do arco a roca, o fuso e a estriga de linho...

Ligeira como uma fada, logo a radiante Angelina encabellou com a estriga a sua bella roca de canna envernisada, cingindo-a em seguida com uma fina correia escarlate. E logo, sobraçada a haste, torcido o fio, o fuso começou a girar como um pião entre os seus dedos ágeis.

—E isto, que quer dizer, padre Trindade? — inquiri eu.

—Quer dizer que a noiva saberá aproveitar, por sua indústria, o fructo dos campos que o marido lavrará.

Saboreamos este amável symbolismo e de novo esperamos que o noivo arrebatasse o que ainda restava, pendente do arco: o esplendido par de limões.

Chegou o momento — e quando sisudamente esperávamos vêr a noiva preparar uma limonada symbólica, e bebêl-a fraternalmente com o marido — verificamos com surpreza que este, depois de se ter senhoreado dos preciosos fructos, os enfiava agilmente nas algibeiras do casaco entre um borbulhar de riso dos assistentes.

Então, emparvecidos, segredamos ao capellão do primo Fafes:

—Oh, padre Trindade, que trapalhada é esta? Então o homem guarda os limões?...

—Pudéra! — exclamou o excellente homem, escondendo no largo lenço de ramagens vermelhas um riso deleitado.

O Alexandre e eu entreolhamo-nos, perplexos. Os noivos tinham já entrado em casa; em volta de nós, o povo dispersava, aos grupos, gesticulando jovialmente; ao longe o repique dos sinos esmorecia já sôb a paz elysia do céu crepusculino...

—Oh, padre Trindade! com franqueza, diga lá: que significa aquella história dos limões?...

A esta anciosa interpellação, de novo a cara escabiosa do ecclesiástico, purpurejando-se feminilmente, se franziu num enygmático sorriso... Depois, compondo o aspeito, tartamudeou:

—Os limões querem dizer que a mulher tem...

E o padre, receando sujar os lábios com alguma palavra imprudente, levou ambas as mãos ao peito e exprimiu, com os dedos recurvos, concavizando as palmas, as protuberancias carnaes que dão graça aos decotes e vida ás bôccas infantís.

—Ah! querem dizer que a noiva tem fortes e fecundos seios de mãe? Optimo! comprehende-se que o marido guarde os limões. Mesmo fóra do symbolo são excellentes para o calor e para o rheumatismo... O que se não comprehende é que o senhor padre Trindade, ministro d'uma reli-

gião que fez do matrimónio um sacramento e da maternidade um dever, sorria com malicia d'um symbolo que tem tanto de casto como de respeitável!... Lembre-se, senhor padre capellão, que o limão, no caso sujeito, representa o *fons vitæ* da humanidade!

Perante esta objurgatória, que o Alexandre declamou com heroica sisudez, o pobre homem enfiou, como se a advertencia tivesse cahido, esmagadoramente, dos lábios do seu bispo... E gaguejava já explicações, desorientadas desculpas, quando o primo Fafes, apparecendo a uma das janellas da casa dos noivos, exclamou:

—Então não querem subir?... É necessário beber pela felicidade dos noivos!

Subimos — e em frente d'uma longa meza coberta de flôres e do melhor doce de Braga, engrossamos com brio os copiosos brados de saudação que se ergueram em honra de Angelina e seu marido. Particularmente, fizemos tambem um brinde ao padre Trindade, para lhe socegar os escrúpulos alarmados pela história dos limões. Quando regressamos a casa do primo Fafes, pela noite, á luz das três vélas d'um lampeão avoengo, já o digno ecclesiástico concordava comnosco em que o seio da mulher era não só o *fons-vitæ* mas tambem o *fons mortis* da humanidade.

Na manhã do dia seguinte partimos emfim para a Barca. Apesar do sol ainda não ter rom-

pido os espessos nevoeiros matinaes, o padre Trindade não faltou ao nosso discreto bota-fora, para nos affirmar, mais uma vez, a sua sympathia e fazer recommendações especiaes ao cocheiro da deploravel traquitana que nos havia fretado.

Deixámol-o com saudade; tinha os olhos húmidos quando pela última vez nos apertou a mão. E ao attingirmos a estrada de macadam, depois d'uma cambaleante trevessia por velhos caminhos ensilvados, ainda distinguimos um lenço que se agitava, como bandeira de paz, entre as ameias da torre de Silvães.

VI

Vê-se que o coração presago tambem mente algumas vezes. — Desapparecimento e várias proezas da Ninette. — Uma epidemia sentimental. — Severino Taborda contaminado. — A casa de Mourilhe. — O que os excursionistas ouviram, dentro d'um caramanchão. — Proposta de casamento. — Paschoal Taveira. — Um sarau provinciano. — Partida para Ponte do Lima. — Impressões e aspectos. — Improvisa-se um auto pastoril na «victoria» do Escachado. — Affinidades entre a estrada da Ventura e a rua do Arrabalde.

Quando o decrépito calhambeque nos despejou por fim á porta do hotel, cuidávamos já vêr, em todos os olhos curiosos que observavam o nosso triste regresso, uma tremenda, agastada censura.

Foi mesmo com plausivel receio que nos insinuamos pelo escuro corredor da entrada e galgamos os quatro lanços de escada que nos separavam da altitude do nosso quarto... O escandalo da Ninette devia ter começado por ali!... — E o

silencio da casa, onde ninguem apparecêra a saudar-nos ou a expulsar-nos, pareceu-nos sinistro.

As portas dos nossos aposentos estavam abertas... Ah! que suspiro de allívio soltamos ambos, vendo que nenhuma tempestade arrebatára as nossas malas ou mudára a ordem que déramos ás coisas!...

— Isto é um óptimo indicio — exclamou o Alexandre. — Se tivesse havido escandalo, as nossas bagagens seriam vexadas pelos barquenses ou arrebatadas pela Ninette.

— Mas ella não está cá! — clamei eu, abrindo a porta do quarto que, por pudor social, tomára a nossa alegre companheira.

O Alexandre viu tambem. O quarto estava vazio.

— É verdade! Nem sequér tem cá as bagagens!

— Ir-se-hia?... — conjecturei eu, radiante.

— Talvez... — concordou o Alexandre, succumbido.

Perante o inoffensivo aspecto das coisas, ambos recobramos a antiga coragem — e, tendo escovado soturnamente o pó que a jornada accumulára sobre os nossos fatos de exploradores, descemos a escada com fragôr, clamando pelo sr. Ignácio, com toda a impaciencia dos nossos estómagos famintos.

Mas, em vez do sr. Ignácio, quem acudiu aos

nossos brados foi a sua ditosa consorte, uma gorda e possante mulher de espesso sobrôlho, buço chinêz e assucaradas fallas.

Logo, anciosos, lhe communicamos o nosso duplo desejo: almoçar e saber de nossa prima!

A senhora Ignácia, tendo de attender estómagos e corações, começou pelas visceras mais nobres — e informou-nos que a Ninette, no dia immediato ao da nossa partida, fôra procurada pelo fidalgo de Mourilhe, o velho, que a convidára para ir hospedar-se em casa d'elle, emquanto nós não regressávamos...

— E ella foi?... — atalhou o Alexandre, indignado.

A senhora Ignácia encarou-o com reprehensivo espanto, e accrescentou:

— Foi só de tarde, com as senhoras.

— Com as senhoras?! — tornou o Alexandre, attónito.

— Que senhoras? — fiz eu tambem, opprimido.

O buço da gárrula hospedeira irriçou-se numa mimica de impaciencia, logo reprimida. Depois, benévola, pormenorizou:

— As senhoras de Mourilhe! Viéram ahi todas, haviam de ser três p'ra quatro horas, com uns fardamentos de sêda que se podiam vêr por gôsto. Foi então que a senhora D. Eugénia saiu de cá. Com o fidalgo só, não quiz ir (disse-m'o ella) porque podia a gente cá da terra não saber

*

que eram parentes, e começar a murmurar. Tem um tino que nem parece de tal idade, aquella menina!

Ambos nós, assombrados, juntamos calorosas phrases aos louvores que a estalajadeira tecia ao comedimento da Ninette... E, para meditarmos em liberdade esses estranhos successos, recommendamos á excellente mulher os nossos estómagos tão matinalmente despertados para o áspero trabalho da nutrição.

Só quando ella abalou para a cosinha ousamos entreolhar-nos. As revelações que acabáramos de escutar eram tão imprevistas, tão graves e tão cómicas ao mesmo tempo, que um riso ácido e discreto deu válvula ás nossas primeiras impressões.

—Quem será essa gente de Mourilhe?—perguntou afinal o Alexandre.

Eu encolhi os hombros, confessando vergonhosa ignorancia de parente ingrato; e por minha vez interroguei:

—E agora? Que vamos nós fazer?

—Nem sei!... Podiamos fretar uma tipoia e escapar-nos para Ponte do Lima... Mas, escapando-nos, pômos talvez a nú toda a mystificação da Ninette... É grave! Nunca suppuz que a affabilidade da Barca nos introduzisse assim no seio de familias venerandas!...

— O melhor é aguardar os acontecimentos e o prestante Severino! — opinei eu.

— Tambem me parece. A Ninette tem escola de dama; não nos deixará ficar mal.

— Em todo o caso é necessário apressar a nossa partida para Ponte do Lima.

— E claro! Logo que a recuperêmos!

Felizmente, quando acabávamos de almoçar, o grande Severino entrou ovante, com o seu lustroso fraque de administrador do concelho; e, apertando distrahidamente as nossas mãos effusivas, logo nos contou o fogoso movimento de festa com que os encantos de nossa prima Eugénia tinham reanimado a sociedade barquense. Todas as noites havia reuniões luzidissimas nos principaes salões da villa; e era d'ella, dos seus cabellos d'oiro, da sua formosura e da sua vivacidade, que irradiava, como d'um astro novo, todo o brilho d'esses festivaes! Em sua honra, organizára-se uma merenda elegante, num local célebre pela sua poesia rústica; uma romagem em burricos á Senhora do Castello; serenatas; e até, para lhe dar uma amostra dos joviaes costumes minhotos, houvera uma esfolhada a rigôr, com os melhores cantadores da região, e uma espadellada em que senhoras e espadelladeiras se envolveram a final a dansar fraternalmente o *Malhão* e a *Canninha-Verde*.

— Isto sem contar as paixões que por ahi an-

dam accêsas — accrescentou o Severino com um sorriso deliciado. — Não imaginam; um triumpho!

E exemplificou amplamente: — o Paschoal Taveira, moço bacharel, juiz substituto, rico e bem aparentado, declarava a toda a gente que o seu mais caro sonho era casar com ella; outro moço, chamado Carlos, escrevêra-lhe uma carta ardente em que promettia lançar-se ao rio, do alto da ponte, se ella não acceitasse o seu coração escravizado... A Ninette perdêra esta carta, e o caso divulgára-se de tal maneira que o moço, perseguido pelas chufas dos conterráneos, refugiára-se numa quinta inhóspita, vizinha do Cabrão. Um poeta, Aprigio de Araújo, cantára-a em sete sonetos subordinados ao elegiaco titulo de *Semana da Paixão* e dedicados a «Eugénia, cheia de graça». Na Barca masculina, entre os 18 e os 60 annos, contava a nossa esplendida companheira duas duzias de adoradores, pelo menos. E tão poderosa era a sua graça, com tal encanto prendia a si as affeições, que as senhoras da localidade não a olhavam com ciúme; — exaltavam-na, exhibiam-na, como a maior e a mais preciosa de todas!

— Deixa muitas amigas na Barca, a senhora D. Eugénia! Tambem não ha ninguem mais sociavel! Trata-se já por tu com as principaes damas de aqui.

Isto disse o Severino, de olho accêso, com um enthusiasmo que o incluía sem dúvida no rol dos

vinte e quatro adoradores da Ninette. Nós porém estávamos corridos! Que a flôr da mocidade barquense se enamorasse da Ninette, pouco nos inquietava; mas que algumas damas authenticas introduzissem assim, de tão bôa-fé, na sua intimidade, a antiga commensal dos nossos festins bohémios, isso contrariou-nos profundamente. Estávamos innocentes, era certo; mas se um acaso divulgasse o segredo da nossa ligação extra-consanguínea, ninguem nos faria a justiça de o acreditar.

Ainda aturdidos pela exposição d'aquelles estranhos successos, resolvemos ir em companhia do Severino á casa de Mourilhe, agradecer as gentilezas dispensadas á Ninette e recuperar cruamente a nossa voluvel companheira.

Era uma d'essas tardes de verão em que a aragem das serras derrama pelo ambiente um vago perfume de flores silvestres, diluindo na atmosphera cálida o frescôr dos altos cêrros distantes.

— Em todo o caso, não se esqueçam dos guarda-sóes — recommendou o Severino.

Obedecemos — e, escovados, aperalvilhados, abertas ao sol as nossas rutilantes umbellas côr de palha, lá fomos a caminho de Mourilhe, com o Severino entre nós.

Algumas braças de estrada, dez minutos de caminho rústico entre silvados cheios de amóras

e vides cheias de cachos, — e eis-nos em frente d'um bellicoso portão de quinta, erriçado de ameias, com a padieira quasi occulta pelo paquife d'um enorme brazão onde a aspa dos Araújos, os besantes dos Taveiras, os escaques dos Magalhães e a águia negra dos Azevedos, se esquartelavam em escuro granito.

Severino abriu com auctoridade o portal e introduziu-nos familiarmente num jardim vasto e bem cuidado, que uma larga avenida central, sombreada por altas, copadas roseiras do Japão, dividia symetricamente. Cheio de grutazinhas formadas pelo enlace antigo de roseiras e arbustos trepadores, com canteiros ainda debruados de murta, esse jardim dava frescura e repouso a quem, como nós, estava saciado da inexpressiva geometria dos jardins modernos.

— Oh, Severino, sentêmo-nos aqui um instante!

Era o Alexandre que fallava, já cahido sobre um banco cuja cortiça polida e negra semelhava o coiro d'uma velha estadéla.

Severino annuiu. E ali, na sombra espessa d'um caramanchão natural, ficamos mollemente acantoádos, a resarcir emoções e fadigas.

Sôb a paz elanguescente d'aquella hora, a nossa voluvel palestra esmorecia. Severino, impaciente, tinha-se já erguido várias vezes, esticando as calças, compondo a gravata, procurando

fazer-nos comprehender que era chegada a hora de limpar a poeira, subir a escada e entrar no salão, como os beleguins de Castella no palácio de D. Martinho... Nós, porém, achávamos tão deleitoso aquelle descanso bucólico, na sombra d'um jardim coévo das gavotas, que oppuzémos á estrategia do nosso amigo a mais crassa, obtusa, desesperante incomprehensão.

— Creio que vem ahi alguem — disse elle, a final, apurando o ouvido. — Parece-me que oiço passos e vozes...

Não respondemos, suppondo que o prendado barquense inventára aquelles rumôres alarmantes para sacudir a nossa apathia. Mas, de súbito, vozes e passos chegaram nitidamente aos nossos ouvidos — e, espreitando através da folhagem que nos occultava, vimos com pasmo a Ninette conversando com um esplendido velho de bigodes marciaes.

— É o dono da casa? — perguntamos.

Severino respondeu affirmativamente e mostrou-nos, logo em seguida, um outro grupo mais distante. Eram duas meninas de 18 a 20 annos, feições miúdas e rosadinhas de boneca, e um moço cujos bigodes ponteagudos, encerados, de longas guias a prumo, pareciam dois pregos de ferro caprichosamente rebitados.

— Aquellas senhoras são filhas do velho — esclareceu Severino.

— E elle, Taborda amigo; que bicho é elle?... — inquiriu o Alexandre, fascinado pelo homem dos bigodes férreos.

— É o Taveira, o Paschoal Taveira... Formou-se em direito ha três annos; tem palavriado, tem dinheiro, tem votos... Ha de ir longe!

— Salvè! — bradamos nós, impressionados por tantas qualidades admiráveis.

— É elle — tornou o Severino — o tal que quér casar a todo o transe com a D. Eugénia.

— Ah! é o tal!... — fez o Alexandre, compungido.

— Bello casamento! — murmurei eu, sem me conter.

Entretanto a Ninette e o seu decorativo hospedeiro, tendo passado rentes com o nosso abrigo de verdura, detivéram-se e sentaram-se, como dois noivos, sôb uma tilia gigantesca que enchia de sombra aquelle escuso canto do jardim.

— Aqui estamos bem, não lhe parece? — perguntou o velho.

— Optimamente! — assentiu a Ninette.

— E podemos fallar á vontade! — tornou o homem, acercando-se mais d'ella.

Por instantes, crêmos ir assistir a uma d'essas scenas de lascívia serôdia que conspícuos auctores têm comparado ao vampirismo das aranhas... A Ninette seria já a môsca contricta d'aquelle magnifico aranhão de bigodes marciaes?...

— Ahi está, Severino! — rugiu o Alexandre. — Veja como é fidalga a hospitalidade da Barca! Estou edificado! É um alcouce!

Mas o ponderado administrador, que conhecia o seu público, atalhou com serenidade:

— Escute!

Escutamos. O velho fallava abundantemente á Ninette:

— Pois o que tenho a dizer-lhe, é o seguinte. O nosso apreciavel Taveira pediu-me que sondasse o coração da prima... Um velho pode fazer estas coisas... Ora o pobre Paschoal, que está deveras apaixonado, deseja saber se a prima tem alguma affeição antiga que estorve a realização dos seus sonhos... Elle é bom moço, rico, instruído, de excellente familia... Parece-me que não é um marido para desprezar, mórmente se, como cuido, o seu coração está livre... Que diz?

A Ninette baixou as pestanas, com um suspiro que só nós comprehendemos, e murmurou:

— É impossivel...

— Porquê? Tem outro noivo?...

Ella então não se conteve. Com o seu riso claro e voluvel, exclamou:

—Tenho! Tenho tantos que não sei qual hei-de escolher!

Os bigodes marciaes irriçaram-se numa mimica de contrariedade.

—Não admira! — retorquiu afinal o compade-

cido fidalgo. — Uma dama com a belleza e as graças da prima deve ter, sem dúvida, dezenas de pretendentes. Seu primo Alexandre, naturalmente, é um d'elles...

Encolhidos no caramanchel, arripiados, retivemos a respiração... A Ninette ia com certeza soltar alguma inconveniencia irreparavel!...

De novo o seu riso argentino esfusiou; um gesto ágil fez brilhar na sombra as pedras dos seus anneis...

—O Alexandre?! — disse ella, afinal. — Pobre rapaz! Nunca pensamos nisso! É como se fôssemos irmãos!

O nosso alliviado suspirar foi tão rumorôso que o prudente Severino recommendou-nos alvoraçadamente silencio, com o dedo austero sobre o lábio austero.

Tinha razão. Naquelle momento o grupo das meninas e do inflammado adorador de Ninette, aproximava-se... Severino, receando ser surprehendido naquelle esconderijo, tremia. Afinal os dois grupos confundiram-se sôb a tilia centenária, trocando esmorecidas palavras ácêrca do calor do dia e do nosso demorado regresso. Depois erguêramse, e muito habilmente, para não estorvar a confidencia aos dois homens, a Ninette adiantou-se entre as duas meninas, a caminho da casa.

O velho ficou atraz, com o amoroso bacharel. Caminhando lentamente sobre a areia doirada dos

carreiros, procurava palavras para suavizar a crúa decisão da Ninette:

—O meu amigo chegou muito depressa... Não me deixou fallar á vontade .. Entretanto eu lá lhe dei o recado...

—E ella... riu-se, hein? — perguntou o moço, considerando com um olhar sagaz a attitude compungida do velho.

—Riu...

—E sempre assim!

—E que tinha outros noivos; que não sabia qual havia de escolher — gemeu ainda o benévolo fidalgo.

O bacharel Paschoal estacou, sobresaltado:

—Mas ahi ha uma esperança!

—Uma esperança?!

—Certamente! Se ella ainda não escolheu, é porque hesita; e se hesita é porque quer comparar as vantagens offerecidas pelos diversos casamentos que lhe têm sido propostos. Ora eu, sem immodéstia, posso considerar-me um bom casamento!

Dentro do caramanchão, escutando estas palavras resolutas, eu e o Alexandre entreolhamo-nos. Parecia-nos que Paschoal Taveira raciocinava com a lógica férrea dos antigos polemistas. Assim forte no syllogismo, com tresentos contos em propriedades e innúmeras chapeladas de votos, devia ir longe. O Severino tinha razão!

—De modo que o meu amigo não desiste?...—inquiriu o velho, distanciando-se.

—Não desisto!

—Logo que ella parta, o amigo esquece-a.

—Não esqueço; sigo-a! E só desistirei quando me convencer de que ha, entre os seus pretendentes, algum que valha mais do que eu.

—Ha de ser difficil...

— Tambem me parece.

A modéstia d'este moço bacharel era, como se vê, de molde a levál-o tão longe como a lógica, o dinheiro e os votos. Veneramol-o; mas logo, receando apagear tal semi-deus, resolvêmos mentalmente escapar-nos da Barca com a Ninette de modo tão inesperado e secreto que elle não pudesse seguir-nos.

Logo que o jardim se despovoou, á voz auctorizada de Severino, compuzemos a desordem dos nossos fatos e marchamos para uma larga porta em arco que dava ingresso na casa de Mourilhe. Ao fundo d'um páteo, lageado de polido granito, dois largos lanços de escada subiam, acompanhados exteriormente por uma linda balaustrada, tambem de pedra, que do lado da parede era substituída por uma alta faxa de velhos azulejos.

A recepção que tivemos — primeiro, em um austero salão de retratos, onde o dono da casa nos veiu receber; depois numa alegre e confortavel sala moderna, onde achamos a Ninette e as senho

ras da casa — foi cordialissima. Sem embargo das nossas farpélas democráticas, ali jantamos, naquelle palácio hospitaleiro, ali polkamos até altas horas da noite, ali saboreamos um perfumado chá freirático — e perpetramos um «jogo de prendas» em que o Alexandre se desempenhou a primôr do papel do «Senhor Abbade», que lhe foi distribuído.

Só no dia seguinte, depois de tormentosos debates, conseguimos transferir a Ninette para o hotel. Com a Ninette, trouxemos d'aquella casa — eu, uma paixão lyrica pela linda Mafalda, a mais nova das meninas de Mourilhe; e o Alexandre, uma flôr côr de sangue, dada por uma joven baroneza viuva, e um opúsculo sobre a legitimidade dos direitos de D. Miguel á corôa portugueza, que o senhor de Mourilhe lhe metteu no bolso com a discrição, o zelo e a fé d'uma velha ingleza protestante que propaga a Biblia...

Foi uma manhã, bem cedo, que largamos d'aquella terra admirável no caleche do Escachado, a caminho de Ponte do Lima. Um frescôr penetrante, que fazia mais sensiveis os vagos aromas exhalados por todo esse ninho de vegetação sádia, enchia o espaço, tonificava os nossos pulmões ainda congestionados pela atmosphera insalubre dos quartos do hotel.

A villa dormia ainda; apenas, na esquina d'uma rua, as duas portas d'uma taberna frouxamente

illuminada a petróleo esperavam os trabalhadores habituados ao desjejum da aguardente. Mas pelos campos, que a estrada atravessava, um povo mais diligente moirejava já, abrindo sulcos para a rega dos milhos, ceifando hervas esmeraldinas, cortando aos milharaes da restêva os pendões de que os gados são gulosos. Telhados de choupanas fumegavam; e pelas portas, sentadas nas soleiras de pedra, as mulheres escolhiam, á frouxa claridade da manhã nascente, as couves ainda prateadas pela orvalhada nocturna. Um momento, através da garganta aberta entre um pinhal e um jardim de casa nobre, apercebêmos, ao fundo da montanha, um pittoresco trecho de paizagem em que o Lima, exhausto pela calmaria d'aquelle verão, recebia as águas aggressivas, espumantes do rio Vez. E os dois rios, um tranquillo, vasto, deslizando languidamente sobre areias doiradas, — outro pequeno, tumultuoso, escachoando rebeldemente numa garganta de penedos, eram a imagem viva da eterna insurgencia com que o vassallo concorre e trabalha para a grandeza do senhor.

Apesar de ser apenas de dezoito kilómetros a distancia que separa Ponte da Barca de Ponte do Lima, o cocheiro não resistiu á tentação de repousar alguns minutos em S. Martinho da Gandra, aldeia próspera que margina a estrada com grande número de construcções urbanas.

Paramos em frente d'uma mercearia cujas por-

tas, largas e baixas, se abriam na sombra da folhuda parreira alinhada sôb as janellas do primeiro andar. Ahi, seguindo o Escachado, que pediu logo da porta, num brado arrogante, charutos e «girgolina», assistimos a uma d'essas distribuições da posta rural, tão vulgares e já quasi sem interesse desde que os caminhos de ferro familiarizaram as populações sertanejas com o bilhete postal e a estampilha de vinte e cinco. Julio Diniz, se quizesse fazer reviver hoje a celebre scena da *Morgadinha dos Cannaviaes,* acharia talvez com relativa facilidade um Bento Pertunhas, impassivel funccionário e tocador expressivo de trompa; mas só entre serranias distantes, longe de cidades e estradas, poderia encontrar um publico ainda emocionável pelo mistério d'uma carta estampilhada.

Esta aldeia de S. Martinho estende-se, toda verde de milharaes e vinhêdos, ao longo d'um extenso valle ribeirinho. O Lima passa perto — e em volta, como que sustentando a calotte translúcida do céu, as montanhas unem-se, succedem-se, até que o seu azul cinzento e vago se funde com o do firmamento em uma ténue, indecisa névoa.

Rodando de novo para Ponte do Lima, alguns d'esses montes aproximavam-se de nós, os cerros erriçados de penhas, as faldas matizadas de culturas e casas caiadas. Ao dobrar um angulo da estrada, outro dorso de collina, mais pittoresco ainda, surgiu abruptameute aos nossos olhos. A

meio d'elle, dominando a ninhada branca das casas aldeãs que em baixo rodeavam a egreja parochial, uma casa extensa, cortada ao centro por um torreão ameiado, deteve um instante a nossa vista dispersa. O Escachado, consultado, declarou que era o paço de Siqueiros. Estávamos pois em frente d'um dos mais authenticos ninhos de águia da nobreza luzitana, coévo dos trabalhos e das victórias de Affonso Henriques. Saudei com carinho essa velha reliquia — mas fiquei desconsolado por vêr assim cobertos de triviaes caliças, sem grandeza nem indício da sua antiguidade oito vezes secular, os muros históricos da casa forte de D. Egas Fafes!

— Casa de basófia, aquella! — disse de súbito o Escachado, apontando com o cabo do chicote uma vasta construcção, ainda mal concluída, á qual dois bojudos torreões de ameias fantasistas davam uma impertinente arrogancia senhorial.

Ficava perto do paço de Siqueiros, na lomba d'um monte contíguo. E assim próximos — o velho solar, na sua humilde mascara actual, e o palácio moderno, buscando no arremêdo das velhas architeturas uma altiva phisionomia senhoril, constituiam um quadro flagrante das duas vaidades, ambas paradoxaes, que tantas vezes se defrontam hoje num surdo mas intransigente combate : o orgulho do nobre que empobrece, e a arrogancia do plebeu que quer ser nobre pelo dinheiro.

Instantes depois, atravessando a aldeia de Gemieira, vimos outra vez o Lima; e a sua água azul, cortada de areaes, entre o frescôr idyllico das margens, alegrou os nossos olhos, avivou a nossa palestra.

A Ninette, ainda saudosa dos seus triumphos amorosos da Barca, declarou que devia ser delicioso passar ali um preguiçoso mez, amando com a innocencia, a constancia e a doçura eclogal dos pastores de outróra... Nós concordamos — respeitando a evocação sentimental da nossa companheira e offerecendo-nos para traduzir em verso branco todas as phases d'essa inapreciável lua de mel... Chegamos mesmo a ensaiar ali, dentro do caleche do Escachado, um curto auto pastoril em que a Ninette tomou o nome de Armida, o Alexandre o de Alcino, e eu o de Amyntas, espécie de gendarme armado de importunas e rhetóricas philosophias...

Mas Ponte do Lima estava próxima — e em breve o ruído da carruagem nas pedras das suas ruas mal calçadas nos arrancou sobresaltadamente ás delicias d'esse polvilhado e inoffensivo sonho pagão. Eu declamava accêso:

> Bella e constante Armida, terno Alcino,
> Ouvi o que vos digo, pois é esta
> A verdadeira estrada da Ventura!

*

— Qual estrada da Ventura! — irrompeu a voz impetuosa do Escachado. — Esta é mas é a rua do Arrabalde!

E assim findou o nosso auto pastoril. A Arcádia morria mais uma vez — incomprehendida!

VII

Ponte do Lima.—*Primeiras impressões.* — *Os excursionistas descobrem em si estranhos atavismos monacaes.* — *Um palacio senhorial.*— *Resurge Paschoal Taveira.* — *Alexandre furioso como Orlando.* — *Um problema de carruagens.* — *Caridade da Ninette.* — *A pedra do diabo.* — *Uma linda paizagem e um precioso pescador de eirós.* — *Erudição barata.*— *Uma epistola de Paschoal.* —*Ninette responde sobre uma spirita meza de pé de gallo.* — *Separação.* — *A caminho de Vianna.* — *A torre de D. Sapo.* —*Uma inquirição sobre feijões.* —*Terceira apparição de Paschoal.*— *Arrabaldes de Vianna.*— *Fim dramático-lyrico da jornada.*

A hora matinal da nossa chegada, Ponte do Lima tinha o esplendor edénico d'um paiz de nayades.

Pelas janellas do Hotel do Passeio, onde pousamos, o Lima apparecia-nos de novo, ao cabo d'um vasto areal, com esse azul luminoso e transparente de certos azulejos mysticos.

Na outra margem, casando-se com a ponte

numa estranha harmonia de pittoresco, o palácio dos Almadas erguia de entre confusas linhas de telhados o seu nobre perfil de ruína que as águas do rio reflectiam entre inquietas sombras de salgueiros. Mais distante, no pico d'um monte de penhascos, a capellinha de Santo Ovidio tinha a vaga e aérea configuração d'um farrapo de nuvem esquecido pelo vento. E todo esse panorama de vergeis, aonde o goso de existir se affirmava na voluptuosa serenidade da atmosphera, das águas e das seivas fecundas, diluia nos nossos cêrebros todos os fermentos de idéas audaciosas, amollecia a nossa energia de homens modernos, despertava em nós um monástico desejo de obscuridade e quietação...

E como mais tarde, ao almoço, rilhando uma mortifera fritura de ovos com chouriça, eu communicasse ao Alexandre essa impressão, o meu denodado amigo (que momentos antes estivéra a observar a paizagem com um recolhimento espiritual) retorquiu:

— Como queres tu que não succeda isso aqui, nesta verde riba do Lima, tão inçada de antigos conventos?... Em toda esta natureza anda esparsa a alma contemplativa de milhares de frades; lembra-te d'isso!... E' impossivel que não nos sintamos mais ou menos bentos, bernardos ou agostinhos, neste ambiente de tradição monacal, mórmente tendo em frente da nossa gula,

como agora, uma travessa de salpicão com ovos! Fica-te com esta, meu caro: ambos nós estamos, neste momento, sôb a inflencia atávica do Frade! Se sondarmos bem o nosso sêr physico e o nosso sêr moral, encontrarêmos uma legião de trinta tios egressos soprando a fogueira dos nossos sentimentos e sensações. Socialmente, sômos dois paladinos de letra redonda; psycho e physiologicamente somos dois frades a quem não falta sequer a respectiva freira!...

O seu gesto designava a Ninette, que insensivel ás transcendentes delicias da chouriça com ovos, escutava sorrindo e olhando nostálgicamente a paizagem ribeirinha que apparecia pelas janellas abertas.

Quando mais tarde nos aprestamos para visitar a villa, sentimos que nos faltava alguma coisa; era o insubstituivel Severino, orgulho da Barca. Ai de nós! na terra letrada de Diogo Bernardes, nenhum de nós, cultôres de Humanidades, tinha um amigo, um condiscípulo, um collega, que nos apontasse, com infallivel dedo, as preciosidades visiveis da sua pátria. Ninguem!

Esmorecidos, resolvêmos confiar ao acaso o éxito da nossa romagem; e todos de branco, como deuses hellenos apeados do pedestal de mármore, introduzimo-nos arrojadamente no coração da villa.

Depois de palmilharmos algumas ruas, estrei-

tas e sombrias como fossos, achamo-nos em uma praça onde saudamos, por dever cívico, o grosso edificio em que a Cámara, a Administração do concelho, e outros machinismos da relojoaria constitucional, desenvolvem, graças ao suór lubrificante do contribuinte, a sua acção vitalizadora.

Foi ahi, d'essa praça, onde alguns artífices diligentes delineavam um jardim, que descobrimos as paredes que aindam restam do palácio dos marquezes de Ponte do Lima. Com o seu indeciso aspecto de castello, a vasta muralha perfurada por algumas lindas janellas (hoje profanadas por incaracterísticos parapeitos de ferro) o palácio domina toda a villa, em riste as altas ameias, como se dentro das suas paredes ainda velasse, terrivel e temida, a auctoridade dos seus antigos senhores.

Feita a vénia a essa reliquia nobiliária, de novo nos insinuámos numa rua estreita, mas menos sombria que as outras, a qual nos levou, depois d'uma curva caprichosa, ao largo de Camões — isto é, quasi ao nosso ponto de partida! A' porta d'um botequim, alguns ociosos gozavam com delicia o alvoroço da nossa decepção.

Atravessamos diagonalmente essa praça — e já nos dirigíamos para a ponte, cogitando em fretar uma tipoia que nos guiasse em meio da babylónia limarense, quando d'uma das portas do botequim, acotovelando sem dó nem piedade os

maliciosos espectadores das nossas hesitações de forasteiros, irrompeu um homem que correu para nós brandindo os braços e gritando os nossos nomes!

Com os olhos turvos da surpreza, apenas distingüimos, a principio, duas mãos esvoaçantes e um chapeu de côco alvadio...

Mas um brado da Ninette elucidou-nos:

— *Sapristi!* Cá temos outra vez o Paschoal Taveira!

O Paschoal Taveira, o admíravel dr. Paschoal, o homem do bigode férreo que anhelava desposar a Ninette! Era elle, com effeito!

Logo que nos apertou as mãos, declarou que acabava de chegar da Barca a todo o galope... Sabia que levávamos o rumo de Vianna; e elle, que conhecia todos aquelles lugares como os campos das suas quintas, podia ser para nós um cicerone precioso.

O Alexandre e eu, importunados, rosnamos um «muito obrigado» pouco acolhedor. O homem, córando, voltou-se então para a Ninette que lhe disse, a rir:

—O senhor Taveira era digno de ter, como Mercúrio, azas na cabeça e nos pés!...

A meu lado o Alexandre, irritado, murmurou:

— Nos pés, ferraduras; na cabeça chifres. Eis do que elle era digno!

—Oh, Alexandre!—reprehendi eu, sensivel á paixão do bacharel.

—Não; francamente acho indelicado—tornou elle, deixando distanciar um pouco a Ninette e o Paschoal — que este animal se atrelle a nós d'este modo, como uma bagagem importuna! Que elle, na Barca, puzesse a nossa paciencia em prova, com os seus amores e as suas pimponices sociaes, vá! Admitte-se; fazia parte do pittoresco da terra, como um fóssil, como os mônos da casa de Maria Lopes da Costa, como o hotel, e como os bifes centenários do hotel!... Mas aqui, fora da sua tribu, como companheiro, como collaborador de impressões, ah, não! E' de mais! Appetece-me arrojál-o da ponte abaixo!

Eu detive-o com solemnidade:

—Amigo, o frade contemplativo está a desapparecer em ti! Isso indica talvez que digeriste muito depressa o salpicão, os ovos e as impressões do almoço... Reconsidera! Esse appetite de lançares o homem ao rio é uma insídia sanguinária que as pedras medievas d'esta ponte te fizeram subir dos pés á cabeça! Acho conveniente que te isoles, segundo as leis physicas, verificando se nas solas dos teus sapatos ha buraco que deixe passar impunemente ao teu sêr moral o fluido atávico das lages que palmilhamos.

O Alexandre estacou, quasi indignado:

—Então tu suppórtal-o?

Eu apontei o grupo amoroso que tinhamos deante de nós:

— Supporta-o a Ninette!

— Mas se a Ninette fôsse realmente minha prima, como elle cuida?... Sim! Achas-me com cara de passear, como uma velha alcayóte, os amores de minha prima?

— Meu amigo; Mefistófeles, a cujo espirito e honestidade ambos nós fazemos justiça, tinha umas barbas como as tuas e não se envergonhava de proteger os amores de Margarida, que nem sua prima era, com o doutor Fausto, que nunca teve o curso de direito, nem foi substituto do juiz da Barca... Verdade é que lá tinha, em recompensa, a alma do doutor; mas tu tambem já recebeste a offerta do espirito ciceróniço do bacharel Taveira...

O Alexandre afastou-se de mim com tédio:

— Estás quasi tão imbecil como elle! — rosnou.

Ao cabo da ponte, já nos domínios da freguezia de Arcozêllo, tendo topado com uma incaracterística praça povoada de gallinhas, patos e creanças sujas, reclamamos ao adorador da Ninette um roteiro digno de dois artistas curiosos.

O homem enfiou, contorceu-se — e ao cabo de alguns segundos, descompondo a linha férrea dos bigodes num sorriso, balbuciou que «Ponte do Lima não tinha nada que vêr»!

— Não tem nada que vêr?! — impugnou o Ale-

xandre, furioso. — Então esta ponte, a Senhora da Guia, a pedra do diabo e outras maravilhas que nos prometteram na Barca?

Paschoal Taveira confessou que já ouvira fallar d'aquellas coisas, mas que nunca as vira... E offereceu-se para ir alugar uma victória em que pudéssemos visitar todos esses lugares célebres, sem engano de itenerário nem fadiga da senhora D. Eugénia...

O Alexandre sacudiu os hombros, com infinito tédio! Eis o que valia aquelle idiota, como cicerone! Passava procuração aos cocheiros!

Regressando á villa, o meu querido amigo, absorto na sua irritação, mal notou o bello quadro ribeirinho que do meio da ponte se descobre.

— E' exatamente como quem jornadêa com um cão! — dizia elle, emquanto o seu olhar vago se prendia a alguns aspectos da paizagem. — Tu nunca viajaste com um cão, em caminho de ferro?... Tem a gente de o despachar, de assistir ao seu trasbôrdo em estações de cruzamento, de impedir que elle morda os empregados... Em summa, uma bagagem mais incómmoda que uma mala, e que ainda por cima ladra e morde. Ora este senhor Taveira é tal qual um cão; ladra...

— Mas não morde.

— Verêmos. Ainda não é tarde.

Ao reentrarmos no largo de Camões, juntamo-nos, por decôro, em um só grupo — e logo o

amoroso barquense nos guiou, através de inhóspitas viéllas, a um alquilador famoso pela vastidão das suas cavallariças.

Um égoariço, á porta da estrebaria, com uma boina na cabeça lanzuda, fumava soturnamente num curto cachimbo de marujo.

Ao brado impaciente com que lhe reclamamos uma victória, o homem ergueu a cabeça, fixou em nós dois olhos vítreos, de alcoólico, e sempre com o cachimbo entre os dentes rosnou:

— Não ha!

Insistimos. Se não havia victória, que nos désse qualquer carro descoberto...

O homem, com impassibilidade bhúdica, repetiu:

— Não ha!

Paschoal Taveira, offendidos por tal forma os seus brios de bacharel e juiz substituto, adeantou-se apoplético, pediu licença á Ninette, e crivou o égoariço impávido de nomes degradantes. Chamou-lhe besta, animal, insolente, verme de monturo, focinho de presidiário; fallou no progresso de Ponte do Lima e nas tradições fidalgas da sua hospitalidade; e acabou por perguntar auctoritáriamente aonde é que havia, naquella terra, um alquilador que tivesse carros descobertos.

O homem então tirou o cachimbo da bôcca, devagar. Os seus lábios arregaçaram-se para fallar — e nós viamos já saír de entre aquelles den-

tes pôdres um jacto de obscenidades... Mas não; foi serenamente que elle respondeu:

— Não ha cá na villa o que os senhores querem.

— Então que espécie de carros, têm vossês?

O cavallariço deu um pontapé na porta mais próxima e, mostrando o interior lôbrego d'uma loja, exclamou:

— Isto!

Vimos então, na sombra húmida do antro, três fortes carros de vidraças, enormes, pesados, com alguma coisa de semelhante aos antigos carroções. Fôra na imperial d'um vehiculo d'aquella raça que nós fizéramos o trajecto de Braga aos Arcos...

— Mas isto são diligencias! — bradamos.

— E' o que ha cá na villa.

— Então não ha quem tenha outra coisa? Um carro de cortinas, ao menos?

— Elle ha por ahi alguns fidalgos que têm d'isso; mas cá nós, p'ra frete, não têmos.

O Paschoal, então, no evidente propósito de affirmar a superioridade da sua terra, declarou:

— Pois na Barca, que é uma villa bem mais pequena, nunca faltou um carro decente para passeio ou visitas...

— Pois por cá só d'isto é que tem gasto.

— Mesmo para visitas?

— Sim senhor.

Paschoal Taveira teve um amargo riso de sar-

casmo. Como a civilisação de Ponte do Lima coxeava ao lado do progresso vigilante da villa da Barca!...

Antes de saírmos da cocheira, examinamos, ainda uma vez, essas curiosas reliquias da carroçaria portugueza. Forradas exteriormente de folha de ferro, as caixas de madeira assentavam pesadamente em grossas, resistentes ferragens, que quatro pequenas rodas, tambem chapeadas de ferro, a custo elevavam do solo. Seis janellinhas envidraçadas e uma portinhola, blindada e espessa como a porta d'um castello, arejavam o interior da carruagem, onde dois bancos de madeira ripada se alinhavam. O tejadilho, destinado a transportar temerosas bagagens e muitas vezes, nos dias de feira, os passageiros retardatários que já não acham lugar nas bancadas da bolêa, era reforçado por fortes vigas de madeira — tão bastas que lembravam o cavernane d'uma barca. Mas o luxo principal consistia na pintura exterior que, desde o preto mais carregado ao amarello mais garrido, não deixava uma só côr desprezada ou esquecida. O vermelho, o amarello e o verde predominavam; o preto, em geral, só apparecia em algum delgado friso pouco evidente e no nome da carruagem. Porque todos estes extravagantes plaustros minhotos, têm nomes especiaes, d'uma ardente e illimitavel fantasia. D'esses três que estavam armazenados em Ponte do Lima, conservo

preciosamente as denominações originaes:— *«Eu só não vou», «Oh que linda menina», «Viste le ho hir»* (viste-o ir).

Desconfiando que o bravio egoariço nos mentira, procuramos outro alquilador — e encontrámol-o a desafivelar os arreios poentos de três miseraveis animaes ainda suados d'uma jornada recente. Reconhecendo Paschoal Taveira, levou a mão ao chapéu, num gesto de saudação, e explicou-nos que não havia realmente em Ponte do Lima as carruagens que procurávamos... Aconselhou-nos porém, paternalmente, que utilizássemos alguma das suas diligencias, que eram carros fortes, de confiança, e mais saudaveis, pela ausencia dos estofos, do que esses canistreis modernos da cidade, cheios de má crina e péssima ferragem.

— É para ir longe? — perguntou por fim.

Quando lhe declaramos que pretendiamos apenas visitar a villa, o homem teve um risinho finório, incrédulo, e chalaceou:

— P'ra isso, talvez seja melhor ir a Vianna fretar o caminho de ferro.

Desistimos. E evocando reminiscencias do tempo em que passava naquella terra, ovante, bifurcado no dorso d'um garrano, a caminho d'uma quinta próxima, offereci-me denodadamente para conductor da caravana.

— Obrigado! Só agora, depois de termos met-

tido o nariz em todas as estrebarias da villa, é que tu te lembras d'isso! — invectivou o Alexandre.

Eu tive um gesto salomónico:

— Amigo! Sábio é aquelle que não confia na sua sciencia!

— Apoiado! — bradou o bacharel Taveira, cuidando-se numa assemblêa politica.

A Ninette alfim impacientou-se:

— Jesus! como os senhores estão enfadonhos! Vamos!

Então, senhor supremo do itenerário, conduzi os meus descontentes companheiros ao longo do caes, sôb o fresco toldo de árvores que até á ermida da Senhora da Guia acompanha as águas do Lima.

Logo a principio mostrei-lhes, d'esta sombra voluptuosa, a mancha negra da cadeia, torre da antiga muralha, forte e ainda aggressiva ao cabo de cinco séculos de ingrata existencia. Alguns presos, descendo, através das grossas grades de ferro, canistreis de verga atados na ponta d'um barbante, pediam esmola em altos brados. A Ninette, compadecida, arrancou das mãos encalmadas de Paschoal o precioso chapéu de côco alvadio, e fez um solemne appello á nossa generosidade.

Todos contribuímos com gosto — e quando recomeçamos a caminhar, estrugiam já, no alto da velha torre, desordenados clamores de festa.

A Ninette, saudada como uma rainha bemfazeja, enterneceu-se:

— Coitados! Creio que lhes dei uma bôa alegria! — murmurou.

O bacharel da Barca, esboçando um passo de minuête, o olho galanteador, commentou com malicia:

— E a sua não foi menor!...

— De certo! — replicou a Ninette. — Isto de fazer bem é ainda hoje a melhor consolação que existe.

Entretanto eu, cioso das minhas prerogativas de cicerone, procurava anciosamente a famosa «pedra do Diabo», cuja existencia alguns antigos roteiros, escriptos com sisudez e escrúpulo, annunciavam no local em que então nos achávamos. Mas debalde multiplicava passos e desperdiçava olhares; em nenhuma das pedras que ali jaziam logrei descobir a unhada com que Satanaz assignalou em Ponte do Lima o poder perfurante das suas garras.

Para d'algum modo resalvar a minha dignidade de tal desaire, contei aos meus companheiros, emquanto caminhávamos para a Senhora da Guia, essa lenda maravilhosa.

No convento de Santo Antonio dos Capuchos, que ali perto existia, enterraram em certa occasião um homem que ousára commungar quando um tremendo peccado mortal se enroscava na

sua alma como serpente maligna. Do céu, apenas lá constou a noticia infanda, descêram logo três anjos ao convento. Os frades, convocados, juraram aguerridamente fazer abortar a horrenda traça do Diabo. Capitaneados pelos três emissarios divinos, foram á egreja e desenterraram o sacrílego; roucos clamores de indignação encheram as abóbadas do templo, — e o irmão guardião, homem de temidas forças, applicou-lhe tal punhada na nuca que o cadáver, apezar de inteiriçado, vomitou logo a partícula benta no vaso d'onde tinha saído. Feito isto, sempre commandados pelos anjos, arrastaram o defunto até á beira do rio, abriram um buraco na areia húmida, e ali o sepultaram, rolando sobre o lugar maldito uma enorme fraga... O Diabo, apenas os frades desappareceram, tentou logo libertar o pobre morto d'aquella sezonática jazida ribeirinha. Mas em vão! O pedregulho terrivel como que se soldára ao coração da terra. Debalde o ardiloso anjo rebelde cravou no escuro granito as garras de aço, recurvas e afiadas! Do seu inutil esforço, da sua impotente raiva, ficou apenas uma unhada irónica, humilhadora, padrão de vergonha que os limarenses cahidos no inferno decerto lembrarão, quando o terrivel deus enristar contra as suas almas peccadoras o tridente em brasa.

Quando dos meus lábios cahiram as últimas revelações sobre esta edificante derrota de Sata-

*

naz, já os nossos passos distrahidos tinham attingido a estreita plataforma que defende das águas do Lima a capella da Senhora da Guia. Ali o rio, já livre dos extensos areaes que em frente da villa lhe estreitam o leito, era como uma grande e espelhenta teia de sêda azul presa aos salgueiros das duas margens. Em frente, pequenos campos debruados de árvores subiam as collinas, estendiam-se pelo idyllico valle ribeirinho, ensinuavam-se pelas gargantas longinquas dos montes. Os pinhaes distantes, como hostes pacificadoras d'alguma antiga guerra vegetal, perfilavam-se, ainda vigilantes, por cristas e cêrros, ao alto as copas achatadas, como broqueis erguidos num marmóreo gesto de defesa. A' direita, seguindo a linha livre do rio, as casas da villa appareciam umas sobre outras, com janellinhas que espreitavam como olhos. A meio, a mancha escura da ponte recortava o azul translúcido da água com a massa dentada dos seus arcos. E só então, á vista d'aquelle macisso monumento affonsino, tive uma noção bem nitida das tremendas responsabilidades da minha situação.

Sim! Eu tivéra a temerária fantasia de me offerecer como cicerone — e ali, ao lado d'aquella ermida, ali, á vista d'aquella ponte, não balbuciava uma data, um episódio, um nome de rei ou de architecto.

Ruminava estas coisas oppressivas quando

descobri perto do rio, numa discreta sombra de amieiros, um velho de sympáthica suissa sacerdotal que, de canna em punho, esperava pacientemente que os eirós se namorassem do seu anzol bem iscado e cavilloso.

Com tal physionomia e tal esporte, esse homem pareceu-me ali collocado por alguma divindade compadecida. Deixei pois os meus companheiros a deletrear as rimas, datas e mais escriptos memoraveis que arabescam a cal das paredes da capella, e abeirei-me, com o melhor dos meus sorrisos, do heroico amador da pesca á canna.

Deus louvado, não me illudiram, d'esta vez, as apparencias. Quando, alguns minutos mais tarde, voltei para junto dos meus amigos, pude dizer com inflado orgulho:

—Meus amigos... É um dever dizer-lhes que estão ao pé de respeitabilissimas paredes. Esta capellinha, que aqui vêem, já teve a honra de ser egreja matriz de Ponte do Lima, em tempos immemoriaes...

—Com effeito, com effeito...—assentiu Paschoal Taveira.

—Já sabia?—inquiri eu, cioso.

—Creio que já li isso algures...

Sacudi os hombros, incrédulo, mais que nunca ufano do meu saber, e continuei:

—Depois, já se vê, tem sido reconstruída várias vezes. A última foi em 1629...

O Alexandre considerou-me, attónito:

— Ah! Tu agora tambem cultivas a Data?...

Eu respondi imagéticamente, com oriental sizudez:

— Amigo, não ha floricultôr avisado que, para obtêr um bello lirio, não cuide antes dos tubérculos respectivos. Ora a Data é a raiz bolbosa da História e...

O Alexandre estendeu-me os braços supplicantes:

— Basta! Estou edificado!

Regressando á villa, ainda em copiosas phrases expliquei aos meus companheiros a história da ponte de pedra, construida por D. Pedro I, reparada por D. Manuel e estragada pela moderna Camara que em 1834 arrasou as duas grandes torres que se erguiam nas extremidades d'ella, arrancando ao mesmo tempo as ameias que lhe fortificavam as guardas de granito. Depois mostrei-lhes a capella de S. Sebastião, que foi synagoga; a de S. João, na margem do rio, ao fundo d'um pittoresco corredor de árvores. Ás vezes, exorbitando dos meus conhecimentos, inventava datas verosimeis, lendas tocantes e bem intencionadas... Fui escutado como um oráculo pelo Paschoal, que suspirava de olhos fitos na Ninette, pela Ninette que ria do Paschoal, e pelo Alexandre que os observava, a ambos... Afinal todos se revoltaram contra mim — por eu baldadamente os ar-

rastar, duas horas consecutivas, através de ruas, bêcos e viéllas, á busca do celebre cruzeiro do Souto da Forca; e recolhemos ao hotel sem que eu lograsse rehabilitar-me de tal desaire.

Nessa noite, após um curto passeio ao longo do caes, demandamos os nossos aposentos, pretextando fadiga e somno. A Ninette, ameaçada de affrontoso abandono se désse corda ás importunas effusões do bacharel, inventou uma enxaqueca e recolheu ao seu quarto, amparando doridamente com as mãos a sua linda e breve cabecinha loira.

— Deus permitta que não seja coisa de cuidado! — exclamou Paschoal Taveira inquieto e desconsolado, quando nós o deixamos na sala de jantar em frente d'um profundo copo de cerveja.

Tranquillizámol-o caridosamente, affirmando a cabeça da Ninette muito atreita áquelles achaques mimalhos...

Subindo para o segundo andar, onde estávamos alojados, ainda ouvimos o sensivel bacharel reclamar ao hospedeiro attónito um tinteiro e um caderno de papel...

— Temos inventário de impressões... — conjecturei eu.

— Não... Se ha inventário, é o das despezas do dia. Mas é mais provavel que seja algum desabafo epistolar para a Ninette.

Não se enganava, o meu sagacissimo amigo.

— Estão prohibidas as interrupções — advertiu o Alexandre. E recomeçou: — «Minha prima e senhora. Estou soffrendo deveras. Seu primo Alexandre parece que não approva o nosso affecto, porque hoje, todo o dia, me deu a perceber que o seu maior desejo era vêr-me pelas costas. Veja se o convence de que eu sou um homem bem comportado e senhor d'uma das melhores casas da Barca, visto elle já saber que sou de familia illustre e bacharel em direito. Não será máu dizer-lhe tambem que posso ser eleito deputado logo que queira. Em todo o caso, se não quizer dar-lhe estas satisfações e está resolvida a casar commigo, diga-me aonde está nesta data seu excellentissimo Pae, meu muito prezado primo, afim de pôr termo a esta dolorosa situação. De V. Ex.ª, primo e adorador respeitoso — PASCHOAL TAVEIRA.»

Logo que o Alexandre emmudeceu, precipitei-me a felicitar a Ninette.

— Bravissimo, Ninette! Eis-te prestes a ser enxertada na nobreza minhota, e com a perspectiva d'um assento nas cámaras! Parabens!

A Ninette suspirou:

— Tinha seu *chic!*...

— Agora é preciso responder-lhe! — lembrou o Alexandre.

— Amanhã ainda haverá tempo; não corremos risco de perder o correio — riu a Ninette.

Mas o poeta, inflexivel, teimou:

— Não! Hoje mesmo serão arrancadas da queixada d'este bacharel vàdio, todas as raizes do seu dente amoroso.

Sem escutar os protestos da nossa jovial companheira, o Alexandre arrastou para o lado da cama uma pequena mesa de pé de gallo, foi buscar papel, pennas e um discreto tinteiro de bolso á sua provida mala, e dispondo tudo ao alcance da Ninette, considerou:

— Vejam vossês como as coisas se combinam. Apenas se fallou em escrever ao puro espirito do Paschoal Taveira, appareceu logo a espirita mesa de pé de gallo!... Ninette, prima, evoca o espirito do bacharel e prepara a penna admiravel!

— Evoca, prepara, Ninette! — suppliquei eu.

Ella então sentou-se no leito — e bella, compondo no braço meio nú as rendas da sua camisa de noite, debruçou-se sobre a mesa, mergulhou a penna no tinteiro e, esboçando um prophético gesto de sybilla, annunciou, voltada para o Alexandre:

— Chegou. Falla!

O poeta correu a mão pelos cabellos, inspiradamente. Em seguida, entre curtos, espirrados risos, dictou:

— «Primo! Recebi e li a sua carta no meio d'uma insómnia tormentosa, e consolou-me a cer-

teza de que aqui, a dois passos de mim, alguem velava e soffria como eu. Não me chame cruel ou egoísta. Em amor sou assim. Nunca admitti aquelle verso célebre, que o primo decerto conhece:

Dorme que eu velo, seductora imagem!

Acho ignóbil. Em amor, ou velam ambos ou dormem ambos. O contrário é um disparate revoltante. Portanto, ao saber que o primo velava e soffria, eu velei e soffri com mais coragem. Mas o nosso soffrimento não findará com o raiar do dia! Meu primo Alexandre não approva com effeito a nossa inclinação. Já lhe disse que o primo era juiz da confraria das Almas da Barca e substituto do de direito; que era bacharel, fidalgo opulento e dono d'um futuro assento parlamentar; elle porém limitou-se a lembrar-me que sou, desde a edade de dez annos, a noiva promettida d'um titular, nosso primo, e que minha familia jámais consentiria em quebrar esse antigo compromisso. Venho portanto pedir-lhe, trémula de dor, que não insista. Para mim seria uma ventura pertencer-lhe, é certo; mas para que amargurar inutilmente a nossa vida? Primo Paschoal, se me ama, parta para a Barca, logo que leia esta carta, sem me infligir os martyrios d'um adeus! Parta, e peça ao santo da sua maior devoção que faça o milagre de verter em meu seio o bálsamo do esquecimento ou de rebentar, com uma apo-

plexia, o odiado noivo que me priva do seu amor. Adeus! Adeus para sempre!»

Esbofado, o poeta callou-se um instante. Depois accrescentou:

— Agora assigna.

— Eugénia Coutinho?

— Não. «Eugénia», somente. E' o que basta. Poupêmos a linhagem!

A Ninette obedeceu, e, ensacada a epistola em um sobrescrito sem nome, deitou-se novamente, exclamando:

— O pobre homem vae ficar sem pinta de sangue! Mas não é com esta que elle nos deixa. Vossês verão!

Antes de se deitar, o Alexandre foi em palmilhas metter a carta por debaixo da porta do bacharel. Eu, em palmilhas tambem, protegia a operação com um phósphoro accêso entre os dedos trémulos.

— Isto afinal é uma crueldade! — murmurei, emquanto o Alexandre, agachado, procurava introduzir silenciosamente a epistola sôb a porta. — O pobre Paschoal talvez soffra sinceramente.

O Alexandre, interdicto, ergueu para mim os olhos já velados de arrependimento; a sua mão hesitou, segurando a carta já entalada na fresta da soleira...

Mas de súbito um ruído estranho apavorou-nos!... Seria trovoada? Teria desabado a vene-

ravel torre da matriz? Algum vulcão ignorado despertaria no bojo do monte de Santo Ovidi‹ ?...

Um momento ali ficamos petrificados, escutando esse rumôr de cataclismo... Afinal, a nossa dúvida desfez-se. O globo terráqueo não estava em perigo! Ponte do Lima não perdêra uma só pedra das suas torres famosas! — Era Paschoal Taveira que resonava!

Então, já sem escrúpulo nem piedade, o Alexandre fez desapparecer sôb a porta a carta da Ninette.

No dia seguinte, quando descemos para almoçar, encontramos Paschoal Taveira na sala, sopeteando em um bojudo copo de ovos quentes. Melancólico, com o guardanapo atado no pescoço, declarou-nos logo que ia partir...

— Foi então resolução súbita...? — observou o Alexandre.

— Sim, com effeito... Recebi uma carta que me obriga a partir.

A Ninette baixou desalentadamente a cabeça sôb o furtivo olhar de dôr que o bacharel lhe lançou.

Nós, attenciosamente, significamos-lhe o pezar que nos causava aquella imprevista deserção. E enchêmol-o de gratas incumbencias para a acolhedôra parentela que tinhamos deixado na Barca.

— Partem hoje para Vianna? — inquiriu elle.

— Logo que acabêmos de almoçar.

Paschoal Taveira suspirou:

— E' lindo aquillo, em Vianna... A prima conhece Vianna? — accrescentou, affrontando o olhar saudoso da Ninette.

Ella teve uma phrase imprudente:

— Mal... Passei lá uma vez, com o Geraldo de Medeiros, a caminho da Galliza.

— Geraldo de Medeiros?! — estranhou Paschoal. — É parente de vossa excellencia?

— Meu primo carnal! — declarou ousadamente a Ninette, sôb o coriscar dos nossos olhos sobresaltados.

— Ah!...

A nossa despedida, na rua, ao lado das carruagens que nos iam arrebatar para tão oppostos sitios, foi tocante. Paschoal Taveira apertou-nos as mãos com tal effusão que todas as phalanges dos nossos dedos estalaram. Á Ninette, beijou devotamente a luva, com um garbo digno d'uma côrte de empoados. O Alexandre e eu, simulando uma verificação de bagagens, afastamo-nos discretamente.

Afinal o homem sumiu-se na sua diligencia, que se chamava *Vae-te embora Antonio*; nós trepamos para a nossa, que dava pelo nome de *Princeza do Lethes*; os chicotes estalaram com rópia, os cavallos abalaram — e, acenando affavelmente a Paschoal Taveira, tivemos a impressão de que

uma estranha máchina culinária começava a re
duzir a almondegas a carne e os ossos do noss
miseravel corpo.

Atravessada a ponte, alcançado o macadan
liso da estrada, o supplicio esmoreceu considera
velmente. Entretanto, comparando esta contun
dente jornada com a que fizéramos de Braga ao
Arcos na imperial d'um d'aquelles carros, nota
mos uma differença inquietadôra. O cocheirc
chamado a perguntas, declarou que as mólas d.
Princeza do Lethes eram de excellente fabricante
mais dóceis que um arco de vime; comtudo, com
não nos achávamos bem dentro do carro, aconse
lhava-nos a que passássemos para a boleia, ond
havia três bons lugares ao lado d'elle.

Acceitamos o alvitre. As malas foram transfe
ridas para o interior da *Princeza,* como materi
mais propria á sua trituração incruenta de mons
tro enfarado; e nós, ovantes, abertas á clara lu
do sol as flôres escarlates do guardasolinho d
Ninette, começamos a saborear o vivo ar do
campos no alto da carruagem.

Para nos livrar das baforadas do abominave
tabaco que o cocheiro cigarrava, o Alexandre sa
crificou um dos seus óptimos charutos, e a Nine-
te um punhado d'esses deliciosos rebuçados mi-
lanezes que havia sempre no fundo do seu sacc
de mão. O homem, lisongeado, instruía-nos, descre
vendo os lugares que atravessávamos, confider

ciando-nos alguma picante aventura de morgados azevieiros ou exaltando o esplendor dos feitos ruraes d'algum ricasso brasileiro.

Deliciosas foram em verdade as primeiras horas d'essa jornada, sôb um sol benigno, através de trigueiros campos de milho, altas arvores avinhadas e almargeaes em que a herva, fina e basta, com timidas cambiantes, semelhava grandes mantos de velludo ouriçados por mãos ávidas. O cocheiro, que dava pelo nome de Malhado, narrava, mais ou menos avariada, a historia das aldeias e lugares que íamos atravessando. Assim conhecemos os successos mais notaveis, occorridos durante os últimos annos, nas aldeias de Santa Comba, Bertiandos, Lanhezes, etc.

Eram episódios vulgares da vida minhota; obras famosas, dramas de amor, roubos de fructos, desvios de águas, rixas sangrentas, festas de santos milagrosos...

Tinhamos já atravessado S. Salvador da Torre — e o Malhado contava ainda a lenda do Senhor do Corporal, imagem de mármore apparecida no mar, quando eu, lembrando-me de antigas, eruditas leituras, conheci que deviamos estar perto da aldeia de Cardiellos, celebre pela sua Torre de D. Sapo, onde Florentim Barreto saboreava *in illo tempore* o direito feudal da marketta...

— Ainda existe a torre, Malhado? — perguntei, sondando o valle com excitada attenção.

Mas o Malhado não sabia; nunca tinha visitado a freguezia. Ouvira comtudo dizer que lá por essas antiguidades fóra, havia ali habitado um «gajo» levado do diabo, que tinha poderes do rei para dormir duas noites com todas as moças que se casavam por aquellas redondezas... Findo esse prazo, iam os maridos buscál-as, levando-lhe em paga grandes taleigos cheios de feijões...

— Isso mesmo — apoiei eu. — Até se diz que ainda hoje os homens d'esta aldeia se zangam quando alguem lhes pergunta se já levaram os feijões ao Florentim!...

O Malhado teve um grosso riso.

— Essa agora não sabia eu! — exclamou, divertidissimo.

E como naquelle momento passava rente com a valleta direita da estrada um pobre campónio, com uma trouxa de roupa enfiada no varapáu que trazia ao hombro, interrogou jovialmente, do alto do seu carro:

— Oh, patrãozinho! Isso são feijões para o Florentim?

O homem sorriu mudamente, sem se agastar, invulneravel ao remoque.

— Estes brutos não sabem nada! — commentou o Malhado com auctoridade e tédio.

Comtudo fez ainda duas novas tentativas. A primeira, com um carreteiro de longa suissa

crêspa, que lhe replicou, espetando o aguilhão na anca do boi mais próximo:

— Bem se vê que o vinho está barato!

A segunda, foi um velhóte que vádiava á porta d'uma taberna onde o Malhado desceu para lavar a garganta com meia canada de vinbo. Esse, quando o cocheiro, de caneca em punho, lhe perguntou se elle ainda era do tempo em que os seus conterráneos offertavam feijões ao Florentim, respondeu:

— Ah, vossê tambem sabe essa história? Pois olhe, contava meu pae que o avô d'elle tinha matado um homem que lhe fez um dia essa pergunta.

— Mas vossês hoje já não matam ninguem, hein? — Tornou o cocheiro, faiante, impellindo para a nuca, com um piparote, o largo chapéu de feltro. — Fazem vossês muito bem! Á sua saúde!

Bebeu copiosamente, o Malhado. E, limpando ainda os beiços rôxos, accrescentou:

— Se no tempo do tal Florentim houvesse uma pinga como esta, não acceitaria elle feijões!...

— Nem mulheres! — reforçou a voz do taberneiro dos abysmos da baiúca.

— Seria tudo pago em vinho!

— Está claro! Viva o bom verdasco!

A conversa acalorava-se. Outros beberrões tinham apparecido, promptos a defender a glória

*

do vinho. Nós então julgamos prudente chamar o Malhado, mas só á terceira tentativa conseguimos arrancál-o do meio do grupo — onde já uma tumultuosa discussão lavrava.

Ás quatro horas achávamo-nos em Santa Martha; e a *Princeza do Lethes* tinha de novo parado para se concertar um tirante que rebentára, quando a mancha d'um carro despontou num longinquo angulo da estrada que nós acabáramos de percorrer. O Malhado, que procurava remediar o accidente com uma ensebada corda de cabrêsto, rosnou:

— Oh, aquelle vem com pressa!

Veneramos o saber d'este cocheiro que avaliava a tal distancia a velocidade d'um carro mal apparente ainda.

— Nós cá na estrada — explicou elle — somos como os marinheiros no mar!

Tinha razão. Dentro d'alguns minutos, antes que o nosso olhar distinguisse nitidamente o galope dos cavallos, já um trovejante ruído de ferragens nos permittia apreciar a marcha accelerada do enorme calhambeque. Era um grande carro de vidraças, como o nosso, — e, como o nosso, tinha alguma coisa de familiar e recordativo... Aproximava-se. Já víamos branquejar no peito dos cavallos o suór que o attrito das correias fazia espumar. Ao lado do cocheiro, um homem embrulhado num amplo guarda-pó, enris-

tava, contra o impeto do ar deslocado, um bombeado chapéu alvadio... E foram dois brados, quasi simultáneos, soltados pelo Malhado e pela Ninette, que esclareceram a nossa alarmada curiosidade:

— Olha o fidalgo da Barca, outra vez!

— É o Paschoal!

Ai de nós! Era elle, em verdade. A alguns metros de distancia, reconheceu-nos — e logo repuxou com mão auctoritária as guias que o cocheiro agitava para excitar o galope dos cavallos. O carro parou. Paschoal desceu agilmente. Nós corremos ao seu encontro.

— Então? Que foi isso? Alguma desgraça? — perguntamos sobresaltadamente.

O bacharel, lisongeado, sorria. Não; não tinha havido desgraça; houvera somente uma idéa!

Com tal ufania disse isto, que nós ficamos pensando que as idéas deviam ser bem raras em cérebro tão alvoroçado pela certeza de possuir uma.

— Uma idéa que me fez mudar de tenção — aclarou elle depois.

— E para onde vae agora?

Paschoal fitou-nos, embaçado:

— Para Vianna — respondeu afinal. — E se a minha companhia lhes não é penosa...

Todos affirmamos, sem pestanejar, que a companhia d'um Taveira nunca podia ser penosa a

quem, como nós, respeitava as raças heráldicas e a memória christan de Fernão de Bulhões, filho de D. Thereza Taveira e lustre da folhinha portugueza, sôb o nome de Santo Antonio de Lisbôa.

Paschoal commoveu-se:

— Obrigado, meus amigos, obrigado!

Por decencia, levámol-o para Vianna na nossa *Princeza do Lethes;* mas, dispostos a desarraigar-lhe todas as esperanças, jámais deixamos de metter entre elle e a Ninette a nossa inviolavel vigilancia de primos intolerantes.

Palavreando frivolamente, Paschoal não quiz confiar-nos a idéa revolucionária que tão inopinadamente o fizéra desistir do seu regresso á Barca. Todavia, os lentos, rutilantes olhares que elle, através das lunetas, dardejava á Ninette, accusavam a alegria sobresaltada d'um sábio que acaba de resolver um problema de universal importancia.—Que seria?

Estávamos na Meadélla. A proximidade da cidade presentia-se já no agrupamento, cada vez mais denso, das habitações, no luxo rural dos muros caiados e das longas parreiras de ferro, no aperfeiçoamento e na variedade das culturas, mescladas agora de grandes talhões de horta, abundantes pomares, melanciáes e meloáes cujas folhas, largas e viçosas, brilhavam á clara luz do sol como grandes begónias rústicas.

Paschoal e o Malhado porfiavam agora na des-

cripção pormenorizada e pittoresca dos lugares que íamos atravessando. Nem sempre, todavia, as suas informações se harmonizavam; e, quando entramos em Vianna, o bacharel, que era altivo, bramia irritantes injúrias—e o cocheiro, de chapéu para a nuca, chicoteando de manso os cavallos resignados, cantarolava epigrammaticamente, na toadilha arrastada d'um antigo fado:

Estudantes de Coimbra
Se burros vão, burros véem!
Coimbra não pode dar
Juizo a quem o não tem!

VIII

Vianna do Castello.—*Acláram-se as idéas e os projectos de Paschoal Taveira.—Rivalidade de coróas.— O marquez da Raposeira.— Os méritos de Paschoal.— O conselheiro Bezerra.— Vianna passeada e commentada.— Um jantar fraternizador.— Uma obra do sábio Bezerra.— O conde da Camposa.—A transformação do diplomata.— Uma mocidade artificial.— A Ninette continua a impressionar o masculino.— Paschoal encontra um rival.— A eloquencia e a logica epistolar da sua dôr.— Um passeio ao monte de Santa Luzia.— O senhor da Camposa destempera as nossas suggestões.— Uma povoação romana.— Opinião do diplomata.— Reclama-se um almoço em nome das tradicções hospitaleiras de Vianna.— Um duéllo.—Procura-se o meio de o evitar.—Ninette intervem.— Pazes.— Partida para Valença.— O chronista aconselha a Ninette a que se faça marqueza.— Discute-se este problema.— Um casal curioso.— Um antigo conhecido.— Saldanha e D. Elvira, sua esposa.—Explica-se a conveniencia de comprar enxovaes na Galliza.— A prudencia da Ninette.— Saldanha compara-a a Galathéa.— Suspiros infieis.—A liberdade matrimonial interpretada por D. Elvira— Chegada a Valença.*

Só no dia seguinte conhecemos, pela Ninette, a «idéa» que nos tinha restituido tão imprevistamente o bacharel da Barca.

Depois de ter recebido a carta que o Alexandre dictára e a Ninette escrevêra, á luz lacrimosa d'uma véla, na hospedaria de Ponte do Lima, Paschoal ficára alanceado de dôr. Saber-se amado e ter de renunciar á posse da mulher que lh'o confessava, parecia-lhe atroz! Entretanto, como ella, desalentada, lhe exprimira a necessidade de partir, partira! Mas, já a caminho da Barca, amofinado pelas commoções da despedida, começou a relêr a carta da Ninette — e a certeza de que ella nunca poderia pertencer-lhe mais uma vez varou lancinantemente o seu coração heroico.

Soccorrêra-se então do seu raciocínio de bacharel em leis... — Porque não podia ella pertencer-lhe? Porque estava destinada a outro. — Que vantagens recommendavam essoutro, alem das que faziam de si o mais cubiçado noivo da Barca? Uma só: era titular. — Titular, oh miséria! Com alguns contos de reis, sem hypothecar um torrão das suas quintas famosas, tambem elle, Paschoal Taveira da Costa Araújo Azevedo e Magalhães, poderia ser titular! E se fizesse isso?... Se reclamasse uma corôa ao Ministério do Reino?...

Uma resolução súbita inflamára-o então. Com um grito fez parar o carro. O cocheiro, seduzido pela liberalidade do fidalgo, retrocedeu, cantando, para Ponte do Lima. Ahi, engatou novos caval-

los ao *Vae-te embora Antonio* e despediu a todo o galope pela estrada de Vianna.

Emquanto assim galopava em demanda da sua amada, Paschoal aperfeiçoou o plano que confusamente esboçára. Procuraria a Ninette, dir-lhe-hia que estava resolvido a fazer-se titular por amor d'ella. Em seguida perguntar-lhe-hia qual era o titulo que nobilitava o odioso noivo que lhe queriam impôr; se fosse visconde, Paschoal far-se-hia conde: se fosse conde, engrossaria a espórtula e encabeçaria uma corôa de marquez... Depois, munido do seu alvará resplandecente, da sua árvore genealógica, da sua carta de bacharel, do tombo da sua casa, e da sua bella presença de varão assignalado na Barca, iria pedir a mão da bella rapariga ao papá Coutinho... Pensára mesmo em confiar este ousado plano ao Alexandre, primo por excellencia da Ninette; mas a desconsolada surpreza com que o acolhemos em Santa Martha, tirou-lhe toda a coragem.

A Ninette narrou-nos estas coisas perturbadoras no regresso d'um curto passeio matinal, ao longo do caes, durante o qual Taveira achára ensejo de lhe fazer tal confidencia.

Nós ficamos inquiétos. A situação começava a complicar-se!...

— E que lhe respondeste? — inquiriu por fim o Alexandre.

A Ninette assumiu um árzinho grave e replicou:

— Coisas pouco animadoras... Recommendei-lhe prudencia; que não fizesse nada, por ora... Insinuei-lhe mesmo que não poderia certamente deixar de casar com o *outro,* em vista do papá ter dado a sua palavra...

— Optimo!

— Mas elle nem assim descoroçoou... Quiz a todo o transe saber qual era o titulo do meu noivo.

— E tu...?

— Fil-o conde!

— Qualquer dia, então, têmol-o marquez!

— Da Raposeira! — elucidou, num riso, a Ninette.

— Marquez da Raposeira?! Disse-t'o elle?

— Com a maior seriedade. Parece que é o nome d'uma quinta de soberbas tradicções heráldicas.

— Bravissimo!

Nesse dia o futuro marquez da Raposeira foi precioso. Profusamente aparentado em Vianna; habituado a vir da Barca, de casaca e chapéu de molas, polkar nos salões nobres da cidade, e a concorrer fielmente aos famosos arraiaes que por ali se realizam, não havia rua ou praça, bêco ou viélla, que lhe não fosse familiar. Assim, nas rápidas horas que mediáram entre o almoço e o jan-

tar, o prestimoso bacharel, resgatando as culpas de ignorancia e importunidade que em Ponte do Lima o haviam tornado irritante, deu-nos a conhecer quasi todas as maravilhas da cidade e talvez a décima parte dos seus primos.

Um d'estes, o conselheiro Bezerra, homem douto, diplomado por todas as sociedades archeológicas da Europa, apesar do impertinente rheumatismo que lhe retardava os passos, apenas soube que nós desejávamos admirar as coisas notaveis da sua terra, quiz por força servir-nos de guia e commentador.

Hospedados no Central, começamos a nossa romagem pela visinha casa dos condes da Carreira, em frente da qual o conselheiro Bezerra nos fez notar logo o brazão dos Távoras picado em obediencia á truculenta lei pombalina. É um edificio extenso, d'um só andar, com esses lindos lavôres que os canteiros do seculo XVII, ainda influenciados pela pompa das construcções manuelinas, tão prodigamente abriam na cantaria das habitações ricas.

Com a Ninette pelo braço, o archaico chapéu alto escorado por duas orelhas flácidas, o letrado velho ainda torcia donairosamente o bigode grisalho, quer sondando a idade dos granitos artisticos, quer desfiando glórias e desventuras genealógicas dos seus conterráneos mais illustres.

E a cada passo, interrompendo-se, de olhos fitos na Ninette:

— Vossa excellencia quando se enfastiar das minhas linguarices de velho caturra, digne-se fazer-m'o saber. Tenho em maior conta o prazer de vossa excellencia que os meus avariados créditos de antiquário.

Seduziu-nos rápidamente a bonhomia galante d'este illustre evocador do passado. O seu saber todo superficial, arrendado de anecdotas, satisfazia a nossa curiosidade sem a fatigar. Apenas quando enveredava para as genealogias era redundante e enfadonho; mas, a um discreto signal nosso, a Ninette intervinha com uma phrase que mudava déstramente o rumo da palestra, — e o sympáthico homem cedia sempre, com docilidade e finura, replicando:

— Beijo as mãos de vossa excellencia. A genealogia é, com effeito, o meu peór rheumatismo.

Assim, divagando e galanteando, mostrou-nos o chafariz quinhentista da praça da Rainha; a egreja da Agonia, celebre pela romaria que, sôb as calmas rudes de agosto, reúne em torno das suas paredes uma grande parte da população do Minho; a egreja de Monserrate, aonde ainda admiramos os menos valiosos quadros da magnifica collecção mutilada outrora por um ladrão intelligente; o castello, com os seus baluartes, revelins, e arrogantes inscripções; a casa de Miguel

de Vasconcellos, onde um malfadado pincel polychrômo avivou as columnas floreadas que adornam as suas janellas e a longa inscripção que precinta a sua fachada; a casa de Pero Gallego; a dos Cyrnes; a dos Costas Barros; a dos Regos Barretos; a da Praça; a do General Luiz do Rego...

Em frente da Misericórdia, chamou a nossa attenção para uma enorme varanda que os hombros de pedra de varias cariátides ha mais de trezentos annos sustentam. É monumental. Os seus dois andares de possante silharía são rematados, no alto, por um frontão com um crucifixo no vértice e duas estátuas nos acrotérios. — E logo, a propósito de varandas, nos contou o inclito Bezerra a soporifera história d'uma contenda entre um antigo provedor da Misericórdia e um fidalgo da casa dos Quezados...

A Ninette, em obediencia aos nossos impacientes signaes, estava já a ponto de interromper essa estirada narrativa, quando a egreja de Santa Maria Maior, obrigando-nos a parar, reclamou a attenção e a erudição do homem.

Essa egreja, de provecta e pesada construcção, é sem duvida um dos mais curiosos edificios de Vianna. Flanqueada por duas torres ameiadas, como castello destinado a defeza d'um Deus militante e hostilizado, a sua facháda é um singular padrão architectónico em que os estylos

romano e bysantino se entrelaçam numa feliz combinação de lavores. No centro, entre santos de cujas mãos combalidas pendem emblemas de martyrio, abre-se a porta principal encabeçada por arcadas de escuro granito que uma nuvem de anjos alvoroçadamente escala para rodear a imagem de Jesus, mais acima esculpida entre dois arautos de azas que, através de grossas tubas, convocam os mortos para o julgamento supremo.

Bezerra, depois de traduzir benevolamente as legendas latinas que perpetúam na pedra o brado terrivel d'esses anjos, e de nos fazer notar as armas de Affonso V, que uma das torres ainda ostenta, introduziu-nos no templo, contando deplorativamente os episódios d'um grande incendio que, pelos meados do século XVII, vestiu de chammas plutónicas a morada de Deus...

Entramos. Dez arcos ogivaes sustentam, com a elegancia aristocrática das suas linhas, o velho corpo da egreja. O conselheiro, pisando com recato o sacro chão, ia sempre rosnando substanciosos commentários que nós, já fatigados, mal escutávamos. E de toda essa lenta romagem de instrucção e recreio, eu, o chronista d'ella, apenas conservo — como instrucção a lembrança das rendas góthicas da capella morgada dos Camaridos e algumas citações latinas; e como recreio a inolvidavel recordação do furor de Paschoal

Taveira que diversas vezes tentou, sem resultado, subtrahir ao velho Bezerra o leve e tépido braço da Ninette.

Á saída o facundo conselheiro ainda tentou a nossa curiosidade com a descripção de certa estátua misteriosa e grosseira, existente no Páteo da Morte, da rua da Bandeira [1], que era o desespero dos sábios e o pomo de discórdia dos archeólogos... Citou mesmo Camillo entre os lidadores d'essa incruenta peleja de investigação.

Nós, fracos, íamos ceder; mas como um suspiro de tédio entreabrisse os lábios da Ninette, o bacharel da Barca acudiu:

— Não vale a pêna! E' um mono sem graça nenhuma! Quem se interessa por aquillo é porque não tem que fazer!

Fallava fortemente, vingando-se. Nós, prevendo uma amarga controvérsia entre os dois homens, interpuzémo-nos, tentando repartir o nosso applauso pelas duas opiniões riváes. Mas o doutissimo Bezerra, casquinando um curto, affavel riso, exclamou:

— E olhe que tem razão, primo Taveira! Nem a estátua vale um caracol, nem nós temos que fazer!

---

1 Faz hoje parte da collecção do Museu Municipal do Porto. Está no claustro do edificio de S. Lazaro.

Esta generosa lisura mais nos congraçou com o nosso conselheiro. Perdoamos-lhe mesmo a pegajosa amabilidade com que elle se soldou a nós durante todo esse dia.

Apreciando com a mesma constancia os beneficios do Progresso e o pittoresco da Antiguidade, foi elle quem, num languido passeio pelo cáes, nos contou a história das pontes nova e velha: a primeira arrebatada em 1880 por uma inundação do Lima, a segunda, arrogante e forte, com os seus dois taboleiros, concluída em 1878. Foi elle quem nos mostrou o dique e a dóca, entre divagações estatísticas dignas d'um relatório consular; foi elle quem nos instruiu profundamente sobre o commércio do bacalháu, e nos recommendou certos biscoitos de chá que se vendiam na praça da Raínha....

No fim d'esta instructiva peregrinação, ainda conseguimos saborear o jantar do hotel na companhia do ínclito Bezerra. A' sobremeza, repicando os cálices cheios de Madeira, bebemos á sua saúde, exaltamos o seu saber, proclamámol-o, com enthusiasmo, «o mais fino e tolerante archeólogo portuguez». Elle, commovido, chamou sobre nós as bençãos da Providencia; comparou a Ninette a um «astro com luz própria» (e citou Flammarion) e affirmou, perante os boquiabertos creados do hotel, que nós éramos a «mais risonha esperança da pátria de Camões»....

Quando saiu, sôb o crepúsculo pállido, prometteu mandar-nos as suas obras, e recommendou-nos muito particularmente uma, que tinha por titulo «*O verdadeiro vaso de noite da raínha Cleópatra*», monographia profunda e picante que, no seu expressivo dizer, «lhe tinha pôsto a cabeça em água.»

Nessa noite, como Paschoal Taveira nos fôra arrebatado por um primo que festejava o anniversário da sua única filha com uma reunião dansante, discutíamos nós, no quarto da Ninette, o programma do dia seguinte, quando um creado appareceu, trazendo democráticamente entre os dedos um bilhete de visita.

—Está ali este sujeito a procurál-os—disse.

Fui eu que recebi da mão do servo o cartão—que era fino, lustroso e almiscarado como o d'uma dama. E logo li, com incerteza e pasmo:

—Conde da Camposa!

—Quem é?—inquiriram os meus companheiros num bocejo.

Discretamente, mandei introduzir na sala nobre do hotel o visitante illustre; depois, ausente o servo, esclareci:

—Eu tive um primo, meio diplomata, meio lunático, que possuía sem partilha o senhorio da Camposa. Era porém visconde...

—Bem sei, bem sei!—acudiu o Alexandre.—Foi aquelle que assistiu ao outeiro romantico

*

que ha annos organizamos em tua casa, não é verdade?... Um gorducho, de careca resplandecente, fallando um vasconço de minhoto boulevardeiro...

— Exactissimo! O que eu não sei, em todo o caso, é se este conde de agora será o visconde de então. Ha tantos annos que não tenho notícias d'essa gente!...

— A elle! — commandou o Alexandre, compondo ao espelho as barbas fulvas.

Emquanto a Ninette, indifferente, rolava uma poltrona para junto da janella aberta, descemos ao encontro do visitante.

Logo da porta, apesar da sombra d'uma grande jarra se projectar sobre a sua figura, reconheci sem hesitação o meu inolvidavel parente. Era elle, com effeito, o homem aventuroso que nos contava outrora, na sua algaravia internacional, as transcendentes delícias de París, os seus successos nos salões e nas chancellarias, nos jantares e nos esportes aristocráticos, nos corações e nas alcovas de imaginárias duquezas...

Certo, elle não mudára ainda, porque apenas nos avistou veiu ao nosso encontro de braços abertos, com o antigo gesto de effusão e carinho... Senti-o tão egual ao que era dantes, que sem querer esqueci a sua recente promoção heráldica no brado com que o recebi:

— Oh, carissimo Visconde!

Estreito e longo foi o nosso abraço. Notei comtudo uma estranha differença nesse corpo que outrora mal cabia entre os meus braços... Não era o mesmo!

— Vossê emmagreceu extraordinariamente! — clamei alvoroçado.

E elle, sorrindo com delícia:

— Não é verdade? Quem diria, ha cinco ou seis annos, que seria possivel tal transformação!

— Não é falta de saúde, ao menos?... — perguntou o Alexandre cortezmente.

O conde meneou-se, como se ainda tivesse entre as bandas do fraque de alpaca cinzenta o bojo do seu antigo ventre, e exclamou:

— Ao contrário! Ao contrário!

Inquiriu então, offerecendo-nos charutos, o que fazíamos, assim acamaradados, através do Minho... E logo, galantemente:

— Ouvi dizer que traziam uma senhora lindissima na sua companhia... E' a prima Beatriz?...

— Não — respondi. — E' uma prima do Alexandre.

E querendo remediar um esquecimento indelicado, perguntei:

— E a prima condessa? Está bem?

O senhor da Camposa fitou em mim dois redondos, pasmados olhos:

— Então não sabe?... Eu participei... Morreu ha três annos em París.

Ergueu-se para accender um charuto. O Alexandre então segredou-me:

— E' por isso que elle traz a careca de lucto!

Reparei. Era verdade! O meu admiravel parente já não era calvo! Um forte cabello, mais escuro e lustroso que o de outróra, guarnecia agora com garbo e mocidade a sua preciosa cabeça. Na antiga nudez do cráneo talhara elle até uma ampla e decorativa testa de metaphysico...

Quiz logo felicitál-o; mas como era necessario varrer decentemente da palestra o cadáver da condessa, só muito tempo depois aventurei:

— Pois, meu caro, vossê rejuvenesceu! Magro como um poeta lyrico, encabellado como Sansão, eil-o de novo no começo da vida!

Elle riu, e disse sem disfarce:

— Maravilhas da sciencia, meu amigo! Hoje, com dinheiro e paciencia, tudo se consegue; até rejuvenescer sem hypothecar a alma ao Diabo, como aquelle ingénuo doutor Fausto...

— Então a sua magreza...?

— E' artificial!

— E o seu cabello...?

— Foi-me semeado no toutiço á custa dos mais complexos artificios!... Até a electricidade entrou em acção! Hoje a humanidade concerta-se como um par de botas. Se a gente tem um buraco no corpo, applica-se-lhe uma tomba!

— E' pena que Voltaire não tenha conhecido essas maravilhas! — lastimou o Alexandre.

— Por quê? — inquiriu o instructivo conde. — Elle soffria de...?

— Não — atalhou o meu companheiro; — comtudo podia ter applicado uns meios fundilhos á aia da formosa Conegundes, a quem, como se devem lembrar, faltava uma nádega.

O conde riu moderadamente. Nunca lêra o *Candido*, e ignorava talvez a existencia de Voltaire...

— Pois é verdade — continuou elle, retomando o fio das suas espantosas revelações. — Um nariz, por exemplo: é um adorno physionómico de primeira ordem. Dantes havia-os tortos, arrebitados, cambados, ondulosos, concavos, chatos, batatudos, o diabo!... Pois hoje tudo isso acabou! Algumas seringadas de parafina, duas ou três dedadas artísticas, e fica uma pessôa com um nariz inteiramente a seu gosto. Com os olhos succede uma coisa parecida. Quem os tiver pequenos, ou mal rasgados, é só dar-se o incómmodo de procurar um especialista, soffrer uma breve operação, e prompto!

Eu ergui-me sobresaltado.

— Dê-me o enderêço, conde, amigo e primo! — clamei. — Dê-me o endereço d'um d'esses especialistas! Vou a Paris rasgar os meus olhos!

Elle fitou-me mais de perto, para bem avaliar

a necessidade da operação. Depois, com um meio riso de estheta benevolente, opinou:

— Com effeito, não lhe faria mal nenhum!

Como eu instava, prometteu mandar-me o enderêço d'um cirurgião célebre — e logo aconselhou ao Alexandre que me acompanhasse á grande babylónia gaulesa para dar um corte definitivo e artístico ás suas barbas mefistofélicas...

— Ainda se demoram em Vianna? — perguntou por fim.

— Dois ou três dias, talvez. Depois partimos para Valença.

— Optimo! Amanhã cá virei solicitar a honra de beijar as mãos á senhora D. Eugénia.

O Alexandre tremeu com receio de vêr o nosso tempo absorvido por importunas visitas. Immediatamante propôz:

— Ella talvez ainda não esteja deitada... Vou vêr...

Em vão o senhor da Camposa protestou contra aquella tyrannia de primo auctoritário; o Alexandre desappareceu como se um tufão o tivesse arrebatado.

Ficando só commigo, o rejuvenescido diplomata, despindo a attitude meio ceremoniosa, meio bonacheirona, que até então conservára, indagou numa anciosa surdina de confidencia:

— Oiça lá, Montarroyo... Esta prima do seu amigo... Que opinião faz d'ella?

— Que quer dizer?...

— E' noiva do Coutinho?... Isto de viajar assim sosinha com um primo é exquisito.

— Não acho — repliquei com autoridade. — E' uma questão de educação. A prima Eugénia (estou habituado a chamar-lhe assim) foi educada em França, com uns tios... Porque ella tem costella franceza pela mãe, que era filha d'um general morto na guerra de Criméa...

— Ah! Comprehendo, comprehendo!... — atalhou o sagacíssimo varão. — Em Portugal ainda ha quem repare nessas coisas... Preconceitos!...

— E' claro!

— Que ella é formosissima!

— Já a viu?

— Vi; toda a gente a viu. A notícia correu logo toda a cidade. E' uma senhora que sobresae em qualquer parte. Uma belleza! Uma distincção! Uma elegancia!...

— Que fogo, primo! — atalhei eu, rindo. — Tenha cuidado! Preserve a sua viuvez preciosa!...

Elle garganteou um riso constrangido — e já se aproximava de mim, para me confidenciar, de certo, estranhos phenómenos da sua sensibilidade outomniça, quando o Alexandre e a Ninette appareceram á porta da sala.

Escutadas com reverencia litúrgica as palavras de apresentação do Alexandre, o senhor da Camposa curvou-se, beijou solemnemente a mão que

a nossa jovial companheira lhe estendera, e deixou caír dos lábios esta phrase indigna d'um conde diplomata:

— Muita honra, minha senhora, muita honra em conhecer a V. Ex.ª.

Enthronada num solemne sofá, a Ninette presidiu então a uma conferencia em que o meu gárrulo parente descreveu as maravilhas que Vianna nos reservava ainda...

— Já foram ao monte de Santa Luzia?

— Ainda não — respondemos. — Mas já está marcada essa romagem no nosso programma...

— Se querem vamos lá amanhã — propôz elle, amavel, de olho fito na Ninette. — Virei cá buscál-os no meu carro... A que horas?

Debalde tentamos declinar o convite. O conde, aproximando-se cada vez mais do sofá, insistiu como quem quer vencer. Resignamo-nos pois a tolerar esse novo satéllite da Ninette — e, marcando para as onze horas da manhã seguinte a nossa reunião ali, no hotel, esperamos pacientemente que o verboso homem da careca remendada puzesse ponto final na conferencia.

— Isto é intoleravel! — segredou-me o Alexandre. — Dois imbecis já no nosso encalço! Vou banir a Ninette da nossa companhia! Só assim lograremos chegar ao Porto sem uma matilha inteira atraz de nós!

— Hum!... Este não sae de Vianna.

— Não sei... Olha para elle... O fogo e os sorrisos com que elle falla á Ninette!... Está a attingir a temperatura do bacharel da Barca!

Estava, certamente; mas alegre, frívolo, sabendo de cór todas as frioleiras que divertem as mulheres bonitas, o senhor da Camposa fazia-se acolher pela Ninette com sorrisos, palavras e maneiras que Paschoal Taveira jámais lográra alcançar.

Já meia-noite soára roufenhamente num relógio distante — e o novo incensador da Ninette, papagueando voluvelmente, não despegava da beira do sofá. O Alexandre, impaciente, debalde fazia signaes á nossa loira companheira; eu baixara pensativamente a cabeça, para occultar os bocejos que de minuto a minuto me repuxavam a mandíbula... E todos nós ficaríamos ali, num somno de estátuas, até ao romper d'alva, se Paschoal Taveira, encasacado e casquilho, não fizesse subitamente irrupção na sala.

Vinha esfalfado de polkar até áquella hora em honra do anniversário de sua prima; ao entrar no hotel, disseram-lhe que nós ainda estávamos na sala: ali viera pois apertar-nos a mão antes de recolher ao leito...

Cri então do meu dever apresentar ao senhor da Camposa o nosso companheiro da Barca — e escolhi, para esse acto, os melhores adjectivos consagrados.

Qual não foi porém o meu espanto quando vi que os dois homens apenas se saudavam friamente, inimigamente, sem trocarem o effusivo aperto de mão de que a gente portugueza é tão liberal!...

Esta circumstancia abreviou, por fortuna, o fim da reunião. Meu primo da Camposa, concedido ás conveniencias o tempo estrictamente necessário, ergueu-se, apertou com affectada intimidade a mão da Ninette e as nossas, accrescentando:

— Então amanhã, ás dez horas, sem falta, cá estarei com a curruagem.

— Está dito! — clamamos.

— Vae ser um passeio delicioso, verão!

Cumprimentou-nos ainda uma vez, dobrou a custo o pescoço ao passar em frente de Paschoal Taveira — e saíu trauteando com ironia a *Benção dos punhaes* dos *Huguenotes*.

No dia seguinte despertei tarde — e lavava-me á pressa, para não fazer esperar o senhor da Camposa, quando o Alexandre me chamou do seu quarto, num brado imperativo e alvoroçado. Abri a porta que ligava os nossos aposentos, e ainda de toalha entre as mãos, enxugando o pescoço gottejante, fui encontrar o meu estranho amigo em mangas de camisa, com a Ninette ao lado, ambos curiosamente debruçados sobre uma larga folha de papel. Comprehendi. A correspon-

dencia amorosa de D. Eugenia Coutinho ia-se avolumando.

— Vem cá! Vem vêr! — tornou o Alexandre.

— É do conde ou do bacharel? — perguntei.

— Vê se adivinhas pelo exórdio! — propôz o poeta. E leu: — «Ainda não ha meia hora que nos separamos e já me vejo obrigado a escrever-lhe para lhe dizer que não posso nem devo renunciar ao seu amor.»

— Isso é do Taveira! — clamei. — É o namoradiço Paschoal a fazer estylo!

— Adivinhaste! — riu a Ninette.

— Não era difficil.

— Não, de certo — observou o Alexandre. — Agora escuta o resto e não me interrompas, embora o terror te faça estremecer as carnes.

Prometti attenção e silencio. O meu camarada recomeçou a ler:

— «Amo-a cada vez mais, prima, e agora que sei quem é o homem que a deve possuir, seria um crime abandonál-a sem protesto á funesta sorte que a espera. Sim, minha prima; o conde da Camposa é um homem incapaz de fazer a sua felicidade. Conheço-o ha muitos annos e sei que elle matou com desgostos e maus tratos a primeira mulher».

— Isso é uma calúmnia! — impugnei eu, irreprimivelmente.

— Silencio! — ordenou o Alexandre. — «Devo

mesmo confessar-lhe que já tivemos uma péga, o anno passado, quando elle appareceu aqui em Vianna com a cabeça cheia de cabello (porque esse sujeito dantes era muito calvo) por eu dizer que ali andava chinó. A prima havia de notar que nós nem sequer apertamos as mãos quando fômos apresentados. Em summa, não digo isto por elle ser meu rival e inimigo, mas é um homem vaidoso, sem senso commum, de máus instinctos, carregado de vicios, e que podia ser pae da prima! Nunca imaginei que seria tão fraca rez o marido que lhe destinavam. Faça vêr isto á sua digna familia, logo que regresse á casa paterna!! Aquelle homem vae ser a sua desgraça!! Veja se convence seu ex.mo Pae! Diga-lhe que sou mais rico que o da Camposa e que já encommendei ao governador civil um titulo de marquez em duas vidas. Assim, o meu primeiro filho será tambem marquez; e um marquez da Raposeira vale bem um conde da Camposa! Se fôr preciso, tambem posso arranjar a commenda da Conceição e um circulo seguro nas proximas eleições de deputados. E alem de tudo isto, ando a elaborar com o Severino Taborda (um talentaço!) uma *Memoria biographica dos frades do Minho,* para entrarmos ambos para a Academia Real das Sciencias. Sobre isto, porém, rogo-lhe que nada communique nem a seu primo Alexandre nem ao Montarroyo, porque, como elles são homens de letras, não devem

gostar da notícia. Depois de tudo que deixo dito, ouso esperar que nem a prima nem a sua illustre familia hesitarão na escolha. Se porém hesitarem, empregarei outros meios para vencer, e vencerei se o seu auxilio me não faltar».

— Eis um corajoso maçador! — commentou o Alexandre, dobrando a epístola.

— Dás-lhe auxilio ou não, Ninette?... — perguntei.

— Está claro que dou! — respondeu a brava rapariga. — Já que elle me persegue, quero levál-o longe!

— O que é desagradavel é que elle tenha feito teu noivo o meu innocente primo da Camposa. Quem diabo lhe teria encasquetado essa idéa na cabeça?

— Ninguem. Foi geração espontánea. Elle sabia que o meu noivo era conde... Ao regressar d'um bailarico, encontrou um conde collado ás minhas saias, e viu que elle me fallava e sorria como um velho conhecido... O seu esclarecido espírito de bacharel em leis fez o resto; e hoje, o teu inculpavel parente é, sem remédio, aos olhos de Paschoal Taveira, o homem destinado a fazer a minha desgraça conjugal!...

— Escreve-lhe! Desengana-o!

— Pelo contrário! O que eu quero é acabar de o convencer. Vou até escrever-lhe nesse sentido.

O Alexandre, que escutára em silencio o nosso diálogo, interveiu então auctoritariamente:

— A menina não escreve coisa nenhuma.

— Porquê?

— Porque já vae sendo tempo de epilogar a comédia. D'ora avante prohibo-a de amatilhar mais adoradores. Convido-a mesmo a licencear este bacharel da Barca, que já está a exorbitar. Dentro d'alguns minutos iremos ao monte de Santa Luzia na companhia do conde da Camposa; deixar-lhe-hei tolerantemente alguns minutos para a menina evitar que elle nos siga até Valença.... Tome bem nota. Saindo de Vianna, não quero condes nem bachareis no nosso encalço!

— Amen! — replicou a Ninette, submissa.

Sob a doutoral advertencia do meu camarada, dispersamos — e eu enfiava precisamente a minha rabona branca de turista, quando a victória do senhor da Camposa parou á porta do hotel. Abrí a janella com estrépito e debrucei-me para saudar ao grande homem que, flammejante, de fato e chapéu côr de pombo, com um esplendido cravo na botoeira, entregava já as rédeas ao seu famoso cocheiro inglez.

Vendo-me, gritou logo:

— Êtes-vous prêt? Voilà dix heures sonnées!

Recolhi transido ao intérior do quarto. O francez do visconde de outrora resurgira — e cerrado, compacto, sem a antiga e avariada mescla

lusitana. Que iria succeder, Deus piedoso?! Que significaria aquelle symptoma?

Soubémol-o mais tarde quando, obedecendo ao seu gesto convidativo, subimos para a victória. O senhor da Camposa fizéra reapparecer o seu ágil francez de diplomata em honra da Ninette. Sciente da costella gauleza da nossa loira companheira, o meu galante parente conjecturára que lhe devia ser agradavel, a ella, ouvir sôb o bello ceu azul da pátria de seu pae a graciosa e namorada lingua de súa mãe...

Foi o Alexandre quem o dissuadiu:

—Puro engano, meu caro conde, puro engano! Minha prima, quer conversando, quer jantando, prefere sempre a língua portugueza, fallada ou guisada, de homem ou de boi!

O senhor da Camposa riu com deleite. Depois, festejando ainda alacremente o patriotismo da Ninette, prometteu que jámais dos seus lábios lusitanos se escoaria palavra conhecida além dos Pyrenéus.

Partimos. No céu, quiétas e claras núvens attenuavam brandamente o calor do dia. Na victória do conde, ao trote de dois magníficos cavallos, rodamos alegremente pelas ruas da cidade e subimos a estrada que se enrosca serpentilmente entre as fragas e os pinhaes do monte de Santa Luzia. Através das rendas de arvoredo que bordam essa ladeira, recostados nas almofadas da

victória, víamos lentamente, gradualmente, alargar-se o horizonte.

— Isto aqui já é bem bonito; mas lá em cima é que é verdadeiramente maravilhoso, sobre tudo para quem vê pela primeira vez... Eu já estou habituado: tenho assistido lá no alto a dezenas de piqueniques!

Execrei o senhor da Camposa nesse momento. Aquelle representante d'uma sociedade que só aprecia o pittoresco das paizagens como aperitivo de merendolas pretenciosas, pareceu-me irritante e ridículo. E irresistivelmente perguntei:

— Mas os senhores, nessas merendinhas extravagantes, comem ou olham?

Elle fitou-me perplexamente, um frouxo sorriso nos lábios:

— Ora essa! comêmos e olhamos! — respondeu afinal.

— Comprehendo. Comem com os olhos e olham com o estómago!

Apesar da minha voz ser impertinente e aggressivo o meu sorriso, o meu benevolo parente limitou-se a responder hilariantemente:

— O uso dos orgãos corporáes é facultativo, vossê bem sabe!...

A alacridade do conde pareceu-me maliciosa. Não repliquei, em honra do pudor feminil de D. Eugénia Coutinho.

Estávamos a meia altura do monte. A cidade, até então occulta no sopé, ia irrompendo pouco a pouco do meio das vagas ondulações do terreno arborizado, com a alegre mancha bicolôr dos telhados e das caliças, como povoação que a terra partejasse a uma invocação mágica. O Lima, azul, reflectindo o céu azul, ondulava numa túrgida maré, paletado d'oiro e mosqueado de ligeiras, veleiras embarcações. Mais distante, o mar sacudia lassamente a renda de espuma das suas vagas e rolava, sôb o céu concavo, com languidez e volúpia—talvez á busca d'uma sereia que lhe ensinasse novas canções e novas traições...

Apesar d'essa morosa ascensão ter gradativamente familiarizado os nossos olhos com a paizagem,—o maravilhoso panorama ainda nos surprehendeu quando emfim attingimos o alto do monte.

Um silencio sonhador paralysou, durante alguns minutos, toda a communicação do nosso pensar. Apenas o conde e a Ninette, com o inconsciente egoísmo da sua frivolidade, palavreavam constantemente, manejando o monóculo e o *lorgnon* com o mesmo gesto distrahido e vago.

Vianna agora estava toda a nossos pés. Era uma alegre mancha de casas, irregular e vasta, que ali, acantoada entre o rio manso e o mar voluptuoso, lembrava não sei que immemorial acampamento de argonautas pagãos. O sol penetra-

va-a, avivava a côr sanguínea dos telhados, o brilho das vidraças e das caliças, as verduras melancólicas dos jardins, e dir-se-hia que a enxugava d'um grande banho matinal e restaurador.

Em volta, o verde dos campos, o azul brónzeo dos montes, a vastidão infindavel do mar... Em prados longínquos, a verdura das hervas mesclava-se com a nódoa adusta dos milharáes já sêccos; e havia entre elles casas brancas, tão pequeninas naquelle immenso mar de vegetação, que um olhar infantil as acceitaria facilmente por flôres.

Na nossa frente, as casas de Darque branquejavam entre viçosos arvoredos, como retiro destinado a idyllios de écloga; as suas campinas, que para o nascente acompanhavam o rio, concertavam-se, ao poente, com o mar numa tão harmónica combinação ornamental, que se diria existir ainda ali, naquelle obscuro recanto de terra portugueza, a fraternidade que sôb o céu clemente das Origens ligava os elementos riváes.

O senhor da Camposa, surprehendendo-nos com os olhos fitos na captivante aldeia, explicou:

— Aquillo é Darque, a terra clássica dos alhos e das cebolas.

Alhos e cebolas! Que condimentos para o alto idealismo que prendia os nossos olhos ás namoradas verduras de alem-rio!...

O sagaz titular comprehendeu, pela desanimada attitude com que voltamos as costas á paizagem, que nos não fôra agradavel aquella inesperada revelação.

Sorrindo com finura e fatuidade, commentou:

— Não é poético, concordo! O alho e a cebola são a escória das variedades hortícolas... Mas, meus queridos amigos, que commércio não faz Darque com esta ralé da sua vegetação hortense!... O estrangeiro péIla-se pelo nosso alho e pela nossa cebola! Affirma-lhes isto, um homem que todos os annos faz uma tremenda exportação!...

— O conde?! — inquiriu a Ninette com desgosto.

Elle remediou:

— Eu sim; isto é, o meu feitor. Tenho uma quintarola em Darque que produz toneladas! Toneladas!

Para d'algum modo enfrearmos este enthusiasmo de proprietário feliz, pedimos ao illustre viannense que nos guiasse ao local onde sábias excavações tinham recentemente revelado as ruínas d'uma povoação romana.

Fallando ainda de Darque e d'uns famosos melões da sua quinta, que elle comparava a «barrilinhos de champanhe perfumado», o senhor da Camposa, dando o braço á Ninette, conduziu-nos ao cume do monte, aonde vimos algumas desman-

teladas paredes circulares que os estudiosos têm desencontradamente attribuido aos romanos, aos celtas e aos pré-celtas.

O conde, sempre diplomata, para não desacatar nenhuma d'essas sisudas opiniões, quando se referia a esses vagos povos, chamava-lhes apenas «bárbaros».

Esta cidade morta estende-se sempre assim, em escombros de construcções rudimentares, numa superficie de dois kilómetros quadrados. A população montesinha dos arredóres, insensivel ao merecimento histórico d'aquellas paredes mal construídas, apressa frequentemente a sua ruína, transferindo para muros de heidos ou vedações de mattas, as pedras de melhor talhe.

O senhor da Camposa contou-nos isto com um sorriso benevolente, que trahia a sua approvação aos desmandos dos vândalos minhotos — e, despindo por um instante a sua habitual prudencia diplomática, confidenciou-nos que achava aquillo uma óptima installação para um creador de pórcos... Aquelles cerrados circulares estavam a pedir ninhadas de bacorinhos!...

Nós clamamos, arripiados:

— Oh, conde! Isso não se diz!...

Elle enfiou ante a nossa catadura indignada.

— Sim — balbuciou, afinal. — Com effeito não se diz; pensa-se, só. O meu delicto foi pensar em voz alta.

E outra vez alegre, desenfadado, vaporou o fumo do charuto entre deliciados risinhos.

Quando chegamos ao hotel, já a hora do almoço tinha passado; mas o senhor da Camposa, em nome das tradições hospitaleiras de Vianna, reclamou que fôssemos servidos. Attenderam-no. Comtudo, no dia seguinte, verificamos que a tocante desaffronta dos créditos de Vianna nos custára uns cinco mil reis supplementares.

Com as malas afiveladas, folheávamos na manhã do dia seguinte o guia dos caminhos de ferro, quando nos viéram annunciar outra vez o conde da Camposa.

—Apre! Ainda é peór que o Taveira!—perorou o Alexandre. E voltando-se para mim, accrescentou:—Oh, menino, tem paciencia; vae recebêl-o! És seu primo, és nosso amigo: deves esse sacrificio ao teu sangue e á nossa amizade!

Fui—e logo, pelos passos agitados com que o meu pegajoso parente calcava o tapete da sala, conheci que uma grande novidade ia sobresaltar a minha alma tranquilla.

Não me enganei. O senhor da Camposa vinha, nem mais nem menos, convidar-me para padrinho d'um duéllo!—Um duéllo, ali, em Vianna, na vizinhança das calmantissimas águas do mar lusitano!... Aquillo parecia-me tão descabido como as verbiagens francezas que elle nos quizera impingir na manhã precedente.

— Um duéllo, menino?! Vossê está bem certo d'isso?... É vossê quem se bate?...

— Eu mesmo! — volveu elle, irritado. — Não me preoccupo com isso; jogo todas as armas como um profissional. Não tenho medo. O peór é o ridículo! Só por causa d'isso hei de cortar uma orelha ao pateta do Taveira!

Eu recuei, esgazeado:

— O Taveira?! O Paschoal Taveira?!... É com elle que vossê se vae bater?!...

Um furioso signal affirmativo curvou a cabeça tingida do senhor da Camposa:

— Exactamente! Calcule vossê agora o que se dirá por ahi, sabendo-se que elle veiu no encalço da D. Eugénia Coutinho... Um escandalo! Um ridículo! Eu, com esta idade, viúvo, de calva remendada, a bater-me por amores com um palerma d'aquelle calibre!... Se fosse fóra de Vianna, não me importava; mas aqui, onde toda a gente nos conhece a ambos!... E depois, com franqueza, estou envergonhado; o seu amigo Alexandre vae ficar furioso quando soubér a prima mettida nestas andanças. E tem razão!

Eu nem ousára proferir uma palavra. A notícia aturdira-me. Faltava-nos aquella complicação! Um duéllo por causa da Ninette! Quando a minha razão se desanuviou, comecei a detestar cordialmente esse importuno bacharel barquense

que tantas contrariedades estava semeando no nosso caminho de exploradores.

— Sabe que mais, primo? — exclamei com fúria. — Mande-o bugiar! É uma bêsta, esse Taveira!

— Não posso! Elle ameaça-me com um escandalo medonho no jardim, se eu recusar.

— No jardim?!

— Sim, no jardim público, nos dias de música, quando toda Vianna lá está!

— Oh!...

— No meu entender, só ha dois meios de evitar o escandalo; mas ambos são difficeis.

— Diga, diga!

— O primeiro mandar-lhe dar uma bôa cóça e levál-o, atado como um fardo, para a Barca...

— É rocambolesco! E o segundo?

— O segundo é pedir á D. Eugénia que prohiba, áquelle pedaço de asno, essa fanfarronada que vae comprometter o seu nome.

— Admiravel idéa!

— A questão é que elle cêda... O animal não se contenta em me assacar a calúmnia de fazer a côrte á D. Eugénia; considera-me já noivo d'ella! Ora se lhe falta esperança de prémio, o imbecil é capaz de não querer ceder.

— Cede!... Arranja-se uma esperança provisória e bem verde! Com effeito elle é dos taes que precisam de muito verde...

O senhor da Camposa, já mais tranquillo, riu:

— Pois é dar-lh'o! Então vossê encarrega-se de arranjar as coisas?

— Encarrego. Não pense mais nisso. Tudo se ha de conciliar. Vou manobrar immediatamente.

— Sempre partem hoje?

— Á hora e meia. Na estação lhe direi o resultado da minha diligencia.

— Optimo! Até logo.

Apertamos as mãos, com a nossa amizade reforçada pela aventura.

— E prepare-se para fazer as pazes com o homem no momento da nossa partida! — preveni eu.

— É indispensavel? — perguntou, com tristeza.

— Indispensabilissimo!

— Seja!

Quando communiquei ao Alexandre e á Ninette o memoravel tratado que acabára de effectuar com meu primo da Camposa, ambos ficaram estarrecidos.

— Eu ainda acabo por dar um tiro nesse impertinente bacharel! — rugiu o Alexandre. E voltado para mim, a face accêsa: — Fizeste muitissimo mal desprezando o primeiro alvitre do teu parente... Realmente o que esse idiota merecia era que o levassem para a Barca, bem sovado, dentro d'uma camisa de forças!

— Estás bravio!

— Era o que elle merecia!

— Coitado! Bem lhe basta a elle amar a Ninette! Respeitêmos os sentimentos do futuro marquez da Raposeira! Ninette, menina, tem paciencia; é necessário que por palavra escripta ou fallada prohibas, ao teu cavalleiro da Barca, o uso de pistola ou arma branca no campo da honra.

— Prohibirei! — prometteu docilmente a soberana rapariga.

Combinamos então mandar uma breve carta ao bacharel barquense. E como o Alexandre, entediado, se negava a collaborar nessa empreza de pacificação, a Ninette acercou-se da mesa, tomou entre os finos dedos a penna inspirada, e traçou por sua conta e risco as linhas seguintes:

«Primo Paschoal. Acabo de ter conhecimento do terrivel desígnio que um infundado ciúme lhe aconselhou. É deploravel que o primo arrisque assim, tão inconsideradamente, á malevolencia de toda a cidade, o nome d'uma senhora cujo maior crime é ter escutado com agrado os queixumes do seu coração».

— Bravo! «Queixumes do seu coração» é magnífico! — applaudi eu, que observava por detraz da Ninette a elaboração da epístola salvadora.

— Silencio, ou não escrevo mais! — condicionou ella.

Não abandonei o meu posto de observação, mas emmudeci reverentemente.

A Ninette proseguiu:

«O primo já sabe que acceito contrariadíssima o homem que me destinaram para marido. Portanto, se quer que eu continue a dar-lhe qualquer esperança, desista por completo d'esse duéllo ridículo e prepare-se para fazer as pazes com o seu adversário, hoje, na estação do caminho de ferro, no momento da nossa partida».

— É bastante, não?... — inquiriu a escriptora, depois de ter declamado em frente do Alexandre estes períodos despóticos.

— Falta uma coisa — observou elle. — É necessário dizer-lhe que nos não persiga até Valença, sôb pena de morte!

Eu intercedi:

— Oh, Alexandre, tem dó do coitado!

— Ou elle, ou eu! Estou farto de semsaborias e maçadas! Como primo, amigo, homem livre e pensante, insurjo-me!

— Vou fazer um post-scriptum! — atalhou a Ninette, para aplacar a tempestade.

De novo a sua penna deslisou sobre o papel, rápida e resoluta. Instantes depois, escutávamos, com lisongeiro recolhimento, este additamento precioso:

«P. E. — Para evitar acontecimentos que podem ser funestos ao nosso futuro e sobre tudo

aos seus projectos, é indispensavel que o primo me não siga a Valença. O papá já teve noticia das suas assiduidades e recommendou ao Alexandre, pelo telégrapho, que me levasse immediatamente para o Porto se o primo não mostrasse ter desistido do seu intento. Finja portanto que já me não ama, e não se ha de arrepender».

Enviada por um creado do hotel, esta carta teve um effeito superior ao que nós ousáramos esperar.

Horas depois, na estação do caminho de ferro, Paschoal Taveira não só apertou com generoso esquecimento as mãos riváes do conde da Camposa, mas tambem nos deixou entrar, sem a sua enjoativa companhia, na carruagem que devia transportar-nos a Valença.

Até á abalada do comboio, porém, o namoradiço varão não se afastou das janellas do nosso compartimento, com a mão desalentada no fecho da portinhola.

Eu condoí-me — e, debruçado na janella, ainda misturei ao apito da locomotiva este brado saudoso:

— Até breve, amigo Paschoal!

Partimos — e logo, livres dos tejadilhos de zinco da estação, um triumphante jacto de sol entrou pelas janellas da carruagem, como para lavar a melancolia dos nossos adeuses.

— Uf! — expectorou o Alexandre, caindo sobre as almofadas. — Eis-nos livres, emfim!

— É verdade! — disse eu, com mágoa. — O nosso Taveira lá ficou.

— Não todo! — ironiou a Ninette.

— De accôrdo, de accôrdo, D. Eugénia! É certo que a parte mais tenra e mais doce do seu coração nos acompanha, mas...

— Não é só o coração...

— Que mais pois, mulher treda? — invectivou o Alexandre, a quem a viagem ia desassombrando.

A Ninette ergueu a fina mão enluvada, com um gesto que fez retinir argentinamente a sua pulseira de berloques.

— Isto! — exclamou.

Era uma carta. O futuro marquez da Raposeira, que se esmerára a dispôr sobre a rêde do nosso compartimento todas as miúdas-bagagens da Ninette, achára ensejo de passar discretamente ás mãos da futura marqueza, aquelle último grito do seu coração escravo.

Rezava assim:

«Adorada Eugénia. Acceitarei as condições que me impõe. Reconciliar-me-hei, por sua causa, com o único homem que odeio no mundo. Não a seguirei a Valença. Peço-lhe porém uma recompensa; é que convença sua família depressa e que não se demore muito. Como voltam a Vianna,

aqui permanecerei até ao seu regresso. Se nessa data seu ex.mo Pae ainda se oppuzér ao nosso casamento, eu conheço um padre, que foi meu condiscípulo e vive para os lados de Barcellos, que nos consorciará clandestinamente, sem difficuldade alguma. Não posso viver sem o seu amor e estou decidido a alcançál-o á custa dos maióres sacrificios. Escreva-me algumas linhas, de Valença. Continúo hospedado no nosso Central».

Uma súbita paragem do comboio impediu que déssemos ás phrases vehementes do bacharel o acolhimento enthusiástico que ellas mereciam. Estávamos em Montedor.

Mas o apito estridente da máchina depressa sibilou no ar. O comboio abalou novamente — e nós, no compartimento, felicitamos vivamente a Ninette pela dedicação do grão cavalleiro Paschoal! Homens d'aquella tempera eram raros nesta era triste em que não resta sequer uma tíbia dos Doze de Inglaterra! Paschoal Taveira, na terra portugueza do seculo XIX, era exemplar *sui géneris,* como a torre dos Clérigos, o convento de Mafra, a casa dos Bicos e outras preciosidades de mármore, granito e argilla paridisíaca.

Eu, arrebatado, ousei mesmo bradar:

— Ninette, menina, aproveita a occasião: faze-te marqueza! Tu nasceste para uma corôa! O Alexandre não te merece, não te aprecia; nem sequer desafia com arreganho os riváes que encon-

tra em volta de ti! Nem sequer te offerece um galho matrimonial na árvore genealógica dos Coutinhos! E um ingrato. Vinga-te! Faze-te marqueza!

— Amigo falso, cala-te! Homem traidor, arrolha-te! — trovejou o Alexandre.

A Ninette, que nos escutára com um sorriso esphíngico na linda bôcca, disse por fim:

— Vossês riem-se, mas quizesse eu!...

O Alexandre ergueu-se indignado:

— Que ousas dizer, creatura infida?! — invectivou elle. — Pois tu, installada com o honesto título de prima na linhagem preclara dos Coutinhos, ainda namoras os florões d'uma corôa marquezal que a estas horas se está a fabricar no ministério do Reino? Oh, vaidade insaciavel! Mísero e mesquinho lôdo de Eva! Bem diz o bardo:

> Alma humana, alma humana,
> Que negras manchas as tuas!

Eu, apiedado da Ninette, suppliquei:

— Não repitas! Não repitas!

Elle condescendeu:

— Não. Nem eu disse nada a páginas trinta e duas!

A Ninette, porém, parecia inconsolável. Approximei-me d'ella, tomei-lhe com carinho as mãos inertes, e disse com transporte ao Alexandre:

— Faz ella muito bem em querer ser marqueza! Antes marqueza uma hora do que Ninette toda a vida! Eu cá sou pela philosophia da mulher do senhor D. João IV!

Outra paragem. Era Affife, terra de canteiros afamados, a quem Vigo deve as melhores rendas de pedra dos seus edificios. Em frente da portinhola do nosso compartimento, duas grossas damas hesitaram alguns segundos; a sineta badalou duas vezes, e ellas abalaram a correr, de vestes esvoaçantes, para uma carruagem de segunda classe.

Até Ancora viajamos sempre sós, como senhores absolutos do compartimento. Mas quando essa alegre praia appareceu, logo mão ousada fez girar a portinhola — e uma senhora primeiro, depois um homem, fizeram irrupção no nosso feudo.

Era certamente um honesto casal, porque a dama, além de ser feia, exhibia com visivel satisfação o disforme bojo do ventre grávido. Parecia ter trinta annos. No tom bilioso da sua pelle morena, nos seus olhos felinos, no nariz a pique, no rictus que lhe contrahia os lábios finos e obstinados, na linha desharmónica que lhe sacudia os gestos — em tudo se percebia uma d'estas creaturas a quem a nubilidade, longos annos desprezada, azéda o génio e irrita para sempre a trágica e complexa vaidade da mulher feia.

Ao marido, que se debruçára na janella da carruagem, a conversar com um moço banhista de altivos bigodes ruivos, ainda não lográramos vêr a cara.

Durante os breves minutos da paragem do comboio, duas vezes a mão da dama, enluvada em camurça parda, repuxou com impertinencia as abas do casaco do marido. Elle, habituado de certo, continuou a palestrar impassivelmente para fóra. Afinal o comboio abalou, o homem acenou, ainda uma vez, um adeus ao seu amigo dos bigodes ruivos.

—É um verdadeiro namôro! — rugiu a dama, enervada.

Elle, de costas para nós, sacudiu os hombros:

— Porquê? Querias que mandasse embora o pobre rapaz, que fez a fineza de vir á estação por minha causa?...

Aquella voz impressionou-me. Eu conhecia-a, indubitavelmente: pelo timbre e pelo comedimento urbano da locução. Mas a memória do cêrebro não auxiliava a memória dos ouvidos; de modo que, só quando o homem se voltou, para se sentar em frente da terrivel consorte, é que os meus olhos surprehendidos reconheceram o Augusto Saldanha, o dócil e namorado praxista dos piqueniques e reuniões dansantes de outrora.

Encolhido no meu canto, não communiquei a ninguem a descoberta que acabava de fazer — e

mergulhava, com absorvente attenção, o meu olhar no guia dos caminhos de ferro, para não ser tambem reconhecido, quando, após um discreto ruído de passos, ouvi distinctamente:

— Mas, se não estou em erro, vossa excellencia é o senhor Alexandre Coutinho!...

Olhei. O Saldanha, em frente do Alexandre attónito e esquecido, sorria deliciadamente, certo da sua sciencia physionómica.

E logo accrescentou:

— Eu sou o Saldanha, o Augusto Saldanha, que ha cinco annos tive o prazer de conhecer a vossa excellencia em casa do nosso amigo Montarroyo...

O Alexandre, ainda indeciso, fitava mudamente o homem... Eu, ao ouvir pronunciar o meu nome, cri do meu dever alarmar a companhia com um grito sobresaltado:

— Oh, Saldanha! Pois é vossê!...

— Oh, Montarroyo! Que venturoso encontro!

Como homem correcto e educado, cuidou logo, após um estreito abraço, de nos apresentar a sua mulher, D. Gracinda Tavares, filha do célebre almirante Tavares, amigo intimo do rei, alma da marinha portugueza. O Saldanha, nas breves palavras de apresentação, relembrou estas glórias, declinou estes titulos... A mulher deu-nos a mão com soberania, como se nós fôssemos os últimos grumetes do último navío ás ordens de seu pae.

Dos seus lábios sêccos, enfarellados de pellículas, nem uma só palavra saiu; dos seus olhos, pardos e infixáveis, nem um só raio de graça feminil... — Infeliz Saldanha! A que taciturna creatura elle entregára a corôa mimosa dos seus annos em flôr!...

Depois do que se passára, forçoso nos era apresentar a Ninette, flôr doirada da árvore góthica dos Coutinhos. A nossa radiante companheira, impassivelmente recostada nas almofadas, desde certo tempo que estava sendo observada pelo olhar hostil de D. Gracinda e pela pupilla namoradiça do Saldanha...

O Alexandre, despertado por um discreto cotovelão meu, já entreabria os lábios para proferir as palavras sacramentáes, quando o Saldanha, aproximando-se mais de nós, perguntou:

— Sabem em que estação entrou aquella senhora loira?...

Deus misericordioso! Saldanha, o sagaz marido de D. Gracinda, suppunha que a Ninette viajava desacompanhada, por sua conta e risco!...

No momento em que elles tinham entrado na carruagem, nós estávamos, com effeito, bastante afastados da futura marqueza da Raposeira; e fôra isso, de certo, que o fizéra crêr na independencia dos nossos destinos.

Hesitamos um instante. Afinal o Alexandre respondeu resolutamente:

— Não sei... Já estava na carruagem quando nós entramos... Vem talvez do Porto.

Só então D. Gracinda entreabiu os beiços sem frescura para dizer:

— Julguei que era alguma senhora da sua familia.

— É uma formosa mulher! — tornou o Saldanha, convicto.

Distanciei-me para rir discretamente da olhadura feroz que D. Gracinda dardejou ao marido; mas ainda ouvi o Alexandre responder com desdem:

— Sim, não é feia... Mas é muito môna; parece que não sabe fallar!

— Um bello mármore! — synthetisou o Saldanha, que ainda não perdêra o amor ás phrases de effeito.

— Exactamente!

Como depois d'aquellas referencias desfavoráveis á belleza da Ninette, D. Gracinda Tavares abrira ao Alexandre um vago sorriso de sympathia, ambos nós abancamos perto d'ella, inquirindo com interesse o destino que assim os levava a caminho da fronteira.

O Saldanha esclareceu com pompa:

— Vamos á Galliza: a Tuy, a Vigo, talvez a Pontevedra.

— Lindo passeio!

— Oh, não é pelo passeio... — observou enjoadamente D. Gracinda.

— Não é, effectivamente — secundou o Saldanha. — Foi a Gracinda que se lembrou de comprar na Galliza o enxoval do nosso primeiro filho... Ora uma senhora que anda, como ella, no seu estado interessante, quando se lembra d'uma coisa, logo a deseja... A Gracinda, portanto, desejou. Oh, um desejo económico!... Porque a Gracinda, alem de ter um cêrebro de primeira categoria, é uma excellente dona de casa! De modo que lá vamos até á Galliza!

Ella recebia estas homenagens com toda a seriedade e aprumo, como raínha habituada ás adulações d'uma côrte servil.

O comboio parou. A Ninette, aborrecida já do seu isolamento, folheava o guia dos caminhos de ferro.

— Que estação é esta? — perguntou ella de súbito, voltando-se para nós.

Todo o nosso grupo se sobresaltou. O olhar de D. Gracinda coriscou, com severidade. Saldanha, sempre diligente no serviço das damas, correu á janella.

— Seixas, minha senhora! — exclamou elle, aproximando-se da nossa companheira. — Vossa excellencia sae aqui?

— Que lhe importa, a elle, onde ella sae? — rugiu D. Gracinda, a meia-voz, furiosa.

— Não — respondeu a Ninette. — Vou para Valença com meu primo.

— Ah! vossa excellencia tem parentes em Valença?

Nós, inquiétos, escutávamos; eu, como estava mais perto da Ninette, multiplicava signaes de olhos, que ella não attendia.

E ao nosso lado, D. Gracinda, cada vez mais enfurecida, rosnava:

— Que lhe importam, a elle, os parentes d'ella!

Nenhum de nós curou de tranquillizar a biliosa creatura. O diálogo entre a Ninette e o Saldanha absorvia toda a nossa amedrontada attenção.

— Nem parentes nem adherentes — dizia a Ninette. — Meu primo vae aqui commigo. Não tenho outro... neste momento.

— Aqui?!

O Alexandre então interveiu. Dirigindo-se com intimativa á brava rapariga, fallou d'este modo:

— O primo de vossa excellencia é aquelle cavalheiro que vae com um amigo na carruagem vizinha, não é verdade?... Eu creio que conheço aquelle rapaz...

Eu então acudi, com medo d'alguma indiscrição da Ninette:

— Quem o não conhece?! O Aristides Tavei-

ra, primo carnal do marquez da Raposeira!... Foi meu condiscípulo, no Porto! Excellente rapaz!

— E o marquez?— volveu o Alexandre, aproveitando a deixa, para não dar logar a qualquer observação da Ninette.— Uma pérola! A pérola dos marquezes!... A senhora D. Gracinda até deve conhecêl-o dos salões do paço... Elle é infallivel nos bailes reáes!

A insociavel consorte do Saldanha caiu logo na armadilha:

— Perfeitamente! — respondeu ella, com ufania.— Creio que ainda o vi em um dos últimos saráus do palácio das Necessidades... O papá tem-lhe feito muitos favores.

O Alexandre, que lançára a insinuação sem o intuito de sondar o snobismo da soberba D. Gracinda, continha a custo o riso; eu, para escapar ao contágio, afastei-me um pouco e detive-me a contemplar a paizagem ribeirinha que o comboio atravessava; mas a Ninette, que acabára por perceber todo o nosso jogo de dissimulação, ouvindo a taciturna dama fallar assim do seu bem amado Paschoal, marquez *in-partibus,* desfechou a mais clara, livre e gostosa gargalhada que os meus ouvidos jámais escutaram.

— O mármore anima-se! — veiu segredar-me o Saldanha, entalado. — Que Galathêa, amigo Montarroyo! Que encantadora mulher!

— Vossê ainda admira o bello sexo?— perguntei eu.

Elle suspirou profundamente:

— Cada vez mais!...

— E ainda verseja?

— Cada vez menos!

Escutando essa melindrosa confidencia, o meu olhar ia-se namorando subtilmente da paizagem. Já mal ouvia o bacharellar confuso do Alexandre e das senhoras, e o agoniado suspirar do inflammavel Saldanha. Entre culturas viçosas, outeiros coalhados de casas ou chorosas ramagens de salgueiros, o Minho deslizava túrgido e empolado, numa rápida corrente de baixa-mar. O castello de Lanhellas, com as suas velhas paredes e as suas velhas torres, appareceu um instante aos nossos olhos, no fundo d'um pequeno jardim onde as flôres, os arbustos, as ruasinhas areadas, repunham na sua inoffensiva feição ornamental a severidade bellicosa das muralhas dentadas; depois, entre salgueiros e milheiráes crestados, o rio tornou a surgir, rolando densamente as aguas azuladas.

— Linda vista! — disse, a meu lado, uma voz distrahida.

Era o Saldanha, os olhos absortos, sem vêr talvez a paizagem que elogiava.

— Pittoresca, realmente — concordei.

— Aqui para nós, meu caro Montarroyo —

tornou o pobre rapaz, baixando a voz — se não viésse com minha mulhér, atirava-me a ella!

— A ella?!... Á paizagem?... Vossê premedita algum suicídio pantheísta?

O marido de D. Gracinda sorriu:

— Não; vossê não comprehendeu. Atirava-me mas era á mulher, áquella loira deliciosa! Era a ella que eu me atirava de cabeça!...

Eu considerei-o severamente:

— Oh, homem! Pois vossê, casado, em véspera de ser pae, ainda cubiça a mulher do próximo?... Vossê está desmoralizado!

— Ágora estou! — E o Saldanha suspirou cavamente, aferrolhando no coração o segredo das suas desditas conjugáes.

D. Gracinda conhecia certamente aquelle estranho suspirar, porque logo chamou o marido, num brado sibilante e auctoritário. Saldanha obedeceu, córando. Eu então insurgi-me contra aquella tyrannia de raínha absoluta; e depois de me certificar que D. Gracinda nada mais queria que prender ao seu lado aquelle dócil escravo, por minha vez chamei o Saldanha para a janella, encarecendo a diversidade dos aspectos panorámicos... Três vezes fui obrigado a repetir esta manobra, com visível irritação de D. Gracinda, que chegou a dizer ao Alexandre, com um amargo risinho de mofa:

— O seu amigo, senhor Coutinho, parece que tem pela Natureza um grande enthusiasmo...

— Todos nós, minha senhora, todos nós! A Natureza é mestra da Vida, do Amor, da Liberdade! E seu marido, minha senhora, aprende neste momento a viver, a amar e a ser livre!...

— Livre, um homem casado?!... Oh, Augusto!

E de novo o Saldanha, vexado, foi sentar-se ao lado da mulher, como cachorro aminiado que procura a roda da saia da ama.

Mas os gestos de D. Gracinda foram tão impetuosos que novamente a Ninette, sem se contêr, cacarejou uma submissa, crystallina risada.

— É de mim que se ri? — vociferou a irritada creatura, com os olhos accêsos.

Nós cuidamos abafar de riso quando a Ninette, calma e sempre sorridente, lhe replicou:

— Não, minha senhora. É d'esse senhor que a acompanha.

— De meu marido?! — silvou a outra, empinando-se.

E a Ninette, imperturbavel:

— Desculpe. Julguei que o não era.

Do nosso canto, ambos nós com dissimulados acênos, impuzémos silencio á Ninette. O Saldanha, enfiado, tambem tentava esfriar, com monosyllabos supplicantes, a truculenta cólera da mulher. Mas o comboio parou. A estação de Valença ap-

pareceu—e o conflicto desfez-se propiciamente entre o movimento da retirada.

Quando me achei sobre o asphalto da estação, ao lado d'um moço de bagágens que reunia as nossas malas, não vi o Alexandre nem a Ninette. Distante, carregado de capas e guardasóes, transmittindo a um carregador as ordens que recebia da mulher, avistei o Augusto Saldanha, atarantado e derreado.

Emquanto a onda dos passageiros se escoava pela porta de saída, ainda pesquizei mais uma vez os recantos da estação, á busca dos meus companheiros, mas nada lobriguei.

— Escaparam-se, por causa dos Saldanhas, naturalmente — pensei. E seguido do homem das bagagens saí tambem da estação.

O Alexandre já me esperava, sósinho, no páteo exterior. Tinha desapparecido para installar a Ninette no *Rio Minho*, hotel fronteiro á estação, a fim de podermos festejar, sem contratempos nem receios, a partida dos Saldanhas para a Galliza.

— Optima idéa! — applaudi. — Vamos lá dizer adeus ás creaturas.

Bem depressa os encontramos. D. Gracinda, affogueada ainda pelo sangue colérico que a revoltára pouco antes contra a Ninette, discutia com um cocheiro faiante, de jaqueta de pelles e faxa escarlate, o preço do seu transporte a Tuy. A sua

voz, aflautada e acre, ripostava com vehemencia á inflexivel serenidade do cocheiro, que sorria, enrolando um cigarro. Ao lado, o pobre Saldanha, carregado de mantas, malas e guardasóes, esperava a conclusão do negócio com a resignação d'uma velha mula de carga.

A nossa chegada apressou o desenlace: D. Gracinda subiu emfim para a carruagem depois de conseguir o abatimento de 50 reis sobre o preço ordinário da corrida internacional...

— Que pêna, não poderem vir comnosco por essa Galliza fóra! — lastimou o Saldanha.

Com voz commovida, ambos nós affirmamos tambem o nosso pezar...

Mas D. Gracinda interrompeu-nos, anciada:

— Depressa, Augusto, uma chícara de chá!

Iamos precipitar-nos para o restaurante da estação, amáveis e generosos. Deteve-nos porém um gesto da impertinente dama:

— Não, não!... Muito obrigada!... O Augusto é que deve ir buscar... Do contrário não posso tomar o chá. É um *desejo*.

A sua voz sublinhou a palavra — quasi tanto como a olhadura desfallecida, que baixou ao seu empinado ventre grávido.

Respeitamos aquelle capricho psycho-physiológico. O pobre Augusto, durante um amargurado quarto de hora, viu duas vezes repellida a chícara de chá que conseguira arranjar no res-

taurante da estação: — a primeira, por trazer uma colhér mal lavada; a segunda, por haver na beberagem uma fôlha de chá semelhante a uma môsca.

Por fim, acceitou a terceira chávena — e emquanto ella a bebia, com arripios e esgares de quem ingere um remedio nauseante, o Saldanha, enxugando o suór da testa com um lenço fortemente almiscarado, perguntou-me ao ouvido:

— Oh Montarroyo, diga cá uma coisa... Vossê viu, por acaso, que rumo tomou aquella esplendida mulher loira que vinha comnosco no comboio?...

IX

Valença. — Muralhas, soldadesca, apparato béllico. — Procura-se a gemma d'aquelle decorativo ovo medieval. — A lógica do Alexandre suppre a falta d'um guia. — O baluarte do Soccorro. — Melancolia. — A therapeutica da Ninette. — Uma discussão. — A eloquencia da nossa companheira restitue-nos a alegria. — Partida para Caminha. *— Uma visita de estudo dirigida pelo doutor Seraphim. — Uma paizagem adoravel. — A encommenda e a mensagem do senhor Thomazinho. — Ninette é proclamada gran-sacerdotiza. — O «Relicário»: suas singularidades bicolóres. — Louva-se com enthusiasmo o génio do senhor Thomazinho. — O estro do Alexandre partido por um raio. — Um brado tribunicio. — O chronista deseja cantar a Ninette, mas ella recusa. — Um soneto em honra da Judith dos Arcos. — A vingança do Alexandre. — Um verso que resolve o problema do idioma universal. — Noticia panegírica da vida e feitos do senhor Thomazinho.*

Quando os Saldanhas, alfim accommodados na victória, partiram para as terras hospitaleiras da

Galliza, já a Ninette nos acenava com alvoroço d'uma das janellinhas baixas do Hotel Rio Minho.

Seguidos por um moço, que cambaleava sôb o pêso das nossas malas, logo corrêmos ao chamamento da incomparavel rapariga — e numa sala de tectos abarracados, com portas de vidros para um jardim rústico, longo tempo repousamos, dialogando e cervejando.

Mas o calor affrouxava; a claridade do dia estival ia-se adoçando... Era necessário não perder o dia a beberricar num hotel, como *lazzaroni* sem objectivo nem energia!

— Bem, meninos! A refrigeração está feita, moral e physicamente fallando. Escolhamos os nossos quartos, e ávante, a Valença-a-forte, Deus o quer!

Tal foi o meu brado. E logo, disciplinarmente, o Alexandre e a Ninette se ergueram, promptos a cumprir o seu dever de excursionistas.

Feita summariamente a escolha dos aposentos, saímos; e, guiados pelas indicações do creado da hospedaria, insinuámo-nos pela estrada poenta onde duas horas antes desapparecêra a tipoia dos Saldanhas.

A tarde estava deliciosa: dir-se-hia que, sôb o azul nitido do céu, o éther se doirava de sol e se embebia no perfume das flores silvestres. A breve trecho, no cimo d'um outeiro, aonde a urze e o matto verdejavam como relvas viçosas, as primei-

ras muralhas da fortificação começaram a apparecer.

Ao mesmo tempo, uma brisa mais ligeira, canalizada por uma garganta que deixava vêr os campanários de Tuy, começou a agitar brandamente as gazas espumantes do chapéu da Ninette. — Oh, doçura! Como a Natureza nos pareceu adoravel nesse instante!

Contornando lentamente o monte, em breve achamos a primeira porta da villa, aberta ainda, com um raro luxo archeológico de ferragens e pregarias, na muralha d'uma barbacan. Franqueámol-a á pressa, de olhos na padieira musgosa, com receio de vêr caír sobre os nossos pescoços indefesos os agudos dentes d'algum rastrilho affonsino!... E entre aquelle scenário bárbaro e mediévo, pareceu-nos em verdade uma frágil figurinha evadida d'um vaso de Saxe, essa radiosa Ninette que tantas devastações amorosas tinha causado nos lugares que atravessára.

Sempre com essa surpreza desconfiada e constrangida de quem visita uma prisão, atravessamos successivamente as outras duas portas que difficultam o accesso da villa. Ahi, entre um dédalo de ruas, tortuosas e fugidias como buracos de cobras, reconhecemos alfim a falta que nos fazia um amigo valenciano. Nenhum de nós conhecia, senão de vagas, desinteressadas narrações, um só palmo d'essa terra patriótica que

oppõe os seus baluartes ás utopias federalistas de alem-Minho e a sua minacissima guarda fiscal ás salerosas audácias do commércio gallego.

Hesitantes, palmilhando ao acaso as lages polidas das ruas, em vão procurávamos coisa digna de fixar a nossa attenção. As casas, banalmente rebocadas de caliças modernas, não tinham pittoresco especial; os habitantes, vestidos á nossa semelhança, tambem nenhum veio ethnográphico offereciam a nossa exploração; os templos, moços ou remoçados, não promettiam uma só das maravilhas archeológicas que nós nos habituáramos a saborear... Restava o panorama. Esse, segundo nos affirmára o creado do hotel, era de arromba, visto de certo baluarte!... Mas — suprema imprevidencia! — nem a Ninette, nem o Alexandre, nem eu, nos lembrávamos já do nome do baluarte. Tinhamos bôcca e não podíamos ir a Roma! Até o ensinamento dos provérbios nos apparecia sophístico e doloso em tal aperto!

No meio d'esse abatimento, o Alexandre raciocinou afinal, com inexpugnavel lógica:

—As designações populares de homens e lugares célebres, são sempre concisas. A Camões, ninguem chama Luiz Vaz de Camões; á Batalha, ninguem chama «templo de Nossa Senhora da Victória»... Ora aqui deve succeder o mesmo. Esse tal baluarte é, por certo, uma das primeiras, se não a primeira celebridade de Valença.

Perguntêmos pois aonde é o *baluarte,* e teremos quem nos elucide!

Eu murmurei, esmagado pela deducção:

— Caramba! Que profundidade!...

E até a Ninette, mordendo o beiço inferior, numa expressiva mímica, exclamou:

— Para estas coisas não ha outro!

Cuidamos logo de ensaiar a efficácia do alvitre do meu amigo; — e como um garoto, que estava apedrejando hilariadamente algumas gallinhas dispersas pela rua, se aproximasse de nós, pedindo lamuriosamente «cinco-reisinhos», promettemos ser generosos se elle nos dissesse aonde ficava o *baluarte*...

— O baluarte do Soccôrro? — volveu o pequeno, alvoroçado.

— Esse mesmo! — clamamos.

Era com effeito o que nos havia sido indicado. Em breve, guiados pelo David das gallinhas valencianas, pudémos apreciar a maravilha.

Maltratado, desguarnecido, com hervas de ruína e immundicies de lugar escuso, o baluarte do Soccôrro é, em verdade, um dos mais bellos miradouros que neste pittoresco e insinuante Minho pode achar o amador das largas vistas panorâmicas.

Dominando o rio, que passa ao fundo, anilado e grosso de marés vivas; dominando Tuy, que em frente se acocóra com beata humildade em

redor da cathedral; o olhar perde-se num immenso taboleiro de verdura onde as casas e os campanários ruráes parecem malmequeres brancos. Durante a escassa meia hora que ali estivemos presos ao encanto d'essa natureza em pleno gôzo da sua fecundidade sagrada, já a léste uma levíssima névoa azulada crepusculizava as linhas distantes, tornando mais sensivel, mais visivel, a alma da paizagem.

Quando reentramos no hotel, íamos somnambulos, melancólicos. A natureza, sôb a luz immaterial do crepúsculo, impressionára-nos com a dormente saudade do seu adeus.

E foi só á noite, depois d'um péssimo jantar produzido pelas diversas metempsycoses d'um gallo coévo talvez das fortificações, que a Ninette, passeando comnosco á luz das estrellas, se afoitou a dizer:

— Que terá feito em Vianna o pateta do Paschoal?

Um sorriso tímido desabrochou nos nossos lábios cerrados por um nostálgico pensar — e ambos nós, naquelle momento, tivemos com certeza sincera pêna d'esse pobre bacharel tão atormentado e perseguido por uma paixão illegitimável...

70

— Coitado do Paschoal!...—murmurou ainda o Alexandre.— Têmo-nos divertido bem cruelmente á custa d'elle!

— E o peór ha de ser o fim da aventura! — accrescentei eu.

Ante aquella ensôssa jeremíada, a Ninette, impacientada e caustica, esbracejou com melodramático fogo:

— Oh, sim! O despertar ha de ser horrivel! Quando esse constante amador soubér que a mulher a quem elle destinava a corôa olympica da Raposeira e a parte mais tenra do seu coração formado em Direito, é Ninette e não Eugénia, e que as linhas do meu parentêsco com o Alexandre não saíram de novêlo canónico nem civil, grandes e terriveis coisas se verão! Em verdade vos digo, amigos meus, que imperdoaveis foram vossos crimes e vossas imprevidencias! Sêde fortes, comtudo! Esta vossa fiel companheira e serva buscará salvar-vos do cataclysmo. Eva, minha avó, me inspirará, como a muitas outras que ainda saborêam o paraizo, apezar de todos os dias abanarem a árvore do bem e do mal, já esgalhada e sem pômos... Amigos, confiae em mim! Para desenvencilhar meádas tenho mãos ágeis e agudas unhas!...

Mas como nem assim conseguira desvanecer a nossa melancolia, a estranha rapariga metteu-se entre nós, enfiou nos nossos braços os seus macios e ondulosos braços serpentis, e exclamou:

— Oh, homens sem vontade e sem coragem!...

Quedamos, attónitos. A Ninette iria injectar-nos alguma ode?... A sua phrase tinha a vehemencia e a métrica d'uma invocação epopaica!... — Em que Castália valenciana haurira a Ninette tão imprevista inspiração?...

Mas não! A objurgatória logo perdeu a sublimidade e o rythmo. A Ninette, chãmente, continuou:

— Eis-me aqui entre vós, corajosa e sã! Quero interromper o contacto physico d'essas duas tristezas. Doentes como vós precisam de ser isolados como pestíferos. Eu sou pois a báia sanitária.

— Báia?! — objectei, offendido.

— Deixa lá! — rosnou o Alexandre. — É liberdade poética.

A Ninette então sacudiu-nos com força:

— Mas que é necessário fazer para vos libertar d'essa estúpida melancolia?...

— Nada mais simples... Arranja uma tristeza maior que a nossa.

— E' difficil!

— Sempre é bom tentar!

— Então matai-me! — clamou a jovialíssima creatura. — Pois tenho hoje um tal apêgo á vida que só pode entristecer-me a idêa de a perder, no meio de toda esta natureza que pensa certamente como eu!

— Isso pensa; garanto-te! — affirmou o Ale-

xandre. — Nem o Minho é outra coisa se não uma grande Ninette, menos leviana que tu...

— Oh!... — interrompeu ella, impugnando.

— ... mas mais fecunda... — accrescentei eu.

— ... e com o mesmo brilho e exuberancia! — concluiu o Alexandre.

A Ninette então riu, triumphantemente:

— Sim, sim! Vingae-vos de mim e do Minho! O que vos amofina, meus amigos, é a inveja de não têrdes, como eu e toda a natureza que nos cérca, o segredo de gerar a alegria. Viver com alegria é o mesmo que ter sempre umas azas promptas para voar; amar com alegria é sentir o amor invulneravel e immortal!

— Bravo, Ninette! Isso é que é eloquencia! — bradamos, enthusiasmados. — Tu estás sublime! Vamos para o hotel. E' preciso que despejes numa rêsma de papel tudo o que tens dentro do cráneo! Irra! Isso até te pode causar uma apoplexia!

E rindo já, completamente desanuviados, marchamos para o *Rio Minho* com a preciosa rapariga entre nós.

Antes de nos deitarmos, o Alexandre lembrou á Ninette que era necessário escrever «duas palavras» ao Paschoal.

— Amaveis? — inquiriu ella, docilmente.

— Sim, consoladoras! — aconselhei eu.

— Não! Regeladoras! — bramiu o Alexandre. Foi elle, então senhor do dominio útil da Ni-

nette, quem venceu. E a nossa condescendente companheira, bocejando, arredondou, á luz somnolenta d'um candieiro de petróleo, meia duzia de períodos tão frouxos e desinteressados que o Alexandre, ouvindo lêr a carta, exclamou com vehemente applauso:

— Sublime! Optima! Eu não seria capaz de fazer obra semelhante! Não regela, desaquece; não aggride, debilita; não é um golpe, é um laxante!... E afinal, bem estudados os symptomas, é d'um laxante que o coração do Paschoal precisa!...

Partimos de Valença na manhã do dia seguinte e paramos vinte e quatro horas em Caminha, a linda guardian do Minho, que nos tinham recommendado como terra muito para vêr.

Pequenina, fresca, sorridente, essa villa tem alguma coisa de infantil, que seduz. Apeninsulada pelo mar e por dois rios, lembra vagamente uma canastrinha de verdura onde um novo Moysés sorrisse, embalado pelas águas.

Percorrêmos num instante as suas ruas, sem a desconfiança inconfessada que em Valença emperrára os nossos passos. No meio da povoação entre as brilhantes caliças das construcções modernas, achamos a egreja matriz, reliquia quinhentista, que passa por sêr o mais bello exemplar architectónico da provincia. O mais curioso é, certamente. Começado por D. João II e acabado

por D. Manuel, pertence a esse nobre, gracioso e hybrido estylo a que na arte da construcção portugueza ficou vinculado o nome do rei venturoso. Grande numero de esculpturas e ornatos diversos guarnecem profusamente as suas torres, a sua cimalha, suas portas e janellas. Na renda caprichosa da sua platibanda, ha quando a quando saliencias de goteiros finamente esculpidos; — e para que ninguem duvide do patriotismo de tão raiáno povo, como é o de Caminha, os dois embornaes que ficam voltados para o lado de Galliza representam duas creanças acocoradas, dando passagem á agua da chuva por uma via que a Natureza costuma destinar a menos hydraulico mistér.

O interior d'esta egreja é quasi tão curioso como o exterior. Duas fieiras de columnas, que no alto dos capiteis se unem entre si por espessos arcos, sustentam o tecto de madeira das naves, cavado de artezões e florido de magnificas alhas.

Entre as imagens do culto, admiramos tambem um Christo, no passo do Ecce-Homo, que dizem ter vindo de Inglaterra por occasião do movimento anti-cathólico promovido alem-Mancha pelo Barba-Azul da dynastia dos Tudores. É o patrono de todos os mareantes das cercanias. A sua capella, debordante de ex-votos, é um verdadeiro museu da fé popular.

Saímos do templo na companhia do dr. Sera-

phim, homem douto e previdente, que, munido d'um roteiro manuscripto, d'um grosso lápis e d'um caderno de apontamentos, andava como nós visitando a alegre villa fronteiriça.

Como em frente das maravilhas da egreja havíamos escutado com reverente attenção os seus dizêres eruditos, o digno homem, lisonjeado, offereceu logo á nossa desorientada curiosidade de excursionistas moços, o auxilio do seu methódico e experiente saber.

Acceitamos com júbilo; e desde então, ao lado d'esse inexgotavel Mentor, fácil e gostosa foi a nossa tarefa.

No Terreiro, fez-nos notar a casa góthica dos Pittas, edificada na agonia de seculo XV por um fidalgo gallego; a casa da Cámara, com a sua torre romana; e o chafariz que adorna a praça, cópia fiel de outro, que em Vianna, na praça da Raínha, nos apontára o dedo auctorizado do conselheiro Bezerra.

Depois, emquanto procurava um miradouro capaz de dar nitidamente aos nossos olhos todo o encanto da paizagem arrabaldina, contou-nos que, pelos foraes de D. Diniz e D. Manuel, aquella appetitosa Caminha, que nós andávamos admirando, tivéra já o insigne privilegio de *couto do reino*.

— Couto do reino?... — estranhou a Ninette, fazendo-se echo da nossa ignorancia.

O dr. Seraphim ergueu para ella dois tímidos e gulosos olhos de sábio.

—Sim, minha senhora... Quer dizer que se algum malfeitor aqui se refugiasse, não poderia ser preso nem castigado.—E ajuntou com benevolencia: — Tempos de obscurantismo!

Assim lardeada de commentários, sôb o claro céu d'aquella linda manhã de verão, a romagem ia infiltrando em nós um franco, saudavel gôzo de existir. O ar que nos banhava os pulmões como que dissolvia no nosso sêr moral o chimérico azul do espaço. Havia nelle murmurios de beijos, frémitos de azas, perfumes de flores, luzilumes de astros. Um trago de vida reverberado de sonhos.

Mais tarde, perto do rio, em face da paizagem que rodêa Caminha, mais se avelludou em nós essa estranha, delicada voluptuosidade. Na frente tinhamos a pittorêsca ourela gallega que de Passajes a Gayão se alastra, verde, fértil, pintalgada de casas, e rematada pela serra de Santa Tecla que o rio Minho, mesclado já com águas oceánicas, corta a prumo na sua foz. O mar, somnolento e azul, enchía á esquerda todo o horizonte, bordando de espumas carinhosas os velhos muros da fortaleza da Insua; e, no lado opposto, o Coura resfolegava na confluencia com uma surda ira de rival impotente, rasgado pelos pilares d'uma longa ponte, ao fim da qual se aninhavam, como gaivotas dormentes, as casas brancas de Seixas.

Em todo este Minho montanhoso e idyllico, raro se encontrará um trecho de natureza com tão penetrante e harmónica belleza. D'isso me deu prova o silencio commovido com que tanto a Ninette, gárrula, como o dr. Seraphim, erudito, acompanharam o lento, amoroso olhar com que o Alexandre e eu fixamos esse panorama adoravel.

Mesmo entre a scéptica e brutal humanidade de hoje, difficilmente apparecerá alguem que não surprehenda no segredo d'essa paizagem uma voz que desperte ou domine emoções. Parece que ha nella raízes entumecidas e creadas em algum misterioso barro atávico — ou que é o mesmo o fluido vital que faz estremecer a vegetação e a alma dos olhos que a contemplam.

Quando chegamos ao hotel, a tarde cahia já, affogueada pelas tintas ígneas dos crepúsculos estivaes da beira-mar. Uma creada, cruzando-se comnosco no corredor, participou-nos, com uma meia-voz respeitosa, que « o senhor Thomazinho » nos tinha vindo procurar, deixando-nos « um embrulhozinho »...

— Deve ser engano — rosnamos nós.

— O senhor Thomazinho nunca se engana! — advertiu a creada com autoridade.

Entreolhámo-nos, indecisos.

— Mas nós não conhecêmos o senhor Thomazinho! — objectamos ainda.

— Ah, quér não, meus senhores! O senhor Thomazinho é que conhece toda a gente!

Depois de tão convictas affirmações, toda a impugnação seria impertinente e improficua. Resolvêmos pois ir procurar o embrulho que nos deixára esse senhor Thomazinho que conhecia toda a gente.

— Que aventura!... — murmurei eu. — Quem será o homem?...

— Algum Paschoal Taveira em segunda mão! — conjecturou o Alexandre, enfastiado.

Foi no meu quarto que encontramos o inesperado pacote amortalhado num papel côr de breu e profusamente ligado com fitas escarlates. Sobre elle alvejava um sobrescrito quadrado, no qual lêmos, maravilhados, as palavras seguintes:

«Aos grão-sacerdotes da Nova Poesia, Alexandre Coutinho e Vasco de Montarroyo, esta mensagem que lhes dirige Thomaz Borges, bardo caminhense».

Tomei com respeito esta carta, e com respeito a entreguei ao Alexandre.

— Abre, amigo! — murmurei — que transcendentes mistérios nos vão ser por certo revelados.

O Alexandre, acceitando o precioso papel, saboreou um instante a importancia da sua missão; depois, voltando-se para a Ninette, que já festejára com um dos seus risinhos de ave a solemnidade ritual dos nossos gestos e palavras, disse:

— Retira-te, mulher profana! Tu não pódes assistir a esta tocante ceremónia!

— Clemencia, amigo! — intercedi eu. — É justo que a nossa companheira, depois de tantos dias de prova, participe fraternalmente das nossas honras, dos nossos prazeres e até das nossas commoções. Assim, façámol-a grã-sacerdotiza, e penetrêmos com ella o mistério da mensagem do senhor Thomazinho.

— Seja assim!

E ambos, impondo sobre a cabeça fulva da Ninette as mãos litúrgicas, proclamámol-a, sacramentalmente, grã-sacerdotiza...

— De quê? — perguntou a neófita com irreverencia.

Nós cravamos do espaço o dedo profético, e respondemos cavamente:

— Do Mistério!

Ella riu. O Alexandre abriu a epístola. Eis o que alvoroçadamente lêmos:

«Senhores. Querendo o Acaso, divindade caprichosa que tanto surprehende e martyrisa os homens, trazer-vos á terra humilde de Caminio, aonde eu ha tanto proclamo o Primeiro-de-Dezembro da nova Arte, e iço a bandeira rubra da independencia poética, sou aqui a pedir-vos que enriqueçaes duas páginas do álbum, que junto vae, com as menos valiosas pérolas do vosso escrínio de Poétas. — Senhores, eu vol-o peço: fazei-o! O

álbum está virgem: a vós, as flôres de laranjeira d'essa exigente noiva espiritual!»

Foi só muito tempo depois que nos achamos em estado de desatar as fitas vermelhas que apertavam o pacote preto — tumba da «exigente virgem espiritual» que o senhor Thomazinho offerecia á luxúria das nossas pennas.

Era uma cartonagem esguia, revestida de percalina rubra, com esta palavra RELICÁRIO impressa a oiro no frontespício.

— Não é feio! — opinou a Ninette, do lado.

Mas logo em seguida accrescentou:

— Que horrôr!...

Fôra o interior do álbum, todo composto de folhas pretas como ardósias, o que horrorizára assim a nossa sensivel companheira.

— Como diabo havemos nós de desvirginar o álbum sem uma tinta especial? — clamou o Alexandre. — O bardo caminhense quererá que escrevámos com o nosso sangue, á maneira heroica dos antigos prisioneiros?

Mas já então a Ninette fazia notar um singular instrumento embainhado na percalina do bordo interior da capa...

Um brado escapou das nossas guélas:

— Caramba! O homem tem imaginação, tem recursos! Digam lá que não ha civilização em Caminha!... Aqui está! Uma penna de reservatório, com tinta branca! E' admiravel! E então

para um álbum não é só admiravel: é sublime! Eu vou escrever um poema!

Inspirado pelo papel preto e pela tinta branca, o Alexandre empunhou a penna do senhor Thomazinho e bradou, assustando a Ninette com o seu gesto de Adamastor:

— E é a ti, mulher fatal, que vae divinizar o fogo sagrado que em mim estúa! Eil-o que vem; silencio!

E o meu original amigo começou:

> Loira! Todo o flavôr das giesteiras em maio
> Não pode comparar-se ao teu cabello em fio!
> Lirio estellar, pomba de paz, fructo de estio,
> Fazes lembrar-me o sol, nascendo raio a raio...

— Que o parta!—murmurou baixinho a Ninette.

Mas o poeta ouviu — e toda a fonte de poesia, que lhe inundava o coração, seccou ao brado de indignação com que arremessou o *Relicário*. E de pé, em frente da Ninette pávida, declamou:

— Oh, mulheres! Quando é que vós comprehendereis o poeta que vos incensa, que vos deifica, que vos ama?!... Todas vós não sois mais que miseravel barro tendo por fóra, á superficie e á mercê de qualquer resfriado, a alma que nós-outros sentimos cá dentro, inflammada, immaterial e immortal. Vós trocais sempre, como os moedeiros falsos, o máu pelo bom dinheiro. Se

vos fallam em Deus, cuidais logo de seduzil-o pela hypocrisia; se vos fallam em Belleza, procurais immediatamente exaltar a vossa; se vos fallam de amor, pensais apenas na luxúria! Chamam-vos loira?... Logo denunciais, com desprezo, as que pintam o cabello. Elogiam os vossos olhos?... E' no *lorgnon* que vós pensais. Gabam o vosso sorriso? Segredais que a vossa melhor amiga tem dois dentes chumbados. E se, por um contrasenso vulgar, louvam a vossa alma, vós só pensais no vosso corpo!... Oh mulheres, oh mulheres! vós não mereceis sequer a tinta branca da penna de reservatorio do senhor Thomazinho! E tu, Ninette, musa ingrata e irreverente, não esperes que jámais da minha lyra saia um accórde em teu louvor! Oh não, não o esperes! Isso que escrevi dou-o por não escripto. Um raio o fez nascer: um raio o partiu!

Esbofado, o Alexandre caíu numa cadeira, recusando com orgulho as nossas felicitações. Eu porém não cessava de bradar:

— Apre, que eloquencia! Imaginem esses bocadinhos d'ouro num palco ou numa tribuna parlamentar!... Não; quero dizer-te uma coisa, Alexandre, menino: se ali os gallegos te tivessem ouvido, o túmulo de Castellar seria ultrajado!

Mas o poeta acolheu com desprezo este fervoroso enthusiasmo de prosélito. Perdido o veio

poético que produzira aquella estrophe, como apresentar decorosamente ao senhor Thomazinho assim mutilada, a primeira página do seu álbum?... Era indispensavel concluír aquillo! O Alexandre convenceu-se d'esse dever, e a sua cólera flammejou. A Ninette, assustada, refugiou-se no meu quarto. Eu segui-a — para deixar só o meu amigo e para vêr se atamancava tambem uma composição digna da immortalidade lapidar do álbum do bardo caminhense.

— Ninette, menina — clamei eu logo. — Vou-te cantar tambem com tinta branca nas páginas pretas do *Relicário!* Vaes ser re-immortalizada!

Mas a jocunda rapariga oppôz-se tenazmente! Estava farta de ser maltratada por causa de versos que não comprehendia. O papel de musa não lhe servia senão ao lado d'um poeta que cantasse o fado...

— O fado!... Oh, Ninette, que diria o senhor Thomazinho, se te ouvisse!...

Procurei então outra inspiradora dentro das aventuras d'aquella jornada — e a imagem da bella Judith dos Arcos surgiu logo á minha anciosa invocação. Eis o que escrevi:

O azul em glória, o sol em fogo, a lúa em pranto,
O mar bordando espuma, a flor vertendo arômas,
Tudo isso combinado explica o mago encanto
Que alvoresce o teu corpo e ennoita as tuas cômas.

Um pômo fresco e são, todo orvalhado emquanto
A madrugada o tinge — assim as tuas pômas:
Rósea aperolação das estrophes d'um canto,
Quentes manhãs de sol compressas em redomas!

Assetina-te a carne um pólen luminoso,
Amortecem-te o olhar crepúsculos de gôso,
E' de mel o sorrir que nessa bôcca engastas!

Eia, real mulher, perverte a nossa fé!
Como a nudez ovante e excelsa de Phryné
Ante o lascivo olhar dos velhos Helliastas!

Quando, de gesto largo e olho incandescente, declamei estes sanguíneos versos, a Ninette, pasmada da minha imaginação e da minha erudição, confessou lisamente que invejava a bella Judith arcoense...

— Sério? — perguntei, lisongeado.

— Palavra! Tem fogo! Isso nem mesmo é um sonêto: é uma grelha de quatorze ferros em braza! Mulher que o leia, fica crestada por fóra e congestionada por dentro, como um bife á ingleza!

Eu quiz vingar-me. Exclamei, porejando dignidade e brio:

— Pois, menina, tu, que acabas de o lêr, não me pareces nada um bife á ingleza. O que pareces, assim loira e branca, vestida de côr de pinhão, é um bife á portugueza guarnecido de batatas mal fritas.

— Bem se vê que acabas de cantar uma creada de servir, desgraçado! — ripostou a Ninette. — O teu espirito cheira aos refugados da tua inspiradora!

Eu exaltei-me:

—Judith, senhora, nunca cosinhou! Lava roupas, como as fadas; serve á mesa, como illustres damas caridosas e christãs; e prepara limonadas dignas da garganta de Júpiter! De resto, quem primeiro untou de adubos culinários este debate foi a senhora, que logo ao principio fallou irreverentemente em grelhas, bifes e outras coisas próprias talvez da donzella amada de Paschoal Taveira, mas absolutamente condemnaveis na bôcca d'uma mulher que ainda ha pouco foi solemnemente proclamada gran-sacerdotiza do Mistério!

A Ninette então quiz prostrar-se a meus pés.

— Perdão! — gemeu ella.

Eu, clemente, ergui-a:

— Pois bem; perdôo. Mas com a condição de que nem o meu soneto, nem a minha Judith serão jámais ultrajados!... E agora vamos vêr o que fez o Alexandre.

Fômos — os braços travados, como amigos inseparaveis e fieis. O nosso admiravel companheiro, curvado sobre as páginas pretas de *Relicário*, rabiscava já a sua assignatura debaixo d'alguns mal alinhados versos.

— Concluíste? — perguntei, da porta.

Elle teve um gesto affirmativo. Depois, chamando a Ninette, tomou solemnemente o álbum do senhor Thomazinho, e disse:

— Vais presencear, mulher ingrata, os estragos do raio com que ha pouco fulminaste a minha inspiração poética!

Nós, estarrecidos, escutamos:

Loira! Todo o flavôr das giesteiras em maio
Não pode comparar-se ao teu cabello em fio!
Lirio estellar, pomba de paz, fructo de estio,
Fazes lembrar-me o sol, nascendo raio a raio!

Mas quando a esse encanto o meu olhar subtraio
E, ao pensar em ti, o sangue inquieto esfrio,
Vejo que tens no peito um coração vazio
E na bôcca um sorrir que aos homens diz: «doirae-o!

És um ídolo d'oiro, a cujos pés um poeta
Jámais ajoelhará! E raio, chispa ou seta
Que sáia d'esse olhar, mais ninguem partirá!

Eu, o último partido, aqui venho affirmar-t'o
Com este immenso rir de Demócrito farto:
— Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

Quando o Alexandre cacarejava os últimos sons d'aquella esbofante gargalhada métrica, já nós, em volta d'elle, o acclamávamos hilariadamente. A Ninette, apesar de contundida pela sonoridade fustigante dos versos mefistofélicos,

beijou devotamente o poeta, e declarou-se resignada a nunca mais partir ninguem abstracto ou concrecto. Mas um receio inquietava-a.

— Que dirá o senhor Thomazinho, quando vir isso?... — balbuciou ella, acercando-se mais do Alexandre. — Não é por mim, bem sabes; é por ti... A tua reputação vae soffrer um tremendo trambulhão em Caminha!

O Alexandre sacudiu os hombros, com um expressivo gesto de Messias incomprehendido.

— Não sei, em verdade, porque motivo tu duvidas da grandeza da minha obra. Juvenal e Mefistófeles, misturados, não fariam coisa melhor. E' o que eu penso e o que vae pensar o senhor Thomazinho. O meu soneto, mulher scéptica, vae reboar nesta ouréla portugueza como trovoada grávida de chuvas fertilizadoras. O senhor Thomazinho proclamará amanhã, em todos os clubs e todos os barbeiros de Caminha, que eu sou o único luso capaz de demolir a golpes de rima todas as grandes tyrannias históricas que ainda opprimem o reino de Affonso Henriques em geral e Caminha em particular. Esse verso final, sobre tudo, encadeando os sons d'uma gargalhada capaz de fulminar Heráclito, vae ficar célebre e fazer escola. O senhor Thomazinho, logo que se zangue com a noiva, castigál-a-ha, vossês verão, entre os lamentos d'um fado, com uma gargalhada satánica de oito syllabas. Esse processo de des-

e divulgar-se-ha, desenvolver-se-ha; e todos
, um bello dia, apparecer um poeta, com fô-
de gato e sêde de originalidade, compondo
e sonetos no fácil volapuk da gargalhada!
oberta maravilhosa! A sátyra universalizada!
ite esse invento portentoso desapparecem as
iras ediomáticas! Os povos latinos, sobre
exultarão! Magnificentissima glória! E ainda
inette, mulher de estreito raciocínio, recea-
ela minha reputação!... Lamentavel enga-
A minha reputação vae crescer espantosa-
e!...

ssim perorando, o Alexandre brandia o ál-
do senhor Thomazinho, como se nas suas
ias pretas alguma divina mão tivesse inscripto
lisongeiro vaticínio.

u estava enthusiasmado, mas um ciúme tei-
mordia-me. Puxando-lhe pela manga do ca-
pedi ao poeta, a occultas da Ninette, que
oncedesse um quinhão da sua glória, deixan-
e introduzir uma pequena gargalhada de duas
oas no soneto que me inspirára a bella Ju-
..

as o meu inflexivel amigo apenas respondeu:
-Em glória não ha partilhas. Ou tudo, ou
A gargalhada métrica pertence-me; para
r plágios, vou mesmo registar a propriedade
e soneto na Bibliotheca Nacional e na Direc-

ção Geral do Commércio e Indústria. Tem paciencia; não faço excepções.

Na manhã seguinte, antes de abandonarmos Caminha, como o senhor Thomazinho nos não procurára, deixamos o álbum empacotado, com o seu papel preto e as suas fitas escarlates, nas mãos reverentes da creada do hotel.

— E diga ao senhor Thomazinho — recommendou ainda o Alexandre, — que levamos de Caminha o pezar de o não têrmos conhecido pessoalmente.

— Sim, senhores; farei presente.... Elle, se cá não veiu, foi porque não pôde. Com aquella vida que tem, sempre por essas terras de Christo...

— Ah! Então elle viaja... por officio?

E entreolhamo-nos, desconsolados, cuidando que o iconoclasta bardo caminhense seria um d'esses subversivos caixeiros viajantes que trazem a Moda, o Amor e a Civilisação dentro de grandes malas inglezas...

Mas logo a creada esclareceu:

— Ah, isso anda sempre por fóra! Por estes sítios não ha festa nenhuma sem elle. Até já tem ido, centos de vezes, por essa Galliza fora! Não que até o senhor juiz de direito, que é de Lisbôa, já disse que nunca tinha ouvido, lá por essas cidades, um homem que tocasse tão bem trompa e flauta!

— Ah, é músico!... — clamamos nós, alfim senhores do segredo.

— Sim, senhores! E dos que toca por papel! Aquillo é um homem como não ha outro!

Saímos do hotel, ovantes. A nossa immortalidade, confiada ao cuidado d'um camarada trompista e flautista, estava garantida; e a gargalhada poética do Alexandre, canalizada pelos intestinos musicaes dos instrumentos do senhor Thomazinho, bem cedo, sem dúvida, percorreria o Universo, como o único remendo artístico adaptavel á larynge cansada do velho tentador das Margaridas rhenanas.

X

Regresso a Vianna.—Plano d'um rapto. — O testamento do Alexandre. — Partida para BARCELLOS. *— O snr. Lucas e o seu hotel. — Ninette triste, Paschoal alegre. — Um espectáculo curioso. — Generosidade e venturas do chronista. — Uma conquista. — O Hotel Universal: sua importancia geográphica e hospitaleira. — Uma nova escada de seducção. — Historia de Pepita. Uma véla que se apaga. — Retirada airosa. — Paschoal indignado. — Crueldade da Ninette. — Primeira visita a Barcellos. —A lenda das Cruzes. — Vereadores e vassouras. — Paschoal desapparece. — Enxovalha-se a reputação de Verissimo, o cicerone. — Nova visita ao Hotel Universal. — Um rival. — Pepita convence o narrador de que é coisa absurda o ciúme.—As delicias da illusão. — Prognostica-se o futuro da bella gymnasta. — Notícias do Paschoal. — Regresso ao Porto. — O auctor faz-se grammático. — Paschoal resurge.— Transformação do bacharel. — A grande viagem. — O homem ultra-civilizado. — Conclusão.*

ıando reentramos em Vianna, já Paschoal ra havia recebido a debilitante carta da Ni-

nette; mas, contra a nossa espectativa, achámol-o contente, loquaz, o olhar rutilando ainda de esperança sôb a luneta invencivel.

Como no dia immediato devíamos partir para sempre das hospitaleiras terras do alto Minho deixamos benevolamente á Ninette o tempo necessário para trocar os últimos adeuses com o seu constante cavalleiro.

De modo que emquanto nós, com o jovial senhor da Camposa, divagamos pelos arrabaldes da cidade, a pomba bohémia do baluarte constitucional e o pombo-bacharel da historica villa da Barca, vasaram livremente os corações na sala de visitas do Central.

Que disseram elles, nessa memoranda entrevista?... —Só o soubemos á noite, depois do jantar, quando nos reunimos, em discreto conclave, no quarto do Alexandre.

Paschoal Taveira, ferido no seu amor e na sua vaidade, queria raptar a Ninette! Já tinha todo o plano traçado, todas as difficuldades previstas e removidas... O padre de Barcellos casal-os-hia summariamente, arriscando-se ás consequencias de tal irregularidade com uma dedicação de devedor remisso. Logo que elles fôssem bater-lhe á porta da residencia parochial, a benção da sua mão protectora tornaria indissoluvel o laço que, desde uma innocente polka dansada na

casa de Mourilhe quinze dias antes, prendia as almas ardentes de Ninette e Paschoal!

A Ninette raptada!... Como este lance de novella camilliana se me affigurou então opportuno para embutir nas memórias d'uma jornada minhota!...

— Que pêna haver estradas de macadam e carros de aluguer, Ninette! — deplorei. — Quem me déra vêr-vos fugir, ambos no mesmo cavallo, através de caminhos tortuosos e negros, entre lacaios armados e longos archotes accêsos!... Dize lá: vossês não combinaram? Elle não te expôz o seu plano?...

— Sim; parece que já se entendeu com um alquilador da rua da Bandeira, chamado Martins...

— Martins!... Oh, irrisão!... E tu queres ser raptada assim, sem sobresalto e sem perigo, num calhambeque de aluguér, ao chouto de duas réles pilecas, por uma indiscreta estrada districtal?!... Miseranda prosa!

O Alexandre assistia impassivel ao nosso debate. A Ninette, após um instante de silencio, replicou sacudindo os hombros:

— Meu amigo, a nossa jornada está a findar. Dentro de três dias estarêmos no Porto... Cada um de nós irá para os seus penates... Ora vossês sabem: não ha peór prosa que uma casa no Porto...

Tentei interrompêl-a para citar desaffrontado-

ramente o palácio das Carrancas, o paço episcopal, o casarão da viuva Cardoso... Mas ella não consentiu.

— Este Taveira — continuou, com soffrivel lógica — é um pateta, concordo; mas gosta de mim, é capaz de me levar a París e a Pau, em visita aos meus parentes... E' mais agradavel. Emfim, estou resolvida a acceitál-o.

— Oh, marqueza! — exclamei, arrebatado. — Permitte-me que te chame desde já marqueza da Raposeira!

Ella moveu a cabeça, num enérgico gesto negativo:

— Isso não! Lá casar-me, tó rôla! Nem que elle me quizesse depois de ter conhecimento do meu polygamo passado de prima condescendente!... A minha liberdade vale mais que todas as corôas do universo, inclusivé as de loiros! Nem me faltava mais nada senão prender-me agora a um homem e a um título, a um ciúme legítimo e a uma etiqueta obrigatória!...

— Mas, em summa, deixas-te raptar ou não?

— Talvez deixe... Mas só no Porto. Quero acompanhar até á ultima hora este rabugentissimo Alexandre.

— Louvaveis sentimentos, sim senhora! Nobres sentimentos! — applaudi, com fogo. — Ouviste, Alexandre?... Que tens tu a dizer a isto?

A nossa Ninette tem uma correcção de marqueza!...

O meu estranho amigo esboçou um gesto languido.

— Acho-a mesmo marquezissima! — disse. E proseguiu, com solemnidade: — Senhora D. Eugenia Coutinho, ainda prima e sempre senhora minha: não será no Porto, mas sim na terra antiga de Barcellos, que podarei da minha árvore genealógica o alto galho em que vossa excellencia se pendurou. No Porto aguardam a minha chegada algumas pessôas que conhecem não só o diminuto número das minhas primas mas tambem a legião babylónica dos primos de vossa excellencia; terêmos pois de verter o pranto da despedida, ou á sombra do paço dos Braganças ou entre os chorosos salgueiros do Cávado. Que Paschoal Taveira transfira portanto para Barcellos a sua pessôa, o seu amor, as esperanças do seu título, a carruagem do Martins alquilador, e tudo mais que deve cooperar nessa fuga romantica. São dez horas... Dentro de vinte e quatro, pode retomar, se quizér, a sua individualidade de Ninette e marchar para alem dos Pyrenéus com o appetitoso mancebo da Barca. Recommendo-lhe que não ensine o francez ao seu companheiro; a ignorancia da lingua pode ser-lhe proveitosa em um paiz onde a palavra é facil e indiscreta... Mande-lhe tambem fazer duas ou três fatiótas modernas; dê re-

forma immediata áquelle fraque avoengo com que elle a seduziu; e, se o homem não usar sempre a corôa de marquez, compre-lhe um chapeu decente. Seja fiel, paciente e carinhosa. Abasteça-se de lenços macios para lhe enxugar, quando fôr preciso, as lágrimas e o suór; e azeite-lhe bem aquella queixada, para o pobre homem rir á vontade. Não o obrigue a hypothecar a terra histórica da Raposeira nem outras propriedades tradicionaes; contente-se com a dádiva d'uma quinta bem situada e fértil, com portal armoriado podendo ser. Por último, desejo que seja muito feliz e que encontre sãos, acolhedores e sobre tudo crédulos, os seus parentes de França. E' este o meu testamento de primo *in extremis.*

— Appróval-o, Ninette? — perguntei.

— Solemnemente! — bradou a dócil rapariga, estendendo a mão aberta, num altivo gesto de cavalleiro heroico.

No dia seguinte, depois d'um copioso almoço que nos offereceu o senhor da Camposa, partimos para Barcellos.

Ao nosso lado, mercê do accôrdo feito com a Ninette na noite precedente, ia o ditoso bacharel da Barca. A sua recatada compostura em vão pretendia dissimular a alegria tumultuosa que lhe illuminava a face. — E era de vêr o ladino, intencional, irónico sorriso que dirigia á Ninette sempre que nos via distrahidos!... Conhecia-se que

o deliciava a idéa de nos enganar assim, tão machiavellicamente, de cumplicidade com uma mulher bonita.

Incomparavel bacharel! Como nos divertiu durante essas rápidas horas de caminho de ferro! Eu nunca perdia o ensejo de o interpellar, sempre gulôso da sorridente superioridade das suas réplicas. Nas nossas palestras, ainda nas mais refractárias, Paschoal nunca se esquivava ao prazer de intercalar phrases de duplo sentido, pronunciadas com subtil e deleitosa malícia.

Assim, perguntando-lhe um de nós se conhecia Barcellos, elle, alludindo, sem dúvida, aos successos que deviam tornar famosa essa mesma noite, respondeu:

— Barcellos?... Sim, conheço um pouco... Sobre tudo os arrabaldes. Tem estradas soberbas para longos passeios nocturnos.

O seu olhar, accendido pela faúla d'um sorriso travêsso, procurou logo os olhos cúmplices da Ninette que simulou, com admiravel arte, uma confusão de donzella amedrontada.

Eram cinco horas quando chegamos a Barcellos. Um *break* forrado de chita alvadia levou arriscadamente as nossas malas, os nossos corpos e as nossas almas para um hotel que o cocheiro nos indicou como estabelecimento famoso e sem competidor em toda a região. Era um edificio remoçado, com polidas cantarias, brilhantes azulejos

polychrômos, seu varandim de ferro, e larga platibanda de balaústres. Pela escada estreita corria, em guisa de passadeira, uma faxa de tinta côr de café já maculada no rebordo dos degráus; e no primeiro patamar, em bojudos vasos de faiança do Prado, duas melancólicas roseiras do Japão offereciam aos ninhos das aranhas os braços definhados pela saudade da luz, das aves e do ar livre dos jardins.

Ao ruído da carruagem nas lages da rua, o senhor Lucas, proprietário da hospedaria, appareceu á porta com alvoroçado, radioso semblante. Era um homem membrudo, calvo, de aguçada suissa preta, as mãos grossas ainda entumecidas pelos callos d'algum áspero labôr. O cocheiro, passando-lhe as malas, apresentou-nos, com arrogancia, como «fidalgos que queriam ser bem tratados».

— Tudo se ha de arranjar! Tudo se ha de arranjar a contento de suas excellencias!... — murmurou o senhor Lucas, em humilde, assucarada voz.

Deu-nos quatro óptimos aposentos, sem luxo nem decorações inúteis, — mas aceados, vastos, e illuminados e arejados por amplas janellas.

Repartidas pelos nossos quartos as malas que trouxéramos, o snr. Lucas perguntou com doçura se nós vínhamos para a feira ou para as thérmas do Eirôgo... Para a feira tínhamos de esperar

dois dias; para as thérmas devíamos andar dois kilómetros...

O sorriso do homem tentava-nos; mas pareceu-nos que essas duas maravilhas locaes abusavam bastante do Tempo e do Espaço — e confiámos ao affavel hospedeiro o nosso singelo intuito de visitar a villa e abalar sem bagagens de feira nem beneficios de hydroterapia.

Dissémos — e, encommendando o jantar para as sete horas, saímos a explorar as ruas mais próximas.

A Ninette, fatigada, não quiz acompanhar-nos. Desde que chegára a Barcellos, a admiravel rapariga caíra numa languidez de impenetravel tristeza. Ás minhas insistentes perguntas respondeu, a principio, que lhe doía a cabeça; depois, como eu teimasse em mandar comprar um par de sinapismos, confidenciou-me que não eram as plantas dos pés a parte mais sinapisavel do seu corpo, naquelle instante, mas a víscera nobre por excellencia — o coração!

Sim! A Ninette ao vêr-se installada nos aposentos que a sua fuga romantica devia deixar vazios nessa noite memoravel, sentira-se invadir por uma saudade tão penetrante da nossa camaradagem, que o seu desejo seria mandar bugiar, para todo o sempre, o opulento e amoroso bacharel da Barca!

Através das ruas de Barcellos, como Paschoal

Taveira nos tinha deixado na primeira esquina, a pretexto de ir visitar um velho parente, narrei ao Alexandre as delicadezas de sentir que acabava de surprehender no coração volúvel da Ninette.

— Coitada! — murmurou o meu compadecido amigo. — E' necessário trabalharmos em favor de Paschoal Taveira! Logo, ao jantar, é indispensavel fazer brilhar o espírito d'esse pateta, a fim de que a Ninette, seduzida, mude de idéas. Seria até conveniente aquecêl-a com uma gôta de champanhe...

— Champanhe, em Barcellos?!...

— Procurando bem, talvez se encontre.

Encontrou-se, com effeito. Arranjou-o o senhor Lucas, por empréstimo do brazileiro Fagundes, homem rico e banqueteador. Era um excellente «Veuve Cliquot», que o prestimoso hospedeiro, sôb a nossa direcção, desarrolhou com respeito e pavôr. Bebêmol-o com effusão em bojudos, insondaveis cópos, — e a Ninette bem depressa abríu em claros risos os lábios que durante todo o jantar conservára obstinadamente cerrados. Trocamos brindes: Paschoal Taveira declamou um discurso que fez agglomerar todo o pessoal do hotel á porta da sala, — e a última garrafa esgotou-se entre os brados com que exaltamos a sua eloquencia. Quebramos três cópos, para honrar Barcellos com uma extravagancia sumptuósa.

Mas ai! o resultado do nosso estratagema foi

absurdamente negativo. A Ninette ria, era certo; a alegria coriscava-lhe, como libéllula de oiro, no olhar garço... Mas não era para coroar a felicidade de Paschoal Taveira, que as libações a tinham arrancado aos limbos de estranha saudade... Não! No fim do jantar, quando nós dispersamos pela vasta sala, a Ninette agarrou-se, com imprudente sentimentalismo, ao braço de Alexandre,—e ali mesmo, em risco de ser surprehendida pelo bacharel da Barca, jurou que só amava o seu Mefistófeles e que o oiro e a provavel corôa de Paschoal eram coisas abominaveis, incapazes de perverter o seu coração enternecido e fiel!...

Deus clemente! E passava-se aquillo cinco horas antes do momento do rapto, quando o futuro marquez da Raposeira já tinha fretado a carruagem em que devia ser arrebatada para os mistérios da Ventura, a nossa incomparavel companheira!

Por fortuna, Paschoal Taveira estava de tal modo alheado no seu sonho nupcial, que não reparou nas indiscretas expansões da sua dama. Debruçado a meu lado, no varandim, o charuto accêso, a face accêsa, a lingua experta, o dadivoso bacharel ia-me já offerecendo o conforto hospitaleiro do seu palácio da Barca, que a presença d'uma adoravel mulher transformaria bem cedo num paraízo...

E tocado pelo recato com que eu o escutava, enternecido pelo ambiente crepuscular, chegou a dizer-me:

— Haja o que houvér, amigo Montarroyo, prometta-me que irá passar uns dias a minha casa, quando eu o convidar.

— Prometto, de certo, se na occasião não houvér estorvos.

— Que espécie de estorvos?... — indagou elle, cravando-me a luneta desconfiada.

— Todos aquelles a que está sujeito o género humano! A morte, uma perna partida, um negócio urgente, um temporal... Em fim, todas as calamidades que...

Ia proseguir, caudalosamente. Elle suspirou, alliviado:

— Ah! Está claro!

Saímos pouco depois; e, na vastidão deserta do campo da Feira, o Alexandre, tomando-me o o braço, favoreceu ainda uma vez um discreto collóquio entre a Ninette e o bacharel.

— Então? — perguntei eu ao meu amigo. — Resolveste-a?

—Creio que sim. Impôz somente a condição de ficar na minha companhia até ao momento da partida.

— E' natural. E para que hora está destinado o acontecimento famoso?

— Para as duas da madrugada.

— Ella tinha-me fallado em meia-noite...

— Sim... Parece, porém, que houve alteração de horário.

— E' duro ter de esperar até tão tarde!

— Ai de mim! Quem me déra poder dormir a somno solto como tu!...

Eu estaquei, indignado:

— Quê?... Pois tu crês que eu troque pelo melhor dos somnos o gôzo de presencear o rapto da Ninette?! Ah, não! Eu quero vêr o que faz Paschoal intra-muros do Romance! Já tenho á cabeceira da cama uma novella de Camillo, para me temperar a illusão; e, a lêl-a, velarei até que os passos cautelosos do raptor da Ninette façam ranger o soálho do corredor.

— Estupenda curiosidade!

— Amigo, os últimos romanticos vão desapparecendo! É necessário aproveitál-os, mesmo quando elles são Paschoaes.

Já retrocedíamos para o hotel quando, atravessando o Campo da Feira, vimos em um dos angulos, á luz sangüínea de altos fogaréos, uma fôrca erguida.

Uma fôrca, em Barcellos, no fim d'um século que desterrára D. Miguel e reformára o Código Penal?!...

Quedamos, transidos. Em redor da trágica armação — negra e compacta, uma estranha multidão se agglomerava. E, á claridade incerta dos

fogaréos, vimos distinctamente oscillar no espaço longas cordagens...

— Que será aquillo? — interrogou a Ninette, pávida.

Um tambôr começou a rufar vigorosamente; depois, um instante de silencio gelou-nos: crêmos mesmo ouvir um pregão sinistro... Mas logo em seguida novos rufos de tambôr estrugiram; um bombo trovejou entre o estampido metállico dos pratos; — e até um cornetim, soprado com enthusiasmo, espalhou indisciplinadamente pelo ar as notas d'uma *petenera!*

Paschoal Taveira então esclareceu:

— E' uma «comédia»!

Eu conhecia já o vocábulo com a significação popular que o bacharel minhoto lhe attribuía. Era a exhibição d'um d'esses bandos nómades de saltimbancos, que arrastam de terra em terra os farrapos da sua aggressiva independencia de párias.

Jornadêam ordinariamente dentro d'uma grande carroça toldada por um oleado em arco, ao chouto penoso d'uma mula decrépita, entre o bombo, o tambôr, as cordas dos apparelhos gymnásticos, as velhas cadeiras, os lampeões ferrujentos e todos os trapos da sua bagagem de miséria.

Véem quasi sempre da Galliza, essas caravanas lúgubres. O director é, de ordinário, um an-

tigo acrobata, a quem a idade enferrujou as articulações e relaxou os músculos. Com um fato de malha, tenta ainda alguns dos seus famosos exercícios de outrora; com largas pantalonas de chita, uma peruca ruiva e a cara coberta de alvaiáde, provoca a fácil gargalhada do povo, entre mômos, esgares burlescos e atroadoras bofetadas. Quando o seu número termina, ás vezes ainda com o riso de palhaço desenhado a carvão na face glabra, vae logo embocar o cornetim ou empunhar as baquêtas do tambôr, lançando sobre os hombros, arripiados pelo frio da noite, um velho casaco esfiapado.

Outras creaturas, egualmente lastimaveis, o acompanham e secundam: mulher, filhos, — ás vezes creanças roubadas, não raro artistas *escripturados* a troco do pão quotidiano.

Com a facilidade de orientação que dá o hábito da vida errante, percorrem, como guiados por seguro roteiro, os montes e os vales onde os mais importantes povoados se escondem. Acampados, armam em breves horas a sua fôrca incruenta; e ao cahir da noite, quando o povo dos campos mastiga as últimas vêrsas da ceia, — tambôr, pratos, bombo, cornetim, tudo esturdía, gaitêa e detona desvairadamente, clamando por espectadores. Bem depressa, em volta d'um recinto defendido por uma corda prêsa a sólidas estacas de madeira, a multidão engrossa, comprime-se, mo-

teja, injuría, alvoroçada por uma curiosidade anciosa, — e o espèctáculo começa, entre o fumo e a luz sangrenta dos fogaréos de petróleo.

Nessa noite, em Barcellos, quando nos aproximamos da «comédia», a turba ria deliciadamente das façanhas do palhaço, um matulão de rosto pintalgado e longa casaca de ceremónia, que aos compassos d'um bailado com «su nóvia», alongava desmedidamente os braços postiços dissimulados no interior das mangas.

Em morosos passos, rodeámos a móle compacta dos curiosos, á busca d'uma brècha que nos tornasse accessiveis as cadeiras que no recinto demarcado pela corda se alugavam aos espectadores mais exigentes.

— Quem me déra vêr! — exclamava a Ninette.

Paschoal Taveira, com bravura de paladino, investiu logo contra a multidão, procurando abrir passagem para a sua dama. Com tanta violencia o repelliram, porém, que a luneta scintillante tombou no pó, desastrosamente esmigalhada!

— Canalha! — rugiu elle, cambaleando, amparado por mim.

Em volta houve risos, chufas; — e o respeitavel bacharel da Barca, candidato á corôa da Raposeira, viu-se ignaramente alcunhado de «cartolinha», «casaca rabuda» e outros epíthetos crueis.

Por fortuna, naquelle momento começára um dos intervallos destinados á colheita dos donati-

vos. Espalhados, todos os artistas estendiam já, com palavras de súpplica, pequenas bandejas de metal. A móle humana desaggregou-se então, esquiva. Em toda essa massa de curiosos, poucos comprehendiam o dever de pagar, melhor ou peór, o prazer que ali tinham ido procurar. Uns voltavam sem disfarce as costas ao murmúrio implorativo dos pobres acrobatas; outros simulavam disputas, conversas profusamente gesticuladas; outros ainda abstrahiam-se na comtemplação do céu estrellado, enrolavam cigarros, abaixavam-se em busca d'um imaginário objecto cahido, arremettiam contra os vizinhos no falso receio d'um atropellamento...

O sorriso amargo dos artistas tinha por vezes uma vinca de subtil, dolorosa ironia. Nenhum d'elles desconhecia já esses estratagemas de que o povo astucioso tantas vezes se soccorre para defender a bolsa de espórtulas facultativas. E estendendo o prato de latão por entre os grupos dos curiosos, raro sentiam nelle o baque d'uma moéda.

Aproveitando a momentánea dispersão provocada pelo peditório, alcançamos sem grande difficuldade a parte do recinto aonde as cadeiras alugáveis se alinhavam. A directora da companhia, grande e grossa mulher de vestido de cauda e sumptuósos pentes na gaforina monumental, abriu-nos logo passagem entre o bombo e a arca dos pe-

trechos scénicos, chamando-nos affavelmente «caballeros».

Occupamos com recato as quatro primeiras cadeiras — que eram de pinho mal aplainado e sem pintura. Atraz de nós, contída pela corda, a multidão, já outra vez agglomerada, invejava em voz alta o nosso conforto.

— Bella coisa, a gente ter dinheiro! — considerava um.

— Não lhes custa a ganhar! — objectava outro, amargo.

Creanças descalças, sentadas no chão, arregalavam para nós grandes olhos pasmados.

— Estamos a fazer um figurão, ao que parece! — riu o Alexandre.

Mas a orchestra preludiou atroadoramente, annunciando a segunda parte do espèctáculo. O povo recomeçou a atropellar-se, na conquista dos melhores lugares. Havia pragas, injúrias, ameaças.

— Oh fidalguinho, paga-me uma cadeira?...

Era uma voz crystallina de mulher nova. Voltei a cabeça e vi, de olhos fitos em mim, um rostozinho miúdo de rapariga, que mostrava os dentes brancos num riso cheio de graça. A multidão premia-a brutalmente contra a corda que lhe abria no avental de chita clara uma vinca profunda.

Lamentei não ter a meu lado outra cadeira,

para vêr mais de perto o fulgôr d'aquelles olhos, o riso d'aquelles lábios... Em todo o caso fiz-lhe signal de que podia entrar e occupar uma das cadeiras que continuavam a fila ao lado do bacharel Taveira.

Um tumultuoso riso geral acolheu a minha resolução. A rapariga, afinal, já envergonhada, não queria acceitar o meu nobre offerecimento. Mas como outros pedidos sobreviéram logo, e eu os satisfiz com a soberba impassibilidade d'um nababo, o rostozinho miúdo passou em frente de mim, numa corrida alegre, e foi sentar-se ao lado do Paschoal que reprovou a minha façanha com uma torva, irritada olhadura.

Pagas, entre o applauso popular, todas as cadeiras occupadas, o espèctáculo recomeçou — e após uma curta pantomina, em que entravam duas creanças, um palhaço e uma barrica, vi subir ao trapézio, dentro d'uma malha côr de vinho, uma bella creatura de profundos olhos pretos, o cabello apartado em graciosos bandós, o corpo admiravel dotado de linhas nobres de estátua e flexibilidades felinas.

— Hein, Alexandre? Mulher preciosa! — segredei com ancia ao meu amigo.

— *Pulsate et aperietur vobis*. É o Evangelho que t'o aconselha — redarguiu elle.

— Se tivesse a certeza, batia!

— Bate! Ella não desprega os olhos d'aqui!

Era verdade. A liberalidade com que eu tinha offerecido as cadeiras a gregos e troyanos impressionára-a. O alto conceito que ella fazia da minha importancia social e da minha bolsa particular, divisava-se claramente no perturbante sorriso que me mandava da barra do trapézio em todos os breves intervallos do seu trabalho. Resolvi então aproveitar as vantagens da situação e bater, como o Evangelho e o Alexandre me aconselhavam, áquella porta de peccado revestida de malha côr de vinho.

Laboriosa e espinhosa foi porém a minha tarefa de sedução. Na falta de binóculo, arranquei o chapéu da cabeça, para que a sombra das suas abas não interceptasse um só dos meus olhares ardentes; torci com garbo o meu insubmisso bigode; procurei uma attitude irresistivel de casquilho citadino; e por fim introduzi na assistencia o hábito de festejar com calorosas palmas as maravilhas da sua gymnástica.

Tudo isto bem cedo foi recompensado. Momentos depois, quando descia morosamente ao longo d'uma corda enrolada em torno dos rins, o seu admiravel corpo, quebrado numa esvoaçante posição de anjo ou de nadadora, era para mim que estendia os braços, como se procurasse, para o elevar ao céu ou abysmar no Cávado, o meu precioso corpo de millionário moço.

Quando poisou os pés no velho tapête que

cobria o solo, logo o palhaço lhe lançou sobre as espáduas, com solemnidade, uma vistosa capa, vermelha e longa como um manto real; e entre a derradeira salva de palmas, com que nós estrepitosamente a victoriamos, foi a minha face excitada que os seus olhos mais uma vez procuraram.

Só quasi no fim do espèctáculo a tornei a vêr — e custou-me reconhecêl-a sôb o modesto vestido de passeio que substituira a malha côr de vinho... Sentára-se num escabello, perto de mim, as mãos perdidas na cova do regaço — e através da renda da mantilha, que enchia o seu rosto de sombra, vi claramente o fulgor oriental dos seus grandes olhos negros. Com manha e disfarce, arrastei a minha cadeira para a beira d'ella. Um bailado audaluz, que naquelle instante absorvia a attenção dos espectadores, favoreceu essa ousada manobra. Ella observava-me, silenciosa e linda, com um sorriso de agrado.

Afinal os meus joelhos quasi roçaram na sua discreta saia escura; e como a bella creatura então, voltando a cabeça, me cobrisse todo com o seu profundo, perturbante olhar, eu, inflammado, arranquei da botoeira um bello cravo rajado, que nessa manhã comprára em Vianna, e arrojei-o, com palavras de amor e applauso, á cova acolhedôra do seu regaço. Ella tomou-o entre os dedos, levou-o gulosamente ás narinas delgadas, e disse-me que cheirava bem. Estimei. E acastelhanando

barbaramente o verbo escandecido, perguntei-lhe se queria cultivar no meu coração ancioso e fértil outras flores de mais grato e penetrante aroma... Ella riu, saboreou a metáphora, e torcendo distrahidamente o pedúnculo do cravo, segredou-me que apparecesse, pelas onze horas, no Hotel do Universo, em Barcellinhos...

— Está dito! — clamei, já um pouco esfriado por tão fácil triumpho.

Eram pouco mais de dez horas quando reentrámos no hotel. Cerradas as portas dos quartos, livres de Paschoal Taveira, contei ao Alexandre e á Ninette a victória cesariana que acabava de alcançar no coração hospitaleiro da linda gymnasta.

O Alexandre, porém, não participou do meu enthusiasmo.

— Tem cautela! — preveniu elle.

— Por quê?

— Essa gente, de ordinário, é pouco escrupulosa. Pode haver alguma cilada, para te roubarem... Depois do teu arranque de generosidade d'esta noite, devem julgar-te uma encarnação perdulária de Crésus!

— Foram só setecentos e vinte! As cadeiras eram a pataco! — gemi eu, humilhado pela eloquencia dos algarismos.

— Embora. Pelo dedo se conhece o gigante! — replicou nobremente o meu amigo. — Tem cau-

tela pois com a formosa que te enamorou. Queres que te acompanhe?

— Isso é que não! — protestou immediatamente a Ninette. — Era o que faltava, deixáres-me agora, quando só tenho duas horas para estar comtigo!

Os seus braços tinham-se já enroscado em torno do pescoço do meu amigo, com a vehemencia d'uma saudade que nasce.

— Mas, menina, — objectou o Alexandre — tu, em realidade, já pertences a Paschoal Taveira, pelo menos em espirito!

— Detesto-o! — exclamou ella, com fogo. — Só te quero a ti, só a ti pertenço... até á uma hora da madrugada. Se vaes, fecho-me a sete chaves e não fujo com o homem!

Eu então, sisudamente, acalmei os nervos á Ninette, e dissuadi o Alexandre de me acompanhar ao ignorado recanto de Barcellos onde a formosa gymnasta devia esperar-me.

Iria só — e por luxo béllico levaria na algibeira um revólver atestado de cápsulas de theatro. Com esta arma, um fusco e amplo casacão, e um barrete de viagem, nem talvez a minha amada reconhecesse o homem fatal que a seduzira e conquistára a celebridade pelo preço d'algumas tôscas cadeiras de pinho!

Assim discorria quando, consultando o relógio, verifiquei com pavor que apenas faltavam

dez minutos para as onze! — Iria eu, desastradissimo Maraña, fazer esperar a condescendente artista da malha côr de vinho?...

A' pressa, metti-me dentro do casacão, e do barrete de viagem, puxei a pala d'este sobre os olhos, e esquecendo o revólver, esquecendo a carteira — misérrimo e indefeso — parti ovante para Barcellinhos. O senhor Lucas, vendo-me descer as escadas a correr, perguntou-me, num ronco de ameaça, quem eu era e d'onde vinha. Levantei a pala do barrete, desci a golla do casaco, e mostrei-me com um sorriso ao prestimoso hospedeiro, que se curvou, atarantado, balbuciando palavras de desculpa.

Sahi — e um quarto de hora errei por calçadas e ruas, sem atinar com o caminho. Afinal, ao fundo d'uma ladeira, descobri o rio negro e reluzente sôb as estrellas límpidas — e marchei resolûtamente para Barcellinhos.

No extremo da ponte, uma mulher, acocorada á porta d'uma capella, contou-me a chorar que o marido, homem de máu vinho, a havia espancado, e que o Hotel do Universo era muito perto da estrada da Póvoa e tinha sobre a porta de entrada, alem d'uma grande taboleta, uma bola do tamanho d'uma melancía de tostão, que todos diziam ser a figura do mundo...

Com taes indicações seria imperdoavel qualquer engano. Subí uma rua estreita, esteirada de

polidas lages, e em breve vi emergir d'um velho prédio, na ponta d'um comprido espigão de ferro, a esphera que devia ser o mundo...

Ergui os olhos, em busca da taboleta — e logo no quadrado luminoso d'uma janella do primeiro andar, distingui claramente a minha artista incomparavel. Tonto de amor, desabotoei o casacão, tirei o barrete; e expondo-me á deleitosa creatura com as flanellas liriaes do meu fato de excursionista, exclamei:

— Sou eu!

Ella teve um «ah!» de surpreza. E logo em seguida murmurou:

— Espere um instante!

Esperei. Ella desappareceu da janella.

Para não perder tempo, fui-me aproximando da porta, e já cuidava ouvir os passos cautelosos da hospitaleira hespanhola nos degráus da escada interior, quando a mesma voz cariciosa perguntou de cima:

— Aonde está?

Pressurosamente saí da sombra do portal.

— Aqui! — bradei, com alvoroço.

— Bem! — tornou ella. — Agora agarre-se a essa corda e suba com cuidado.

Emquanto fallava, fazia correr sobre o parapeito da janella uma corda grossa e sem nós — polida decerto pelo contacto das suas mãos ou pelo roçar voluptuoso da sua malha côr de vinho.

Um instante fiquei perplexo. Sim, sem dúvida o caminho mais lógico para o coração d'uma gymnasta devia ser uma corda... — Mas como poderia eu, misérrimo Tenório, guindar-me ao primeiro andar do Hotel do Universo, se uma divindade protectora me não collasse nos hombros as azas fortes d'algum anjo?...

Ai de mim! conheci então o poder sobrehumano da Vontade. A minha situação era dilemmática: em cima, no quarto da minha amada, estava a felicidade; em baixo, na ponta d'aquella corda, o ridículo! Decídi então arriscar a pelle das minhas mãos, os ossos do meu cráneo, o alinho da minha roupa... Puxei violentamente a corda; depois, com arrogancia e garbo, perguntei:

— Está segura?

— Está. Não tenha medo!

Medo, eu?! — Para lhe provar bem o meu heroico desprezo pela vida, tal salto formei que as minhas mãos crispadas logo conquistaram meia altura da corda; em seguida, fincando os pés na parede, escalavrando sem dó a caliça secular do Hotel do Universo, palmo a palmo, penosamente, fui ascendendo sôb o olhar e as palavras incitadoras da minha dama. O meu casacão de disfarce incommodava-me terrivelmente; fez-me comprehender, melhor que a laranja de Newton, o tyránnico poder das leis da gravidade.

Quando a final lancei a dextra dorida ao pa-

rapeito da janella, com tamanha ancia me guindei para o interior que as abas esvoaçantes do meu casacão quasi derrubaram a bola de madeira que realizava, perante as hesitações cosmográphicas de Barcellos e Barcellinhos, a imagem do mundo.

Saltei emfim, ovante, nos aposentos da minha dama — e logo duas mãos carinhosas tomaram as minhas mãos.

— Magoou-se muito? — inquiriu ella.

Mostrei condescendentemente as palmas doridas e vermelhas, mas affirmei com vehemencia que nenhuma dôr sentia.

— De resto — accrescentei, attraindo-a a mim e cerrando com dois beijos as suas pálpebras languidas — por estes olhos adoráveis quantas pênas eu não soffreria com gosto!...

Mas a singular creatura logo se desprendeu dos meus braços. A janella estava aberta, a corda pendente, o quarto illuminado... Era necessário não escandalizar Barcellinhos!

Então emquanto ella recolhia a corda, presa a um varão do seu leito de ferro, e descia cautamente a vidraça, afastei de mim, com tédio, o casacão ignominioso que me difficultára a ascensão e o abominavel barrete de viagem que desgrenhára inesthéticamente o meu cabello penteado.

O quarto em que me achava era humilde e desguarnecido como cella de frade pobre; mas as paredes caiádas de branco brilhavam alegremente,

não sei se da luz saltitante da véla de estearina, que o alumiava, se dos largos, levantinos olhos da filha das Hespanhas.

Sentado numa arca, com o seu leve corpo de acrobata sobre os joelhos, interroguei o seu coração, escutei interessadamente a sua história.

Chamava-se Silvia, como a inspiradora de Quevedo; mas logo que a sua belleza florira e o seu olhar se embebêra no sol peninsular, tinha trocado esse incaracterístico e vagabundo nome por outro mais familiar a ouvidos hespanhóes. Intimou-me pois a que lhe chamasse Pepita.

Nascêra em Madrid. Era filha d'um conde e d'uma engommadeira. O conde morrêra de repente, após uma orgia pantagruélica, sem a perfilhar; a mãe, seduzida pelo theatro, fugira com um actor para a América. Ella, Pepita, com oito annos, fôra caridosamente recolhida por uma velha parente.

Aos dezeseis, uma paixão vehemente lançou-a nos braços do famoso Manuelito, artista de circo, cognominado pelos seus prodigiosos exercícios, o «Cid dos acrobatas» ! Elle jurou logo amál-a até morrer — e tanto se convenceu d'isso que a desposou um mez depois de ter recebido o seu primeiro beijo.

Para se tornar agradavel e augmentar as rendas do casal, Pepita quiz aprender gymnástica. Com um professor emérito e amado como Manue-

lito, os resultados foram rápidos — e um dia, em Victória, num circo cheio de espectadores, fizéra triumphantemente a sua estreia.

Assim tinha vivido dois annos, feliz, acclamada, e adorada sempre pelo famoso «Cid dos acrobatas».

Uma noite, porém, trabalhava em Vigo, no circo Tamberlich, quando recebeu uma carta do marido, participando-lhe que, tendo sido denunciado como desertor e ameaçado de rigorosa prisão militar, tomára a resolução de fugir para a América, a bordo do *Consuelo*.

Pepita desmaiára — e afinal veiu a saber que *Consuelo* (incrivel ironia!) não era nome de vapor ou navio veleiro ancorado na ria, mas sim d'uma truculenta dentista que arrebatára para o Paraguay, sua pátria, o appetitoso Manuelito!

Um atroz sobresalto nervoso começou a devorál-a. Pensou na vingança, no suicidio...

Na noite seguinte, quando trabalhava no circo, em cumprimento do seu contracto, caiu do trapézio, deslocou um braço, fracturou duas costellas. O curativo foi longo e dispendioso. Quando recuperou a saúde achou-se sem recursos. Felizmente um agente theatral, que andava a recrutar artistas para um circo de verão, escripturou-a. A temeridade dos seus exercícios assombrou toda a colónia aristocrática de San-Sebastián; um archiduque da Austria quiz arrebatál-a para um remoto

castello danubiano; um toireiro insigne dedicou-lhe a melhor estocada d'uma corrida real.

Após estes triumphos, offereceram-lhe o lugar de primeira estrella em uma companhia que ia tentar fortuna em terras de alem mar. Partiu; mas no Rio de Janeiro, ao fim d'um mez de extraordinárias receitas, o emprezário, que era um rabulão biscaínho, escapuliu-se com o cofre da companhia, deixando todos os artistas sem crédito e sem recursos.

O transe foi terrivel. Pepita, desanimada, associou-se então á viuva Lopez, uma antiga domadora de pantheras, com habilidade rara para arranjar caravanas artísticas, e ao acrobata Rosales, celebridade decahida, mas de madura experiencia e são conselho... Na companhia d'esses dois collegas infelizes, percorrêra quasi toda a América latina, fizéra a travessia do Atlantico na horrivel promiscuidade da terceira classe, e emprehendêra emfim essa humilhante e miseravel existencia de artista de feira...

— E porque não arranja escriptura numa d'essas companhias que trabalham todos os invernos nas grandes cidades? — inquiri, condoído.

— É difficil... Muito difficil!... É preciso ter grandes protecções...

Mesmo quando se era uma artista de valor?... Mesmo quando se possuía um palminho de cara

digno dos anjos, e metro e meio d'um corpo digno de Júpiter?...

Pepita suspirou. Sim, mesmo com todas essas qualidades! Os emprezários eram tão exigentes no trapézio e no resto!...

Eu então inflammei-me; e ali mesmo, espalmando sobre o tampo de lousa da mesinha de cabeceira a minha mão amorosa, jurei incommodar amigos, parentes, conhecidos, para conquistar no Colyseu dos Recreios um lugar rehabilitador dos créditos artísticos da minha dama!

Ella fitou-me com enternecimento e respeito, sensivel á minha chamma e ao meu poder — e pela primeira vez os seus lábios reconhecidos procurarám os meus lábios.

E foi só depois d'esse beijo lento e recompensador que ella lamentou a falta d'um vestuário de malha decente, para se apresentar num grande circo... Transformada em artista de feira, Pepita apenas conservava, como espólio do seu antigo luxo, duas malhas completas e já puídas: aquella com que eu a vira trabalhar pouco antes e outra, côr de rosa, que lhe ficava admiravelmente...

Eu, cada vez mais tonto, prometti presenteál-a com sumptuosos fatos, pensando já em hypothecar o resto da herança do meu tio Berredo, — e lamentei doridamente não ter visto o seu côrpo airoso de garça real dentro d'essa admiravel malha côr de rosa...

Ella anediou-me os cabellos, numa carícia gentil.

— Amanhã — replicou, graciosamente — trabalharei com ella em sua honra.

Eu tive uma phrase imprudente:

— Amanhã?! Aonde estarei eu amanhã!...

— Quê?!... Pois vae partir de Barcellos?...

De pé, deante de mim, tinha já um gesto de senhora do meu coração. Eu attrahi-a a mim, com um abraço, e prometti não saír tão cedo de Barcellos se ella envergasse, naquelle mesmo instante, a bella malha côr de rosa...

A principio recusou. Eu insisti, fervente; e ao cabo de alguns minutos de discussão vi-a improvisar um biombo, com um dos cobertores da cama, e dispôr-se a satisfazer a minha fantasia. Fiquei sosinho; mas, como a operação me parecesse demorada, ergui-me e já caminhava em bicos de pés para ir auxiliar Pepita na sua difficil tarefa, quando um súbito enfraquecimento de luz tornou quasi invisiveis as paredes do quarto.

Oh, raiva! era a magra e derramada véla de estearina que agonizava no castiçal de latão!

— Pepita, a véla acabou-se; é necessario outra! — exclamei angustiado.

Ella teve um brado tão dolorido que só na sua lingua o pôde exprimir:

— *No la tengo!*

No la tenia! Miséria! E pela falta d'uma triste

vela de estearina, perdia eu o gôzo de contemplar na sua malha côr de rosa o admiravel corpo de Pepita!... Apalpei com ancia as algibeiras, e praguejei, desnorteado; nem uma mesquinha caixa de phósphoros trazia commigo!

Então, no meio da escuridão que se fizéra, tateei em volta, procurando encaminhar-me para o angulo do quarto aonde a intemerata esposa do «Cid dos acrobatas» se refugiára. Uma cadeira contundiu-me as canélas; as ferragens despregadas d'uma arca rasgaram, com essa raivosa maldade que têm na obscuridade as coisas inanimadas, a flanella clara das minhas calças de turista.

Afinal, contuso e esfarrapado, senti na face a lanugem do cobertor, e as minhas mãos, avançando, em breve acharam a cabeça de Pepita. Então, com a sensibilidade exaltada pela escuridão, pela contusão e pelo rasgão, tomei entre as minhas palmas o seu rostozinho, e sem uma palavra, silencioso como ella, cobri-a de beijos rápidos e sôfregos.

—Já vestiste a malha?—perguntei baixinho.

—Não!—balbuciou ella.

Surprehendeu-me a resposta. Eu sentia contra mim um corpo suave, sem durezas de espartilho nem complicações de vestuario feminino; e em volta do meu pescoço os dois braços de Pepita, quentes e macios, pareciam recobertos por um

fino tecido de seda... — E ella declarava-me que ainda não tinha vestido a malha!...

Uma suspeita afogueou-me. Um instante tateei, com mãos nervosas. Não me enganára!

— Oh, menina, que te podes constipar! — exclamei.

E logo tomando nos meus braços esse lindo corpo, em risco de caír com elle nos misteriosos abysmos d'aquella escuridão, atravessei o quarto e demandei o leitosinho de ferro que devia receber o meu amoroso fardo. Felizmente, por uma fisga da janella mal fechada, uma claridade frouxa, de lampeão ou de luar, guiava o meu olhar já habituado á obscuridade — e a travessia fez-se sem desastre.

Pepita, com a docilidade d'um cordeiro habituado aos sacrificios incruentos dos rabinos da galantaria, ria baixinho, balbuciava incitamentos que eu não comprehendi bem. Por fim, quando a depuz no leito, ennovelou-se no lençol como crysálida que reencontra o seu casulo — e ambos nós concordamos em que não valia a pêna vestir naquella noite a malha côr de rosa.

Repontava o dia quando eu, ovante, de calças dilaceradas, atroei a porta do meu hotel com três argoladas imperiosas de Cesar vencedor. Mas o senhor Lucas dormia por certo o melhor dos seus sômnos de hospedeiro provinciano: vezes sem

conta, tive pois de contundir, com rijo pulso, a porta verde do seu honesto asylo.

Alfim do alto da varanda do segundo andar, aonde se infileiravam os nossos quartos, uma janella abriu-se com estrépito. Uma voz sibilante de furor perguntou:

— Quem é? Que quér?

Era Paschoal Taveira. Fiquei transido. Balbuciei.

— Sou eu, amigo Paschoal. O Montarroyo!

Cá em baixo, immóvel nas lages da rua, ouvi a crassa, impetuósa exclamação do seu espanto — e ia pedir-lhe que mandasse um creado correr os ferrolhos da porta, quando esta se abriu de súbito, e o senhor Lucas em pessôa, somnolento e de ceroulas, na mão erguida uma bugia accêsa, me franqueou a sua casa com uma «muito bôa noite» severa e carregada de censuras.

Altivamente, sem me mostrar sensivel á impertinencia do homem, subí devagar as escadas, — e quando cheguei á porta do meu quarto já o senhor Lucas, dobrada servilmente a espinha, me pedia desculpa de não ter acudido ás primeiras argoladas.

Eu repliquei com benevolencia:

— Está bem, senhor Lucas. Pode ir descançar.

Accêsa a véla do meu quarto, o homem saiu ás mesuras, desejando-me «muitissimo bôa noite». Eu espreguicei-me, soltei um «ah» consolado —

e já em mangas de camisa mirava, compungido, o rasgão das minhas calças, quando duas pancadas discretas soáram na porta do corredor.

Fui abrír. Era Paschoal Taveira. Vinha enervado, congestivo — e, através da luneta académica, os seus olhos luziam como brasas.

— Boa noite! rosnou elle.

— Boa noite, amigo Taveira. Então, ainda a pé? Entre!

— Não esperava vêr-me aqui, hein?... — tornou elle, com sarcasmo, encarando-me.

— A pé, não, de certo! São três horas da manhã!... Entre!

O bacharel afinal entrou, esperou em silencio que eu fechasse a porta, tossicou, esfregou as mãos, e quando viu outra vez em frente de si o meu olhar surprehendido e interrogador, disse com artificial decisão:

—Amigo Montarroyo... Cartas na mesa! Quer-me dizer uma coisa?

Eu considerei-o, attónito — e só então, á vista dos seus olhos coriscantes, dos seus movimentos immoderados, da desordem lastimavel do seu bello bigode, me lembrei de que, segundo os projectos approvados, Paschoal Taveira deveria rolar áquella hora, sôb as estrellas, na tipoia do Maneta, com a Ninette raptada entre os braços!...

Por Santiago! Que teria succedido?...

Então, para apressar as confidencias queixosas

que os seus lábios trémulos a custo continham, repliquei com brandura:

— Certamente, meu caro Paschoal! Diga, desabafe! O meu amigo parece que está entalado!

Com solicitude, colloquei a melhor cadeira do quarto sôb as abas molles do seu fraque. E foi sentado, com a cabeça entre as mãos, que elle começou:

— Pois então, se me quer livrar d'uma grande afflicção, diga-me uma coisa... Quem é... sim, quem é a... D. Eugénia Coutinho?

Abrí os olhos surprehendidos, como se elle me perguntasse quem era Fernão Gil de Montarroyo, meu pae. Paschoal então balbuciou:

— Desculpe... Mas é que eu vi coisas tão extraordinárias!... Imagine... Mas antes deixe-me confessar a minha culpa... Eu tenho um grande amor á D. Eugénia... Já sabia?... Sim, effectivamente era necessário ser tôlo para não perceber... Ora, ha pouco, cêrca da meia-noite, precisei de... de cigarros, e lembrei-me de que talvez o seu amigo Alexandre estivesse ainda acordado e me quizesse ceder alguns... Saí do meu quarto, e como vi luz no do seu amigo, bati discretamente á porta. Uma voz, que eu não conheci, respondeu roucamente: «Entre!». Eu abrí, e que imagina o meu amigo que vi?!...

Não imaginei coisa alguma. Paschoal então concluiu com força:

— Vi a D. Eugénia em pessôa, na cama do seu amigo, com a cabeça d'elle adormecida sobre o cóllo nú!

Eu fiquei attónito.

— E' lá possivel!... — exclamei.

— Juro-lhe que é a verdade. Eu, a principio, nem queria crêr no que os meus olhos estavam vendo; mas ella, sem vergonha nenhuma, soergueu a cabeça, cruzou um dedo sobre os lábios e recommendou-me em voz baixa: «Não faça barulho, Paschoal; o Alexandre tem o sômno muito leve».

Eu contorcia-me, para suffocar o riso. Sim, a afflicção sincera d'esse pobre bacharel ludibriado causava-me dó; mas a gaiatice cruél da Ninette era tão imprevista, tão cómica!... Para disfarçar, fingi-me revoltado, dei alguns passos agitados pelo quarto:

— Isso não póde ser! Isso é uma fantasia!

Paschoal ergueu-se tambem e affirmou com vehemencia:

— E' pura verdade, juro-lhe!

Eu tive um gesto impetuoso:

— Mas então que espécie de mulher é essa?!...

Este brado caiu como bálsamo miraculoso no coração ferido de Paschoal Taveira. Então, certo de que tinha um companheiro na sua indignação, chegou-se a mim e segredou-me:

— Vou dizer-lhe tudo, sem reservas. Afinal o

meu amigo não é parente d'ella, e ainda tem sangue de Taveiras nas veias. Vê-se!

Juntamo-nos então a um canto do quarto, longe da porta que dava communicação para os aposentos do Alexandre. Ahi, o bacharel fez-me a narração circumstanciada das suas desditas, não escondendo mesmo o plano de raptar a Ninette.

Fôra por engano que elle entrára no quarto do Alexandre. Onde elle queria entrar era no da Ninette que, meia-noite dada, não apparecêra no corredor, como ficára combinado entre ambos. Á vista da sua amada semi-núa, nos bráços de outro homem, ficára tão surprehendido que nem quasi sentira dôr alguma... Depois ella tinha-lhe dito aquellas palavras cruéis... Só então a dôr chegára, aniquiladora e súbita, como a d'um esmagamento. Ainda tentou retirar-se com altivo e desprezivo silencio; mas ella tinha logo tornado com sarcástico carinho: — «Queria alguma coisa, Paschoal?» — Elle então tivéra uma resposta digna de Diógenes: — «Sim, minha senhora; queria uma mulher honesta!» A Ninette, irreverente, trinára um riso e replicára: — «Procure-me amanhã!» — E fôra com esta ironia rude como uma pedrada que Paschoal deixára o quarto do Alexandre!

Eu mantinha a custo a circumspecção necessária á audição de tão graves, infaustos casos...

Quando a quando murmurava machinalmente trivialidades como estas:

— É espantoso! Que pouca vergonha! Que aventura!

Mas quando elle epilogou a narrativa, indispensavel se tornou dar outro signal do meu interesse. Formulei pois esta pergunta:

— E agora, que tenciona fazer?

Paschoal fitou-me, indeciso:

— Nem sei!... Que lhe parece? Que faria no meu lugar?... Um escandalo?

— Não!... — impugnei logo. — Um escandalo é sempre coisa reles. E depois, meu caro amigo, com que direito o provocaria vossê? Com o direito de amante esbulhado?... É offensa que ninguem toma a sério nestes tempos avêssos á Cavallaria. O mal cahiria sobre a sua cabeça. Os jornaes explorariam o caso, poriam a sua vida ao sol... Um desastre!

— Então o Montarroyo, no meu caso, não faria nada?

— Não, senhor... Isto é, faria; faria o que ella aconselhou: procurava-a amanhã.

Paschoal ergueu-se, indignado:

— Nunca! Eu tenho vergonha na cara!

— E quem o impede de levar a sua vergonha na cara quando a procurar?

— O meu amigo quer divertir-se commigo? — replicou elle, agastado.

— Eu estoù simplesmente a indicar-lhe o caminho d'uma saborosa reconciliação. Se o seguir, tem tudo a lucrar. O meu amigo não conhece ainda todos os abysmos d'um coração de mulher... Quem lhe affirma que essa, que hoje viu nos braços do Alexandre, não será amanhã senhora absoluta do seu coração?... Converse com o travesseiro, amigo Taveira, e se elle lhe não aconselhar a partir de manhãzinha para a Barca, estude ao espelho um fino e discreto sorriso, e procure amanhã a sua amada!

Elle rosnou sacudidamente, com acerba ironia:

— Tem razão. Vou estudar o assumpto. Bôa noite.

— Bôa noite!

Deitei-me — e tão fatigado que adormeci sem apagar a véla.

Breve foi porém o meu sômno. Ainda oito horas reboavam nas torres da villa, já o Alexandre, fresco, rutilante, com um ramo de cravos na lapélla injuriava a minha preguiça, abrindo ao claro sol de agosto as duas janellas do quarto.

Era necessário visitar Barcellos!

Sim, de certo; necessidade imperiosa! Excursionista professo, o Dever chamava-me. Arremessei o lençol com um brado somnolento; o Alexandre festejou a minha bravura; e saímos depois de ingerido summariamente um grosso e sarabulhento chocolate hespanhol.

A' porta do hotel apresentou-nos o snr. Lucas o cicerone que nos arranjára. Era um interessante velho da vizinhança, de cara e cabeça rapadas, typo escudeirático, que logo aos primeiros passos nos explicou eruditamente que Barcellos fôra fundada por uns vagos carthaginezes chamados *barcinos,* cêrca de duzentos e trinta annos antes de Christo...

Tremêmos quando este imprevisto jacto de erudição nos apanhou sôb o glorioso sol d'aquella manhã.—Começando tão remotamente, quando chegaria, o facundo homem, a estes nossos dias de fundações ephémeras e sem mistério?...

Felizmente o seu saber não se submettia a peias chronológicas—e d'essa idade longinqua logo saltou, sem nenhuma transição ceremoniosa, ao século XIII da era actual, para nos revelar que fôra Barcellos o primeiro torrão portuguez erecto em condado...

Já estávamos então no Campo da Feira. Distante, na sua alta fôrca de pinho, o trapézio de Pepita pendia immóvel, tristonho, acariciado pelo sol. Eu, alheado, a pensar nos *barcinos,* não o veria se o Alexandre me não segredasse, com um significativo volver de olhos:

—Lá está o poleiro do teu coração!

—Do meu coração, é um modo de dizer...—contradictei, com escrúpulo.

—Está claro! É um euphemismo.

Ia fallar, affirmando com calor a lealdade e a pureza do pensamento que dictára a minha réplica; mas nesse instante Veríssimo (tal era o lisongeiro nome do nosso guia) chamava imperiosamente a nossa attenção para o edificio da cadeia, que é uma torre das antigas muralhas da villa. Chamava-se, nesse longinquo tempo de contendas, o *postigo da feira*. Uma decorativa corôa de ameias borda no alto as suas paredes de espessa e negra cantaria; grossas vergas de ferro opprimem e dissimulam a linha graciosa das janellas ogivaes; e todo o seu perfil de collosso feudal parece ainda exercer uma tyránnica soberania sobre as humildes e indefesas casas que lhe ficam vizinhas.

—Havia outra egual, á beira da ponte—epilogou Veríssimo com melancolia.—Lá foi a terra, com seiscentos demónios, para alargar a rua!

Como para admirar o monstro nos tivéssemos insinuado no chamado Largo da Porta Nobre, Veríssimo propôz-nos uma visita á egreja do Senhor da Cruz, célebre por ser a séde d'uma das maiores romarias do Minho.

Em frente do templo, o methódico guia quiz saber se nós tinhamos vindo alguma vez a Barcellos por occasião da festa das Cruzes. Respondemos que não—envergonhados pela mímica de desprezo com que o homem acolheu a nossa ingénua confissão.

— Isso cae ahi o poder do mundo!... É em maio.

Condoído da nossa ignorancia contou então, diffusamente, a lenda das Cruzes.

Em 1504, numa fria sexta-feira de dezembro, apparecêra ali, naquelle mesmo campo, então ainda fóra dos muros de Barcellos, uma grande cruz pintada no chão... O povo, crente e desconhecedor da origem terrena das tintas, viu no facto um milagre incontestavel e elevou para o céu os braços implorantes...

Desde então começou o phenómeno a repetir-se todos os annos — e profusamente. Com o desenvolvimento da chimica industrial, o numero das cruzes foi augmentando. Principiaram mesmo a apparecer duas vezes por anno: em maio, na occasião das festas, e em setembro, no dia em que a Egreja celebra a exaltação da Santa Cruz... Ao contrário do que poderia suppôr-se, o prodígio ainda hoje se repete: olhos de eleitos têm visto o signal divino perfeitamente pincelado no chão arenôso do Campo da Feira. A este perseverante favor do céu se deve, na opinião de Veríssimo e na minha, a fama e a prosperidade, sempre crescentes, da grande romaria barcellense.

Nesse vasto Campo da Feira, vimos tambem a egreja do Menino Deus, fundada no século XVIII por uma escrava preta; o convento de S. Francisco, onde se acha agora installado o hospi-

tal da Misericórdia, e a matta contígua, em cujas ruas, cheias de sombra e frescura, repousamos deliciadamente, ouvindo Veríssimo produzir com orgulho as provas que conferiam a Barcellos a honra de ter sido pátria de Gil Vicente e d'uma esplendida safira que, ahi por 1636, fôra vendida em París por vinte e oito contos de réis!...

Veríssimo, segundo pude perceber, prezava muito mais a honra de ser patrício da safira que de Gil Vicente. Isto, sem embargo das suas predilecções archeológicas, documenta bem o espírito progressivo e moderno d'esse douto sexagenário.

Mais tarde, quando regressávamos já ao hotel, admiramos tambem a casa da Cámara, um grande edificio remoçado, e essa circumstancia deu ensejo a que Veríssimo nos narrasse certo castigo infligido ás edilidades de Barcellos por D. João I. E' uma d'essas imaginosas penalidades em que a fantasia antiga, sem peias de códigos, se comprazia tantas vezes.

O Mestre de Aviz, tendo acabado de tomar Ceuta, confiou aos homens de armas de Barcellos a defesa de certo ponto da muralha. A ordem não devia parecer assustadora a guerreiros ainda encorajados pelos enthusiasmos d'uma victória recente. Não foi porém assim — e em certa occasião os barcellences, amedrontados pelos desesperados ataques da moirisma, abandonaram o seu posto de honra e largaram a fugir desordenada-

mente, como se todo o Islam, com Mahomet á frente, tivesse invadido a praça de cimitarra erguida.

Vendo isto os guerreiros de Guimarães, que defendiam um posto vizinho, atroaram o brónzeo céu da Africa com os brados da sua indignação; e, dividindo-se em dois grupos, tão bravamente defenderam toda a muralha que nada lucrou Mafoma com a vergonhosa debandada dos barcellenses. D. João I, informado do caso, ordenou que d'ahi em deante fossem os vereadores de Barcellos varrer, todos os annos, as praças e os açougues de Guimarães . . .

Durou quasi oitenta annos essa ominosa penitencia. Nas vésperas das festas camarárias de Guimarães, nove vezes por anno, lá iam os infelizes representantes do município barcellense com um barrete vermelho, banda da mesma côr, um pé calçado e outro descalço, á cinta a espada envergonhada, nas mãos uma ramuda vassoura de giésta, limpar as immundicies da villa de Affonso Henriques. No fim, concluída a tarefa, iam entregar aos vereadores adversos, em signal de servidão, o barrete e a banda. Alguns d'estes bodes expiatórios do delicto de seus avós eximiam-se ao cumprimento da pêna, e pagavam, de cara alegre, a grossa multa em que, pela falta, eram condemnados.

Por fim, aquelle mystico duque D. Jayme de

Bragança, que espostejou a mulher e o págem Alcoforado, não achando já quem quizesse ser vereador na sua bôa villa de Barcellos, offereceu á Camara de Guimarães as freguezias de Cunha e Ruilhe para desempenharem aquelle serviço. A proposta foi acceite — e Barcellos respirou alfim, livre para sempre das vassouras e das sujidades vimaranenses.

Veríssimo condimentou esta narrativa com grande número de pormenores, reconstruindo o diálogo com uma saborosa emphase archaica. Tambem amesquinhou, com desculpavel zêlo patriótico, a acção heroica dos vimaranenses em Ceuta. Na sua opinião, esses bravos acutiladores da mourisma não passavam de ardilosos tecelões de intrigas...

— Intrigantes... Invejosos... Sempre assim fôram!... Quando nós arranjamos o milagre das Cruzes, logo elles arranjaram o da Oliveira... Eu não quero dizer mal de ninguem, mas a verdade é a verdade!

— Mas, na sua opinião, os guerreiros de Barcellos abandonaram a muralha de Ceuta, ou não? — inquirimos, divertidos.

— Não, senhores... Cá na minha, fôram os de Guimarães que os enganaram, dizendo-lhes que o rei os estava a chamar. Elles então fôram; está claro! Uma pessôa, quando o rei chama, deve ir logo!

Já então estávamos á porta do hotel. Subindo as escadas, applaudimos com calor o commentário e a explicação de mestre Veríssimo; e considerando que, quando uma pessôa tem fome, o melhor que pode fazer é comer, todos nós, como o solícito Lucas nos chamava, decidimos ir logo almoçar.

Mas quando saboreávamos as primeiras garfadas do rôxo arrôz de polvo que tinha inaugurado o almoço, um brado do Alexandre sobresaltou-nos:

— E o Paschoal? Que será feito do Paschoal?

Só então me lembrei dos espantosos successos d'essa noite: o rapto mallogrado, a decepção sentimental do pobre bacharel...

Corri ao segundo andar, inspeccionei ávidamente aposentos e gabinetes, varandas e corredores. Baldada diligencia! Paschoal tinha desapparecido! Alvoroçadamente, interroguei a Michaella, creada dos quartos, e Lucas, o generoso hospedeiro — e de ambos alcancei a alanceadora certeza de que o nosso companheiro fiel, intemerato adorador da bella Ninette, tinha partido já para os êrmos bucólicos da Raposeira!...

Esta deserção tão súbita, sem um abraço de despedida, entristeceu o nosso almoço. A Ninette, talvez arrependida da sua malvadez, quasi nem fallou; o Alexandre, cúmplice inconsciente d'essa crueldade não tugiu nem mugiu. Eu, entediado,

subi ao meu quarto; e, vendo vazio o de Paschoal, lembrei-me que seria uma apreciavel commodidade installar ali, naquella cámara, ao alcance da minha chamma amorosa, a incomparavel Pepita . . . Cheguei mesmo a descer ao primeiro andar, para propôr ao Lucas esse arranjo; mas depois considerei que seria escandalosa e affrontosa, para nossa prima D. Eugénia Coutinho, a vizinhança d'uma peccadora que ainda não conseguira enxertia verosimil na nossa genealogia . . .

Desisti. A minha prudencia foi porém recompensada; outra idéa despontou logo no meu cêrebro. Já que Pepita não era transferivel para o hotel do senhor Lucas, podia eu procurar honestamente asylo no Hotel do Universo. Reservando nessa velha hospedaria cosmográphica um quarto conveniente, teria a minha amada entre os braços, sem necessidade de me guindar até á janella do seu ninho por uma corda escorregadía e traiçoeira como calabre esquecido entre os limos d'um ancoradouro.

Uma decisão enérgica apoiou logo esse pensamento deleitoso. Sem nada communicar ao Alexandre nem á Ninette, marchei ovante para o Hotel do Universo.

Uma grossa mulher cheirando a refogados, a face lunar affogueada pelo calor da fornalha, recebeu-me com um sorriso de seducção nos lábios rôxos e com uma formidavel escumadeira de folha

nas mãos engorduradas. Era D. Pulchéria, a dona do hotel.

Disse-lhe que pretendia um quarto no primeiro andar, com janella para a rua, perto da instructiva bola cosmográphica... Ella quedou-se, meditativa. Depois, largando a escumadeira, fez tilintar um mólho de chaves e convidou-me a seguil-a.

O cubículo que me mostrou era em verdade um pouco nú e desconfortavel: mas da sua janella reconheci, separada apenas por um escasso metro de parede, a janella d'onde na noite precedente escorregára a corda da Pepita... Acceitei, sem hesitação -- e deixei a hospedeira encantada pela docilidade com que satisfiz o preço exorbitante que me pediu.

Na tarde d'esse dia, acabamos de explorar Barcellos.

Lentamente, acompanhados por Veríssimo, continuamos a percorrer todas as velhas ruas em que a villa de Nunalvares guarda ainda vestígios do seu esplendor passado.

Do meio da ponte que atravessa o Cávado com os seus pesados arcos de pedra, admiramos as margens vestidas de verdura e o rio azul cortado de longos areaes. Um silencio languido, apenas interrompido pelo ronronar d'uma máchina de serragem, construída junto aos arcos da ponte, enchia todo esse morno ambiente de tarde estival. Ao lado, a villa sóbe uma suave lomba de outeiro,

exhibindo, sobre um planalto resguardado por modernos muros ameiados, os restos do paço brigantino, que deixam ainda vêr, a um dos seus flancos, um pouco atraz, a antiga e torreada casa dos Pinheiros — que ali, perto da vasta ruína senhorial, lembra um velho págem heroico velando junto do cadáver de seu amo.

Na outra margem aninha-se a casaria de Barcellinhos, orgulhosa de si e do carinhoso diminutivo que deve á irmã mais velha.

A despeito do menospreço com que d'essa villazinha nos fallou o sapiente Veríssimo, tambem incluímos algumas das suas ruas no nosso roteiro de excursionistas.

Vi então melhor a capella de Nossa Senhora da Ponte, onde na noite anterior tinha encontrado a chorosa mulher que me guiára para o Hotel do Universo...

Sôb o seu telhado vidrado, que chamejava ao sanguíneo reflexo do sol poente, as suas oito paredes aconchegavam-se como unidas por um pensamento de defesa commum.

Veríssimo, que nos tinha deixado um instante para se dessedentar numa taberna próxima com meio litro do afamado vinho do Tamel, veiu alfim explicar-nos que essa pequena capella já ha mais de cinco séculos tinha representação no escudo das armas de Barcellos.

E como a libação lhe havia alegrado o espí-

rito e a palavra, accrescentou, piscando o olho erudito:

— Vélhinha, a pequena, hein?

Não respondêmos. Mollemente fômos subindo a rua estreita e lageada, onde o Hotel do Universo expunha aos forasteiros pensantes a sua esphera reveladora. Á porta do estabelecimento, sempre com a sua escumadeira em punho, a gorda D. Pulchéria, reconhecendo-me, dobrou o pescoço numa grata e alliciante mesura. Veríssimo, que me seguia de perto, notou esta honesta saudação e cacarejou uma tossesinha epigrammática que me fez córar.

Soffri em silencio a affronta; mas se em vez de ser apenas Vasco de Montarroyo, herdeiro da casa de meus paes, eu fosse D. Vasco I, herdeiro d'estes reinos, condemnaria, pelas minhas justiças, sem appellação nem aggravo, esse velho Veríssimo a varrer, semi-descalço e de barrete vermelho, as immundicies que os seus antepassados deixáram ainda no berço da monarchia e em outros berços menos illustres. Sim, fál-o-hia! — ainda que fosse necessário reformar códigos, demittir ministros e dar tambem á vassoura do Progresso os restos da minha dynastia!

Despeitado, mal escutei o insolente cicerone durante todo o resto d'essa tarde. Em vão elle encareceu as maravilhosas virtudes da água da fonte de Ninães, que os arcebispos de Braga man-

davam buscar outróra para hygiene da sua bôcca, penitencia do seu estómago e exemplo da sua mesa abstinente; em vão, deante do alto monte em que jazem as últimas pedras do Castello de Faria, relembrou a façanha do alcaide-mór Nuno Gonçalves; — o seu palavrear enfatuado e mecánico pareceu-me indigno da nossa attenção.

E antes de recolhêrmos ao hotel, em frente dos paços ducaes, desejando libertar-me do vexame da sua presença e do seu conselho, depuz-lhe nas mãos encarquilhadas e ávidas o preço da sua erudição — e despedí-o com o gesto senhoril dos reis de theatro e a vaidosa ingratidão dos reis authenticos.

A' noite, quando acabamos de jantar, fômos passear languidamente para a ponte, e ahi, debruçados sobre o rio, ao murmúrio embalador da corrente e das rodas das azenhas, que pareciam raspar nas águas uma práta fôfa e lunar, longo tempo devaneamos, antesoffrendo o instante da separação, o fim inevitavel da nossa peregrinação bohémia!...

Uma melancolia espessa invadiu-nos. Foi mesmo sem enthusiasmo que subí, duas horas mais tarde, as carunchosas escadas do Hotel do Universo e me introduzi no quarto que D. Pulchéria me tinha alugado.

Só um pouco antes das onze horas ouvi passos no quarto de Pepita. Escutei, sobresaltado. Um canto lento de malaguénha ondeou no ar, chegou

até mim coado pelas largas frestas da porta. Depois pareceu-me que alguem entrára no quarto da minha amada e que um breve diálogo se estabelecêra ... A porta do seu quarto bateu pesadamente, com um temeroso estridôr de ferragens — e logo se abafaram, como distanciados por um vendaval, todos esses sons que o meu ancioso ouvido escutava.

Uma suspeita cruel varou-me então o coração. Pepita atraiçoar-me-hia?... Alguma núvem ameaçaria, por desgraça, o invejavel esplendor da nossa lua de mel? ...

Mas logo ri do meu ciúme. Era lá possivel!... Desleal, Pepita, a pura e resignada esposa do «Cid dos Acrobatas»?! Ella, que ainda na noite anterior me jurára fidelidade até á morte?!...

Então, para me penitenciar d'essa abominavel suspeita, arranquei do bolso e quedei-me a contemplar deleitadamente um annel de esmeraldas que naquelle dia comprára para lhe dar. Como iriam accentuar bem a brancura dos seus dedos finos, que o attrito do trapézio não conseguira callejar, aquellas pedras rutilantes e verdes como esperanças que desabrocham!...— E já projectava hypothecar a minha herdade de Val de Torno, para constellar de pedrarias essa estranha e admiravel mulher — quando notei, consultando o relogio, que já ia longe a hora aprazada na noite precedente para a nossa entrevista.

Então, subtilmente, saí para o corredor e aproximei-me em bicos de pés da porta do quarto d'ella. O prazer da surpreza que ía fazer a Pepita avelludava deliciosamente todas as minhas sensações. Que admiração ella sentiria quando eu, em vez de esperar a corda sôb a sua janella, lhe apparecesse á porta do quarto, sem inquietações nem trabalhos, como amante que desconhece obstáculos!...

E já antegostava a pressão terna e submissa do seu abraço — quando a porta se entreabriu sem eu bater, e duas vozes acres — uma de Pepita, outra d'um homem desconhecido — perturbaram o silencio do corredor.

Recuei vivamente para a sombra e escutei:

— *Pero, por qué quiéres tú qué yo me vá tan temprano?* — inquiria o intruso, sacudido pelos encontrões com que o expulsava a mão forte da minha amada.

— *Porque es preciso, ya te lo he dicho!*

— *Esperas á tu nuévo pollito, verdad?*

— *Precisamente!*

— *Qué capricho!*

— *No seas tonto! El tiéne muy bellas plumas; es preciso desplumarlo!*

Depennar-me! Oh ingratidão da Mulher! Pepita queria depennar-me!

Foi com asco e com pejo que me encolhi na sombra do corredor até que a porta se cerrasse

de novo. Quando o homem funesto desappareceu na escada, e morreu no silencio da noite o echo das suas passadas brutaes, ouvi distinctamente Pepita abrir a janella. Esperava-me, a traidora!

Então, com uma solemnidade nada discreta e toda judicial, bati três fortes pancadas na porta do quarto.

Pepita, cuidando que era ainda o seu compatriota, veiu abrir com arrebatada impaciencia:

— *Sangre de Diós! Qué quiéres tú aúm, hombre?!*

Ao dar de cara commigo, estacou, lindamente acerejada pela surpreza. Eu entrei com pausa, fechei a porta, e expliquei muito sério:

— Não é *elle*, sou eu.

Pepita deante de mim, ainda pasmada, balbuciou:

— Mas como foi isto? Por onde entrou?...

Com o laconismo indispensavel a todos os lances difficeis da vida, respondi:

— Pela porta!

Prevendo tempestade, Pepita alongou para mim os braços amorosos. Eu, estoico, esquivei-me áquelle gesto de seducção; e, arrancando da algibeira o estojo do annel de esmeraldas, abri-o, aproximei-o dos seus olhos inquietos, e exclamei:

— Eis aqui, mulher traiçoeira, a unica pênna que me arrancarás!

Mas ella foi primorosa. Com um gesto admiravel deteve o meu gesto; e, mais bella que nun-

ca, com um rámo de flores vermelhas sangrando no cabello forte e côr de aza de côrvo, a nudez dos braços apparecendo entre as mangas largas d'um roupão, replicou:

— Não quero nada! Não acceito nada! Se isso não é uma brincadeira de máu gosto, deixe-me só!

Não confessei que era brincadeira, mas tambem não a deixei só. Embolsando novamente a joia, sentei-me, cruzei a perna, e libellei com placidez:

— Minha querida; contra factos não ha argumentos. Eu vi, ha instantes, saír d'aqui um homem, e ouvi esses lábios, que só para beijos e bençãos deveriam abrir-se, dizerem «que era preciso depennar-me»... Talvez assim seja... E como tenho o maior prazer em satisfazer os teus desejos, venho offerecer-te a única pênna que neste momento posso arrancar de mim sem effusão de sangue...

Ia continuar, afiando cada vez mais as minhas ironias... — Mas já ella, com as mãos espalmadas nos olhos bellos, escondia as lágrimas que avolumavam o soluçar da sua garganta túmida... Calei-me, então, embaraçado. E como no silencio do casarão adormecido me parecia mais forte o seu chorar, ergui-me e avancei para ella com um calmo e clemente sorriso:

— Mas porque é isso? Que disse eu, para fa-

zer chorar uns olhos que só desejaria vêr húmidos dos meus beijos?!...

Interrompi-me alguns segundos, para saborear com gula esta linda phrase de folhetim sentimental; depois continuei:

— Se fui injusto, esclarece-me! Neste instante, o meu maior desejo é estar em erro.

Apesar da sua ambiguidade, estas palavras reanimaram-na. Descobrindo alfim os olhos, que me pareceram sêccos como dois cravos doirados por um sol de meio-dia, a sua voz tremulou nestes incertos dizêres:

— Meu Deus, como sou infeliz!... Injusto?! Ainda me pergunta se foi injusto?... O senhor não comprehende bem o castelhano... Esse homem que saiu d'aqui era... era meu padrasto! Ora ahi está quem elle era! Meu padrasto! E o «pollito», de que elle fallou, era realmente uma ave de raça mui rara que eu... mandei vir de Sevilha, por causa das pênnas, que me são necessárias para enfeitar um chapéu... E o senhor cuidou... Oh, o que o senhor cuidou!...

Mentia, evidentemente — e com tanta puerilidade que me custou conter o sorriso scéptico que repuxava os músculos da minha face. Mas eu estava já tão desejoso de me deixar enganar que, atalhando a discussão, estendi os braços reconciliadores á pérfida acrobata, com balbuciadas phrases de arrependimento.

Ainda hoje applaudo essa avisada resolução. Pepita, reconhecida, teve amabilidades encantadoras, condescendencias inéditas.

Quando lhe enfiei o annel de esmeraldas no dedo afuselado e pállido, comparou-me a Salomão — não sei se pela minha liberalidade, se pelo meu saber e perspicácia...

Nessa noite, de malha côr de rosa, sobre um dos cobertores da cama estendido no soalho, executou saltos difficeis, deslocações voluptuósas, attitudes cheias de magia e graça. Depois, de chale e mantilha, simulando com os dedos o estrálar das castanholas, tentou algumas d'essas velhas dansas hespanholas que embriagam os abstémios e afugentam os santos; depois ainda, sentada nos meus joelhos, a voz amollecida por uma languidez perturbadora, surdinou canções de amor, vermelhas como o sangue mourisco que tingia outróra as espadas dos heróes do seu paiz...

E ao deixál-a, ante-manhã, adormecida entre os lençóes do seu leito, eu dizia commigo que a illusão era um fructo delicioso quando a vontade, servida pelo raciocínio, consegue impôr silencio a esta férazinha caprichosa que dentro de nós constantemente brame: o amor próprio.

Não tornei a vêl-a; mas soube, dois annos depois, que teve grandes ovações no Colyseu de Lisboa, trabalhando em duplo-trapézio com um

alto e membrudo homem, sôb uma nova firma artística. Pepita e o seu companheiro eram então annunciados nos cartazes como «a bella Lunares e seu irmão Ruperto». No seu camarim todas as noites recebia flores caras; no seu coração todas as semanas recebia amores novos... O seu corpo admiravel já não era polluído por velhas malhas desbotadas; era de verdadeira seda, bordada a verdadeiro oiro, a capa com que cobria os hombros nús até chegar ao meio da arena — e creio que depois da infausta aventura de Barcellos jamais confiou na generosidade dos millionários pungibarbas.

Hoje não sei aonde ella pára. Talvez enxertada em outra árvore artística, divague por longínquas capitaes, desenroscando nos parapeitos das janellas, como cobra paradisíaca, a corda que em Barcellinhos me guindou á cruz amorosa dos seus braços; talvez enriquecida e casada com algum domesticador de cavallos, dirija os trabalhos d'alguma grande companhia transatlantica; talvez, retomada novamente a malha côr de vinho, ande outra vez a fazer pranchas, sereias e sarilhos no alto d'um trapézio de feira, á luz das estrellas e dos fogaréos de petróleo... Tudo é possivel; tudo é provavel. E a incerteza do seu destino entristece-me sempre que me lembro d'ella...—Sômos assim, nós, os meridionaes. Um antigo amor que se relembra, uma antiga flôr

que se aspira, enchem-nos sempre de saudade — embora esse amor nunca tivesse espiritualidade e essa flôr nunca tivesse perfume.

Naquella derradeira manhã de turismo, já quando o prestante Lucas, auxiliado por todos os seus familiares, dispunha as nossas malas no tejadilho d'um provecto *break*, um distribuidor do correio depôz nas mãos da Ninette um largo sobrescrito branco no qual nós reconhecêmos logo a letra garrafal do mallogrado Taveira.

A caminho da estação, atordoados pelo ruído das ferragens do carro nas ruas mal calçadas, abrimos com alvoroço a misteriosa mensagem.

Era concisa e digna, como convinha a um solarengo da Barca; comtudo uma esperança teimosa enroscava-se disfarçadamente nos seus dizêres. Reproduzo-a textualmente:

«Eugenia (?) Peço-lhe que me envie a indicação da sua morada no Porto. Parto agora para a Barca. Breve nos verêmos. — Paschoal».

Admiramos o atticismo d'este bilhete, a ironia subtil d'aquelle ponto de interrogação appenso ao nome da nossa companheira, e até aquella astuciosa phrase final, que tanto podia ser uma ameaça como uma promessa de insoffrido amor.

Eu clamei, enthusiasmado:

— Ninette, menina, o futuro pertence-te! O fu-

turo e Paschoal! Ainda hei de vêr a corôa excelsa da Raposeira nesses cabellos de deusa solar!...

Ella duvidava. Estava triste. O termo da nossa jornada bohémia velava os seus olhos claros de saudosos luctos. E durante essa breve jornada de Barcellos ao Porto, afundada nas almofadas da carruagem, fallou com amarga melancolia do seu segundo andar da rua de Santa Catharina, onde iria encontrar desfallecidos os pés de cravos que tinham ficado em flôr na pedra da varanda, e immersas em sombra e pó todas as suas coisas.

Este nostálgico piar de andorinha emigrada entristeceu-nos tambem — e quando, depois das fumacentas trevas do túnel, vimos os asfaltos sujos da estação de S. Bento, tanto o Alexandre como eu encaramos nessa porta franca da cidade da Virgem com tanta amargura como se ella nos désse entrada para um presídio.

Ahi mesmo, emquanto a guarda-fiscal farejava as nossas malas, trocamos com a Ninette o aperto-de-mão da despedida — e para suavizar as máguas da separação, promettemos-lhe uma breve visita, talvez uma nova excursão...

Longos dias decorreram. Agosto tinha expirado, fecundador, esplendido, em brasa-viva; e as suavidades outomnaes do mez de S. Miguel promettiam já á Natureza em plena maternidade o longo repouso do seu somno hybernal.

Eu, em casa do Alexandre Coutinho, aprovei-

tei os vagares d'esse mez adoravel para me banhar no Doiro e para escrever uma succulenta «Grammática popular simplificada das linguas scandinavas»...

Devo confessar que, transpostas as barreiras latinas e germánicas, desconheço absolutamente o fallar da gente europêa; essa ignorancia, porém, não impediu que eu fizesse uma authentica obra prima. O barão da Abelheira, político de nervo, já prometteu que faria adoptar o meu livro nas escolas officiaes, embora fosse preciso, para me fazer tal favor, decretar o ensino obrigatório dos idiomas da Europa setentrional... O barão é sério; a sua eloquencia é temida... Devo triumphar! Para o auxiliar, todas as semanas tenho o cuidado de proclamar, em vários jornaes, que o conhecimento das linguas do norte é indispensavel a todo o cidadão que se interessa pelo progresso das sciencias, pela pesca do bacalháu e pelo prémio Nobel...

O Alexandre, preso á vida por fortes amarras de Dever, passava uma grande parte do dia fóra de casa, mas todas as noites applaudia com o mais seráfico sômno a leitura do meu grandioso trabalho.

Um dia, quando eu labutava no áspero capítulo dos verbos dinamarquezes, o Alexandre veiu mostrar-me uma larga folha de papel em que Paschoal Taveira, o nosso saudoso bacharel da Bar-

ca, nos convidava para um jantar íntimo no Hotel do Porto.

Resurgira, bemdito Deus! — E, alvoroçado por aquella nova, saltei de entre a papelada pedagógica e sacudi-me com ancia e gôsto, como *terra-nova* que se liberta das águas d'um rio turvo e revoltado.

— Vamos lá vêr esse estupendo Paschoal!

Fômos, ceremoniosamente, quasi á hora indicada — e logo nos surprehendeu a transformação que se operára no exterior do famoso bacharel. Não, já não era o mesmo Romeu rural que nos divertira, desde a Barca até Barcellos, com a sua paixão snóbica e importuna. O seu olhar, os seus gestos, as suas palavras, vincavam fortemente a sua individualidade. Sabia fitar, sabia fallar, sabia sorrir! Além d'isso, banira a prehistórica luneta de aro d'oiro; o seu bigode, aparado, parecia menos férreo; o seu fraque inglez e côr de cinza accusava-lhe com garbo as linhas do corpo desbastado pelo attrito das civilizações superiores e pelos filtros antisebáceos dos amores mal correspondidos. Do seu collete desapparecêra já a antiga cadêa de oiro do relógio, digna, pelo seu peso, comprimento e solidez, de prender as ancoras das náus de Cleópatra; uma discreta pérola preta pregava a seda clara da gravata; e nos seus pés, libertos emfim da bota de elástico em forma de

ôndola, alvejava o fustão d'umas polainas que Brummel invejaria, se resuscitasse.

Nós notamos, logo ao primeiro olhar, esta surprehendente metamorfóse; e captivados pelo seu sorrir de benevolencia e lisonja, clamamos:

— Salvé, phenix renascida! Bravissimo, doutor Paschoal!...

E elle, estudando atitudes, cada vez mais fundas as vincas do sorriso:

— O meu convite surprehendeu-os, não é verdade?

— Assombrou-nos! — declarei com energia.

Paschoal exultou. Romanamente estirado numa camilha estofada, narrou com deleite o seu viver durante esses breves mezes que vivêramos separados.

Saíra de Barcellos para a Barca. Lá, esperára pacientemente o dia 29 de Setembro, cobrára as suas rendas copiosas, vendendo acto continuo (com arrojo lastimado por parentes e amigos) todo o seu milho, todo o seu vinho, todos os fructos vendáveis das suas propriedades. Embolsada essa consideravel maquia de moéda, Lisbôa attrahira-o — e lá, entre o Chiado e a Avenida, na reforma do guarda-roupa e dos bons costumes provincianos, consumira uns oitocentos mil reis. Certa noite, entre as libações d'uma ceia no *Tavares,* conhecêra Geraldo de Medeiros, o nosso antigo camarada do grupo dos *Malditos*. Nesse festim memo-

ravel, por vicio de intellecto e de larynge, Paschoal discursou caudalosamente; e tendo-se declarado, com soffrivel rhetórica, «recemnascido social», recebêra das mãos do Geraldo o baptismo ortodoxo com um copo de champanhe que lhe empastou o cabello, desfrisou o bigode e amolgou lastimavelmente o peitilho da camisa rutilante. Soubéra tambem nessa noite, para sempre assignalada, a verdadeira história da Ninette, que o Geraldo conhecia tão bem como nós. E tanto folgára de vêr confirmadas as suas suspeitas e accessivel emfim á chamma do seu coração a flôr radiosa dos seus antigos amores, que voltára no dia immediato para o Porto, em cata do segundo andar da rua de Santa Catharina... Havia já duas semanas que tinha subido, pela primeira vez, as escadas d'esse paraíso...

— E pela última vez, ha quanto tempo as desceu?... — inquiri, com lisongeadôra malicia.

Elle sorriu, e suspirou consultando o relógio:

— Ha duas horas, precisamente!

Então ambos nós o felicitamos com calor por esse ditoso epílogo da aventura iniciada nos salões heráldicos da Barca. Sómente lamentámos que elle se não tivesse lembrado de convidar a Ninette para alegrar com a sua graça de ave bohémia o nosso recatado jantar de amigos...

— Mas ella vem, é claro! Estamos justamente á espera d'ella! — esclareceu o bacharel. — Devo

até dizer-lhes que me não pertence a iniciativa do jantar. Foi ella quem exigiu esta pobre festa de despedida.

— De despedida?! — bradamos nós, boquiabertos.

E, insanamente, crêmos nesse instante que a Ninette, apesar de ter sido podada da árvore genealógica dos Coutinhos, ia conquistar á face da Sociedade e da Egreja a corôa da Raposeira! Eu cheguei mesmo a dizer ineptamente:

— Preclarissimo Taveira, vossê tem um coração magnánimo!

Mas elle, estranhando o nosso espanto, replicou:

— Então não sabem que vou fazer uma longa viagem?... Os jornaes não têm fallado em outra coisa!

— Ah, é viagem!... E com a Ninette?

— Já se vê!

— E aonde vão?

Paschoal encolheu os hombros com indifferença:

— Não sei. A Ninette é quem ha de escolher o nosso roteiro. Tem a casa cheia de guias, horários de caminhos de ferro e grandes livros de viagens... Uma bibliotheca! Eu dei-lhe plena liberdade de escolha; e é hoje que devo saber qual será o nosso destino!

— Ainda bem! Melhor poderêmos festejar essa ditosa excursão! — applaudi eu.

— A Ninette ha de querer ir longe — conjecturou o Alexandre. — Tem no coração a fibra da Aventura e no olhar a sêde do Desconhecido...

Paschoal Taveira mexeu-se, meneou-se, alizou o bigode em frente d'um espelho, e disse com convicção:

— Tambem eu! Tambem eu!

— E' claro! Vossê na Aventura deve dar muito, e no Desconhecido ainda mais... A sua sina é invejavel, Paschoal amigo!

Mas um áspero rugir de sêdas passou através da porta entreaberta. Calamo-nos, voltamo-nos. E logo a Ninette, esplendorosa, com um frescôr de pômo estival, appareceu aos nossos olhos duplamente sensibilizados pela saudade de antigos dias. O seu vestido claro, d'um suave tom crestado, o seu chapéu, toda a sua plumagem de andorinha mundana, tinham um brilho desusado. Saudámol-a com enthusiasmo, comparando-a á rainha de Sabá. Ella abraçou-nos fraternalmente — e deante de Paschoal Taveira, seu Salomão, não resistiu a poisar um beijo lento nas barbas fulvas do Alexandre.

Mas o senhor da Raposeira permaneceu inalteravel. Nem uma contracção de ciúme perturbou a harmonia dos vincos do seu sorriso. E, pouco

depois, quando nos annunciaram o jantar, pediu até ao Alexandre que désse o braço á Ninette, e offereceu-me elle o seu, com a graça jovial d'um cortezão habituado aos caprichos da sua raínha.

Foi encantadora essa refeição íntima, num gabinete do Hotel do Porto, servida por discretos creados entre discretas paredes.

Ao champanhe, o bacharel (que ainda conservava pela Eloquencia a sua candida veneração provinciana) discursou calorosamente sobre as delícias do amor aventuroso e bohémio... Nós, sôb o sorriso esfingico da Ninette, applaudimos os seus tropos e as suas affirmações de sybarita ingénuo... Elle exultou. E quando, aplacada a exaltação, lamentamos que esse inopportuno projecto da viagem roubasse a sua palavra ás tribunas parlamentares, o grande homem consolou-nos magnanimamente:

— Sim, já pensei nisso... Realmente prejudico um pouco a minha carreira... Mas não me lastimem, meus amigos! Quando voltar, dou uma fugida á Barca, metto-me com o Severino, e então é que esses senhores da Política hão de saber quem eu sou!...

Foi só no fim do jantar, quando Paschoal fez servir uns óptimos charutos hespanhóes, que se fallou definitivamente na grandiosa jornada em que se consumiria todo o periodo de rotação d'aquella lua de mel...

— E então, Ninette? — interrogamos com ancia. — Que resolveste? A que paragens levarás tu o nosso Paschoal?...

A estranha rapariga, que sorvia um gole de café, poisou a chícara, passou o guardanapo pelos lábios, e disse com serenidade:

— Aos quatro cantos da Terra!

A fleugma de Paschoal desappareceu: vímol-o enfiar de puro terrôr... Mas esse abalo foi instantáneo. Antes que eu tivesse tempo de o encorajar, já elle, retomando o sorriso habitual, me segredava que aquillo era sem dúvida brincadeira da Ninette, pois a terra, sendo esphérica, não podia ter cantos...

— E eu creio — accrescentou elle, ainda com um vago receio na voz — que a Ninette deve ter conhecimento da esphericidade do planeta...

— E' claro que sabe! — assenti eu. — Até Barcellinhos sabe, depois que lá se estabeleceu o Hotel do Universo!...

Estaquei, arrependido da minha loquacidade... Por um triz ia contando a Paschoal, bacharel e janota, a minha infausta aventura com a Pepita e com a esphéra cosmográphica do hotel de Barcellinhos!...

Felizmente o homem estava preoccupado: as minhas palavras não despertaram a sua curiosidade.

Entretanto, a Ninette, após um breve silencio, começou a desenvolver o seu pensamento:

— E' verdade. Vamos fazer uma viagem á volta do mundo!

Todos nos erguêmos, electrisados:

— A' volta do mundo?!...

— E' verdade!

— Com prazo fixo, aposta e apotheóse?...

Ella saccudiu os hombros com tédio, e esfumando o olhar em vagos sonhos murmurou:

— Sem limite de tempo, sem prisões, sem reclamos!... Ignorados e escoteiros.

— Bravo, Ninette! E traze um album de impressões, não te esqueças! Uma viagem á volta do mundo! Que assumpto, que mina, mesmo que esse mundo seja só cá o nosso planêtazinho!... Faz-se uma bibliotheca, menina! E' obra para derrear cem livrarias!

Ella não respondeu; e foi Paschoal, já compenetrado dos devêres intellectuaes e sociaes d'aquella dilatada viagem, que declarou, entre deleitadas fumaças do charuto:

— Sem dúvida, sem dúvida! Cá por mim hei de levar um pacote de papel, para registar impressões... Deve ser interessante.

— E obrigatório! É uma questão de decoro patriótico! Ha muitos annos que a pátria de Fernão de Magalhães espera um monumento d'essa natureza!

— Escreva, Paschoal!

— Vá, Paschoal, coragem!...

O nosso fogo crescia. Então a Ninette, colhendo entre os braços a cabeça do Alexandre, exclamou tambem:

— Deixa-nos um instante, Paschoal!

O senhor da Raposeira obedeceu. Eu condoído, acompanhei-o discretamente ao quarto de dormir — e ruminava um crasso espanto ante a docilidade d'esse orgulhoso bacharel barquense, quando elle, depois de lavar profusamente a bôcca com água perfumada, veiu sentar-se a meu lado e fallou assim:

— O meu amigo já vê quanto é elevado o gráu de civilização que attingi nos últimos mezes. Assim como o alfaiate me vestiu decentemente o corpo, a Ninette vestiu-me decentemente a alma...

— A alma?!...

— Sim, a alma ou lá como se chama. O caso é, meu caro Montarroyo, que tem deante de si um homem superior a todos os preconceitos que amesquinham a acção social das raças mais nobres da humanidade neste século avançado. Em matéria de amor, então, veja que largueza de vistas! Tolero caprichos, vaidades, e até isso mesmo que em linguagem vulgar se chama affrontas... Tudo! A mulher é uma esfinge, meu amigo. Isto já se tem dito milhares de vezes, mas pouco importa: eu digo-o tambem, e com a certeza de não

errar. Veja como fumo tranquillamente este charuto emquanto, a poucos passos d'aqui, a Ninette e o Alexandre trocam palavras de amor. Estou sendo atraiçoado, sei-o, e a minha mão não treme, o meu olhar não faísca, a minha voz é calma: não tenho ciúmes, nem sequer uma crispação de nervos! Já viu homem mais perfeito, mais senhor de si?... Já topou algures um exemplar mais completo do moderno ser civilizado que não crê na Mulher, nem no Beijo, nem no Abraço...

— Nem no Aperto-de-mão... — lembrei eu, com timidez.

— Exacto! Nem no Aperto-de-mão, nem no Olhar, nem no Gesto, nem na Voz...

— Nem no Callo, nem na Pisadura... — tornei, encorajado pela benevolencia do homem mais civilizado de Portugal.

Mas elle teve uma visagem de contrariedade:

— Eu fallo sériamente, meu amigo... Certo, nem todos os callos são reaes, nem todas as pisaduras são dolorosas... Em todo o caso, não ha duvida de que estou calafetado contra todas as crenças perniciosas e retrógradas do mundo de hoje. Sou a imagem do Adão civilizado que pisca o olho ao Padre Eterno... Nada me commove; nada me apaixona. Amor? — gôso! Dôr? — gôso! Tudo quanto existe, na minha opinião, não merece um pensamento, um cuidado. E' uma theoria

superior. Um modo de vêr original e verdadeiro
Que lhe parece?...

Eu estava atordoado. Todavia, querendo de algum modo patentear o assombro que me causava aquelle ousado, irreverente fallar, repliquei:

— A mim, meu amigo, parece-me que neste mundo só ha um homem em condições de apreciar capazmente as suas theorias. E' o grande Jerónymo Rodrigues, honra do clero minhoto e luminar da humanidade pensante de Entre Douro-e-Minho. Esse homem extraordinário, fructo maduro d'uma civilisação madurissima, a quem se deve a descoberta das affinidades etymológicas entre «Jerónymo» e «jumento», e o processo de transformar a baga de sabugueiro em grão de bico hespanhol, achou uma fórmula que condensa luminosamente toda a doutrina philosóphica que o meu amigo acaba de expôr. Essa fórmula, meu caro doutor Paschoal, invoco-a eu agora, para lhe responder, com a mais humilde e gostosa sinceridade: — *cebolorio p'ra as rhetóricas!*

Lisboa — Maio de 1904.

ERRATAS MAIS NOTAVEIS

Pag.	56 — l. 12 —	*erguidas as mãos*	por	*as mãos erguidas.*
»	105 — l. 6 —	*E um romance*	por	*E' um romance.*
»	157 — l. 7 —	*E claro*	por	*E' claro.*
»	165 — l. 10 —	*E sempre*	por	*E' sempre.*
»	248 — l. 3 —	*E um ingrato*	por	*E' um ingrato.*
»	273 — l. 20 —	*alhas*	por	*talhas.*

INDICE

1785

300
300
300

8000

300

8250

8250

700

800
200
300
700
600
100

200
500

00

00
00
00

00

00
50
00

200

00
0